Agatha Christie



O MISTÉRIO DOS SETE RELÓGIOS

L&PM POCKET

Agatha Christie

O MISTÉRIO DOS SETE RELÓGIOS

Tradução de OTÁVIO ALBUQUERQUE

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

CAPÍTULO 1
A importância de acordar cedo

O simpático jovem Jimmy Thesiger desceu correndo a imensa escadaria de Chimneys, saltando de dois em dois degraus. Tamanha era a pressa que quase esbarrou em Tredwell, o imponente mordomo, bem quando este cruzava o saguão trazendo um bule fresco de café quente. Graças à espetacular presença de espírito e à magistral agilidade de Tredwell, nada de mais ocorreu.

– Perdão – desculpou-se Jimmy. – Escute, Tredwell, fui o último a descer?

– Não, senhor. O sr. Wade ainda não desceu.

– Ótimo – disse Jimmy, entrando na sala de café da manhã.

O aposento estava vazio, a não ser pela dona da casa, e a cara de reprovação dela provocou em Jimmy o mesmo desconforto que sempre sentia ao ver o olho de um bacalhau morto exposto na banca de um peixeiro. Por outro lado, mas que diabos, por que aquela mulher estaria olhando assim para ele? Ninguém desce às nove e meia em ponto para tomar o café quando está passando um final de semana em uma casa de campo. Claro, agora já deviam ser mais de onze e quinze, o limite máximo aceitável, mas mesmo assim...

– Acho que me atrasei um pouco, lady Coote. Está tudo bem?

– Ah, tanto faz – disse lady Coote, com uma voz melancólica.

Na verdade, o atraso das pessoas para o café a incomodava muito. Durante os primeiros dez anos de sua vida de casada, sir Oswald Coote (na época apenas “senhor”) sempre fez, para não poupar palavras, um escândalo dos infernos se sua refeição matinal saísse um minuto e meio sequer depois das oito. Lady Coote fora disciplinada para encarar a impontualidade como um pecado da mais imperdoável natureza. E é difícil livrar-se de hábitos antigos. Além disso, era uma mulher muito séria, e não conseguia deixar de se perguntar que futuro no mundo esses jovens poderiam ter sem conseguir acordar cedo. Como sir Oswald sempre dizia aos repórteres – e a qualquer um, na verdade: “Atribuo todo o meu sucesso ao costume de acordar cedo, viver de maneira frugal e ter hábitos metódicos”.

Lady Coote era uma mulher corpulenta e de uma beleza um tanto trágica. Tinha olhos grandes escuros e melancólicos, e uma voz grossa. Um artista tentando retratar a cena bíblica de Raquel chorando por seus filhos teria

encontrado em lady Coote a modelo perfeita. Ela também teria se saído muito bem como atriz dramática, cambaleando pela neve como a miserável mulher desenganada de algum vilão.

Parecia ter sofrido alguma grande tragédia secreta no passado, mas, na verdade, lady Coote nunca passara por turbulência alguma na vida, a não ser pela meteórica ascensão de sir Oswald à prosperidade. Quando jovem, sempre fora uma garota alegre e cheia de vida, muito apaixonada por Oswald Coote, o ambicioso rapaz da bicicletaria ao lado da loja de ferramentas do pai de lady Coote. Os dois levaram uma vida muito feliz, morando primeiro em alguns cômodos alugados, depois em uma casinha minúscula, então em outra maior e depois em casas cada vez mais grandiosas, ainda que sempre a uma distância razoável do "trabalho". No entanto, agora sir Oswald havia chegado a tamanha eminência que ele e seu "trabalho" já não dependiam mais um do outro, e ele pôde então, para o seu prazer, alugar a maior e mais magnífica mansão disponível em toda a Inglaterra. Chimneys era um lugar histórico e, ao alugá-lo por dois anos do marquês de Caterham, sir Oswald sentiu ter conquistado o ápice de sua ambição.

Lady Coote não estava nem de longe tão feliz assim. Era uma mulher solitária. Seu principal passatempo no início da vida de casada sempre fora conversar com "a moça da faxina" – e mesmo quando "a moça da faxina" foi multiplicada por três, falar com as empregadas da casa continuou sendo a principal distração dos dias de lady Coote. Agora, em meio a suas várias faxineiras, um mordomo que parecia um arcebispo, vários criados de proporções imponentes, um bando inteiro de empregadas de copa e cozinha sempre muito atarefadas, um assustador *chef* estrangeiro um tanto "temperamental" e uma imensa governanta que andava pela casa entre uma mistura de rangidos e farfalhares, lady Coote parecia se sentir perdida em uma ilha deserta.

Ela soltou um suspiro pesado e saiu pela porta aberta, para alívio de Jimmy Thesiger, que logo aproveitou a oportunidade para se servir de um prato de rins com bacon.

Lady Coote passou alguns instantes no terraço, com um ar trágico, e então criou ânimo para falar com MacDonald, o jardineiro-chefe, que inspecionava os domínios sob sua regência com um olhar autocrático. MacDonald era como um majestoso príncipe entre os jardineiros. Ele sabia o seu lugar – que era no comando. E sabia comandar – como um déspota.

Nervosa, lady Coote aproximou-se dele.

– Bom dia, MacDonald.

– Bom dia, milady.

Ele falava como um jardineiro-chefe deveria – com um tom pesaroso, mas digno, como um imperador em um funeral.

– Eu estava aqui pensando... Será que podemos pegar alguns cachos daquelas uvas para a sobremesa hoje à noite?

– Elas ainda não estão maduras – disse MacDonald, com uma voz gentil, mas firme.

– Ah! – balbuciou lady Coote. Ela criou coragem e então insistiu: – Mas passei ontem pela estufa dos fundos e experimentei uma que parecia já estar muito boa.

MacDonald olhou para lady Coote, que ficou vermelha, sentindo-se como se tivesse tomado uma liberdade imperdoável. Afinal, é claro que a finada marquesa de Caterham nunca cometeria tamanha deselegância tal como a de entrar em uma de suas próprias estufas para provar suas uvas.

– Se tivesse me pedido, eu teria mandado lhe trazerem um cacho – disse MacDonald, com ar severo.

– Ah, obrigada – disse lady Coote. – Sim, vou fazer isso da próxima vez.

– Mas elas não estão maduras ainda.

– Não – murmurou lady Coote. – Acho que não mesmo. É melhor esperar então.

MacDonald manteve seu imponente silêncio. Lady Coote criou coragem mais uma vez.

– Escute, eu estava para falar-lhe sobre aquele gramado lá atrás do jardim de rosas. Será que podemos usá-lo como um campo de boliche? Sir Oswald adora jogar boliche de grama.

“E por que não?”, pensou lady Coote consigo mesma. Ela era versada em história inglesa. O próprio sir Francis Drake e seus nobres companheiros não estavam disputando uma partida de boliche de grama quando a armada espanhola foi avistada no horizonte? Era uma ideia tão nobre que nem MacDonald poderia contestar. Mas ela havia chegado a essa conclusão pensando sem o principal traço de personalidade de um bom jardineiro-chefe, que consiste em se opor a todo e qualquer tipo de sugestão que lhe seja feita.

– Sem dúvida, o espaço poderia ser usado para isso, sim – disse MacDonald, evasivo e dando um tom desencorajador às suas palavras, mas com a verdadeira intenção de atrair lady Coote para uma armadilha.

– Se ele fosse limpo e... hã... aparado... e... hã... esse tipo de coisa, não? – continuou ela, ansiosa.

– Sim – concordou MacDonald devagar. – É algo que poderia ser feito. Mas para isso eu precisaria tirar William da cerca dos fundos.

– Ah! – exclamou lady Coote confusa. As palavras “cerca dos fundos” não trouxeram nada à sua mente, a não ser uma vaga lembrança de uma canção escocesa, mas estava bem claro que, para MacDonald, elas representavam um obstáculo intransponível.

– O que não seria bom – disse MacDonald.

– Ah, sim, claro. Não *mesmo* – disse lady Coote, mas então ficou tentando entender por que havia concordado assim com tanta veemência.

MacDonald olhou-a com um ar muito severo.

– Mas claro... – disse ele. – Se essas forem suas *ordens*, milady...

Ele nem terminou, mas o tom ameaçador foi demais para lady Coote. Ela capitulou na mesma hora.

– Ah, não – disse ela. – Você tem razão, MacDonald. N-não... é melhor que William continue na cerca dos fundos.

– É essa a minha opinião, milady.

– Sim – disse lady Coote. – Sim, com certeza.

– Achei mesmo que iria concordar, milady – disse MacDonald.

– Ah, com certeza – repetiu lady Coote.

MacDonald deu uma puxada na aba de seu chapéu e se retirou.

Lady Coote soltou um suspiro infeliz ao vê-lo ir embora. Jimmy Thesiger, com um prato cheio de rins e bacon, chegou ao terraço ao seu lado e suspirou de um jeito muito diferente.

– Está uma linda manhã, não? – comentou.

– Está? – disse lady Coote, distraída. – Ah, sim, acho que sim. Nem tinha percebido.

– Onde estão os outros? Passeando de barco no lago?

– Imagino que sim. Digo, é o que seria de se esperar.

Lady Coote virou-se de repente e voltou para dentro. Tredwell estava examinando o bule de café.

– Ah, nossa – disse lady Coote. – O senhor... o senhor...

– Wade, minha senhora?

– Sim, o sr. Wade. Ele *ainda* não desceu?

– Não, milady.

– Já está muito tarde.

– Sim, milady.

– Ah, nossa. Será que ele *ainda* vai descer, Tredwell?

– Sem dúvida, milady. Já eram onze e meia quando o sr. Wade desceu ontem.

Lady Coote olhou para o relógio. Eram vinte para o meio-dia. Uma onda de compaixão a inundou.

– Sei que é muito trabalhoso para você, Tredwell. Ter que arrumar tudo assim tão tarde e depois pôr o almoço na mesa à uma.

– Estou acostumado com os hábitos dos jovens, milady – o tom de censura em suas palavras foi gentil, mas perceptível, como um príncipe da igreja reprovaria um turco ou um infiel que tivesse cometido por acidente uma gafe sem más intenções.

Lady Coote ficou vermelha pela segunda vez naquela manhã. Mas uma interrupção bem-vinda então aconteceu. A porta se abriu, e um jovem sério de óculos enfiou a cabeça sala adentro.

– Ah, aí está a senhora, lady Coote. Sir Oswald estava à sua procura.

– Ah, já vou lá falar com ele, sr. Bateman – disse ela, e então se retirou às pressas.

Rupert Bateman, o secretário particular de sir Oswald, seguiu na direção oposta e então saiu para o terraço, onde Jimmy Thesiger ainda estava comendo tranquilamente.

– Bom dia, Pongo – disse Jimmy. – Acho que é melhor eu ir lá me fazer de simpático para aquelas chatas. Você também vem?

Bateman balançou a cabeça e saiu às pressas pelo terraço em direção à biblioteca.

Jimmy sorriu enquanto observava as costas do amigo se afastarem. Ele e Bateman tinham estudado juntos, quando Bateman ainda era só um garoto sisudo de óculos, época em que ganhou o apelido de Pongo, sabe-se lá por quê.

Para Jimmy, Pongo continuava sendo até hoje o mesmo pateta de antes. As palavras do grande poeta Henry Wadsworth, “A vida é real, a vida é séria”, poderiam muito bem ter sido escritas especialmente para ele.

Jimmy bocejou e então desceu sem pressa até o lago. As meninas estavam lá, as três – eram garotas comuns, duas morenas e uma loira. A que ria mais se chamava (ao que parecia) Helen, a outra era Nancy e a terceira, por algum motivo, se apresentava como Soquete. Junto a elas, estavam seus dois amigos, Bill Eversleigh e Ronny Devereux, que trabalhavam em cargos meramente ornamentais no Ministério de Relações Exteriores.

– Olá – disse Nancy (ou talvez Helen). – Jimmy chegou. Onde está aquele outro?

– Não me diga que Gerry Wade *ainda* não acordou – disse Bill Eversleigh. – Isso não pode ficar assim.

– Se ele não tomar prumo, ainda vai perder o café da manhã e dar de cara com o almoço ou o chá na mesa algum dia quando descer – disse Ronny Devereux.

– É uma pena – disse a menina chamada Soquete. – Isso deixa lady Coote muito mal. Ela está parecendo cada vez mais uma galinha que quer botar um ovo, mas não consegue. É uma coisa terrível.

– Vamos lá tirá-lo da cama – disse Bill. – Venha, Jimmy.

– Ah, não, precisa ser algo mais sutil! – disse a garota chamada Soquete, que parecia gostar muito da palavra sutil, já que a usava bastante.

– Eu não sou sutil – disse Jimmy. – Nem sei como ser assim.

– Vamos nos reunir para fazer alguma coisa amanhã cedo – sugeriu Ronny. – Acordá-lo lá pelas sete, sabe. Fazendo um belo estardalhaço mesmo. Tredwell pode fingir que tropeçou e derrubar o bule de chá, enquanto lady Coote grita e desmaia nos braços de Bill... que é o mais forte aqui. Sir Oswald pode soltar uns berros, dizendo que a cotação do aço disparou, enquanto Pongo, com um ar bem dramático, joga seus óculos no chão e pisa em cima.

– Você não conhece Gerry – disse Jimmy. – Acho que um balde de água fria *talvez* até possa acordá-lo, se usado do jeito certo, claro. Mas ainda assim ele só se viraria de lado para dormir de novo.

– Ah! Temos que pensar em alguma coisa mais sutil do que água fria – disse Soquete.

– Como o quê? – perguntou Ronny, seco. Mas ninguém tinha uma resposta pronta.

– Precisamos ter alguma ideia – disse Bill. – Quem é o mais inteligente aqui?

– Pongo – disse Jimmy. – E aqui está ele, apressado como sempre. Pongo sempre foi o mais inteligente. Esse é seu fardo desde a juventude. Vamos passar essa missão para ele.

Bateman ouviu com toda paciência a explicação um tanto desconexa do grupo com uma postura inquieta, como se quisesse ir embora logo. Ele ofereceu sua solução na mesma hora.

– Usem um despertador – disse, sem rodeios. – É o que eu mesmo faço para não perder a hora. Acho que só tomar um chá logo cedo, sem nenhum barulho, muitas vezes não me acorda como preciso.

Em seguida, ele se retirou apressadamente.

– Um despertador? – Ronny balançou a cabeça. – *Um* despertador? Acho que só uma dúzia deles conseguiria incomodar Gerry Wade.

– Bom, por que não? – Bill estava animado, falando sério. – Tive uma ideia. Vamos todos até Market Basing comprar um despertador cada um.

Seguiram-se risos e conversas. Bill e Ronny foram buscar os carros. Jimmy foi destacado para ir procurar o amigo no salão de café da manhã. Voltou logo depois.

– Ele agora já desceu, sim. E está recuperando o tempo perdido, devorando torradas com geleia. Como vamos fazer para sair sem que ele perceba?

Foi decidido que alguém precisaria falar com lady Coote para distraí-lo. Jimmy, Nancy e Helen cuidaram dessa tarefa. Lady Coote ficou confusa e apreensiva com a ideia.

– Uma brincadeira? Mas vocês vão tomar cuidado, não vão, meus queridos? Digo, vocês não vão quebrar os móveis, derrubar coisas nem usar muita água, não é? Temos que devolver a casa semana que vem, sabe. Não queria que lorde Caterham ficasse pensando que...

Bill, que havia voltado da garagem, tentou acalmá-la.

– Não se preocupe, lady Coote. Bundle Brent, a filha do lorde Caterham, é uma grande amiga minha. E ela nunca se incomodaria com nada... Absolutamente nada! Confie em mim. E, de um jeito ou de outro, não vamos causar estrago algum. Vai ser muito tranquilo.

– E sutil – disse a menina chamada Soquete.

Lady Coote chegou resignada ao terraço bem quando Gerald Wade estava saindo do salão de café da manhã. Jimmy Thesiger era um jovem bonito, de feições angelicais, e tudo o que se poderia dizer sobre Gerald Wade era que ele era ainda mais bonito e angelical. No entanto, seu ar abobado fazia Jimmy parecer muito mais inteligente, por contraste.

– Bom dia, lady Coote – disse Gerald Wade. – Onde estão os outros?

– Foram todos até Market Basing – disse lady Coote.

– Por quê?

– Para fazer alguma brincadeira – disse lady Coote, com sua voz grossa e melancólica.

– Está meio cedo para brincadeiras – comentou o sr. Wade.

– Não está tão cedo assim – rebateu lady Coote.

– Acho que me atrasei um pouco para descer – disse o sr. Wade, com um ar sincero e simpático. – É incrível, mas sempre que fico em algum lugar assim sou o último a acordar.

– É incrível mesmo – disse lady Coote.

– Não sei por que isso – disse o sr. Wade, pensativo. – Não consigo entender, é sério.

– Por que simplesmente não acorda mais cedo? – sugeriu lady Coote.

– Ah! – exclamou o sr. Wade. A simplicidade da solução pareceu surpreendê-lo.

Lady Coote continuou, com um tom sério.

– Sir Oswald vive dizendo que a melhor qualidade que um jovem pode ter para alcançar o sucesso na vida é ser pontual.

– Ah, eu sei – disse o sr. Wade. – E nem tenho opção quando estou na cidade. Preciso estar no bom e velho Ministério às onze da manhã em ponto todo dia. Não ache que sou sempre tão preguiçoso assim, lady Coote. Mas, enfim, que flores lindas a senhora tem lá perto da cerca dos fundos. Não me lembro de como elas se chamam, mas temos algumas delas em casa... Essas tais malvas não sei o quê. Minha irmã gosta muito de jardinagem.

Lady Coote deixou-se levar na mesma hora, sentindo seus equívocos se revirarem em suas entranhas.

– Como são seus jardineiros?

– Ah, eu só tenho um. É um velho bobo, a meu ver. Não faz muita coisa, mas faz o que eu mando. E isso é ótimo, não é?

Lady Coote concordou com uma intensidade emocional em sua voz que lhe seria inestimável para uma carreira como atriz dramática. Em seguida, começaram a falar sobre as perversidades dos jardineiros.

Enquanto isso, a expedição dos outros estava indo muito bem. O grupo havia chegado ao maior empório de Market Basing, e a repentina demanda por despertadores deixou o proprietário do local deveras intrigado.

– Queria que Bundle estivesse aqui – murmurou Bill. – Você a conhece, não conhece, Jimmy? Ah, você iria adorá-la. É uma garota fantástica, sempre divertida e, vou lhe falar, muito inteligente também. Você a conhece, Ronny? – perguntou ele. Ronny apenas balançou a cabeça. – Você não conhece Bundle? Por onde andou se escondendo? Ela é fantástica.

O sr. Murgatroyd, proprietário das Lojas Murgatroyd, desatou a falar com eloquência.

– Se me permite um conselho, senhorita, digo que não compensa levar esse mais barato. É um ótimo despertador, não nego, claro, mas eu a aconselharia a comprar este, que é um pouco mais caro. A diferença vale muito a pena. É por uma questão de durabilidade, entende? Eu não gostaria que a senhorita voltasse

aqui depois reclamando que...

Ficou claro para todos que alguém precisaria fechar a boca do sr. Murgatroyd como a uma torneira.

– Não queremos um despertador durável – disse Nancy.

– Ele só precisa funcionar uma vez – disse Helen.

– E não queremos nada sutil – disse Soquete. – Queremos um que toque bem alto.

– Nós queremos... – começou a dizer Bill, mas nem conseguiu terminar, porque Jimmy, que tinha um dom para mexer com esse tipo de coisa, havia finalmente descoberto como acionar os aparelhos. Durante os cinco minutos seguintes, a loja foi invadida pelo alarido estridente de várias campainhas diferentes.

Ao final da procura, seis aparelhos excelentes foram escolhidos.

– E vamos fazer o seguinte... – disse Ronny, cheio de charme. – Vou levar um para Pongo. Foi ideia dele, então não seria justo ele ficar de fora. Assim ele estará representado.

– Claro – disse Bill. – E vou levar um para lady Coote também. Quanto mais, melhor. Afinal, ela está fazendo parte do trabalho sujo. Deve estar enrolando o velho Gerry agora mesmo.

De fato, naquele exato instante, lady Coote estava contando em detalhes uma longa história sobre MacDonald e um pêssego que ganhou um prêmio, e adorando cada segundo.

Os despertadores foram embrulhados e pagos.

Com um ar intrigado, o sr. Murgatroyd ficou observando os carros do grupo indo embora. Como são divertidos esses jovens das classes altas de hoje em dia, muito divertidos mesmo, mas também difíceis de entender. Em seguida, virou-se aliviado para atender a mulher do vigário, que queria um modelo novo de bule, com um bico antipingos.

CAPÍTULO 2
Os despertadores

– E agora, onde vamos colocá-los?

O jantar havia acabado. Lady Coote foi destacada então mais uma vez ao trabalho. Para surpresa geral, sir Oswald acabou resolvendo a questão, sugerindo uma partida de bridge – por mais que não tenha sido exatamente uma sugestão. Sir Oswald, como convinha a um dos "Nossos Capitães da Indústria" (no 7 da série I), apenas expressou sua vontade e todos à sua volta se apressaram para se acomodar aos desejos do grande homem.

Rupert Bateman e sir Oswald formaram uma dupla contra lady Coote e Gerald Wade, o que pareceu uma combinação muito interessante. Sir Oswald jogava bridge, como qualquer outra coisa, aliás, extremamente bem e gostava de ter um parceiro à sua altura. Bateman era um jogador de bridge tão competente como era um bom secretário. Os dois limitaram-se cada um à sua mão de cartas, trocando apenas alguns murmúrios secos, "dois sem trunfos", "dobra", "três de espadas". Lady Coote e Gerald Wade, por sua vez, formaram uma dupla tranquila e falante, e o jovem nunca deixava de dizer, ao fim de cada mão, "Minha nossa, parceira, a senhora é mesmo esplêndida!", com um tom de sincera admiração que, para lady Coote, era ao mesmo tempo uma novidade e algo muito agradável. Eles também receberam ótimas cartas.

Os outros supostamente estariam dançando ao som do rádio no grande salão de festas. Na verdade, estavam reunidos à porta do quarto de Gerald Wade, inundando o ar com risadinhas abafadas e o alto tique-taque dos despertadores.

– Embaixo da cama, enfileirados – sugeriu Jimmy, em resposta à pergunta de Bill.

– E como vamos deixá-los? Para que horas, digo? Todos juntos, para fazer um alarido infernal, ou com intervalos?

A questão foi calorosamente debatida. Um grupo argumentou que, para um dorminhoco inveterado como Gerry Wade, seria necessário o toque combinado dos oito despertadores. Já outro grupo defendeu uma estratégia mais paulatina e insistente.

No final das contas, o segundo grupo venceu a disputa. Os despertadores foram ajustados para tocarem um após o outro, começando às seis e meia da

manhã.

– E espero que isso o ensine uma lição – afirmou Bill, com um tom virtuoso.

– Apoiado – disse Soquete.

A preparação dos despertadores havia apenas começado quando eles de repente ouviram um barulho.

– Shhh! – exclamou Jimmy. – Tem alguém subindo a escada.

Houve pânico entre o grupo.

– Calma, está tudo bem – disse Jimmy. – É só Pongo.

Aproveitando sua rodada de morto no bridge, o sr. Bateman estava subindo até o quarto para pegar um lenço. Parou no meio do caminho e logo entendeu o que estava acontecendo. Em seguida, ele fez um comentário simples e pragmático.

– Ele vai ouvir os tique-taques quando se deitar.

Os conspiradores se entreolharam.

– O que foi que eu falei? – disse Jimmy, com uma voz reverente. – Pongo *sempre* foi o mais inteligente!

O astuto sujeito seguiu adiante.

– É verdade – admitiu Ronny Devereux, com a mão na cintura. – Oito despertadores tiquetaqueando ao mesmo tempo vão fazer um barulho dos infernos. Até o velho Gerry, mesmo sendo bobo daquele jeito, acabaria notando. Ele vai perceber que há algo de estranho.

– Será que ele é? – comentou Jimmy Thesiger.

– Será que ele é o quê?

– Tão bobo como a gente pensa.

Ronny olhou bem para ele.

– Todos nós conhecemos bem o velho Gerald.

– Será mesmo? – disse Jimmy. – Eu às vezes acho que... bom, que não é possível alguém ser tão bobo como o velho Gerry se faz parecer.

Todos ficaram olhando para ele. Ronny estava com um ar sério no rosto.

– Jimmy – disse Ronny. – Você é inteligente.

– Quase tanto quanto Pongo – concordou Bill.

– Bom, foi uma coisa que eu pensei, só isso – disse Jimmy, defendendo-se.

– Ah, chega de tanta sutileza! – exclamou Soquete. – O que vamos fazer com estes despertadores?

– Lá vem Pongo de novo. Vamos perguntar a ele – sugeriu Jimmy.

Pongo, solicitado a aplicar seu impecável raciocínio ao assunto, fez sua

sugestão.

– Esperem até ele se deitar e cair no sono. Depois, entrem no quarto sem fazer barulho e deixem os despertadores no chão.

– O velho Pongo acertou de novo – disse Jimmy. – Guardem todos os despertadores e depois vamos descer, para dissipar qualquer suspeita.

O jogo de bridge continuava sendo disputado – com uma pequena diferença. Sir Oswald agora estava jogando com a esposa e apontando um a um os erros que ela cometera a cada mão. Lady Coote aceitava as reprimendas com bom humor e uma ausência absoluta de qualquer interesse genuíno. Ela chegou a dizer não uma, mas várias vezes:

– Entendi, querido. É muito gentil de sua parte me explicar.

E então voltava a cometer exatamente os mesmos erros.

De tempos em tempos, Gerald Wade dizia a Pongo:

– Boa jogada, parceiro, muito boa jogada.

Enquanto isso, Bill Eversleigh confabulava com Ronny Devereux.

– Se ele for dormir lá pela meia-noite, vamos esperar o quê... Uma hora?

Ele bocejou.

– É curioso... Em geral, eu encerro a noite às três da manhã, mas hoje, só por saber que precisamos esperar um pouco, faria tudo para dar uma de filhinho da mamãe e ir deitar agora mesmo.

Todos concordaram que estavam sentindo a mesma coisa.

– Querida Maria – ergueu-se a voz de sir Oswald, meio mal-humorada. – Eu já lhe disse várias e várias vezes para não hesitar quando estiver pensando em fazer uma finesse ou não. Todo mundo na mesa percebe.

Lady Coote até teria uma ótima resposta para isso – o fato de que, por ser o morto, sir Oswald não tinha nenhum direito de comentar as jogadas daquela mão. Mas ela não disse nada. Em vez disso, apenas abriu um sorriso gentil, debruçou seus fartos peitos sobre a mesa e olhou com firmeza para as cartas de Gerald Wade, à sua direita.

Com a ansiedade aplacada ao ver a rainha, ela jogou o valete, fez a vaza e começou a baixar suas cartas.

– Quatro vazas e a rodada, ainda por cima – anunciou ela. – Acho que tive muita sorte de fazer essas quatro vazas.

– Sorte – murmurou Gerald Wade, enquanto levantava-se da cadeira para se juntar aos outros ao lado da lareira. – Sorte, diz ela. Essa mulher diz cada coisa.

Lady Coote estava juntando as notas e moedas que tinha ganhado.

– Sei que não jogo muito bem – disse ela com um tom lastimoso, mas que

ainda assim revelava um quê de alegria. – Mas tenho muita sorte no jogo.

– Você nunca vai aprender a jogar direito, Maria – disse sir Oswald.

– Não, querido – disse lady Coote. – Eu sei que não. Você vive me dizendo isso. Mas eu me esforço tanto.

– É verdade – disse Gerald Wade. – Isso não há como negar. Ela até deitaria a cabeça em cima do seu ombro se não conseguisse ver suas cartas de outro jeito.

– Sei que você se esforça – disse sir Oswald. – Você só não tem tino algum para as cartas.

– Eu sei, querido – disse lady Coote. – É isso o que você vive me dizendo. Aliás, você me deve outros dez xelins, Oswald.

– Sério? – sir Oswald pareceu surpreso.

– Sim. Mil e setecentos pontos... São oito libras e dez xelins. Você só me deu oito libras.

– Minha nossa – disse sir Oswald. – Perdão.

Lady Coote abriu um sorriso melancólico para ele e pegou a nota extra de dez xelins. Ela gostava muito do marido, mas não tinha a menor intenção de perdoar sua dívida.

Sir Oswald foi até uma mesa lateral e preparou um copo de uísque com soda. Já era meia-noite e meia quando todos se despediram para dormir.

Ronny Devereux, que estava ficando no quarto ao lado do de Gerald Wade, foi incumbido de chamar os outros. Às quinze para as duas ele saiu na ponta dos pés pelo corredor, batendo nas portas. O grupo de amigos, todos de pijamas e camisolas, se reuniu em meio a vários esbarrões, risadinhas e sussurros.

– Ele apagou a luz já faz uns vinte minutos – disse Ronny, com um sussurro rouco. – Eu já não estava mais aguentando esperar. Acabei de abrir a porta e dar uma espiada lá dentro, e ele parece ter apagado. E agora?

Mais uma vez, os despertadores foram reunidos. Em seguida, outra dificuldade surgiu.

– Não podemos entrar todos juntos lá assim, sem mais, nem menos. Só uma pessoa deve entrar, enquanto os outros passam os despertadores pela porta.

Uma acalorada discussão irrompeu para decidir quem seria o escolhido.

As três garotas foram descartadas porque certamente iriam dar risada. Bill Eversleigh foi descartado devido à sua altura, seu peso e sua passada barulhenta demais, e também por ser meio desajeitado em geral, argumento que ele rebateu com fervor. Jimmy Thesiger e Ronny Devereux foram considerados opções possíveis, mas, no final das contas, uma esmagadora maioria decidiu a favor de Rupert Bateman.

– Pongo é o nosso homem, então – concordou Jimmy. – Afinal, ele é silencioso como um gato, sempre foi. Além disso, caso Gerry acorde, Pongo vai conseguir inventar alguma coisa para dizer a ele. Alguma coisa plausível que vai acalmá-lo em vez de levantar qualquer suspeita, sabe?

– Alguma coisa sutil – sugeriu a jovem Soquete, com um ar pensativo.

– Exatamente – disse Jimmy.

Pongo foi muito habilidoso e eficiente. Depois de abrir com cuidado a porta, ele adentrou o quarto escuro levando consigo os dois despertadores maiores. Um ou dois minutos depois, voltou à soleira e recebeu outros dois aparelhos entregues a ele, e o processo então se repetiu mais duas vezes, até ele por fim sair do quarto. Todos prenderam a respiração e ficaram à escuta. Os roncos de Gerald Wade ainda podiam ser ouvidos, mas agora abafados e distantes, encobertos pelos triunfantes tique-taques mecânicos dos oito despertadores do sr. Murgatroyd.

CAPÍTULO 3
A brincadeira malsucedida

– Já é meio-dia – disse Soquete, entrando em desespero.

A brincadeira – como uma brincadeira – não tinha dado muito certo. Os despertadores, por outro lado, haviam feito sua parte. *Todos* eles dispararam – com vigor e ímpeto, criando um estardalhaço dificilmente superável que fez Ronny Devereux pular da cama em pânico como se o dia do juízo final tivesse chegado. Se o alarido foi assim no quarto ao lado, como teria sido então ainda mais de perto? Ronny saiu às pressas para o corredor e colou o ouvido à porta.

Ele esperava ouvir blasfêmias – como seria de se imaginar, é claro. Mas não ouviu nada. Ou melhor, não ouviu nada do que esperava. Os despertadores continuavam tiquetaqueando – com um tique-taque alto, insistente e exasperador. Em seguida, outro aparelho disparou, soltando um alarido violento e ensurdecedor que teria irritado profundamente até um surdo.

Não havia nenhuma dúvida: os despertadores haviam cumprido sua função à risca. Eles fizeram tudo e ainda um pouco mais do que o sr. Murgatroyd prometera. No entanto, pelo visto, não foram páreo para o sono de Gerald Wade.

O grupo reagiu com desânimo à situação.

– Esse sujeito não é humano – resmungou Jimmy Thesiger.

– Ele deve ter achado que era só o telefone tocando lá embaixo, virou de lado e voltou a dormir – sugeriu Helen (ou talvez Nancy).

– Mas não pode ser – disse Rupert Bateman, sério. – Acho que ele deveria até ir ao médico.

– Pode ser algum problema nos tímpanos – sugeriu Bill, esperançoso.

– Olha, quer saber? – disse Soquete – Acho que ele está apenas nos provocando. É claro que ele acordou com o barulho. Mas vai querer nos irritar, fingindo que não ouviu nada.

Todos olharam para Soquete com respeito e admiração.

– Pode ser mesmo – disse Bill.

– Ele é sutil, é só isso – disse Soquete. – Vocês vão ver, ele vai chegar bem tarde para o café hoje... Só para nos provocar.

Como o relógio já marcava alguns minutos após o meio-dia, a opinião geral entre o grupo era a de que a teoria de Soquete estava certa. Apenas Ronny

Devereux discordou.

– Você só está se esquecendo de que eu estava bem em frente à porta quando o primeiro despertador tocou. Independente de seja lá o que o velho Gerry tenha decidido fazer depois, pelo menos esse primeiro deveria tê-lo pego de surpresa. Ele acabaria dizendo alguma coisa. Onde você o deixou, Pongo?

– Em uma mesinha de cabeceira, bem perto do ouvido dele – disse o sr. Bateman.

– Muito inteligente da sua parte, Pongo – disse Rony. – Agora, diga-me... – prosseguiu, virando-se para Bill. – Se uma sineta ensurdecedora começasse a tocar a poucos centímetros do seu ouvido às seis e meia da manhã, o que você diria?

– Ah, meu Deus – disse Bill. – Eu diria... – ele não terminou sua frase.

– Sim, é claro – disse Ronny. – Eu também faria o mesmo. Assim como qualquer um, aliás. O seu chamado “lado primitivo” afloraria. Só que isso não aconteceu. Então eu diria que Pongo está certo, como de costume, e que Gerry deve ter algum problema raro nos tímpanos.

– Já é meio-dia e vinte – disse uma das outras garotas, chateada.

– Veja bem... – disse Jimmy, devagar. – Já estamos passando um pouco da conta, não acham? Enfim, era para ser só uma brincadeira. Mas isso já está indo longe demais. Chega a ser um desrespeito com os Coote.

Bill olhou bem para ele.

– O que você está querendo dizer?

– Bom – disse Jimmy. – De um jeito ou de outro... Isso não tem a cara do velho Gerry.

Ele achou difícil expressar suas ideias em palavras. Não queria falar nenhuma besteira, mas... Jimmy viu que Ronny estava olhando para ele. Ronny agora parecia nervoso.

Foi então que Tredwell entrou na sala e olhou para os lados, hesitante.

– Achei que o sr. Bateman estivesse aqui – explicou, desculpando-se.

– Ele saiu agora mesmo – disse Ronny. – Posso ajudar?

Os olhos de Tredwell foram de Ronny para Jimmy Thesiger e depois voltaram para Ronny. Como se tivessem sido convocados, os dois jovens se retiraram da sala junto com ele. Tredwell fechou a porta do salão de jantar com cuidado depois que todos entraram.

– Bom... – disse Ronny. – O que houve?

– Como o sr. Wade ainda não havia descido, senhor, tomei a liberdade de mandar Williams até o quarto dele.

– E então?

– Williams acabou de descer em estado de choque, senhor – Tredwell fez uma pausa; uma pausa de preparação. – Bom, meu senhor, ao que parece aquele pobre cavalheiro morreu enquanto dormia.

Jimmy e Ronny olharam atônitos para ele.

– Imagine! – exclamou Ronny por fim. – Isso é... é impossível. Gerry... – seu rosto estava agitado. – Eu vou... vou subir lá para ver. Aquele idiota do Williams deve apenas ter se enganado.

Tredwell estendeu a mão para detê-lo. Tomado por uma sensação de indiferença estranha e anormal, Jimmy percebeu que o mordomo tinha toda a situação sob seu controle.

– Não, senhor, Williams não cometeu engano algum. Já chamei o dr. Cartwright e, nesse meio-tempo, tomei a liberdade de trancar a porta antes de informar sir Oswald do ocorrido. Mas agora preciso encontrar o sr. Bateman.

Tredwell saiu às pressas. Ronny ficou estático, desnorteado.

– Gerry... – murmurou ele, baixinho.

Jimmy pegou seu amigo pelo braço e o levou para fora pela porta lateral até uma parte mais reservada do terraço. Em seguida, fez com que se sentasse.

– Calma, meu amigo – disse, gentilmente. – Você já vai recuperar o fôlego.

Mas Jimmy ficou olhando para ele com um ar um tanto intrigado. Não tinha a menor ideia de que Ronny era tão amigo assim de Gerry Wade.

– Pobre Gerry – disse Jimmy, pensativo. – Ele parecia ser um sujeito tão saudável.

Ronny assentiu com a cabeça.

– Estou arrependido de toda a brincadeira dos despertadores agora – continuou Jimmy. – É estranho, não é? Por que a farsa se confunde tantas vezes com a tragédia?

Ele estava falando mais ou menos só por falar, dando a Ronny tempo para se recuperar. Ronny, por sua vez, não parava quieto na cadeira.

– Queria que esse médico chegasse logo. Eu quero saber...

– Saber o quê?

– Do que ele... morreu.

Jimmy juntou os lábios pensativo.

– Do coração? – arriscou ele.

Ronny bufou, soltando uma risada de desdém.

– É sério, Ronny – disse Jimmy.

– Ah, é?

Foi difícil para Jimmy dar sequência ao seu raciocínio.

– Você não quer dizer que... você não está achando... Digo, você não está com a ideia de que... Enfim, de que ele levou uma pancada na cabeça ou coisa assim? Só por Tredwell ter trancado a porta e tudo mais.

Para Jimmy, suas palavras mereciam uma resposta, mas Ronny continuou apenas olhando para o nada.

Jimmy balançou a cabeça e se calou. A seu ver, não restava mais nada a ser feito além de esperar. Então ele esperou.

Foi Tredwell quem rompeu o silêncio entre eles.

– Cavalheiros, o médico gostaria de falar com os senhores na biblioteca, por gentileza.

Ronny se levantou. Jimmy o seguiu.

O dr. Cartwright era um homem jovem, magro, ativo e com um ar inteligente. Recebeu os dois rapazes com um breve aceno de cabeça. Pongo, com uma expressão mais séria do que nunca por trás dos óculos, encarregou-se das apresentações.

– Soube que o sr. Wade era um grande amigo seu – disse o médico a Ronny.

– Meu melhor amigo.

– Hm... Bom, esse me parece um caso muito simples. Uma infelicidade. Ele parecia ser um jovem muito saudável. O senhor sabe se ele tinha o costume de tomar alguma coisa para ajudar dormir?

– *Ajudar* a dormir? – rebateu Ronny, surpreso. – Ele sempre dormiu feito uma pedra.

– Ele nunca reclamou de insônia para o senhor?

– Nunca.

– Bom, tudo me parece muito claro mesmo. Ainda assim, receio que será preciso fazer uma investigação.

– Como ele morreu?

– Não há muita dúvida. Eu diria que foi por uma overdose de cloral. Foi encontrado um frasco da substância ao lado da cama. E uma garrafa e um copo. Esses casos são muito tristes.

Foi Jimmy quem fez a pergunta que sentiu estar coçando nos lábios do amigo, embora este não tenha conseguido colocá-la para fora.

– Não há nenhuma suspeita de... crime?

O médico olhou bem para ele.

– Por que pergunta? Haveria algum motivo para isso?

Jimmy olhou para Ronny. Se Ronny sabia de alguma coisa, agora seria a

hora de falar. Mas, para seu espanto, Ronny balançou a cabeça.

– Não, nenhum – disse ele, sem pestanejar.

– Nem para um suicídio?

– Certamente não.

Ronny foi enfático, mas o médico não pareceu muito convencido.

– O senhor sabe se ele tinha algum problema? Financeiro, talvez? Ou amoroso?

Ronny apenas balançou a cabeça de novo.

– Enfim, quanto aos parentes. Eles precisam ser avisados.

– Ele tem uma irmã... ou melhor, uma meia-irmã. Ela mora em Deane Priory. A uns trinta quilômetros daqui. Quando não estava na cidade, Gerry ficava com ela.

– Hm... – disse o médico. – Bom, ela precisa ser avisada.

– Eu cuido disso – disse Ronny. – É uma coisa terrível, mas que alguém precisa fazer – ele olhou para Jimmy. – Você a conhece, não?

– Um pouco. Já dancei com ela uma ou duas vezes.

– Então vamos com o seu carro. Você se importa? Acho que, sozinho, eu não aguento.

– Claro, tudo bem – disse Jimmy para confortá-lo. – Eu ia mesmo sugerir isso. Vou lá preparar o velho calhambeque.

Jimmy ficou feliz por ter algo para fazer.

O comportamento de Ronny o intrigou. Do que ele sabia ou suspeitava? E por que não comentou nada, se esse fosse o caso, com o médico?

Pouco depois, os dois amigos já estavam seguindo viagem no carro de Jimmy, alheios a coisas tão triviais como limites de velocidade.

– Jimmy – disse Ronny, por fim. – Acho que você é o meu melhor amigo... agora.

– Certo – disse Jimmy. – E daí?

Seu tom foi seco.

– Tem uma coisa que eu queria lhe contar. Uma coisa que você deveria saber.

– Sobre Gerry Wade?

– Sim, sobre Gerry Wade.

Jimmy ficou esperando.

– O que é? – perguntou, por fim.

– Não sei se devo dizer – disse Ronny.

– Por quê?

– Porque fiz uma espécie de juramento.

– Ah! Bom, então talvez seja melhor não dizer nada.

Seguiu-se um instante de silêncio.

– Ainda assim, eu queria... Sabe, Jimmy, sua cabeça é melhor do que a minha.

– Isso não é lá um grande elogio – rebateu Jimmy, seco.

– Não, eu não posso – disse Ronny de repente.

– Tudo bem – respondeu Jimmy. – Como você achar melhor.

Após um longo silêncio, Ronny por fim disse:

– Como ela é?

– Ela quem?

– Essa jovem. A irmã de Gerry.

Jimmy ficou calado durante alguns instantes e então respondeu com um tom de voz um tanto quanto diferente.

– É uma boa pessoa. Na verdade... Bem, é uma garota fantástica.

– Gerry gostava muito dela, eu sei. Vivia falando da menina.

– Ela gostava muito de Gerry também. Acho... acho que vai ser difícil para ela.

– Sim, não vai ser fácil.

Eles não disseram mais nada até chegarem a Deane Priory.

Chegando lá, a criada informou-os de que a srta. Loraine estava no jardim. Mas eles poderiam falar com a sra. Coker.

Jimmy foi enfático ao dizer que não queriam falar com a sra. Coker.

– Quem é a sra. Coker? – perguntou Ronny, enquanto caminhavam até o jardim da casa, que parecia um tanto negligenciado.

– A velha rabugenta que mora com Loraine.

Chegaram a uma trilha de pedras, ao fim da qual havia uma garota com dois *cocker spaniels* pretos. Era uma jovem pequena e muito bonita, com roupas velhas e surradas de lã. Não era nem de longe a garota que Ronny havia imaginado. Na verdade, não parecia fazer muito o tipo de Jimmy.

Segurando um dos cães pela coleira, ela veio pela trilha para recebê-los.

– Como estão? – disse ela. – Não liguem para Elizabeth. Ela acabou de dar cria e está muito desconfiada.

Abriu um sorriso com um ar muito natural, e o leve tom corado de rosas selvagens em suas bochechas se intensificou. Seus olhos eram de um azul muito escuro – como uma flor de centáurea.

De repente, eles se arregalaram – seria de espanto? Como se ela já

imaginasse.

Jimmy apressou-se em falar.

– Este aqui é Ronny Devereux, srta. Wade. Gerry já deve ter falado sobre ele.

– Ah, sim – ela abriu um lindo sorriso caloroso e gentil. – Vocês dois estão passando uns dias em Chimneys, não? Por que não trouxeram Gerry com vocês?

– Nós... hã... não pudemos – disse Ronny, e então se calou.

Mais uma vez, Jimmy percebeu um olhar aflito no rosto da moça.

– Srta. Wade... – disse ele. – Receio que... Enfim, nós temos más notícias.

Ela entrou em alerta na mesma hora.

– Gerry?

– Sim... Gerry. Ele...

Ela bateu o pé no chão em um rompante de angústia.

– Ah! Fale logo... fale logo... – virou-se de repente para Ronny. – Fale *você.*

Jimmy sentiu uma pontada de ciúme, e só então teve certeza de uma coisa que até agora vinha hesitando em admitir para si mesmo. Ele sabia muito bem por que Helen, Nancy e Soquete eram apenas “garotas comuns” para ele, e nada mais.

Ele *quase* não ouviu a voz séria de Ronny dizendo:

– Sim, srta. Wade, eu explico. Gerry faleceu.

Ela foi muito forte. Ficou boquiaberta e cambaleou para trás, mas depois de um ou dois minutos, já estava recomposta, fazendo várias perguntas. Como? Quando?

Ronny respondeu da forma mais gentil que pôde.

– Com remédio para *dormir*? Gerry?

A incredulidade estava clara em sua voz.

Jimmy olhou de relance para ela. Foi quase um olhar de alerta. De repente, teve a sensação de que Loraine, em sua inocência, talvez pudesse falar demais.

Por sua vez, também da forma mais gentil possível, ele explicou a necessidade de que uma investigação fosse feita. Loraine estremeceu. Ela recusou a oferta dos rapazes para levá-la até Chimneys com eles, mas disse que iria até lá mais tarde. Tinha seu próprio carro.

– Mas eu quero... quero ficar sozinha um pouco, antes – disse ela, comovida.

– Entendo – disse Ronny.

– Sem problema – disse Jimmy.

Olharam para ela, desconcertados e impotentes.

– Mas muito obrigada por terem vindo me avisar.

Voltaram em silêncio no carro, como se houvesse algum obstáculo entre eles.

– Meu Deus! Como aquela menina é forte – disse Ronny certa hora.

Jimmy concordou.

– Gerry era meu amigo – disse Ronny. – É minha responsabilidade cuidar dela agora.

– Ah, sim, claro.

Quando voltaram a Chimneys, Jimmy foi abordado por lady Coote, em prantos.

– Pobre rapaz – repetia ela sem parar. – Pobre rapaz.

Jimmy fez todos os comentários adequados que conseguiu imaginar.

Lady Coote então contou a ele com intermináveis detalhes sobre a passagem de vários de seus amigos queridos. Jimmy ouviu com toda a compaixão que pôde até que, por fim, conseguiu desvencilhar-se dela sem nenhuma falta de tato aparente.

Subiu a escada a passos rápidos. Ronny estava acabando de sair do quarto de Gerald Wade. Pareceu espantado ao ver Jimmy.

– Eu só queria vê-lo – disse ele. – Você vai entrar?

– Acho melhor não – disse Jimmy, que era um jovem muito saudável com uma aversão natural a ser lembrado da morte.

– Acho que todos os amigos dele deveriam vê-lo, sim.

– Ah! É mesmo? – disse Jimmy, tendo a impressão de que Ronny Devereux estava reagindo de uma forma muito estranha àquilo tudo.

– Sim. É um sinal de respeito.

Jimmy soltou um suspiro, mas se rendeu.

– Bom, tudo bem – disse ele, e então entrou, rangendo um pouco os dentes.

A cama estava coberta de flores brancas, e o quarto havia sido limpo e arrumado.

Ansioso, Jimmy deu uma rápida olhada para o rosto inerte e pálido do amigo. Poderia mesmo aquele ser o Gerry Wade de rosto corado e angelical de antes? Aquela figura estática agora lhe parecia tão tranquila. Jimmy sentiu um calafrio.

Enquanto virava-se para sair, seus olhos passaram pela lareira, e Jimmy parou de repente, surpreso. Os despertadores haviam sido enfileirados sobre a prateleira logo acima.

Ele saiu às pressas. Ronny estava à sua espera.

– Ele está com uma expressão tão tranquila. Que azar ele deu – murmurou Jimmy, e então disse: – Escute, Ronny, quem enfileirou os despertadores na prateleira daquele jeito?

– Como vou saber? Uma das criadas, imagino.

– O engraçado é que só vi sete relógios, não oito – disse Jimmy. – Um deles sumiu. Você percebeu isso?

Ronny pareceu espantado.

– Sete em vez de oito – disse Jimmy, franzindo a testa. – Por que será?

CAPÍTULO 4

Uma carta

– Um desrespeitoso, é isso o que ele é – disse lorde Caterham, com uma voz tranquila e lastimosa, parecendo satisfeito com a escolha de palavras. – Sim, muito desrespeitoso. Em geral, esses homens que vêm do nada assim *são* muito desrespeitosos. É bem provável que seja por isso mesmo que consigam acumular tamanhas fortunas.

Ele olhou com pesar para a velha casa, da qual havia acabado de recuperar a posse.

Sua filha, lady Eileen Brent, conhecida pelos amigos e por quase todos em geral como “Bundle”, deu risada.

– O senhor com certeza nunca acumulará fortuna alguma – comentou ela cheia de ironia. – Mas o senhor também não se saiu nada mal com o velho Coote, cobrando tão caro por este lugar. Como ele era? Apresentável?

– Um desses sujeitos grandalhões – disse lorde Caterham, estremecendo um pouco. – De rosto quadrado e vermelho, cabelos grisalhos. Imponente, sabe? De personalidade forte, como dizem. O equivalente humano a um rolo compressor.

– Meio chato, então? – sugeriu Bundle, compreensiva.

– Terrivelmente chato e cheio das mais deprimentes virtudes, como viver sóbrio e ser pontual. Não sei o que detesto mais, homens de personalidade forte ou políticos que se levam a sério. Gosto mesmo é dos simpáticos e incompetentes.

– Um homem simpático e incompetente nunca conseguiria pagar o preço que o senhor pediu por este velho mausoléu – lembrou Bundle.

Lorde Caterham pareceu incomodado.

– Por favor, não fale assim, Bundle. Ainda estamos tentando esquecer o assunto.

– Não entendo por que o senhor se incomoda tanto com isso – disse Bundle. – Afinal, as pessoas têm que morrer em algum lugar, ora.

– Mas não precisa ser na minha casa – disse lorde Caterham.

– Não vejo por que não. Muita gente já morreu aqui. Vários velhinhos mal-humorados, seus bisavôs e bisavós.

– Isso é diferente – disse lorde Caterham. – Eu já espero que meus parentes

morram aqui, eles não contam. Mas não gosto quando isso acontece com estranhos. E gosto menos ainda de investigações. Isso ainda vai acabar virando um costume. Já é a segunda vez. Você se lembra de toda a confusão que tivemos aqui quatro anos atrás? O que para mim, aliás, foi tudo culpa de George Lomax.

– E agora o senhor acha que foi culpa do velho rolo compressor Coote? Estou certa de que ele está tão chateado quanto todo mundo com o caso.

– Foi muita desconsideração – insistiu lorde Caterham. – Pessoas capazes desse tipo de coisa nunca deveriam ser convidadas para ficar aqui. E diga o que você bem quiser, Bundle, mas não gosto de investigações. Nunca gostei, nunca vou gostar.

– Bem, é diferente do que houve da última vez – disse Bundle, tentando acalmá-lo. – Enfim, não foi um assassinato.

– Talvez tenha sido... Pelo alvoroço que o cabeça-dura daquele inspetor criou. Ele ainda não se conformou com a história de quatro anos atrás. Acha que toda morte que acontece aqui só pode ser um crime com grandes motivações políticas. Você não tem ideia do barulho que ele fez. Tredwell me contou tudo. Ele insistiu em procurar digitais no quarto todo. E só encontraram as do morto, é claro. É um caso muito simples... Agora, se foi suicídio ou acidente, isso já é outra história.

– Encontrei-me com Gerry Wade certa vez – disse Bundle. – Era amigo de Bill. Acho que o senhor teria gostado dele, papai, nunca conheci alguém mais simpático e incompetente do que ele.

– Não gosto de ninguém que venha morrer na minha casa só para me importunar a vida – disse lorde Caterham, obstinado.

– Mas não vejo por que alguém o mataria – continuou Bundle. – É uma ideia absurda.

– Sim, é óbvio – disse lorde Caterham. – Ou pelo menos deveria ser para qualquer um que não seja um idiota como o inspetor Raglan.

– Aposto que ele só procurou as digitais para se sentir importante – comentou Bundle, tentando acalmá-lo. – Enfim, chegaram à conclusão de que foi uma “morte acidental”, não?

Lorde Caterham fez que sim com a cabeça.

– Precisavam mostrar alguma consideração pelos sentimentos da irmã do morto.

– Ele tinha uma irmã? Não sabia.

– Uma meia-irmã, na verdade. Era muito mais jovem. O velho Wade fugiu com a mãe dela... Ele vivia fazendo esse tipo de coisa. Nunca se interessava por

mulher alguma que já não fosse comprometida.

– Ainda bem que esse é um mau costume que o senhor não tem – disse Bundle.

– Sempre levei uma vida muito correta e temente a Deus – disse lorde Caterham. – Não consigo entender por que não me deixam em paz, já que nunca faço mal a ninguém. Se pelo menos eu...

Ele parou de falar quando viu Bundle caminhando de repente até a janela.

– MacDonald! – disse Bundle, com uma voz clara e firme.

O imperador se aproximou. Algo que poderia até ser confundido com um sorriso de boas-vindas tentou manifestar-se em seu semblante, mas o ar circunspecto natural dos jardineiros logo prevaleceu em seu rosto.

– Pois não, milady*?* – disse MacDonald.

– Como vai? – perguntou Bundle.

– Sem grandes novidades – disse MacDonald.

– Queria falar com você sobre o campo de boliche. A grama está absurdamente alta lá. Peça para alguém cuidar disso, por favor.

MacDonald balançou a cabeça, hesitante.

– Para isso, eu precisaria tirar William da cerca dos fundos, milady.

– Dane-se a cerca dos fundos – disse Bundle. – Peça para ele começar o quanto antes. E MacDonald...

– Pois não, milady*?*

– Traga alguns cachos de uvas da estufa lá de trás. Sei que ainda não estão boas, porque, enfim, nunca estão, mas eu quero mesmo assim. Entendido?

Bundle voltou para a biblioteca.

– Desculpe, papai – disse ela. – Só quis aproveitar quando vi MacDonald passando. O senhor estava dizendo alguma coisa?

– Na verdade, estava – disse lorde Caterham. – Mas tanto faz. O que você queria com MacDonald?

– Tentar curá-lo do seu complexo de Deus todo-poderoso. Mas é impossível. Espero que os Coote o tenham maltratado bastante. Mas acho que MacDonald não se intimidaria nem com o maior rolo compressor do mundo. Como era lady Coote?

Lorde Caterham pensou na pergunta.

– Ela me lembra muito aquela atriz, Sarah Siddons – disse ele, por fim. – Creio que se daria muito bem no teatro amador. Pelo que sei, ela ficou muito preocupada com a história dos despertadores.

– Que história dos despertadores?

– Tredwell acabou de me contar. Parece que os hóspedes estavam tramando algum tipo de brincadeira. Eles compraram vários despertadores e os esconderam no quarto do jovem Wade. E depois, é claro, o pobre rapaz apareceu morto. O que fez tudo parecer de muito mau gosto.

Bundle assentiu com a cabeça.

– Tredwell também me contou uma coisa muito curiosa sobre esses despertadores – continuou lorde Caterham, que agora aparentava estar se divertindo bastante. – Ao que parece, alguém pegou todos eles e os enfileirou sobre a lareira depois que o jovem foi encontrado morto.

– Bem, e o que isso tem de mais? – perguntou Bundle.

– Para mim, nada – disse lorde Caterham. – Mas, pelo visto, causou grande comoção. Porque ninguém sabe quem fez isso, entende? Todos os criados foram ouvidos e juraram não ter chegado nem perto dos tais despertadores. Na verdade, isso ficou sendo meio que um mistério. E, depois, o legista começou a fazer perguntas na hora da investigação, e você sabe como é difícil explicar as coisas para esse tipo de gente.

– É uma perda de tempo – concordou Bundle.

– Enfim, agora ficou muito difícil saber o que aconteceu, é claro – disse lorde Caterham. – Não consegui entender nem metade de tudo o que Tredwell me contou. Aliás, Bundle, o rapaz morreu no seu quarto.

Bundle fez uma careta.

– Por que as pessoas precisam morrer no meu quarto? – perguntou ela, indignada.

– Era isso que eu estava dizendo! – exclamou lorde Caterham, triunfante. – É muita desconsideração. As pessoas hoje em dia não têm a menor consideração.

– Não que eu me importe – disse Bundle, valente. – Não há por quê.

– Eu me importaria – disse seu pai. – Eu me importaria e muito. E acabaria tendo pesadelos, sabe... Vendo mãos espectrais e almas penadas arrastando correntes.

– Bem – disse Bundle. – A tia-avó Louisa morreu na *sua* cama. E aposto que o senhor nunca viu o espírito dela pairando pelo seu quarto.

– Às vezes vejo, sim – disse lorde Caterham, estremecendo. – Especialmente depois de comer uma lagosta.

– Bom, ainda bem que não sou supersticiosa – declarou Bundle.

Ainda assim, à noite, sentada em frente à lareira do quarto com seu corpo esguio já de pijama, ela não conseguia parar de pensar naquele jovem alegre e paspalhão, Gerry Wade. Parecia impossível crer que alguém com toda aquela

alegria de viver teria se suicidado assim. Não, só podia ter sido um acidente. Ele certamente havia tomado uma overdose do remédio para dormir por mero descuido. *Isso* sim seria possível. Ela nunca tinha visto Gerry Wade como alguém lá muito inteligente mesmo.

Ela então olhou para a prateleira sobre a lareira e começou a pensar na história dos despertadores. Sua criada havia falado muito sobre o caso, depois de ter ouvido tudo de outra funcionária. Ela comentou sobre um detalhe que Tredwell pelo visto não havia achado digno de nota quando relatou o ocorrido ao lorde Caterham, mas que despertou a curiosidade de Bundle.

Sete relógios haviam sido enfileirados sobre a lareira; sendo que um último aparelho fora encontrado no jardim, do lado de fora da casa, obviamente jogado pela janela. Bundle ficou pensando no assunto. Não fazia o menor sentido. Podia até imaginar que uma das criadas tivesse arrumado os despertadores e depois, assustada com a investigação, acabasse negando o feito. Mas, com certeza, criada alguma teria jogado um dos despertadores no jardim.

Será que Gerry Wade teria feito isso quando o alarido do primeiro aparelho o despertou? Mas não, isso também seria impossível. Bundle lembrava-se de ter ouvido que a morte do jovem provavelmente ocorrera logo no começo da manhã, e ele deve ter ficado letárgico durante algum tempo antes disso.

Bundle franziu a testa. Essa história dos despertadores era estranha. Pensou em falar com Bill Eversleigh, pois sabia que ele estava na casa durante o ocorrido.

Para Bundle, pensar era agir. Ela se levantou e foi até sua escrivaninha, que era um móvel embutido com um tampo de correr por cima. Bundle sentou-se ali, pegou uma folha de anotações e então começou a escrever.

Caro Bill,

Bundle parou para puxar a parte de baixo da mesa, mas ela travou na metade do caminho, como sempre acontecia. Impaciente, Bundle tentou puxar de novo, mas a peça não se mexeu. Ela então se lembrou de que, uma vez, um envelope havia caído na parte de trás da mesa, emperrando o trilho. Pegou uma pequena faca de abrir cartas e a enfiou na fenda estreita. Logo depois, de fato, a pontinha de uma folha branca de papel apareceu. Bundle puxou-a para fora. Era a primeira página de uma carta, que estava meio amassada.

A data foi a primeira coisa que chamou a atenção de Bundle, com grandes letras floreadas que saltavam do papel: *Vinte e um de setembro.*

– Vinte e um de setembro? – disse Bundle devagar. – Nossa, isso foi...

Nem terminou a frase. Sim, ela tinha certeza. Foi no dia 22 que Gerry Wade fora encontrado morto. Então essa devia ser uma carta que ele estava escrevendo na mesma noite da tragédia.

Bundle alisou o papel e começou a ler. A carta estava pela metade.

Minha querida Loraine,
Devo chegar quarta-feira. Estou me sentindo muito bem e contente com a vida em geral. Será maravilhoso ver você. Mas, por favor, esqueça o que eu disse sobre aquela história de Seven Dials. Achei que seria só uma brincadeira... mas não é... longe disso. Peço desculpas por não ter comentado nada antes, mas é o tipo de coisa com a qual uma jovem como você não deveria se envolver. Então só deixe isso para lá, entendido?
Tinha outra coisa que eu queria lhe contar... mas estou com tanto sono que meus olhos estão até fechando.

Ah, sobre Lurcher, acho que...

A carta acabava ali. Bundle franziu a testa. Seven Dials. Onde era isso? Devia ser algum distrito pobre de Londres, imaginou ela. As palavras “Seven Dials” a lembraram de alguma outra coisa, mas no momento isso não lhe pareceu muito importante. Em vez disso, concentrou-se em duas frases. “Estou me sentindo muito bem...” e “Estou com tanto sono que meus olhos estão até fechando”.

Isso não fazia sentido. Nenhum sentido, aliás. Pois havia sido naquela mesma noite que Gerry Wade tinha tomado uma dose tão grande de cloral que jamais conseguiria acordar de novo. E se o que ele havia escrito na carta era verdade, por que teria recorrido ao remédio?

Bundle balançou a cabeça, olhou para os lados pelo quarto e sentiu um leve arrepio, como se Gerry Wade estivesse a observando naquele instante, no quarto em que havia morrido...

Não ousou se mexer. O silêncio era total, a não ser pelo tique-taque do seu pequeno relógio de ouro, que agora parecia estranhamente alto e imponente.

Bundle olhou para cima da lareira. Uma imagem nítida se formou em sua mente. O rapaz morto, deitado na cama, e os sete relógios fazendo tique-taque na prateleira... um tique-taque alto e sinistro... tique, taque... tique, taque...

CAPÍTULO 5
O homem na estrada

– Papai – disse Bundle, abrindo a porta da saleta especial de lorde Caterham e pondo a cabeça para dentro. – Vou até a cidade de carro. Não estou mais aguentando a monotonia desta casa.

– Mas nós só chegamos ontem – rebateu lorde Caterham.

– Eu sei. Mas parece que já faz um século. Tinha me esquecido do quanto pode ser um tédio morar no campo.

– Não concordo com você – disse lorde Caterham. – Aqui é um lugar tranquilo, isso sim... Muito tranquilo. E extremamente confortável. Não tenho nem palavras para dizer o quanto estou feliz por ter Tredwell de volta. Aquele homem se preocupa com meu conforto mais do que qualquer um no mundo. Aliás, hoje cedo mesmo apareceu alguém querendo falar comigo para saber se poderia fazer uma reunião de escoteiras aqui...

– Uma convenção – interrompeu-o Bundle.

– Reunião, convenção, tanto faz. É só uma palavra boba que não quer dizer nada. Mas teria sido uma situação muito desconfortável para mim, ter que recusar. Aliás, acho que eu nem teria recusado. Mas Tredwell me salvou dessa. Não lembro direito o que ele disse... Mas foi uma desculpa muito engenhosa, que nunca magoaria ninguém, mas fez a pessoa desistir da ideia na mesma hora.

– Só conforto não basta para mim – disse Bundle. – Eu quero agitação.

Lorde Caterham estremeceu.

– Será que já não tivemos agitação o bastante com aquele caso de quatro anos atrás? – rebateu ele, incomodado.

– Bom, eu quero é mais – disse Bundle. – Não que eu esteja esperando encontrar isso na cidade. Mas pelo menos talvez lá eu não acabe deslocando a mandíbula de tanto bocejar.

– Pelo que sei da vida, quem procura confusão em geral acaba achando – disse lorde Caterham, e então bocejou. – Mas para falar a verdade... – complementou ele. – Acho que eu mesmo também gostaria de fazer uma visitinha à cidade.

– Bom, vamos lá então – disse Bundle. – Mas seja rápido, porque estou com pressa.

Lorde Caterham, que já tinha até começado a se levantar da cadeira, parou de repente.

– Você disse que está com pressa? – perguntou ele, desconfiado.

– Com uma pressa dos infernos – disse Bundle.

– Então deixe – disse lorde Caterham. – Não vou mais. Andar de carro com você assim com tanta pressa... Não, isso não é uma boa ideia para um senhor de idade. Vou ficar por aqui mesmo.

– Como quiser – disse Bundle, e se retirou.

Tredwell tomou então o lugar dela.

– Milord, o vigário está muito ansioso para falar com o senhor. Ao que parece, houve um infeliz problema com a situação do grupo de jovens.

Lorde Caterham soltou um grunhido.

– Bom, se não me engano, milord, ouvi o senhor comentar hoje durante o café que iria descer ao vilarejo esta manhã para discutir o assunto com o vigário.

– Você disse isso a ele? – perguntou lorde Caterham, ansioso.

– Não, milord. Eu só o dispensei, por assim dizer. Espero ter feito a coisa certa.

– É claro que fez, Tredwell. Como sempre, aliás. Você não conseguiria fazer o contrário, mesmo se quisesse.

Tredwell abriu um sorriso satisfeito e se retirou.

Enquanto isso, a impaciente Bundle buzinava em frente aos portões, até que uma criança pequena saiu correndo a toda velocidade da guarita ao lado, seguida pelas palavras de repreensão de sua mãe.

– Rápido, Katie! Deve ser milady, apressada como sempre.

De fato, a pressa era uma característica típica de Bundle, ainda mais quando estava de carro. Ela era muito habilidosa e fria, e boa motorista. Não fosse por isso, seu estilo de direção afobado já teria causado desastres em diversas ocasiões.

Estava fazendo um belo dia de outubro, com um céu azul e um sol maravilhoso. O cheiro penetrante do ar corou as bochechas de Bundle e a encheu com uma imensa vontade de viver.

Pela manhã, ela havia enviado a carta inacabada de Gerald Wade para Loraine, em Deane Priory, junto com algumas explicações. Agora, à luz do dia, o estranhamento causado pela missiva já havia sido um tanto diluído, mas ela ainda queria entender melhor a situação. Pretendia falar com Bill Eversleigh em breve para conseguir maiores detalhes sobre aquele final de semana que terminara de forma tão trágica. Mas, até lá, Bundle preferiu pensar no quanto

estava se sentindo bem, naquela linda manhã e em seu belo carro Hispano que reluzia como em um sonho.

Bundle pisou no acelerador, e o carro disparou. Quilômetros e quilômetros foram ficando para trás, entre poucos carros aqui e ali, com a estrada livre à sua frente.

Em seguida, um homem de repente saiu do meio da cerca viva no acostamento e entrou na estrada bem na frente de seu carro. Parar a tempo seria impossível. Com toda a sua habilidade, Bundle agarrou o volante e desviou para a direita. Seu carro por pouco não caiu em uma vala – por pouco, mas não caiu. Foi uma manobra perigosa, mas bem-sucedida. Bundle tinha quase certeza de que havia desviado do homem.

Ela olhou para trás e sentiu um embrulho no estômago. O carro não havia passado por cima do homem, mas ainda assim parecia tê-lo atingido de alguma forma. Ele estava caído de bruços na estrada, sinistramente imóvel.

Bundle saltou para fora do carro e correu até o homem. Ela nunca havia atropelado nada mais importante do que uma galinha até então. O fato de não ter sido culpada pelo acidente não aliviou em nada sua angústia. O homem parecia bêbado, mas, bêbado ou não, ela o havia matado. Bundle agora teve total certeza disso. Seu coração batia em um ritmo atordoante, com pancadas violentas que ecoavam em seus ouvidos.

Ajoelhou-se ao lado do sujeito caído e virou-o de costas com todo o cuidado. Ele não fez barulho algum. Era jovem, ela percebeu, um rapaz muito bonito, bem-vestido e com um bigodinho aparado só embaixo do nariz.

Bundle não encontrou marca alguma de ferimentos à mostra, mas tinha certeza de que ele estava morto, ou ao menos quase. As pálpebras do homem estremeceram, e ele entreabriu os olhos. Eram comoventes, castanhos e angustiados, como os de um cãozinho. Ele parecia estar com dificuldade para falar. Bundle abaixou-se, chegando mais perto.

– Fale... – disse ela. – O que é?

Percebeu que ele estava querendo dizer alguma coisa. Querendo muito. Mas ela não podia ajudá-lo, não podia fazer nada.

Finalmente, algumas palavras saíram, como um mero suspiro:

– *Seven Dials... avise...*

– Sim, fale – repetiu Bundle. Era um nome o que ele estava tentando pôr para fora... Tentando com todas as suas agora poucas forças. – Fale! Avisar quem?

– *Avise... Jimmy Thesiger...* – por fim ele disse, e então, de repente, sua

cabeça rolou para trás e seu corpo esmoreceu.

Bundle se acomodou sobre os calcanhares, tremendo dos pés à cabeça. Ela nunca havia imaginado que algo tão terrível pudesse acontecer. Ele estava morto – e ela o matara.

Tentou acalmar-se. O que fazer agora? Chamar um médico – essa foi sua primeira ideia. Seria possível, pelo menos possível, que aquele homem estivesse apenas desmaiado, e não morto. Seus instintos descartavam totalmente essa hipótese, mas ela se forçou a agir com base nisso. De um jeito ou de outro, precisava colocar aquele homem no carro e levá-lo até o médico mais próximo. Aquele trecho da estrada era deserto, e não havia ninguém ali para ajudá-la.

Apesar de magra, Bundle era forte. Tinha músculos de aço. Voltou com o Hispano até o mais perto que pôde do jovem e depois, usando todas as suas forças, arrastou e puxou seu corpo inanimado para dentro do carro. Foi uma tarefa angustiante, que ela fez rangendo os dentes, mas por fim conseguiu.

Em seguida, pulou de volta para dentro do carro e disparou. Após alguns quilômetros, chegou a uma cidadezinha e, depois de algumas perguntas, logo descobriu onde ficava a casa do médico local.

O dr. Cassell, um gentil senhor de meia-idade, ficou surpreso ao abrir a porta e deparar com uma jovem claramente à beira de um colapso nervoso.

Bundle desatou a falar.

– Acho... acho que matei um homem. Atropelado. Eu o trouxe no meu carro. Ele está lá fora agora. Eu... eu estava correndo demais, acho. Sempre corro demais.

O médico olhou-a com um ar experiente. Foi até um armário, serviu um líquido em um copo e o entregou a Bundle.

– Tome isso e já vai se sentir melhor – disse ele. – Você está em estado de choque.

Obediente, Bundle bebeu, e um pouco da cor voltou ao seu rosto pálido. Aprovando seu gesto, o médico acenou com a cabeça.

– Muito bem. Agora, quero que você espere aqui. Vou até seu carro para cuidar de tudo. Assim que eu me certificar de que não há mais nada mesmo a ser feito pelo pobre rapaz, voltarei e então poderemos conversar melhor.

Ele levou um bom tempo. Bundle ficou observando um relógio sobre a lareira. Cinco, dez, quinze, vinte minutos... Será que ele não iria mais voltar?

Em seguida, a porta se abriu, e o dr. Cassell voltou. Ele agora parecia diferente – Bundle reparou na mesma hora –, estava mais sério e, ao mesmo tempo, mais alerta. Havia também alguma outra coisa estranha na postura do

médico que ela não conseguiu captar direito, como um leve quê de empolgação contida.

– Muito bem, minha jovem – disse ele. – Vamos lá. Você me disse que atropelou esse homem. Como foi exatamente que isso aconteceu?

Bundle explicou tudo da melhor forma que pôde. O médico seguiu a narrativa atento.

– Então o carro não passou por cima do corpo dele?

– Não. Na verdade, até achei que tinha conseguido desviar.

– Ele estava cambaleando, você disse?

– Sim, acho que estava bêbado.

– E ele veio da cerca viva no acostamento?

– Tinha um portão na cerca, eu acho. Ele deve ter saído pelo portão.

O médico acenou com a cabeça, acomodou-se melhor em sua cadeira e tirou seu pincenê.

– Não tenho a menor dúvida de que você é uma motorista muito imprudente e que ainda vai atropelar e matar algum pobre infeliz algum dia... – disse ele. – Mas não foi dessa vez.

– Mas...

– Seu carro não tocou nele. *Esse homem levou um tiro.*

CAPÍTULO 6

Seven Dials novamente

Bundle ficou olhando para o médico, atônita. E então, pouco a pouco, o mundo, que durante os últimos 45 minutos estivera virado de ponta-cabeça, começou a se acomodar de volta em seu devido lugar. Bundle ainda levou alguns instantes até conseguir falar, mas, quando por fim se manifestou, já não era mais aquela garota em pânico de antes, e sim a verdadeira Bundle, tranquila, pragmática e racional.

– Como ele pode ter levado um tiro? – perguntou ela.

– Como eu não sei – disse o médico, com frieza. – Só sei que levou. Foi um tiro de rifle, não há dúvida. Ele estava tendo uma hemorragia interna, por isso você não percebeu nada.

Bundle acenou com a cabeça.

– A questão agora é: quem atirou nele? – continuou o médico. – Você por acaso viu alguém por perto?

Bundle balançou a cabeça.

– É estranho – disse o médico. – Se foi um acidente, seria de se esperar que o culpado viesse correndo atrás para ajudá-lo... A não ser que talvez essa pessoa não saiba o que fez.

– Não tinha ninguém lá – disse Bundle. – Na estrada, digo.

– Ao que parece, o pobre rapaz devia estar correndo... E foi baleado assim que passou pelo portão, e depois veio cambaleando para a estrada. Você não ouviu tiro algum?

Bundle balançou a cabeça.

– Mas acho que eu nem teria como mesmo – disse ela. – Pelo barulho do carro.

– Pode ser. Ele não disse nada antes de morrer?

– Ele murmurou algumas palavras, sim.

– Algo que possa elucidar essa tragédia?

– Não. Ele queria avisar... não sei muito bem o quê... para algum amigo. E, ah, sim! Ele mencionou Seven Dials.

– Hm... – disse o dr. Cassel. – Não o tipo de lugar por onde alguém distinto como ele andaria. Talvez quem o atacou tenha vindo de lá. Enfim, não

precisamos nos preocupar com isso agora. Pode deixar tudo comigo. Vou notificar a polícia. Mas, claro, deixe seu nome e endereço, a polícia com certeza vai querer interrogá-la. Na verdade, acho que seria melhor você ir à delegacia comigo agora mesmo. Talvez me digam que eu não deveria tê-la deixado ir embora.

Partiram então juntos no carro de Bundle. O inspetor de polícia era um homem de fala lenta, que ficou um tanto intimidado ao saber o nome e o endereço de Bundle e depois ouviu seu depoimento com muita atenção.

– Um moleque! – disse ele. – É isso o que foi. Um moleque praticando tiro! São uns desalmados idiotas, esses pestes. Vivem por aí, atirando em pássaros, sem a menor consideração por quem possa estar do outro lado de uma cerca viva daquelas.

O médico achou essa hipótese muito improvável, mas concluiu que o caso logo chegaria a mãos mais competentes, então não valeria a pena fazer qualquer objeção.

– Nome do falecido? – perguntou o sargento, umedecendo a ponta de seu lápis.

– Ele estava com uma carteira. Parece que se chamava Ronald Devereux e morava em Albany.

Bundle franziu a testa. O nome Ronald Devereux lhe pareceu familiar. Ela poderia jurar que já o tinha ouvido antes. Mas foi só quando já estava em seu carro, na metade do caminho de volta a Chimneys, que ela se lembrou. É claro! Ronny Devereux. O amigo de Bill do Ministério de Relações Exteriores. Eles eram amigos, ele, Bill e... sim... Gerald Wade.

Ao se dar conta disso, Bundle quase mergulhou no acostamento. Primeiro Gerald Wade... depois Ronny Devereux. A morte de Gerry Wade podia até ter sido natural... o resultado de um mero descuido... mas a de Ronny Devereux com certeza tinha uma explicação mais sinistra.

Em seguida, Bundle lembrou-se de outra coisa. Seven Dials! Quando o homem na estrada balbuciou suas últimas palavras, elas lhe soaram um tanto familiares. E agora ela sabia por quê. Gerald Wade havia mencionado Seven Dials na última carta escrita à irmã na véspera de sua morte. E isso também se encaixava com outra coisa que havia passado despercebida por ela.

Enquanto pensava em tudo isso, Bundle desacelerou, seguindo viagem a uma velocidade irreconhecível para seu estilo. Bundle entrou com o carro na garagem e foi à procura de seu pai.

Lorde Caterham estava contente em seu lugar, lendo um catálogo de livros

raros, e ficou muito espantado ao ver Bundle.

– Nem você conseguiria ir até Londres e voltar tão rápido assim – ele disse.

– Eu nem cheguei até Londres – disse Bundle. – Atropelei um homem.

– Como é?

– Ou melhor, não atropelei. Ele foi baleado.

– Como foi isso?

– Não sei como, só sei que foi.

– Mas por que você atirou nele?

– *Eu* não atirei em ninguém.

– Você não devia atirar nos outros – disse lorde Caterham, em um leve tom de censura. – Não devia mesmo. Sei que certas pessoas até merecem... Mas, ainda assim, isso só vai lhe trazer problemas.

– Já falei, eu não atirei nele.

– Bem, quem foi, então?

– Não se sabe – disse Bundle.

– Mas que besteira – rebateu lorde Caterham. – Um homem não tem como levar um tiro e ser atropelado assim, sem mais nem menos.

– Ele não foi atropelado – disse Bundle.

– Você não disse que foi?

– Eu só achei que o tinha atropelado.

– Deve ter sido só um pneu estourando – disse lorde Caterham. – Parece um tiro. É o que dizem nas histórias de detetive, pelo menos.

– O senhor é difícil mesmo, papai. Nunca entende nada!

– É claro que não – disse lorde Caterham. – Você me aparece aqui com uma história maluca sobre um homem que foi atropelado e levou um tiro e não sei mais o quê e depois quer que eu entenda tudo num passe de mágica?

Bundle soltou um suspiro cansado.

– Só escute – disse ela. – Vou explicar tudo, palavra por palavra.

Depois de por fim relatar toda a história, ela disse:

– Pronto. Foi isso. Agora o senhor entendeu?

– Claro. Entendi tudo perfeitamente agora. Posso desculpá-la por estar um pouco fora do eixo, minha querida. Percebo que eu estava certo quando lhe disse hoje mesmo antes de você sair que quem procura confusão em geral acaba achando – disse lorde Caterham, e então completou, com um leve calafrio. – Ainda bem que decidi ficar em paz por aqui.

Ele pegou o catálogo de volta.

– Pai, onde fica Seven Dials?

– Em algum lugar em East End, imagino. Já vi muitos ônibus que vão para lá... Ou será que estou pensando em Seven Sisters? Nunca fui até lá, felizmente. Mas tanto faz, também, pois imagino que não seja o tipo de lugar que me agradaria muito. Ainda assim, por mais estranho que seja, acho que ouvi alguma coisa a respeito desse lugar há pouco tempo.

– O senhor não conhece nenhum Jimmy Thesiger, conhece?

Lorde Caterham agora já estava concentrado de volta em seu catálogo. Ele havia feito um certo esforço para comentar sobre Seven Dials. Mas, dessa vez, não se deu ao mesmo trabalho.

– Thesiger? – murmurou ele, distraído. – Thesiger. É um dos Thesiger de Yorkshire?

– É o que estou perguntando. Preste atenção, papai. Isso é importante.

Aflito, lorde Caterham fez um esforço para parecer concentrado sem na verdade focar sua mente no assunto.

– Bom, há *sim* uma família Thesiger em Yorkshire – disse ele, sério. – E se não estou enganado, outra em Devonshire também. Sua tia-avó Selina casou-se com um Thesiger.

– Do que isso me adianta? – resmungou Bundle.

Lorde Caterham deu risada.

– Não adiantou muito para ela também, se me lembro bem.

– O senhor é impossível – disse Bundle, ameaçando se levantar. – É melhor eu ir falar com Bill.

– Isso, querida – disse seu pai, distraído, enquanto virava uma página. – Com certeza. Fique à vontade. Boa sorte.

Bundle por fim se levantou, soltando um suspiro impaciente.

– Queria me lembrar do que dizia aquela carta – murmurou, mais para si mesma do que em voz alta. – Não a li com muito cuidado. Era algo sobre uma brincadeira, e que a história de Seven Dials não era nenhuma brincadeira.

Lorde Caterham emergiu de repente de seu catálogo.

– Seven Dials? – disse ele. – Mas é claro. Agora me lembrei.

– Lembrou-se do quê?

– De por que esse nome me pareceu tão familiar. George Lomax estava por lá. Tredwell finalmente acabou metendo os pés pelas mãos e o deixou entrar. Ele estava a caminho da cidade. Parece que vai fazer alguma espécie de evento político semana que vem em Wyvern Abbey e recebeu uma carta de alerta.

– Como assim, uma carta de alerta?

– Bom, não sei, na verdade. Ele não entrou em detalhes. Parece que ela

dizia “cuidado”, “há encrenca a caminho”, esse tipo de coisa. Mas, enfim, ela veio de Seven Dials, eu me lembro com toda a clareza de ouvi-lo dizer isso. Ele estava indo à cidade para consultar a Scotland Yard a respeito do assunto. Você conhece George?

Bundle acenou com a cabeça. Ela conhecia muito bem o patriótico ministro George Lomax, subsecretário permanente de sua majestade no Ministério das Relações Exteriores, que era muito evitado nos círculos sociais pelo seu inveterado hábito de fazer discursos públicos em conversas particulares. Em alusão aos seus olhos sempre arregalados, era conhecido por muitos – e até por Bill Eversleigh, entre outros – como Olhudo.

– E o Olhudo por acaso se interessou pela morte de Gerald Wade? – perguntou ela.

– Não que eu saiba. Mas poderia ter se interessado, é claro.

Bundle passou alguns minutos em silêncio. Estava ocupada tentando lembrar-se das palavras exatas da carta que havia enviado a Loraine Wade e, ao mesmo tempo, tentando imaginar a moça que iria recebê-la. Que tipo de pessoa era a jovem de quem Gerald Wade parecia gostar tanto? Quanto mais ela pensava no assunto, mais parecia que aquela era uma carta muito estranha para vir de um irmão.

– O senhor me disse que a jovem Wade era meia-irmã de Gerry, certo? – perguntou ela de repente.

– Sim, claro, tecnicamente falando, acho que ela não é... ou não era... mesmo irmã dele.

– Mas ela era uma Wade?

– Na verdade, não. Ela não era filha do velho Wade. Como eu disse, ele fugiu com sua segunda esposa, que era casada com um belo pilantra. Pelo que sei, o tribunal deixou o canalha do marido com a custódia da criança, mas ele não deu muito valor ao privilégio, claro. O velho Wade acabou se afeiçoando muito à menina e insistiu para que ela ficasse com seu sobrenome.

– Entendi – disse Bundle. – Isso explica tudo.

– Tudo o quê?

– Uma coisa que tinha me intrigado naquela carta.

– Parece que ela é uma jovem muito bonita – disse lorde Caterham. – Ou pelo menos foi o que me disseram.

Bundle subiu as escadas, pensativa. Tinha vários assuntos para resolver. Primeiro, precisava encontrar esse tal de Jimmy Thesiger. Talvez Bill pudesse ajudá-la com isso. Em vida, Devereux havia sido amigo de Bill. Se Jimmy

Thesiger e Ronny eram amigos, era bem provável que Bill também o conhecesse. E ainda havia a garota, Loraine Wade. Talvez ela pudesse ajudar com algum detalhe sobre a questão de Seven Dials. Estava claro que Gerry Wade havia lhe dito alguma coisa sobre isso. A insistência do rapaz para que ela se esquecesse do assunto trazia uma sinistra implicação.

CAPÍTULO 7
Bundle faz uma visita

Falar com Bill não foi tão simples. Bundle foi de carro até a cidade na manhã seguinte – desta vez, sem nenhum incidente no caminho – e ligou para ele. Bill atendeu com empolgação e fez vários convites a ela. Que tal um almoço? Um chá? Jantar? Ou sair para dançar? Sugestões que foram todas recusadas por Bundle.

– Daqui a alguns dias, talvez a gente possa fazer algo divertido assim, Bill. Mas agora estou ligando só para resolver um assunto.

– Ah – disse Bill. – Mas que chato.

– Não é nada assim – disse Bundle. – Isso é tudo, menos chato. Bill, você conhece um rapaz chamado Jimmy Thesiger?

– Claro. E você também.

– Não conheço, não – disse Bundle.

– Conhece, sim. Deve conhecer. Todo mundo conhece o velho Jimmy.

– Sinto muito – disse Bundle. – Para variar, parece que não sou igual a todo mundo.

– Ah, mas como você não conhece Jimmy? Ele parece ser meio tonto, mas na verdade é tão inteligente quanto eu.

– Não me diga! – exclamou Bundle. – Então ele deve ser um gênio!

– Você está sendo irônica, não está?

– Mais ou menos. O que ele faz?

– Como assim?

– Sabe, às vezes parece que trabalhar com relações exteriores impede você de entender sua própria língua.

– Ah, sim! Entendi! Você quer saber com o que ele trabalha? Ele não faz nada. Por que alguém iria trabalhar se não precisa?

– Então quer dizer que ele é mais rico do que inteligente?

– Não é bem assim. Eu só disse que ele é mais inteligente do que parece.

Bundle não disse nada. Esse rapaz endinheirado não parecia ter muito como ajudá-la. No entanto, o homem na estrada havia dito seu nome antes de morrer. De repente, Bill voltou a falar.

– Ronny sempre o achou muito inteligente. Ronny Devereux, conhece?

Thesiger era seu melhor amigo.

– Ronny...

Confusa, Bundle parou. Bill claramente não sabia da morte de Ronald. Só então ela se deu conta do quanto era estranho os jornais daquela manhã não terem feito qualquer menção ao assunto. Isso só podia ter uma explicação: a polícia, por seus próprios motivos, estava mantendo o caso em segredo.

– Faz muito tempo que não vejo Ronny – continuou Bill. – Desde aquele final de semana na sua casa. Sabe? Quando o pobre Gerry Wade morreu – disse ele, e então passou um instante calado. – Foi muito desagradável, aliás. Imagino que você tenha ficado sabendo. Escute, Bundle... Você ainda está na linha?

– Sim, claro.

– Bom, é que você ficou tão quieta, achei que tinha desligado.

– Não, eu só estava pensando numa coisa.

Será que ela deveria contar a ele sobre a morte de Ronny? Decidiu que era melhor não – não era o tipo de notícia que se dá pelo telefone. Ela em breve iria encontrar-se com Bill. Mas até lá...

– Bill?

– Diga.

– Talvez a gente possa jantar amanhã à noite.

– Ótimo, e podemos ir dançar depois. Tenho muita coisa para conversar com você. Aliás, você não sabe, levei um belo de um golpe... Foi muito azar.

– Bem, amanhã você me conta – disse Bundle, cortando Bill sem muita delicadeza. – Mas, enquanto isso, você sabe onde Jimmy Thesiger mora?

– Jimmy Thesiger?

– Foi o que eu disse.

– Ele mora em Jermyn Street... Ou será que estou me confundindo?

– Ponha esse seu cérebro classe A para trabalhar.

– Sim, é em Jermyn Street mesmo. Espere só um segundo e já lhe passo o número.

Seguiu-se uma pausa.

– Ainda está aí?

– Como sempre.

– Bem, nunca se sabe com esses malditos telefones. O número é 103. Anotou?

– Certo, 103. Obrigada, Bill.

– Sim, mas escute... Por que tudo isso? Você me disse que nem o conhecia.

– Não mesmo, mas vou conhecê-lo em meia hora.

– Você vai até a casa dele?

– Acertou, Sherlock.

– Sim, mas escute... Bem, para começo de conversa, ele não vai estar acordado.

– Como assim?

– Acho que não. Enfim, quem acordaria cedo sem precisar? Pense por esse lado. Você não imagina o esforço que preciso fazer para chegar aqui às onze toda manhã, e isso porque o Olhudo faz um estardalhaço absurdo sempre que me atraso. É sério, Bundle, você não imagina que vida de cão é...

– Amanhã à noite você me conta tudo – disse Bundle, apressada.

Ela bateu o fone no gancho e avaliou a situação. Primeiro, olhou para o relógio. Eram 11h35. Apesar do que Bill havia dito sobre os hábitos do amigo, achou que o sr. Thesiger já devia estar em condições de receber uma visita. Então pegou um táxi até o número 103 da Jermyn Street.

A porta foi aberta pela imagem de um mordomo perfeito. Seu rosto, estoico e cortês, era do tipo que se encontrava às dezenas naquele distrito específico de Londres.

– Tenha a bondade de me acompanhar, madame.

Ele a levou até o andar de cima, onde havia uma sala de estar extremamente confortável, com imensas poltronas de couro.

Quase engolida por uma dessas monstruosidades, havia outra mulher, bem mais jovem do que Bundle. Era uma garota baixinha e bonita, vestida de preto.

– Como devo anunciá-la, madame?

– Não precisa dizer meu nome – explicou Bundle. – Diga apenas ao sr. Thesiger que preciso falar com ele sobre um assunto importante.

O circunspecto mordomo fez uma reverência e então se retirou, fechando a porta ao sair, sem fazer qualquer barulho. Seguiu-se um momento de silêncio.

– Está fazendo uma manhã bonita – disse a bela jovem, tímida.

– Está fazendo uma linda manhã – concordou Bundle.

Seguiu-se outro momento de silêncio.

– Vim de carro do interior hoje cedo – disse Bundle, voltando ao assunto. – Achei que iria encontrar um daqueles nevoeiros terríveis por aqui. Mas não.

– Pois é – disse a outra garota. – Não mesmo – e em seguida, completou: – Vim do interior também.

Bundle olhou-a com mais atenção. Havia ficado um pouco irritada por encontrá-la ali. Bundle era do tipo enérgico de pessoa que gostava de “ir logo ao assunto” e previu que aquela segunda visitante precisaria ser despachada antes

que ela pudesse resolver suas próprias questões. Afinal, não era o tipo de coisa que ela poderia discutir na frente de uma estranha.

Mas agora, reparando melhor, uma ideia extraordinária veio à sua mente. Seria possível? Sim, aquela jovem estava em luto profundo; suas meias de seda preta mostravam isso. A chance era pequena, mas Bundle se convenceu de que estava certa. Ela respirou fundo e arriscou:

– Escute... – disse ela. – Você por acaso é Loraine Wade?

Os olhos de Loraine se arregalaram.

– Sou, sim. Como você sabe? Nós nos conhecemos?

Bundle balançou a cabeça.

– Não, mas escrevi para você ontem. Eu sou Bundle Brent.

– Foi muita gentileza ter me enviado a carta de Gerry – disse Loraine. – Respondi agradecendo. Mas nunca imaginei que iria encontrá-la aqui.

– Vou explicar por que estou aqui – disse Bundle. – Você conhece Ronny Devereux?

Loraine acenou com a cabeça.

– Ele esteve lá em casa no dia em que Gerry... enfim. E depois passou para me ver mais umas duas ou três vezes. Era um dos melhores amigos de Gerry.

– Eu sei. Bem... ele morreu.

Loraine abriu a boca, surpresa.

– *Morreu?* Mas ele parecia estar tão bem de saúde.

Bundle narrou os eventos do dia anterior da forma mais breve possível. Uma expressão de medo e horror tomou o rosto de Loraine.

– Então *é* verdade. É verdade *mesmo*.

– O que é verdade?

– O que eu pensei... O que venho pensando essas semanas todas. A morte de Gerry não foi natural. Ele foi assassinado.

– Você acha mesmo?

– Sim. Gerry nunca tomaria nada para dormir – ela soltou uma risada nervosa. – Ele dormia bem demais para precisar disso. Sempre achei muito estranha essa história. E *ele* também achava... Sei que achava.

– Ele quem?

– Ronny. E agora acontece isso. Agora, ele também foi morto – ela fez uma pausa e então continuou: – Por isso vim aqui hoje. Aquela carta de Gerry que você me mandou... Assim que eu a li, tentei falar com Ronny, mas me disseram que ele não estava. Então pensei em procurar Jimmy... Era outro grande amigo de Ronny. Achei que talvez ele pudesse me dar algum conselho sobre o que

fazer.

– Você diz... – Bundle fez uma pausa. – Sobre Seven Dials, você diz?

Loraine acenou com a cabeça.

– O que acontece é que... – começou ela.

Mas, naquele instante, Jimmy Thesiger entrou na sala.

Capítulo 8

Visitas para Jimmy

Agora, convém voltar cerca de vinte minutos no tempo, para o instante em que Jimmy Thesiger, ao despertar das brumas do sono, deu-se conta de uma voz familiar pronunciando palavras nada familiares.

Seu cérebro, ainda entorpecido, tentou por um instante se concentrar na situação, mas não conseguiu. Ele apenas bocejou e virou para o outro lado.

– Senhor, uma jovem está aqui à sua procura.

A voz era implacável. Parecia tão disposta a repetir aquelas palavras indefinidamente que Jimmy por fim resignou-se ao inevitável. Ele abriu os olhos e então os piscou, com surpresa.

– Como é, Stevens? – perguntou ele. – O que você disse?

– Uma jovem está aqui à sua procura, senhor.

– Ah! – Jimmy esforçou-se para entender a situação. – Por quê?

– Não sei dizer, senhor.

– Bem, sim, entendo – ele repensou o assunto. – Sim, entendo.

Stevens pegou uma bandeja que estava ao lado da cama.

– Vou trazer um chá fresco, senhor. Este já está frio.

– Será que devo me levantar e... hã... ir falar com essa moça?

Stevens não disse nada, mas endireitou bem suas costas, e Jimmy entendeu a mensagem.

– Ah! Bem, certo – disse ele. – Acho que é melhor mesmo. Ela não disse quem era?

– Não, senhor.

– Hm. Não é a tia Jemima, por acaso, é? Porque, se for ela, não vou sair da cama, não.

– Imagino que essa moça não tenha como ser tia de ninguém, senhor, a menos que seja a caçula de uma grande família.

– Ahá! – exclamou Jimmy. – Jovem e bonita. Ela é... Como ela é?

– Essa jovem, senhor, é sem dúvida alguma estritamente *comme il faut*[1], se me permite a expressão.

– Permito, é claro – disse Jimmy, gentilmente. – Devo dizer, sua pronúncia do francês é excelente, Stevens. Muito melhor do que a minha.

– Fico contente em ouvir isso, senhor. Venho fazendo um curso de francês por correspondência.

– Sério? Você é mesmo um sujeito fantástico, Stevens.

Stevens abriu um sorriso satisfeito e deixou o quarto. Jimmy ficou na cama, tentando lembrar-se de qualquer moça jovem, bonita e estritamente *comme il faut* que poderia estar ali à sua procura.

Stevens voltou com chá fresco e, enquanto bebia, Jimmy sentiu uma deliciosa curiosidade.

– Stevens, você já ofereceu a ela o jornal e tudo mais, imagino – disse ele.

– Levei a ela o *Morning Post* e a *Punch*, senhor.

O toque da campainha o fez retirar-se. Poucos minutos depois, ele voltou.

– É outra jovem, senhor.

– O quê?

Jimmy pôs as mãos na cabeça.

– Outra jovem. Ela preferiu não se apresentar, mas disse que tem um assunto importante para tratar com o senhor.

Jimmy olhou bem para ele.

– Isso é estranho, Stevens. Muito estranho. Escute, a que horas eu voltei para casa ontem à noite?

– Lá pelas cinco da manhã, senhor.

– E eu estava... hã... como eu estava?

– Apenas um pouco alegre, senhor... Nada de mais. Cantando versos de “Rule, Britannia”.[2]

– Mas que coisa extraordinária – disse Jimmy. – “Rule Britannia”, é? Não consigo me imaginar cantando “Rule Britannia” sóbrio nunca. Acho que algum patriotismo latente meu deve ter aflorado graças ao estímulo de... hã... umas doses a mais. Eu estava me divertindo um pouco em um bar chamado Mostarda e Agrião, se me lembro bem. Mas não é um lugar tão inocente como parece, Stevens – ele fez uma pausa. – Bem, não sei se...

– Pois não, senhor?

– Não sei se sob esse tal estímulo eu por acaso não pus um anúncio no jornal, pedindo uma babá ou coisa assim.

Stevens deu uma tossida.

– *Duas* jovens aparecendo assim. É estranho. É melhor eu me abster de qualquer visita ao Mostarda e Agrião no futuro. Essa é uma bela palavra, Stevens... *abster*... Descobri-a num jogo de palavras cruzadas outro dia e me afeiçoei bastante a ela.

Enquanto falava, Jimmy vestiu-se rapidamente. Após dez minutos, estava pronto para receber suas visitantes misteriosas. Ao abrir a porta da sala de estar, a primeira pessoa com quem Jimmy deparou foi uma jovem magra e morena que ele nunca vira antes. Ela estava de pé ao lado da lareira, apoiada na parede. Em seguida, seu olhar se desviou para uma das imensas poltronas de couro, e seu coração engasgou-se. Loraine!

Foi ela quem se levantou e falou primeiro, um pouco nervosa.

– Você deve estar muito surpreso em me ver. Mas tive que vir aqui. Vou explicar tudo. Esta aqui é lady Eileen Brent.

– Bundle... É como costumam me chamar. Você já deve ter ouvido falar de mim por Bill Eversleigh.

– Ah, sim, claro – disse Jimmy, tentando contornar a situação. – Por favor, sentem-se e vamos tomar um drinque ou alguma coisa assim.

No entanto, as duas jovens recusaram.

– Para falar a verdade, eu acabei de acordar – continuou Jimmy.

– Foi o que Bill me falou – disse Bundle. – Comentei com ele que viria aqui, e ele me disse que você não estaria acordado mesmo.

– Bom, mas agora já estou – disse Jimmy, para encorajá-la.

– Eu queria falar sobre Gerry – disse Loraine. – E agora sobre Ronny também...

– Como assim, “e agora sobre Ronny também”?

– Ele levou um tiro ontem.

– Quê?! – exclamou Jimmy.

Bundle contou sua história pela segunda vez.

Jimmy ouviu como se aquilo fosse um pesadelo.

– O velho Ronny... baleado – murmurou ele. – Mas como é possível?

Sentou-se na ponta de uma cadeira, pensou por um ou dois minutos e então falou, com uma voz baixa e tranquila:

– Acho que eu deveria contar uma coisa a vocês.

– Pode falar – disse Bundle para encorajá-lo.

– Foi no dia em que Gerry Wade morreu. Quando estávamos indo lhe dar a notícia – ele acenou para Loraine. – No carro, Ronny me disse alguma coisa. Ou melhor, tentou me dizer alguma coisa. Ele queria me contar algo e até começou a falar, mas depois disse que talvez não devesse por causa de um juramento.

– Um juramento? – perguntou Loraine, pensativa.

– Foi o que ele disse. Não insisti mais depois disso, é claro. Mas ele estava estranho... muito estranho... durante o caminho todo. Ele parecia estar

suspeitando de... bem, de um crime. Achei até que ele comentaria isso com o médico. Mas não, ele não disse nada. Então imaginei que tinha me enganado. E depois, com todas as provas encontradas... Bem, o caso me pareceu ser muito simples. Então achei que minhas suspeitas deviam ser infundadas mesmo.

– Mas você acha que Ronny ainda desconfiava de algo? – perguntou Bundle.

Jimmy acenou com a cabeça.

– É o que eu acho agora. Enfim, nenhum de nós nunca mais o viu depois disso. Acho que ele estava investigando sozinho... Tentando descobrir a verdade por trás da morte de Gerry, e digo mais, acho que ele *chegou* a descobrir. Foi por isso que os canalhas o atacaram. E, depois de tudo, ele tentou me alertar, mas só conseguiu pôr essas duas palavras para fora.

– Seven Dials – disse Bundle, sentindo um leve arrepio.

– Seven Dials – repetiu Jimmy, sério. – Enfim, pelo menos temos essa pista agora.

Bundle virou-se para Loraine.

– Você ia me dizer alguma coisa...

– Ah, sim! Primeiro, sobre a carta – ela virou-se para Jimmy. – Gerry me deixou uma carta. Lady Eileen...

– Bundle.

– Bundle a encontrou – ela então explicou toda a história em algumas palavras.

Jimmy a ouviu, muito interessado. Ele não sabia nada sobre essa carta. Loraine tirou-a da bolsa e entregou-a a ele. Ele leu a carta e então olhou para a jovem.

– Bem, é com isso que você pode nos ajudar. O que Gerry queria que você esquecesse?

Loraine franziu as sobrancelhas com certa perplexidade.

– Não lembro bem agora. Abri uma carta de Gerry por acidente. Viera escrita em um papel barato, disso eu me lembro, e tinha uma caligrafia horrível. Vi um endereço de Seven Dials no cabeçalho. Percebi que a carta não era para mim, então a guardei de volta no envelope sem ler.

– Tem certeza? – perguntou Jimmy, gentilmente.

Loraine riu pela primeira vez.

– Sei o que você está pensando, e admito que toda mulher é curiosa. Mas acontece que essa carta nem parecia ser interessante. Era só uma lista com nomes e datas.

– Nomes e datas – disse Jimmy, pensativo.

– Gerry pareceu não se importar muito – continuou Loraine. – Ele deu risada. Ele me perguntou se eu já tinha ouvido falar da máfia e depois comentou que seria curioso se surgisse um grupo como a máfia na Inglaterra... Mas que esse tipo de grupo não combinava muito com os ingleses. “Nossos criminosos”, disse ele, “não são lá muito inspirados”.

Jimmy juntou os lábios e soltou um assovio.

– Acho que estou começando a entender – disse ele. – Seven Dials deve servir de base para algum grupo secreto. Como dizia a carta, no começo, ele achou que era só uma brincadeira. Mas está claro que não era nenhuma brincadeira... Ele mesmo disse isso. E tem mais outra coisa: o quanto ele insistiu para que você esquecesse o que ele disse. Só existe uma explicação para isso... Se esse grupo suspeitasse de que você sabia alguma coisa sobre eles, você também correria perigo. Gerald se deu conta disso e ficou muito preocupado... com você – ele fez uma pausa e então voltou a falar, baixinho: – Inclusive acho que todos nós estaremos correndo perigo... se levarmos isso adiante.

– “Se”?! – exclamou Bundle, indignada.

– Estou falando por vocês duas. Para mim, é diferente. O pobre Ronny era meu amigo – ele olhou para Bundle. – Você já fez a sua parte. Você me passou a mensagem que ele queria me mandar. Agora, pelo amor de Deus, fique fora disso. Você e Loraine.

Bundle olhou para a outra jovem, à espera de sua reação. Ela mesma já havia se decidido, mas preferiu não demonstrar isso ainda. Não queria arrastar Loraine Wade para uma situação perigosa.

Mas o rosto de Loraine incendiou-se na mesma hora de indignação.

– Nem pensar! Você acha mesmo que vou desistir disso assim... depois de terem matado Gerry... meu querido Gerry, o melhor, mais amado e gentil irmão que uma garota poderia ter? A única pessoa no mundo todo com quem eu podia contar?

Jimmy limpou a garganta, desconcertado.

Loraine era uma jovem fantástica, pensou ele, simplesmente fantástica.

– Calma, escute – disse ele, sem jeito. – Você não devia dizer isso. Que está sozinha no mundo assim... Isso é uma besteira. Você tem muitos amigos... que fariam de tudo para ajudar você. Não é verdade?

Era bem provável que fosse, sim, pois Loraine ficou vermelha de repente e, para disfarçar sua confusão, começou a falar com uma voz nervosa.

– Não, está decidido – disse ela. – Eu vou ajudar. Ninguém vai me impedir.

– Eu também vou, é claro – disse Bundle.

As duas olharam para Jimmy.

– Sim – disse ele, devagar. – Sim, eu entendo – elas olharam para ele, esperando sua próxima reação. – Só não sei por onde vamos começar.

[1] Como deveria ser (N.T.)

[2] Famosa canção patriótica britânica (N.T.)

CAPÍTULO 9
Planos

As palavras de Jimmy levaram a discussão para uma esfera mais prática.

– Bom, na verdade, não sabemos lá muita coisa – disse ele. – Só temos as palavras, “Seven Dials”. E eu nem sei direito onde Seven Dials fica. Mas, enfim, não podemos vasculhar o distrito inteiro, casa por casa.

– Podemos, sim – disse Bundle.

– Bem, talvez até possamos... mas não tenho certeza. Imagino que seja uma área muito povoada. E não seria nada muito sutil.

A palavra lembrou-o da jovem Soquete e o fez sorrir.

– Fora isso, é claro, sabemos do trecho na estrada onde Ronny foi baleado. Poderíamos investigar por lá. Mas a polícia já deve estar fazendo isso, e com muito mais competência do que nós.

– O que eu gosto em você é esse seu jeito alegre e otimista – disse Bundle, sarcástica.

– Não ligue para ela, Jimmy – disse Loraine, baixinho. – Continue.

– Tenha calma – disse Jimmy a Bundle. – Todos os melhores detetives analisam seus casos assim, eliminando partes desnecessárias e improdutivas da investigação. Mas já vou chegar à terceira pista... a morte de Gerald. Sabemos agora que ele foi assassinado... Aliás, vocês duas acreditam nisso, não?

– Sim – disse Loraine.

– Sim – disse Bundle.

– Ótimo. Eu também. Bem, acho que, com isso, podemos até ter alguma chance. Afinal, se Gerry não tomou o cloral por conta própria, alguém deve ter entrado em seu quarto e colocado o remédio lá... diluído no copo d’água, para que ele bebesse ao acordar. E depois, é claro, deixou sua caixa, ampola, ou seja lá o quê, vazia para trás. Vocês concordam com isso?

– S-sim – disse Bundle devagar. – Mas...

– Calma. E essa pessoa já devia estar dentro da casa. Não teria como ser alguém de fora.

– Não – concordou Bundle, mais rápido dessa vez.

– Muito bem. Certo, isso limita bastante as possibilidades. Primeiro, imagino que muitos dos seus funcionários sejam quase que da família... São

pessoas da sua confiança, digo.

– Sim – disse Bundle. – Praticamente todos os funcionários ficaram quando alugamos a casa. Os principais ainda estão todos lá... Mas, claro, houve algumas mudanças entre os criados.

– Exato... É bem nesse ponto que quero chegar. *Você* – disse ele, falando com Bundle – precisa investigar tudo isso. Descubra quando novos funcionários foram contratados... Como um novo zelador, por exemplo.

– Um dos zeladores é novo. John é o nome dele.

– Bem, pergunte sobre John. E sobre qualquer outro que tenha chegado há pouco tempo.

– Imagino que deva ter sido algum empregado mesmo – disse Bundle, devagar. – Mas e se foi um dos convidados?

– Não vejo como isso seria possível.

– Quem estava lá, exatamente?

– Bem, havia três garotas... Nancy, Helen e Soquete...

– Soquete Daventry? Eu a conheço.

– Acho que sim. É uma garota que vive dizendo que tudo é sutil.

– É essa mesma. Acho que sutil é sua palavra favorita.

– Fora elas, estávamos Gerry Wade, eu, Bill Eversleigh e Ronny. E, é claro, sir Oswald e lady Coote. Ah! E Pongo.

– Quem é Pongo?

– Um rapaz chamado Bateman... Secretário do velho Coote. Um sujeito meio sério, mas muito correto. Estudei com ele.

– Nenhum deles me parece muito suspeito – comentou Loraine.

– Não, não mesmo – disse Bundle. – Como você falou, vamos ter que investigar entre os empregados. Aliás, será que aquele despertador que foi jogado pela janela teve algo a ver com essa história?

– Um despertador foi jogado pela janela? – disse Jimmy, pensativo. Essa era a primeira que vez que ele ouvia falar sobre esse assunto.

– Sim. Não imagino como isso poderia ter alguma ligação com o caso – disse Bundle. – Mas, enfim, é estranho. Parece não fazer sentido algum.

– Eu me lembro... – disse Jimmy, devagar. – Eu entrei para... para ver o pobre Gerry e vi os despertadores enfileirados em cima da lareira. E me lembro de ter visto apenas sete... não oito deles.

Ele estremeceu de repente e depois se explicou.

– Desculpem. Não sei por quê, mas esses despertadores sempre me deram calafrios. Eu às vezes até sonho com eles. Odiaria entrar naquele quarto no

escuro e vê-los enfileirados lá.

– Você não conseguiria ver nada se estivesse escuro – disse Bundle, sendo prática. – A não ser que os relógios fossem luminosos... Ah! – de repente, ela ficou boquiaberta e com o rosto corado. – Mas é claro! *Seven Dials!*

Os outros olharam para ela, confusos, mas ela insistiu com ainda mais veemência.

– *Seven Dials!* Os sete relógios devem ser alguma referência a isso! Não pode ser mera coincidência.

Seguiu-se uma pausa.

Empolgada, Bundle começou a interrogar Jimmy.

– Quem comprou os despertadores?

– Todos nós juntos.

– Quem teve a ideia?

– Todos nós juntos.

– Que besteira, alguém deve ter pensado nela primeiro.

– Não foi assim. Nós estávamos discutindo o que fazer para acordar Gerry, então Pongo sugeriu usar um despertador, mas alguém disse que apenas um não adiantaria nada, e então outra pessoa, Bill Eversleigh, acho, respondeu, “Por que não usar vários então?”. Todos nós gostamos da ideia e saímos para comprá-los. Pegamos um aparelho para cada e um a mais para Pongo e outro para lady Coote... por pura generosidade nossa. Não foi nada premeditado... Foi tudo por mero acaso.

Bundle não disse nada, mas não se convenceu.

Jimmy continuou a recontar o caso passo a passo.

– Acho que podemos ter certeza de alguns fatos. Pelo visto, existe, sim, um grupo secreto, com certas semelhanças à máfia. Gerry Wade tomou conhecimento disso. A princípio, ele achou que era só uma brincadeira... Um absurdo, por assim dizer. Ele não acreditou que isso poderia ser perigoso. Mas, depois, alguma coisa o convenceu do contrário, e ele passou a levar esse assunto a sério. Imagino que ele deva ter dito algo a Ronny Devereux. Enfim, quando ele foi morto, Ronny desconfiou, e ele já devia saber o bastante para acabar levando o mesmo fim. O nosso azar é que precisamos começar praticamente do zero. Nós não sabemos nada do que eles dois sabiam.

– Talvez isso seja uma vantagem – disse Loraine, friamente. – Ninguém vai suspeitar de nós, então estaremos a salvo.

– Gostaria de ter certeza disso – disse Jimmy, preocupado. – Sabe, Loraine, o próprio Gerry não queria você envolvida nessa história. Será que não seria

melhor você...?

– Não, nem pensar – disse Loraine. – Não vou voltar a esse assunto. Seria só perda de tempo.

Ao ouvir a palavra “tempo”, os olhos de Jimmy ergueram-se até o relógio na parede, e ele soltou uma exclamação de espanto. Em seguida, levantou-se e abriu a porta.

– Stevens!

– Pois não, senhor?

– Já é quase hora do almoço, Stevens. Você poderia cuidar disso?

– Imaginei mesmo que seria necessário, senhor. Já fiz todos os preparativos de acordo.

– Esse homem é fantástico – disse Jimmy enquanto voltava, soltando um suspiro de alívio. – Puro cérebro, sabe. Puro cérebro. Ele faz cursos por correspondência. Às vezes fico até pensando se eu não deveria fazer alguns também.

– Não seja bobo – disse Loraine.

Stevens abriu a porta e começou a trazer uma rebuscada refeição. Primeiro, um omelete, seguido por codornas e, por fim, um levíssimo suflê.

– Por que os homens vivem tão bem quando são solteiros? – comentou Loraine, com um ar trágico. – Por que eles são tão mais bem tratados do que nós?

– Ah, mas que besteira! – disse Jimmy. – Digo, não é verdade. Como poderia ser? Eu muitas vezes acho que...

Ele gaguejou e não terminou. Loraine ficou vermelha de novo.

De repente, Bundle soltou uma exclamação e os outros dois se espantaram.

– Mas que idiota! – disse Bundle. – Que imbecil. Eu mesma, digo. Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa.

– O que foi?

– Você conhece o Olhudo? George Lomax, digo?

– Já ouvi falar, sim – disse Jimmy. – Bill e Ronny falam muito dele.

– Bem, o Olhudo vai dar algum tipo de festa, um encontro político no próximo final de semana... e recebeu uma carta de alerta que veio de Seven Dials.

– Quê?! – exclamou Jimmy, inclinando-se para frente, todo empolgado. – Sério?

– Sério. Ele contou ao meu pai. O que acha que isso significa?

Jimmy acomodou-se de volta na cadeira, raciocinando rápido e com todo

cuidado. Suas palavras seguintes foram sucintas e diretas.

– Alguma coisa vai acontecer nessa festa – disse ele.

– É o que eu acho – concordou Bundle.

– Tudo se encaixa – disse Jimmy, quase contente.

Virou-se para Loraine.

– Que idade você tinha durante a guerra? – perguntou ele, de repente.

– Nove... não, oito.

– E Gerry, imagino eu, devia ter uns vinte. A maioria dos rapazes dessa idade lutou na guerra. Mas Gerry, não.

– Não – disse Loraine, depois de pensar um pouco. – Não, Gerry não foi soldado. Não sei por quê.

– Eu sei por quê – disse Jimmy. – Ou ao menos tenho um bom palpite. Ele esteve fora da Inglaterra de 1915 a 1918. Tomei o cuidado de investigar isso. E, ao que parece, ninguém sabe ao certo por onde ele andou. Mas acho que ele foi para a Alemanha.

As bochechas de Loraine ficaram vermelhas. Ela olhou para Jimmy, admirada.

– Como você é inteligente.

– Ele falava alemão muito bem, não falava?

– Ah, sim, como um nativo.

– Aposto que tenho razão. Escutem, vocês duas. Gerry Wade trabalhava no Ministério de Relações Exteriores. Ele parecia ser um simpático pateta, perdoem-me a expressão, mas vocês sabem do que estou falando, como Bill Eversleigh e Ronny Devereux. Um burocrata ornamental do gabinete. Mas, no fundo, ele era muito diferente. Acho que Gerry Wade era um profissional de verdade. Afinal, dizem que nós temos os melhores agentes do mundo. Acho que Gerry Wade era um oficial de alto escalão do serviço secreto. E isso explica tudo! Eu me lembro de comentar por acaso naquela última noite em Chimneys que Gerry não podia ser tão bobo como parecia.

– Tudo bem, e se você tiver razão? – perguntou Bundle, sendo prática como sempre.

– Então a coisa é mais séria do que pensamos. Essa história de Seven Dials não é só um caso de polícia... É algo internacional. Uma coisa é certa: alguém precisa ir a essa festa de Lomax.

Bundle fez uma leve careta.

– Eu conheço bem o velho George... Mas ele não gosta de mim. Ele nunca cogitaria me convidar para um evento desses. Ainda assim, eu poderia...

Ela não terminou a frase, perdida em seus pensamentos.

– Será que *eu* conseguiria falar com Bill? – perguntou Jimmy. – Ele é o braço direito do Olhudo, então com certeza deve ir à festa. Ele poderia dar um jeito de me levar junto.

– Não vejo por que não – disse Bundle. – Mas você vai ter que conversar com Bill e fazer com que ele diga as coisas certas. Ele é incapaz de pensar sozinho.

– O que você sugere? – perguntou Jimmy, humildemente.

– Ah, é muito fácil! Bill só precisa apresentar você como um jovem rico... interessado em política, querendo entrar para o parlamento. George vai cair na mesma hora. Você sabe como são esses tipos políticos, sempre à procura de novos jovens endinheirados. Quanto mais rico Bill disser que você é, mais fáceis vão ficar as coisas.

– Desde que ele não me faça parecer um Rothschild, tudo bem – disse Jimmy.

– Acho que isso já resolveria a questão. Vou jantar com Bill amanhã à noite, e acho que consigo uma lista dos convidados. Isso será muito útil.

– É uma pena que você não possa ir também – disse Jimmy. – Mas, enfim, acho que é melhor mesmo.

– Não sei, talvez eu até consiga – disse Bundle. – O Olhudo me odeia... Mas existem outros meios.

Bundle ficou pensativa.

– Mas e eu? – perguntou Loraine, com uma voz baixinha e tímida.

– Você não vai participar disso – rebateu Jimmy. – Entende? Afinal, nós precisamos ter alguém de fora para... hã...

– Para o quê? – perguntou Loraine.

Jimmy desistiu de continuar e apelou para Bundle.

– Escute – disse ele. – É melhor Loraine não se envolver nisso, não é?

– Acho que sim, com certeza.

– Fica para outra vez – disse Jimmy, educadamente.

– E imagino que não haverá outra vez, certo? – rebateu Loraine.

– Ah, acho que haverá, sim. Sem dúvida.

– Entendi. Então eu só volto para casa e... fico esperando?

– Isso – disse Jimmy, muito aliviado. – Que bom que você entendeu.

– Veja bem – explicou Bundle. – Se nós três aparecêssemos lá assim, de repente, seria muito suspeito. E justificar a sua presença em especial seria muito difícil. Você entende, não?

– Ah, sim – disse Loraine.

– Então está resolvido... Você não faz nada – disse Jimmy.

– Certo, eu não faço nada – concordou Loraine submissa.

Bundle olhou para ela, desconfiada de repente. A tranquilidade com que Loraine estava aceitando tudo não lhe parecia nada natural. Loraine virou-se para ela também. Seus olhos eram azuis e sinceros, e encontraram os de Bundle sem qualquer hesitação. Esse tipo de reação não deixou Bundle muito satisfeita. Ela achou essa repentina postura submissa de Loraine Wade altamente suspeita.

Capítulo 10
Bundle vai à Scotland Yard

Quanto à conversa anterior, é preciso notar que cada um dos três participantes teve, por assim dizer, certas reservas. A máxima “nem tudo é o que parece” é muito verdadeira.

Poderíamos questionar, por exemplo, se Loraine Wade foi totalmente sincera quanto aos motivos que a levaram a procurar Jimmy Thesiger.

Da mesma forma, Jimmy Thesiger vinha fazendo vários planos para a festa de George Lomax, embora não tivesse a menor intenção de revelá-los para, digamos, Bundle.

E a própria Bundle também já havia arquitetado um grandioso esquema que pretendia colocar em execução imediata, mas a respeito do qual não havia comentado absolutamente nada com ninguém.

Assim que deixou a casa de Jimmy Thesiger, ela foi até a Scotland Yard, onde pediu para falar com o superintendente Battle.

O superintendente Battle era um homem de grande eminência, que se dedicava quase que apenas a casos delicados de natureza política. A investigação de um desses casos o havia levado a Chimneys, quatro anos atrás, e Bundle contava com que ele se lembrasse disso.

Após uma breve espera, ela foi levada através de vários corredores até o gabinete particular do superintendente. Battle era um sujeito estoico de rosto inexpressivo. Parecia ser um completo idiota, e lembrava mais um porteiro do que um detetive.

Estava parado junto à janela quando ela entrou, olhando com um ar vazio para alguns pardais lá fora.

– Boa tarde, lady Eileen – disse ele. – Sente-se, por favor.

– Obrigada – disse Bundle. – Imaginei que talvez não fosse se lembrar de mim.

– Claro que me lembro – disse Battle. – Faz parte do meu trabalho – completou ele.

– Ah, claro! – disse Bundle, sem muito ânimo.

– E como posso ajudá-la? – perguntou o superintendente.

Bundle foi direto ao assunto.

– Sempre ouvi dizer que vocês da Scotland Yard têm listas de grupos secretos e coisas assim que operam em Londres.

– Nós tentamos nos manter atualizados – disse o superintendente Battle, cuidadoso.

– Imagino que muitos deles na verdade nem sejam perigosos.

– Nós seguimos uma regra muito eficaz para isso – disse Battle. – Quanto mais se fala, menos se faz. É surpreendente o quanto esse simples conceito funciona.

– E ouvi dizer que muitas vezes vocês não interferem nesses grupos. É verdade?

Battle acenou com a cabeça.

– Claro. Não há problema algum se alguns sujeitos querem se apresentar como Irmãos da Liberdade e se encontram em um porão para falar sobre grandes massacres... Isso não faz mal a eles, nem a você e, se eles algum dia causarem qualquer problema, nós saberemos onde encontrá-los.

– Mas às vezes, imagino eu – disse Bundle, devagar –, um grupo específico pode ser mais perigoso do que se imagina, não?

– É muito pouco provável – disse Battle.

– Mas seria *possível* – insistiu Bundle.

– Ah, sim, *possível* até seria – admitiu o superintendente.

Seguiu-se um instante de silêncio. Em seguida, Bundle disse baixinho:

– Superintendente Battle, o senhor poderia me passar uma lista dos grupos secretos com base em Seven Dials?

O superintendente Battle gabava-se de nunca ter sido visto demonstrando qualquer tipo de emoção. Mas Bundle poderia jurar que, por um breve instante, suas pálpebras estremeceram. Ele ficou surpreso. Por um breve instante, apenas. Mas logo em seguida voltou ao estoicismo de sempre.

– Tecnicamente falando, lady Eileen, Seven Dials é um lugar que já nem existe mais.

– Não?

– Não. Quase tudo por lá foi demolido e reconstruído. Costumava ser uma região menos favorecida, mas hoje aquela é uma parte respeitável e valorizada da cidade. Está longe de ser um lugar romântico, onde alguém poderia investigar misteriosas sociedades secretas.

– Ah, é? – disse Bundle, um tanto surpresa.

– Mas, enfim, gostaria de saber o que despertou seu interesse pela região, lady Eileen.

– Preciso mesmo lhe contar?

– Bom, facilitaria muito as coisas saber com o que estamos lidando, por assim dizer.

Bundle hesitou por um instante.

– Um homem levou um tiro – disse ela, devagar. – Eu achei que tinha o atropelado.

– O sr. Ronald Devereux?

– Sim, o senhor já deve saber, é claro. Por que não saiu nada nos jornais?

– A senhorita quer mesmo saber, lady Eileen?

– Sim, por favor.

– Bem, nós só pensamos que seria bom esperar um dia para a poeira baixar... Entende? O caso sairá nos jornais amanhã.

– Ah, sim! – Bundle olhou para ele, intrigada.

O que estaria se escondendo por trás daquele rosto impassível? Ele encarava o assassinato de Ronald Devereux como um crime qualquer ou um caso incomum?

– Ele mencionou Seven Dials pouco antes de morrer – disse Bundle, devagar.

– Ah, obrigado – disse Battle. – Vou tomar nota disso.

Ele escreveu algumas palavras em um caderninho à sua frente.

Bundle decidiu mudar de assunto.

– Soube que o sr. Lomax veio procurá-lo ontem para discutir uma carta de ameaças que recebeu.

– É verdade.

– E essa carta veio de Seven Dials?

– Sim, era o que dizia no cabeçalho, se não me engano.

Bundle sentiu-se como se estivesse batendo em vão em uma porta trancada.

– Se me permite um conselho, lady Eileen...

– Já sei o que o senhor vai falar.

– Se eu fosse a senhorita, voltaria para casa e... bem, não pensaria mais nesse assunto.

– E deixaria tudo por sua conta, imagino?

– Bem... – disse o superintendente Battle. – Afinal, nós somos profissionais.

– E eu sou só uma amadora? Sim, mas o senhor está se esquecendo de uma coisa... Por mais que eu não tenha os mesmos conhecimentos e habilidades que vocês, tenho uma vantagem. Posso investigar o caso sem que ninguém desconfie de nada.

Para Bundle, o superintendente pareceu ficar um tanto surpreso, como se a força de suas palavras tivesse lhe causado certo impacto.

– Mas é claro... – disse Bundle. – Se o senhor não puder me dar essa lista dos grupos secretos...

– Ah, eu nunca disse isso! Vou lhe passar uma lista com todas as informações.

Ele foi até a porta, pôs a cabeça para fora, gritou alguma coisa e depois voltou para sua cadeira. Bundle, talvez sem motivo para tanto, ficou perplexa. A facilidade com que conseguira o que queria lhe pareceu deveras suspeita. Battle estava olhando para ela agora com uma expressão tranquila.

– O senhor se lembra da morte do sr. Gerald Wade? – perguntou ela, de repente.

– Foi na sua casa, não foi? Devido a uma overdose de remédio para dormir.

– A irmã dele me disse que ele nunca tomou nada para dormir.

– Ah, é? – disse o superintendente. – Você ficaria surpresa com o quanto as irmãs não sabem sobre os próprios irmãos.

Bundle ficou perplexa de novo. Sem dizer mais nada, ela só esperou, até que um homem apareceu, trazendo uma folha de papel batida à máquina que entregou ao superintendente.

– Aqui está – disse Battle, quando o homem se retirou. – Os Irmãos de São Sebastião. Os Caçadores de Lobos. Os Camaradas da Paz. O Clube dos Companheiros. Os Amigos da Opressão. Os Filhos de Moscou. Os Partidários do Estandarte Vermelho. Os Arenques. Os Defensores dos Oprimidos... E mais uma meia dúzia de outros.

Entregou o papel a Bundle, com uma piscadela.

– O senhor só está me dando essa lista porque sabe que ela não vai me servir de nada – disse Bundle. – Está querendo que eu desista do caso?

– É o que eu acharia melhor, sim – disse Battle. – Veja bem... Se a senhorita começar a se intrometer com todos esses grupos... Bem, isso nos trará muitos problemas.

– Para me proteger, você diz?

– Sim, para proteger a senhorita, lady Eileen.

Bundle levantou-se, sem saber ao certo como agir em seguida. Pelo menos por enquanto o superintendente Battle estava no comando da situação. Mas ela então lembrou-se de um leve deslize, no qual baseou um último apelo.

– Agora há pouco, comentei que uma amadora poderia ter certas vantagens sobre um profissional. E o senhor não negou, pois é um homem honesto,

superintendente Battle. O senhor sabia que eu estava certa.

– Continue... – disse Battle, seco.

– O senhor me deixou ajudá-lo em Chimneys. Por que não quer minha ajuda agora?

Battle pareceu ruminar a questão. Encorajada pelo silêncio dele, Bundle continuou.

– O senhor já me conhece muito bem, superintendente Battle. Eu me envolvo nas coisas. Sou uma enxerida. Não quero atrapalhar seu trabalho, nem fazer nada que vocês já estejam fazendo e possam fazer muito melhor. Mas se uma amadora pode ter seu papel, deixe-me ajudar.

Após outra pausa, o superintendente Battle disse baixinho:

– A senhorita se expressou muito bem, lady Eileen. Mas vou lhe dizer uma coisa. Essa sua proposta é perigosa. E se estou dizendo isso, acredite, é porque ela é perigosa *mesmo.*

– Entendi isso – disse Bundle. – Não sou nenhuma boba.

– Não – disse o superintendente Battle. – Nunca conheci jovem menos boba do que a senhorita. O que posso fazer, lady Eileen, é o seguinte. Vou lhe dar apenas uma pequena pista. E só vou fazer isso porque nunca tive lá muito apreço pelo velho ditado de que “o seguro morreu de velho”. Para mim, metade dessas pessoas que vivem com medo de atravessar a rua merecia é ser atropelada mesmo, para não ficar mais no caminho. Elas não servem para nada.

Ver esse discurso tão radical saindo dos lábios sempre contidos do superintendente Battle deixou Bundle surpresa.

– Qual era mesmo a pista que o senhor ia me dar? – perguntou ela, por fim.

– Conhece o sr. Eversleigh, não?

– Se conheço Bill? Ah, sim, claro. Mas o quê...

– Acho que o sr. Bill Eversleigh poderá responder todas as suas perguntas sobre Seven Dials.

– Bill sabe dessa história? *Bill?*

– Não foi o que falei. Longe disso. Mas acho que, sendo uma jovem tão sagaz como é, a senhorita poderá conseguir dele as informações que procura. Enfim... – disse o superintendente Battle com firmeza. – Sobre isso, não vou dizer mais nem uma palavra.

Capítulo 11

Um jantar com Bill

Bundle saiu para o encontro com Bill, na noite seguinte, cheia de expectativa.

Bill a recebeu com grande empolgação.

"Bill é *mesmo* um sujeito muito gentil", pensou Bundle consigo mesma. "Como um cão grande e desengonçado que abana o rabo quando fica contente ao lhe ver."

O cachorrão passou a soltar vários ganidos na forma de comentários e novidades.

– Você está linda, Bundle. Mal tenho palavras para dizer o quanto estou feliz em vê-la. Pedi uma porção de ostras... Você gosta de ostras, não gosta? Enfim, como vão as coisas? O que você andou fazendo para passar tanto tempo fora assim? Aproveitou bastante?

– Não, que nada – disse Bundle. – Foi um tédio. Vi só um monte de coronéis velhos e doentes se arrastando embaixo do sol, e velhotas solteiras cuidando de bibliotecas e igrejas.

– Eu gosto mesmo é da Inglaterra – disse Bill. – Não ligo muito para essa história de viagens... A não ser para a Suíça. A Suíça é um belo país. Acho que vou para lá neste Natal. Quer ir comigo?

– Vou pensar, prometo – disse Bundle. – E você, o que anda fazendo da vida, Bill?

Foi uma pergunta precipitada, que Bundle fez apenas para ser educada e como introdução para abordar os assuntos de que de fato queria tratar. No entanto, foi também justamente a abertura que Bill estava esperando.

– Era disso mesmo que eu queria lhe falar. Você é muito inteligente, Bundle, e queria um conselho seu. Já ouviu falar daquele musical, "Danado"?

– Sim.

– Bem, vou lhe falar, é uma das coisas mais depravadas que já vi. Meu Deus, como esse povo do teatro é! Tem uma garota... uma jovem americana... um espetáculo de mulher...

Bundle perdeu o ânimo. As histórias sobre os casos de Bill eram sempre intermináveis... Ele começava a falar, falar e não parava mais.

– Essa garota, ela se chama Babe St. Maur...

– Onde ela arrumou esse nome? – perguntou Bundle, sarcástica.

Bill respondeu sem entender a indireta.

– Foi numa coleção de biografias. Ela abriu o livro e pôs o dedo no meio de uma página qualquer. Interessante, não é? O nome de família verdadeiro dela é Goldschmidt, ou Abrameier... alguma coisa complicada assim.

– Ah, é complicado mesmo – concordou Bundle.

– Bom, acho Babe St. Maur muito bonito. E ela é musculosa, tem um corpo lindo. Foi uma das oito garotas que...

– Bill – disse Bundle, desesperada. – Eu falei com Jimmy Thesiger ontem cedo.

– Ah, o bom e velho Jimmy – disse Bill. – Enfim, como eu dizia, Babe é uma garota muito esperta. Todo mundo precisa ser hoje em dia. Ela é mais inteligente do que a maioria desse povo do teatro. Se você quer se dar bem na vida, precisa saber se impor, é o que Babe sempre diz. E, olha, ela merece. Ela é ótima atriz... É incrível o quanto aquela garota sabe atuar. Ela só não se destacou muito em “Danado”... Acabou se perdendo entre aquele bando de outras jovens bonitas. Então sugeri que ela deveria tentar uma peça mais séria... Talvez um drama, como “A segunda sra. Tanqueray”, alguma coisa assim, sabe? Mas ela deu risada.

– Você tem visto Jimmy?

– Falei com ele hoje cedo. Vejamos, onde eu estava mesmo? Ah, sim, ainda não cheguei à parte do problema. E sério, foi só por inveja... pura inveja e rancor. A outra garota não chegava nem aos pés de Babe, e sabia muito bem disso. Então ela foi pelas costas de Babe e...

Bundle resignou-se ao inevitável e ouviu toda a história sobre as infelizes circunstâncias que culminaram no corte sumário de Babe St. Maur do elenco de “Danado”, coisa que levou um bom tempo. Quando Bill por fim parou para respirar e ouvir palavras de solidariedade, Bundle disse:

– Você tem razão, Bill, foi uma grande pena. Deve haver muita inveja nesse meio...

– Essa é uma praga que assola o mundo do teatro inteiro.

– Deve ser. Mas, escute, Jimmy por acaso comentou com você se iria à festa em Wyvern Abbey na semana que vem?

Pela primeira vez, Bill deu atenção ao que Bundle estava dizendo.

– Bem, ele ficou tentando me convencer a passar uma conversa fiada no Olhudo. De que ele agora quer entrar para o partido conservador. Mas, sabe,

Bundle, isso é arriscado demais.

– Por quê? – disse Bundle. – Se George *descobrir* que é só uma farsa, não vai culpar você. Basta dizer que você não sabia de nada.

– Mas não é só por isso – disse Bill. – Digo, é arriscado demais para o próprio Jimmy. Quando ele menos perceber, vai estar lá para os lados de Tooting East, tendo que beijar crianças e fazer discursos. Você não imagina o quanto o Olhudo é um sujeito insistente e empolgado com essas coisas.

– Vamos ter que correr esse risco – disse Bundle. – Jimmy sabe se cuidar bem.

– Você não conhece o Olhudo – insistiu Bill.

– Quem vai a essa festa, Bill? É um evento muito especial?

– Ah, só os trastes de sempre. Como a sra. Macatta, por exemplo.

– A deputada?

– Sim, sabe? A que vive falando de assistência social, campanhas pela qualidade do leite, proteção às crianças, coisas assim. Imagine o pobre Jimmy tendo que ouvir esse tipo de conversa.

– Jimmy que se vire. Quem mais vai estar lá?

– Bom, tem também uma mulher da Hungria, que eles chamam de Jovem Húngara. Uma condessa de um nome impronunciável. Ela é simpática...

Ele engoliu em seco, meio encabulado, e Bundle percebeu que estava esfarelando o pão com um ar nervoso.

– Jovem e bonita? – sugeriu ela, com delicadeza.

– Ah, sim, claro.

– Não sabia que George tinha uma queda por esse tipo de coisa.

– Ah, não tem, não. Ela comanda o departamento de nutrição infantil em Budapeste... ou algum lugar assim. Então, é claro que ela e a sra. Macatta têm muito para conversar.

– Quem mais?

– Sir Stanley Digby...

– O ministro da Aeronáutica?

– Sim, e seu secretário, Terence O’Rourke. Ele é um tanto moleque, aliás... Ou ao menos era, nos tempos em que voava. E um camarada alemão de dar nojo, Herr Eberhard. Não sei quem ele é direito, mas todos andam falando muito sobre ele. Acabei tendo que levá-lo duas vezes para almoçar e, nossa, Bundle, esse sujeito é complicado mesmo. Ele não é como os outros tipos lá da embaixada, que são todos muito decentes. Esse camarada faz um estardalhaço chupando sopa da colher e come ervilhas com faca. Além disso, o infeliz vive roendo as

unhas... Até ficar com os dedos em carne viva.

– Que horror.

– Não é mesmo? Parece que ele é inventor... ou alguma coisa assim. Bem, acho que é só isso. Ah, sim, claro, e sir Oswald Coote.

– E lady Coote?

– Sim, acho que ela também irá.

Bundle passou alguns minutos calada, perdida em seus pensamentos. A lista feita por Bill era interessante, mas ela não tinha tempo para pensar em todas as hipóteses agora. Precisava ir direto ao próximo assunto.

– Bill – disse ela. – Que história toda é essa sobre Seven Dials?

Bill ficou totalmente sem graça. Começou a piscar, evitando os olhos de Bundle.

– Não sei do que você está falando – disse ele.

– Ah, por favor – rebateu Bundle. – Já me disseram que você sabe de tudo.

– De tudo o quê?

Essa era uma pergunta difícil. Mas Bundle manteve-se firme.

– Não entendo o que você está querendo esconder – reclamou ela.

– Não estou querendo esconder nada. Quase ninguém mais vai lá. Foi só uma moda que já passou.

Isso a deixou intrigada.

– A gente fica desatualizada mesmo quando viaja – disse Bundle, chateada.

– Ah, você não perdeu grande coisa – disse Bill. – Todo mundo só ia lá para dizer que foi. Era um tédio, na verdade. E, meu Deus, *ninguém* aguenta comer tanto peixe frito.

– Do que você está falando?

– Do Clube Seven Dials, oras – disse Bill, surpreso. – Não era de lá que você estava falando?

– Não sabia que tinha esse nome – disse Bundle.

– Antigamente, era um distrito bem pobre, perto da Tottenham Court. O lugar inteiro agora já foi derrubado e reconstruído. Mas o Clube Seven Dials ainda mantém a atmosfera antiga de sempre. Aquela coisa, peixe com fritas, uma miséria só. É um lugar parecido com East End, mas muito conveniente para se passar a noite depois de se ver uma peça.

– É uma boate, imagino – disse Bundle. – Para se dançar e tudo mais.

– Isso mesmo. O público é bem variado. Não é um lugar nada fino. Com artistas, sabe como é, várias mulheres estranhas e um ou outro da nossa laia. Já ouvi muitas histórias sobre lá, mas acho que é só bobagem, coisas que inventam

para dar fama ao lugar.

– Certo – disse Bundle. – Vamos lá hoje à noite, então.

– Ah, não há por quê – disse Bill, voltando a ficar sem jeito. – Já falei, o lugar morreu. Ninguém mais vai lá.

– Bem, mas nós vamos, sim.

– Você não vai gostar de lá, Bundle. É sério.

– Você vai me levar ao Clube Seven Dials hoje e ponto final, Bill. E posso saber por que você está tão relutante assim?

– Eu? Relutante?

– Mas é claro. Qual é o grande segredo?

– Grande segredo?

– Pare de repetir tudo o que eu falo. Você só está fazendo isso para ganhar tempo.

– Não é isso – disse Bill, indignado. – É só que...

– O quê? Sei que tem alguma coisa aí. Você nunca consegue me esconder nada.

– Não tenho nada para esconder. É só que...

– Pois bem?

– É uma longa história... Enfim, levei Babe St. Maur até lá uma noite...

– Ah, Babe St. Maur de novo!

– Qual o problema?

– Eu não sabia que isso tinha a ver com ela... – disse Bundle, disfarçando um bocejo.

– Como disse, eu levei Babe até lá. Ela queria comer uma lagosta. Então eu peguei uma lagosta e...

A história continuou... Até a lagosta por fim ser desmembrada em uma disputa entre Bill e um desconhecido qualquer, e então Bundle voltou a prestar atenção no que ele dizia.

– Entendi – disse ela. – Então houve uma briga?

– Sim, mas a lagosta era *minha*. Eu paguei por ela, então tinha todo o direito de...

– Ah, sim, claro que tinha – disse Bundle, apressada. – Tenho certeza de que ninguém mais se lembra disso agora. E eu nunca gostei muito de lagosta mesmo. Então, vamos lá.

– E se formos presos numa batida de polícia? Eles têm uma sala no andar de cima, onde jogam bacará.

– Nesse caso, ligo para o meu pai, ele paga a fiança e pronto. Vamos logo,

Bill.

Bill ainda parecia um tanto relutante, mas Bundle se manteve firme e, pouco depois, eles já estavam em um táxi a caminho do clube.

Chegando lá, o lugar era bem parecido com o que ela imaginava: uma casa alta, em uma rua estreita, no número 14 da Hunstanton Street. Ela anotou o endereço.

Um homem de rosto estranhamente familiar abriu a porta para eles. Bundle teve a impressão de que ele se espantou um pouco ao vê-la, mas o sujeito cumprimentou Bill com todo o respeito ao reconhecê-lo. Era um homem alto, de cabelos claros e um rosto meio fraco e anêmico, com olhos desconfiados. Bundle ficou tentando entender onde poderia tê-lo visto antes.

Bill deixara o acanhamento de lado e agora já parecia estar gostando bastante de fazer as apresentações da casa. Eles dançaram no porão, que era todo cheio de fumaça – tanto que só se via as pessoas através de uma névoa azulada. O cheiro de peixe frito era quase insuportável.

As paredes eram enfeitadas com desenhos a carvão, alguns até muito bonitos. O público era extremamente variado. Estrangeiros imponentes, judeus opulentos, uma ou outra pessoa mais elegante e várias moças adeptas da profissão mais antiga do mundo.

Pouco depois, Bill levou Bundle ao andar de cima, onde o homem de rosto pálido estava de vigia, analisando com olhos de lince todos aqueles que entravam no salão de jogos. Então, de repente, Bundle se deu conta de onde o conhecia.

– Mas é claro – disse ela. – Como sou boba. É Alfred, um dos nossos ex-empregados de Chimneys. Como vai, Alfred?

– Muito bem, obrigado, senhorita.

– Quando você saiu de Chimneys, Alfred? Foi muito antes de nós voltarmos?

– Saí há mais ou menos um mês, senhorita. Recebi uma proposta para melhorar de vida, e achei que seria uma pena não aproveitar.

– Imagino que devam lhe pagar muito bem aqui – comentou Bundle.

– Pagam mesmo, senhorita.

Bundle entrou no salão, um lugar que lhe pareceu revelar a verdadeira essência do clube. As apostas ali eram altas, ela percebeu isso de imediato, e as pessoas reunidas em volta das duas mesas eram apostadores inveterados, todos com olhos atentos, ar irritado e tomados pela febre da jogatina.

Os dois passaram uma meia hora por lá, até que Bill começou a ficar

inquieto.

– Vamos sair daqui, Bundle, vamos lá dançar.

Bundle concordou. Não havia nada de mais ali. Eles desceram de novo e dançaram mais meia hora, comeram peixe com fritas e depois Bundle disse que queria ir embora.

– Mas está tão cedo – protestou Bill.

– Imagine. Não está, não. E, enfim, tenho um longo dia pela frente amanhã.

– O que você vai fazer?

– Isso depende – disse Bundle, com um ar misterioso. – Mas lhe garanto uma coisa, Bill. Não vou ficar parada, não.

– Você nunca fica mesmo – disse o sr. Eversleigh.

CAPÍTULO 12
Inquérito em Chimneys

Bundle claramente não havia herdado o temperamento do pai, cuja principal característica era uma absoluta e completa inércia. Já Bundle, como Bill Eversleigh havia bem comentado, nunca conseguia ficar parada.

Na manhã seguinte, Bundle acordou cheia de energia. Tinha três planos distintos para pôr em prática naquele dia, e se deu conta de que precisaria enfrentar certas limitações de tempo e espaço.

Por sorte, ela não padecia do mesmo mal que Gerry Wade, Ronny Devereux e Jimmy Thesiger – o de não conseguir acordar cedo. O próprio sir Oswald Coote jamais conseguiria recriminá-la nesse sentido. Às oito e meia, Bundle já havia tomado o café e estava a caminho de Chimneys em seu Hispano.

O pai pareceu ficar contente ao vê-la.

– Nunca sei quando você vai aparecer – disse ele. – Mas pelo menos isso me poupou um telefonema, coisa que odeio. O coronel Melrose veio aqui ontem para falar sobre o inquérito.

O coronel Melrose era o chefe de polícia local, um velho amigo de lorde Caterham.

– Pela morte de Ronny Devereux, o senhor diz? Quando vai ser?

– Amanhã. Ao meio-dia. Melrose vai lhe ligar. Por ter encontrado o corpo, você terá que prestar depoimento, mas ele disse que não precisa se preocupar.

– Por que eu me preocuparia?

– Bem, sabe como é... – disse lorde Caterham, explicando-se. – Melrose é um sujeito meio antiquado.

– Ao meio-dia – disse Bundle. – Ótimo. Prometo aparecer, se ainda estiver viva, claro.

– Ora, e por que não estaria?

– Nunca se sabe – disse Bundle. – É o estresse da vida moderna... Como dizem os jornais.

– O que me lembra de que George Lomax me convidou para a festa em Wyvern Abbey no final de semana que vem. E eu recusei, é claro.

– É bom mesmo – disse Bundle. – Não quero o senhor envolvido em confusão.

– Por quê? Deve haver alguma confusão? – perguntou lorde Caterham, interessado de repente.

– Bem... Com aquela carta de ameaça e tudo mais, sabe como é – disse Bundle.

– Talvez George acabe sendo assassinado – disse lorde Caterham, esperançoso. – O que você acha, Bundle? Talvez seja melhor eu ir, sim.

– Acalme esses seus instintos sanguinários e fique tranquilo em casa – disse Bundle. – Vou falar com a sra. Howell.

A sra. Howell era a governanta da casa, a nobre senhora ofegante que causava tanto terror no coração de lady Coote. Mas ela não assustava Bundle, a quem, aliás, sempre tratou apenas por senhorita, um velho hábito dos tempos em que Bundle vivia em Chimneys e ainda era só uma criança travessa de pernas compridas, antes de seu pai receber o título de lorde.

– Olá, Howell querida – disse Bundle. – Vamos tomar uma bela caneca de chocolate quente juntas, pois quero ouvir todas as novidades da casa.

Ela conseguiu o que queria sem grande dificuldade, fazendo as seguintes notas mentais:

“Duas cozinheiras novas, moças do vilarejo, nada de muito suspeito. Uma terceira criada nova – sobrinha da criada-chefe. Tudo em ordem também. Howell deve ter infernizado a pobre lady Coote. Aposto que sim.”

– Nunca achei que algum dia veria estranhos morando em Chimneys, srta. Bundle.

– Ah, a gente precisa se adaptar aos tempos! – disse Bundle. – Já se dê por contente se nunca vir este lugar ser transformado em um conjunto de apartamentos de luxo com uma bela área de lazer.

A sra. Howell sentiu um calafrio em sua reacionária espinha aristocrática.

– Eu nunca conheci sir Oswald Coote – comentou Bundle.

– Sir Oswald é sem dúvida um homem muito inteligente – disse a sra. Howell, com um ar distante. Bundle entendeu que sir Oswald não era muito bem quisto por seus criados. – Claro, era o sr. Bateman quem cuidava de tudo – continuou a governanta. – Ele é muito competente, muito competente mesmo, e sabe como as coisas devem ser feitas.

Bundle desviou o rumo da conversa para a morte de Gerald Wade. A sra. Howell estava mais do que disposta a discutir o assunto e soltou uma torrente de exclamações pesarosas sobre o pobre jovem, mas Bundle não conseguiu descobrir nada de novo. Em seguida, ela dispensou a sra. Howell e voltou ao andar de baixo, onde chamou Tredwell.

– Tredwell, quando Alfred foi embora?

– Há cerca de um mês, milady.

– Por que ele saiu?

– Foi por vontade própria, milady. Pelo que sei, ele foi para Londres. Eu não tinha nada para reclamar do seu trabalho. De todo modo, acho que a senhorita ficará bastante satisfeita com John, o novo empregado. Ele parece ser competente e está muito disposto a fazer seu melhor.

– De onde ele veio?

– Ele tinha referências excelentes, milady. Seu último patrão foi lorde Mount Vernon.

– Entendo – disse Bundle, pensativa.

Ela lembrou que lorde Mount Vernon estava fazendo um safári no leste da África no momento.

– Qual é o sobrenome dele, Tredwell?

– Bower, milady.

Tredwell esperou ainda mais alguns instantes e, ao ver que Bundle já havia terminado, deixou a sala em silêncio. Bundle continuou lá, perdida em seus pensamentos.

John havia aberto a porta para Bundle naquele mesmo dia, quando ela chegou, e deixara uma forte impressão nela, ainda que ela não soubesse dizer bem por quê. Parecia ser o empregado perfeito, bem treinado e com um rosto inexpressivo. Tinha apenas, talvez, uma postura um tanto mais militar do que a maioria dos outros empregados e a parte de trás da cabeça com um formato meio estranho.

No entanto, esses detalhes, como Bundle veio a concluir, não eram muito relevantes para o caso. Ela sentou-se com a testa franzida em frente a um caderninho. Estava com um lápis na mão e ficou rabiscando, distraída, o nome Bower várias e várias vezes no papel.

De repente, uma ideia veio à sua cabeça e ela parou na mesma hora, olhando para aquela palavra. Em seguida, ela chamou Tredwell de novo.

– Tredwell, como se escreve Bower?

– B-A-U-E-R, milady.

– Esse sobrenome não é inglês.

– Imagino que seja algo de origem suíça, milady.

– Ah, sim! É só isso, Tredwell, obrigada.

Origem suíça? Não, alemã! Aquele porte militar, a parte de trás da cabeça chapada. E ele tinha chegado a Chimneys duas semanas antes da morte de Gerry

Wade.

Bundle levantou-se. Ela já tinha feito tudo o que podia por ali. Agora, era hora de entrar em ação! Foi atrás de seu pai.

– Estou saindo de novo – disse ela. – Preciso falar com a tia Marcia.

– Marcia? – rebateu lorde Caterham, com uma voz cheia de espanto. – Pobre menina, quem lhe forçou a isso?

– Na verdade, desta vez estou indo por vontade própria mesmo – disse Bundle.

Lorde Caterham olhou para ela, intrigado.

A ideia de que alguém pudesse ter um interesse genuíno em ver sua detestável cunhada lhe parecia um tanto incompreensível. Marcia, a marquesa de Caterham e viúva de Henry, seu falecido irmão, tinha uma personalidade muito forte. Lorde Caterham admitia que ela havia sido uma esposa admirável para Henry e que, se não fosse por ela, seria muito provável que ele nunca tivesse chegado ao cargo de ministro de Relações Exteriores. Por outro lado, ele também sempre vira a morte de Henry como uma misericordiosa libertação de seu casamento.

Para ele, era como se Bundle estivesse prestes a enfiar a cabeça na boca de um leão por pura imprudência.

– Ah, é? – disse ele. – Bom, eu não faria isso. Você não sabe no que pode dar.

– Bom, eu sei no que quero que dê – disse Bundle. – Sei me cuidar, papai, não se preocupe comigo.

Lorde Caterham soltou um suspiro e se acomodou melhor na poltrona, voltando à sua leitura do *Field.* Um ou dois minutos depois, Bundle enfiou a cabeça para dentro da sala de repente mais uma vez.

– Desculpe – disse ela. – Mas tem mais uma coisa que eu queria lhe perguntar. O que sir Oswald Coote é?

– Eu já lhe falei... Um rolo compressor humano.

– Sim, mas não estou falando disso. Digo, como ele ganha a vida? Vendendo botões de calça, camas de latão ou o quê?

– Ah, entendi. Ele trabalha com aço. Aço e ferro. Tem uma fundição imensa, ou seja lá como isso se chama, na Inglaterra. Agora já não administra mais tudo pessoalmente, é claro. É uma empresa, ou um grupo de empresas, aliás. Ele me nomeou como diretor de uma delas. Foi um ótimo negócio para mim... Só preciso ir uma ou duas vezes por ano até um daqueles hotéis na cidade... na Cannon ou na Liverpool Street... e ficar sentado em volta de uma

mesa, toda cheia de caderninhos. Depois, o próprio Coote ou algum outro camarada metido a esperto faz uma apresentação e mostra um punhado de gráficos, mas, por sorte, você nem precisa prestar atenção... E vou lhe falar, na maioria das vezes eles acabam servindo um belo almoço.

Sem interesse pelos almoços de lorde Caterham, Bundle foi embora antes mesmo que ele terminasse de falar. Durante a viagem de volta a Londres, ela tentou juntar as peças que tinha da melhor forma possível.

A seu ver, siderurgia e bem-estar infantil não combinavam muito. Então, o representante de um desses dois interesses deveria ter sido convidado só para fazer número – provavelmente o segundo. A sra. Macatta e a condessa húngara poderiam ser descartadas. Elas deviam estar lá apenas como camuflagem. Não, o pivô da coisa toda parecia ser o desinteressante Herr Eberhard. Ele não aparentava ser o tipo de homem que George Lomax em geral convidaria para um evento como esse. Bill comentara que ele era um inventor. Além disso, havia também o ministro da Aeronáutica e sir Oswald Coote, que trabalhava com aço. De alguma forma, isso parecia fazer sentido.

Como continuar especulando seria inútil, Bundle abandonou essa linha de raciocínio e concentrou-se em sua iminente conversa com lady Caterham.

Ela morava em um enorme casarão lúgubre em uma das regiões mais ricas de Londres. Por dentro, o lugar cheirava a cera, alpiste e flores meio apodrecidas. Lady Caterham era uma mulher grande – em todos os sentidos. Em vez de amplas, suas proporções eram majestosas. Tinha um enorme nariz fino, usava um pincenê de ouro e seu lábio superior era marcado pela penugem de um levíssimo bigode.

Ficou um tanto surpresa ao ver a sobrinha, mas logo ofereceu a ela sua bochecha gelada, que Bundle prontamente beijou.

– Mas que prazer inesperado, Eileen – disse ela, sem entusiasmo algum, na verdade.

– Nós acabamos de voltar, tia Marcia.

– Eu sei. Como está seu pai? Como sempre?

Seu tom tinha um ar de desprezo. Não tinha grande apreço por Alastair Edward Brent, o nono marquês de Caterham. Ela o chamaria de “simplório”, se conhecesse esse termo.

– Papai anda muito bem. Está em Chimneys agora.

– Claro. Sabe, Eileen, eu nunca aprovei a ideia de alugar aquela mansão. Chimneys é em vários sentidos um monumento histórico. Não é nada que possa ser negociado assim.

– Deve ter sido um lugar fantástico na época do tio Henry – disse Bundle, soltando um leve suspiro.

– Henry sabia bem de suas responsabilidades – disse a viúva do mesmo.

– Fico imaginando as pessoas que já passaram por lá – continuou Bundle, empolgada. – Todos os principais estadistas da Europa.

Lady Caterham suspirou.

– Posso garantir que não foram poucas as vezes que aquele lugar foi palco de momentos históricos – comentou ela. – Se o seu pai ao menos...

Ela balançou a cabeça, com um ar triste.

– Papai acha política um tédio – disse Bundle. – Por mais que eu ache esse um dos assuntos mais fascinantes do mundo. Ainda mais quando visto por dentro.

Ela fez essa declaração completamente falsa sobre si mesma sem sequer ficar vermelha. Sua tia olhou-a com certa surpresa.

– Fico feliz em ouvir isso – disse ela. – Sempre imaginei, Eileen, que você não ligasse para nada além dessa tal busca moderna pelo prazer.

– Antes, até que sim – disse Bundle.

– A verdade é que você ainda é muito jovem – disse lady Caterham, pensativa. – Mas se souber usar seus privilégios e se casar bem, ainda pode se tornar uma das grandes figuras políticas de apoio da atualidade.

Bundle ficou um pouco alarmada, temendo que sua tia pudesse querer lhe apresentar um marido adequado naquele exato momento.

– Mas eu me sinto uma boba – disse Bundle. – Por saber tão pouco, digo.

– Isso pode ser facilmente resolvido – rebateu lady Caterham. – Tenho aqui inúmeros livros que posso lhe emprestar.

– Obrigada, tia Marcia – disse Bundle, e então partiu logo em seguida para sua segunda linha de ataque.

– A senhora conhece a sra. Macatta, tia Marcia?

– Mas é claro que conheço. É uma mulher admirável e muito inteligente. Devo dizer que, em geral, não defendo a presença de mulheres no parlamento. Acho que elas podem exercer sua influência com estratégias mais femininas – ela parou, sem dúvida para se lembrar da estratégia feminina com a qual forçou seu relutante marido a entrar para a arena política e chegar ao vasto sucesso que coroou seus esforços. – Mas os tempos mudam. E o que a sra. Macatta faz hoje de fato presta um serviço inestimável para todas as mulheres. É a obra de uma mulher de verdade. Você deveria conhecê-la, é claro.

Bundle soltou um leve suspiro desanimado.

– Ela foi convidada para uma festa na casa de George Lomax na semana que vem. Ele também chamou o papai, que recusou, é claro, mas ele nunca pensou em me convidar. Por achar que sou boba demais, imagino.

Lady Caterham deu-se conta de que sua sobrinha havia evoluído muito mesmo. Teria ela passado por algum romance malfadado? Para lady Caterham, um romance malfadado podia fazer muito bem para as jovens, às vezes. Isso as fazia levar a vida mais a sério.

– Talvez George Lomax só não tenha percebido o quanto você... digamos, cresceu. Não se preocupe, Eileen querida, vou trocar algumas palavras com ele.

– Ele não gosta de mim – disse Bundle. – Sei que não vai me convidar.

– Que bobagem – disse lady Caterham. – Vou fazer questão de que a convide. Conheço Lomax desde que era deste tamanho – disse ela, mostrando uma altura bem pouco provável. – Ficará muito contente em me fazer um favor. E de certo verá por si mesmo o quanto é crucial que as jovens da nossa classe se interessem pelo bem do seu próprio país hoje.

Bundle quase exclamou “Ótimo!”, mas se conteve.

– Vou pegar alguns livros para você agora – disse lady Caterham, levantando-se e, em seguida, soltando um grito estridente: – Senhorita Connor!

Uma assistente impecável, com uma expressão assustada, veio correndo. Lady Caterham deu várias instruções a ela. Pouco depois, Bundle já estava voltando para Brook Street, levando com ela um carregamento inteiro da literatura mais intragável possível.

Seu próximo passo foi ligar para Jimmy Thesiger, que a atendeu todo empolgado.

– Consegui! – disse ele. – Mas foi difícil convencer Bill. Ele meteu naquela cabeça dura dele que me sentiria feito um cordeirinho no meio de um bando de lobos na festa. Mas, depois, acabou entendendo. Arrumei uma papelada imensa para estudar. Relatórios do governo e documentos oficiais, coisas assim. Uma chatice só... Mas tenho que me esforçar. Você já ouviu falar sobre a disputa de fronteiras em Santa Fé?

– Nunca – disse Bundle.

– Bom, estou tendo bastante dificuldade com isso. A coisa durou vários anos e foi muito complexa. Esse vai ser meu assunto para a festa. Hoje em dia, a gente precisa se especializar.

– Voltei para casa com um monte desse tipo de coisa também – disse Bundle. – Uns livros que a tia Marcia me deu.

– Sua tia quem?

– Minha tia Marcia, a cunhada do meu pai. Ela é muito ligada em política. Aliás, ela vai dar um jeito de me conseguir um convite para a festa de George.

– Sério? Digo, que ótimo – seguiu-se uma pausa, e então Jimmy disse: – Escute, será que a gente deveria contar para Loraine que...?

– Acho melhor não.

– Talvez ela não goste de ficar fora disso. E ela realmente deveria ficar fora disso.

– Sim.

– Porque, enfim, não podemos deixar aquela menina correr nenhum perigo!

Bundle percebeu que o sr. Thesiger não tinha lá muito tato. A possibilidade de *ela mesma* correr algum perigo não parecia incomodá-lo em nada.

– Ainda está na linha? – perguntou Jimmy.

– Sim, eu estava só pensando.

– Entendi. Escute, você vai participar do inquérito amanhã?

– Vou, e você?

– Sim. Aliás, o assunto saiu nos jornais da tarde. Mas escondido num canto. É estranho... Achei que fariam um belo estardalhaço.

– Pois é... Eu também.

– Bom – disse Jimmy. – É melhor eu voltar ao trabalho. Acabei de chegar à parte em que a Bolívia mandou uma carta para o nosso governo.

– Acho que é melhor eu começar minha parte também – disse Bundle. – Vai varar a noite nisso?

– Acho que sim. E você?

– Ah, provavelmente sim. Boa noite.

Ambos estavam mentindo da forma mais deslavada possível. Jimmy Thesiger sabia muito bem que havia convidado Loraine Wade para jantar com ele.

Bundle, por sua vez, logo depois de desligar o telefone, vestiu várias roupas comuns que, na verdade, pertenciam à sua criada. E assim que terminou deixou sua casa a pé, pensando se a melhor maneira de se chegar a Seven Dials seria de ônibus ou de metrô.

CAPÍTULO 13
O Clube Seven Dials

Bundle chegou ao número 14 da Hunstanton Street por volta das seis da tarde. Àquela hora, como ela já bem havia imaginado, o Clube Seven Dials estava deserto. O objetivo de Bundle era simples: encontrar seu ex-funcionário, Alfred. Ela estava convencida de que, se conseguisse falar com ele, o resto seria fácil. Bundle tinha um jeito simples e firme de falar com empregados. Era um método que raras vezes falhava, e ela não via motivo algum para falhar agora.

A única coisa da qual não tinha certeza era quantas pessoas estariam nas premissas do clube no momento. Naturalmente, ela pretendia fazer sua visita da forma mais sigilosa possível.

Apesar da hesitação quanto à melhor estratégia de ataque, seu problema foi resolvido sem grandes dificuldades. A porta do número 14 se abriu, e o próprio Alfred apareceu.

– Boa tarde, Alfred – disse Bundle, contente.

Alfred ficou surpreso.

– Ah, boa tarde, milady! Eu... eu quase não a reconheci.

Agradecendo mentalmente às roupas de sua criada, Bundle foi direto ao assunto.

– Preciso falar com você, Alfred. Onde podemos conversar?

– Bom... na verdade, milady... não sei... Esta não é uma das melhores partes da cidade... Então não sei muito bem se...

Bundle o interrompeu.

– Quem está no clube agora?

– No momento, ninguém, milady.

– Então vamos entrar.

Alfred pegou uma chave e abriu a porta. Bundle passou. Confuso e acanhado, Alfred logo a seguiu. Bundle sentou-se e olhou bem nos olhos do encabulado Alfred.

– Você sabe que seu trabalho aqui é totalmente ilegal, imagino – disse ela, sem rodeios.

Desconcertado, Alfred remexeu-se no lugar.

– É verdade, nós já levamos duas batidas da polícia aqui – admitiu. – Mas

nada de comprometedor foi encontrado, graças à impecável organização do sr. Mosgorovsky.

– Não me refiro apenas à jogatina – disse Bundle. – Há mais do que isso acontecendo por aqui... Talvez muito mais do que você imagina. Vou lhe fazer uma pergunta direta, Alfred, e gostaria de uma resposta sincera, por favor. *Quanto lhe ofereceram para deixar seu trabalho em Chimneys?*

Alfred olhou para o teto duas vezes, como se estivesse buscando inspiração, engoliu em seco três ou quatro vezes e então seguiu pelo caminho já esperado de uma personalidade fraca perante outra mais forte.

– Foi o seguinte, milady. Certo dia, o sr. Mosgorovsky e alguns outros senhores foram visitar Chimneys. O sr. Tredwell estava um tanto indisposto... com uma unha encravada, se não me engano... então acabei tendo que recebê-los. Ao fim da visita, o sr. Mosgorovsky ficou por lá para descansar um pouco e, depois de me dar uma bela gorjeta, começou a conversar comigo.

– Certo – disse Bundle, encorajando-o a continuar.

– Bom, para encurtar a história – disse Alfred, acelerando de repente sua narrativa –, ele então me ofereceu cem libras para pedir demissão naquele exato instante e vir para cá, cuidar deste clube. Ele queria alguém acostumado a lidar com famílias de alto nível... para dar um tom melhor ao lugar aqui, como ele disse. Enfim, achei que recusar uma oferta dessas seria abusar da sorte... Isso sem falar no salário. O que recebo aqui é quase o triplo do que ganhava antes.

– Cem libras – disse Bundle. – Isso é muito dinheiro, Alfred. E não lhe disseram nada sobre quem iria preencher seu lugar em Chimneys?

– Eu me opus um tanto à ideia de sair assim de repente, milady. Cheguei a dizer que isso seria estranho e talvez pudesse causar algum inconveniente. Mas o sr. Mosgorovsky conhecia um rapaz... Um sujeito com boas referências que poderia assumir meu lugar no mesmo dia. Então o indiquei para o sr. Tredwell e tudo se resolveu sem problemas.

Bundle acenou com a cabeça. Suas próprias suspeitas haviam se confirmado e tudo correra de acordo com o que ela havia imaginado. Ela então fez outra pergunta.

– Quem é o sr. Mosgorovsky?

– O dono deste clube. É um camarada russo. E muito inteligente também.

Bundle abandonou sua investigação por um instante e mudou de assunto.

– Cem libras é mesmo uma soma muito grande, Alfred.

– Sim, a maior que já recebi, milady – disse Alfred, com toda a sinceridade.

– Você nunca suspeitou de nada de errado por aqui?

– Como assim, milady*?*

– Não me refiro à jogatina. Estou falando de coisas muito mais sérias. Você não quer ser preso, quer?

– Ah, meu Deus! Do que milady está falando?

– Fui à Scotland Yard anteontem – disse Bundle, com firmeza. – Fiquei sabendo de certas coisas muito intrigantes por lá. Quero que você me ajude, Alfred, e, se me ajudar, enfim... Caso algo aconteça, farei o possível para defender você.

– Claro, é só falar, será um prazer, milady. Digo, eu a ajudaria de qualquer jeito.

– Bem, primeiro, quero averiguar este clube de cima a baixo – disse Bundle.

Acompanhada pelo confuso e assustado Alfred, ela realizou uma minuciosa investigação pelo lugar. Nada chamou sua atenção até ela chegar ao salão de jogos, onde Bundle reparou em uma discreta porta em um canto da sala. Essa porta estava trancada.

Alfred prontamente explicou por quê.

– É uma rota de fuga, milady. Do outro lado, há outra sala e uma porta que dá para uma escada, que desce até a rua de trás. É por onde os clientes saem quando há uma batida.

– E a polícia não desconfia?

– A porta dos fundos é disfarçada, milady. Parece ser um armário qualquer.

Bundle sentiu uma onda de empolgação.

– Preciso ver isso – disse ela.

Alfred balançou a cabeça.

– Não é possível, milady. Só o sr. Mosgorovsky tem a chave.

– Bem, há outras chaves por aqui – disse Bundle.

Ela percebeu que a fechadura era muito simples e provavelmente poderia ser aberta sem problemas pela chave de alguma outra porta. Ainda que um tanto desconcertado, Alfred acatou a ordem de procurar as possíveis candidatas.

Depois de quatro tentativas, Bundle conseguiu. Girou a chave, abriu a porta e entrou.

Deparou-se com uma pequena sala lúgubre. Uma mesa comprida ocupava o centro do espaço, com cadeiras em volta. Não havia mais nada na sala, além de dois armários embutidos na parede, um de cada lado da lareira. Alfred apontou para um deles com a cabeça.

– É aquele ali – explicou ele.

Bundle tentou abrir o armário, mas a porta estava trancada, e ela logo percebeu que essa fechadura era muito diferente da anterior. Era de um tipo mais complexo que só se abriria com a própria chave.

– É muito engenhoso – comentou Alfred. – Quando a gente abre, parece um armário mesmo. Com prateleiras, alguns livros e tudo mais. Ninguém nem desconfia, mas, se você tocar no ponto certo, o fundo inteiro se abre.

Bundle havia se virado e estava inspecionando a sala, com um ar pensativo. A primeira coisa que chamou sua atenção foi que a porta pela qual eles tinham entrado havia sido revestida com uma camada de tecido. Ela devia ser à prova de som. Em seguida, seus olhos pararam nas cadeiras. Havia sete delas, três de cada lado e uma um tanto mais imponente na ponta da mesa.

Os olhos de Bundle brilharam. Ela havia encontrado o que procurava. Devia ser ali que a organização secreta se reunia. O lugar era quase perfeitamente planejado. Tudo parecia muito inocente – você poderia simplesmente chegar ali pelo salão de jogos, ou usar a entrada secreta – e quaisquer medidas em termos de sigilo ou precaução poderiam ser explicadas sem nenhum problema pela jogatina ilegal que acontecia na sala ao lado.

Distraída, enquanto ruminava esses pensamentos, ela passou um dedo pelo mármore da prateleira sobre a lareira. Alfred viu isso e interpretou mal seu gesto.

– A senhorita não vai encontrar nenhuma sujeira aí – disse ele. – O sr. Mosgorovsky me mandou limpar esta sala hoje cedo, e eu espanei tudo enquanto ele esperava.

– Ah... – disse Bundle, concentrada. – Hoje cedo, é?

– É bom fazer uma faxina às vezes – disse Alfred. – Por mais que esta sala na verdade nunca seja usada.

Em seguida, ela teve uma epifania.

– Alfred – disse Bundle. – Você precisa encontrar um lugar para eu me esconder aqui.

Alfred olhou para ela em desalento.

– Mas é impossível, milady. Vou arrumar encrenca e acabar sendo demitido.

– Você vai perder o emprego de qualquer jeito se for preso – disse Bundle, sem meias palavras. – Mas, na verdade, você nem precisa se preocupar, ninguém vai saber de nada.

– E, enfim, não tem nem onde – reclamou Alfred. – Veja por si mesma, milady, se não acredita em mim.

Bundle foi forçada a admitir que era um forte argumento. Mas ela era uma

autêntica aventureira.

– Que besteira – disse ela, determinada. – *Tem* que haver algum lugar.

– Mas não há – queixou-se Alfred.

A sala de fato não era nem um pouco propícia para que alguém se escondesse. Persianas encardidas cobriam as janelas sujas, e não havia cortina. O peitoril da janela do lado de fora, conforme Bundle examinou, tinha só dez centímetros de largura! Por dentro, a sala só tinha a mesa, as cadeiras e os armários.

O outro armário estava com a chave na fechadura. Bundle foi até lá e o abriu. Ali dentro, encontrou prateleiras tomadas por uma estranha coleção de copos e potes de cerâmica.

– São só coisas que ninguém nunca usa – explicou Alfred. – Pode ver por si mesma, milady, nem um gato conseguiria se esconder aqui.

Mas Bundle estava examinando as prateleiras.

– Este material é bem frágil – disse ela. – Escute aqui, Alfred, você não tem nenhum armário lá embaixo onde poderia guardar todas estas tralhas aqui? É claro que tem! Ótimo. Então vá buscar uma bandeja e comece logo a descer tudo isso. Rápido... Não há tempo a perder.

– Não posso, milady. E está ficando tarde. Os cozinheiros já estão para chegar.

– O sr. Mosgo sei lá o que só vai aparecer por aqui mais tarde, não vai?

– Ele nunca chega muito antes da meia-noite. Mas por favor, milady...

– Chega de conversa, Alfred – disse Bundle. – Pegue uma bandeja. Se você ficar aqui discutindo comigo, aí *sim* irá arrumar encrenca.

Balançando as mãos ao lado do corpo de tão nervoso, Alfred desceu. Em seguida, voltou com uma bandeja e, já ciente de que seus protestos eram inúteis, começou a trabalhar com uma surpreendente energia que só o medo poderia trazer.

Como Bundle tinha visto, as prateleiras eram removíveis. Ela as desencaixou, colocou-as de lado contra a parede e entrou no armário.

– Hm... – disse ela. – É bem estreito aqui. Vou ficar apertada. Feche a porta devagar, Alfred... Isso. Sim, vai dar certo. Agora, quero uma verruma.

– Uma verruma, milady?

– Foi o que eu disse.

– Não sei se...

– Que besteira, vocês devem ter uma verruma aqui... Talvez até uma pua. Se não tiverem, você vai ter que sair e comprar para mim, então é melhor tentar

encontrar o que pedi.

Alfred desceu e voltou com uma respeitável coleção de ferramentas.

Bundle pegou a que queria e começou, com toda agilidade e eficiência, a abrir um pequeno buraco na porta na altura de seu olho. Ela furou a madeira por fora, para ficar menos perceptível, e não fez nada muito grande, para não chamar a atenção.

– Pronto, isso já vai bastar – disse ela, por fim.

– Ah, mas, milady, milady...

– Pois não?

– Mas eles vão encontrá-la... se abrirem a porta.

– Ninguém vai abrir essa porta – disse Bundle. – Porque você vai trancá-la e guardar a chave.

– E se o sr. Mosgorovsky me pedir a chave?

– Diga a ele que você a perdeu – rebateu Bundle. – Mas ninguém vai se importar com este armário... Ele só está aqui para ninguém desconfiar do outro com a passagem secreta. Agora vamos logo, Alfred, alguém pode aparecer a qualquer momento. Tranque-me aqui, leve a chave e só volte para me soltar quando todo mundo já tiver ido embora.

– A senhorita vai passar mal, milady. A senhorita vai desmaiar...

– Não vou desmaiar coisa nenhuma – disse Bundle. – Mas você bem que poderia me trazer um coquetel. Acho que vou precisar. Depois, tranque a sala, não se esqueça, e ponha todas as chaves que você pegou de volta no lugar. E Alfred... não se preocupe. Lembre-se, se qualquer coisa der errado, vou intervir por você.

“Bom, então é isso”, pensou Bundle consigo mesma depois que Alfred, após ter trazido seu coquetel, por fim se retirou.

Bundle estava despreocupada, a não ser pela chance de que Alfred fraquejasse e acabasse entregando-a. Mas ela sabia que o instinto de autopreservação do rapaz era forte demais para isso. Sua própria experiência de trabalho ali o ajudaria a esconder qualquer emoção sob a máscara de um funcionário bem treinado.

Uma única coisa a preocupava. A interpretação que ela havia feito sobre a faxina da sala naquela manhã poderia estar equivocada. Se esse fosse o caso... Espremida no armário, Bundle resignou-se a suspirar. A perspectiva de passar horas e horas ali à toa não era nada interessante.

Capítulo 14

A reunião secreta

Seria melhor descrever o mais rápido possível o martírio das quatro horas seguintes. Bundle logo ficou muito desconfortável. Ela supôs que a reunião aconteceria, se de fato fosse ocorrer, durante o horário de maior movimento do clube – provavelmente entre a meia-noite e as duas da manhã.

Ela tinha acabado de pensar que já deviam ser pelo menos seis da manhã quando um som muito bem-vindo chegou aos seus ouvidos, o som de uma porta sendo destrancada.

Pouco depois, as luzes se acenderam. Um burburinho de vozes, que ela ouviu por um ou dois minutos, como ondas quebrando ao longe no mar, parou tão rápido como começou, e então Bundle escutou um ferrolho sendo fechado. Alguém claramente tinha vindo do salão de jogos ao lado, e Bundle ficou impressionada com o quanto aquela porta comunicante acolchoada de fato isolava bem o som.

Logo depois, o visitante entrou em seu campo de visão – que era, sim, bem limitado, mas cumpria seu propósito. Um homem alto, forte e de ombros largos, com uma longa barba escura. Bundle lembrou-se de tê-lo visto em uma das mesas de bacará na noite anterior.

Então esse era o misterioso patrão de Alfred, o dono do clube, o sinistro sr. Mosgorovsky. O coração de Bundle disparou, empolgado. Ela tinha tão pouco a ver com seu pai que não estava mais nem se importando agora com o quão desconfortável era sua posição.

O russo passou alguns minutos parado junto à mesa, acariciando a barba.

Em seguida, ele tirou um relógio do bolso e viu as horas. Acenando com a cabeça como se estivesse satisfeito, ele enfiou a mão no bolso de novo e, enquanto pegava algo que Bundle não conseguiu ver o que era, saiu de seu campo de visão.

Quando reapareceu, Bundle mal conseguiu conter uma exclamação de espanto.

Seu rosto agora estava coberto por uma máscara – mas não era uma máscara comum, na forma de um rosto. Era apenas algo que pendia sobre suas feições como uma cortina, com dois buracos para os olhos. A máscara era

redonda e trazia o desenho de um relógio, com os ponteiros marcando seis horas.

“Os Sete Relógios!”, pensou Bundle consigo mesma.

Logo depois, um novo som irrompeu – sete batidas abafadas.

Mosgorovsky foi até onde Bundle sabia ficar a porta do outro armário.

Ela ouviu um estalo metálico e então saudações em uma língua estrangeira.

Em seguida, pôde ver os recém-chegados.

Eles também estavam usando máscaras de relógio, mas seus ponteiros marcavam horários distintos – quatro e cinco, respectivamente. Os dois homens estavam bem vestidos – mas com uma diferença. O primeiro era um jovem esbelto e elegante, com roupas de gala de primeiríssima linha. Pela delicadeza de seus movimentos, parecia ser um estrangeiro, e não um britânico. Já o outro poderia ser descrito como um sujeito forte e magro. Suas roupas o serviam bem, mas não mais do que isso, e Bundle desconfiou de sua nacionalidade antes mesmo de ouvir sua voz.

– Parece que fomos os primeiros a chegar para nossa reunião.

Era uma voz agradável, com um leve sotaque americano e um quê de irlandês.

Com um tom britânico firme, mas um tanto afetado, o jovem elegante disse:

– Não foi nada fácil sair hoje. As coisas nem sempre acontecem como a gente espera. Não sou meu próprio patrão, como o número quatro aqui.

Bundle tentou adivinhar a nacionalidade do rapaz. Até então, ela tinha imaginado que ele poderia ser francês, mas seu sotaque negava essa hipótese. Talvez ele fosse austríaco, pensou ela, ou húngaro, ou até mesmo russo.

O americano foi até o outro lado da mesa, e Bundle ouviu uma cadeira ser puxada.

– A uma hora está indo muito bem – disse ele. – Parabéns pela coragem de se arriscar.

O cinco horas encolheu os ombros.

– Quem não se arrisca... – ele não terminou a frase.

Sete batidas irromperam de novo, e Mosgorovsky foi até a porta secreta.

Bundle passou alguns instantes sem ouvir nada muito distinto, pois o grupo inteiro estava fora de vista, mas logo depois, ouviu a voz do russo barbudo se erguer.

– Vamos dar início aos trabalhos, então?

Ele contornou a mesa e sentou-se ao lado da cadeira maior na ponta, ficando assim bem de frente para o armário onde Bundle estava. O elegante cinco horas acomodou-se à sua direita. O terceiro assento da fileira ficava fora

do alcance de Bundle, mas o americano, o número quatro, passou pelo seu campo de visão logo antes de se sentar.

Do lado mais próximo do armário, Bundle só podia ver duas cadeiras e, enquanto espiava, a mão de alguém encostou a segunda – a do meio, na verdade – contra a mesa. Em seguida, de repente, um dos recém-chegados passou pelo armário e sentou-se de frente para Mosgorovsky. Seja lá quem se sentou ali, ficou bem de costas para Bundle – costas essas que chamaram muito sua atenção, pois eram as costas de uma belíssima mulher, com um vestido bastante decotado.

Foi ela quem falou primeiro. Sua voz era melodiosa, marcada por um sotaque estrangeiro e um tom muito sedutor. Ela estava olhando para a cadeira vazia na ponta da mesa.

– Por onde anda o número sete? – perguntou ela. – Será que ainda conseguiremos vê-lo algum dia, meus amigos?

– Essa foi boa – disse o americano. – Boa mesmo! Esse tal sete horas... já estou até começando a achar que ele nem existe.

– Eu não o aconselharia a pensar assim, meu amigo – disse o russo, cordialmente.

Todos se calaram – com um silêncio um tanto desconfortável. Bundle sentiu a tensão.

Ela ainda estava olhando, fascinada, para as lindas costas à sua frente. Uma pequena pinta escura logo abaixo do ombro direito enfatizava a alvura de sua pele. Era a primeira vez que Bundle via uma personificação das “belas aventureiras” das quais tanto se lia nos romances. Estava certa de que essa mulher devia ter um rosto lindo – um rosto moreno de traços eslavos e olhos intensos.

Bundle foi despertada de seus devaneios pela voz do russo, que parecia estar comandando a reunião.

– Vamos ao trabalho então? Primeiro, nosso companheiro ausente, o número dois!

Ele apontou com um floreio esquisito para a cadeira encostada na mesa ao lado da mulher, gesto esse que todos os presentes imitaram, virando-se para a cadeira também.

– Gostaria que o número dois estivesse aqui conosco hoje – continuou ele. – Há muito a ser feito. Complicações inesperadas sugiram.

– Vocês já receberam o relatório dele? – perguntou o americano.

– Até agora, nada – seguiu-se uma pausa. – Não consigo entender.

– Será que ele pode... ter sido extraviado?

– Bom... é possível.

– Então, em outras palavras, estamos em perigo – disse o cinco horas, baixinho.

Ele pronunciou essa palavra com um ar delicado, mas também satisfeito. O russo acenou com a cabeça, concordando enfaticamente.

– Sim, estamos em perigo. Estão sabendo demais sobre nós... Sobre este lugar. Conheço várias pessoas que já desconfiam de nós – e então acrescentou, com frieza: – Elas precisam ser silenciadas.

Bundle sentiu um leve arrepio percorrer a espinha. Se fosse descoberta, será que eles a silenciariam também? Em seguida, uma palavra de repente chamou sua atenção.

– Mas, então, nada foi encontrado em Chimneys?

Mosgorovsky balançou a cabeça.

– Nada.

De repente, o número cinco inclinou-se sobre a mesa.

– Concordo com Anna. Onde está o nosso presidente... o número sete? Foi ele quem nos convocou aqui. Por que nós nunca o vemos?

– O número sete tem seus próprios métodos de trabalho – disse o russo.

– É o que você sempre diz.

– E digo mais – continuou Mosgorovsky. – Tenho pena do homem, ou da mulher, que tentar enfrentá-lo.

Um silêncio desconfortável tomou a sala.

– Enfim, precisamos continuar – disse Mosgorovsky, baixinho. – Número três, você trouxe as plantas de Wyvern Abbey?

Bundle aguçou os ouvidos. Até agora, ela não tinha visto, nem ouvido nada do número três. Mas assim que o ouviu, logo identificou sua origem. Ele falava com a voz baixa, tranquila e indistinta de um inglês muito bem-educado.

– Estou com elas aqui, senhor.

Alguns papéis foram abertos sobre a mesa. Todos se inclinaram para frente. Em seguida, Mosgorovsky ergueu a cabeça de novo.

– E a lista de convidados?

– Aqui.

O russo leu os nomes.

– Sir Stanley Digby. Sr. Terence O’Rourke. Sir Oswald e Lady Coote. Sr. Bateman. Condessa Anna Radzky. Sra. Macatta. Sr. James Thesiger... – ele parou e então perguntou com um ar confuso: – Quem é esse sr. James Thesiger?

O americano deu risada.

– Acho que você não precisa se preocupar com ele. É só um jovem pateta qualquer.

O russo continuou lendo.

– Herr Eberhard e o sr. Eversleigh completam a lista.

“Sério?”, pensou Bundle consigo mesma. “Mas e aquela doce jovem, lady Eileen Brent?”

– Sim, acho que não temos com o que nos preocupar – disse Mosgorovsky. Ele olhou para os outros. – Imagino que já não haja mais nenhuma dúvida quanto ao valor da invenção de Eberhard.

O três horas respondeu com um lacônico tom inglês.

– Nenhuma.

– Em termos comerciais, aquilo deve valer milhões – disse o russo. – E no cenário das relações internacionais... Bem, vocês conhecem bem a ganância das nações.

Bundle teve a impressão de que ele estava com um sorriso sombrio por trás da máscara.

– Sim – continuou ele. – É uma mina de ouro.

– Que vale muito bem algumas vidas – disse o número cinco, com um ar cínico, e então deu risada.

– Mas vocês sabem como são esses inventores – disse o americano. – Às vezes, essas coisas acabam nem funcionando.

– Um homem como sir Oswald Coote nunca se enganaria – disse Mosgorovsky.

– Falando como um aviador, a ideia me parece bem possível – disse o número cinco. – O projeto vem sendo discutido há anos... e só precisava mesmo de um gênio como Eberhard para ser concretizado.

– Bom – disse Mosgorovsky. – Acho que não precisamos discutir mais nada. Vocês todos já viram as plantas. Acho que não há como melhorar nosso plano original. Aliás, ouvi dizer que uma carta de Gerald Wade foi encontrada... Uma carta que menciona esta organização. Quem a encontrou?

– A filha do lorde Cunningham... lady Eileen Brent.

– Bauer devia ter cuidado disso – disse Mosgorovsky. – Foi um descuido dele. Para quem era essa carta?

– Para a irmã dele, creio eu – disse o número três.

– É um problema – disse Mosgorovsky. – Mas não podemos fazer mais nada agora. O inquérito sobre a morte de Ronald Devereux será amanhã.

Imagino que todas as providências em relação a isso já tenham sido tomadas, certo?

– Relatos de que jovens locais estavam praticando tiro na região já foram espalhados por toda parte – disse o americano.

– Isso deve ser o bastante. Creio que não haja mais nada a ser discutido. Mas acho que devemos todos parabenizar nossa querida uma hora e desejá-la boa sorte no papel que irá fazer.

– Um viva! – exclamou o número cinco. – Viva Anna!

Todos ergueram as mãos com o mesmo gesto que Bundle havia visto antes.

– Viva Anna!

A uma hora aceitou as saudações com um gesto tipicamente estrangeiro. Em seguida, ela levantou-se e os outros fizeram o mesmo. Pela primeira vez, Bundle conseguiu ver o número três enquanto se aproximava para ajudar Anna a vestir seu casaco – um homem alto e corpulento.

Em seguida, o grupo retirou-se pela porta secreta. Mosgorovsky a segurou para que todos passassem. Ele esperou alguns instantes, e então Bundle o ouviu puxar o ferrolho da outra porta e sair por ela, depois de apagar as luzes.

Só duas horas depois o pálido e ansioso Alfred apareceu para libertar Bundle. Ela quase caiu em seus braços, e ele precisou segurá-la.

– Não é nada! – exclamou Bundle. – É só uma câimbra, relaxe. Pronto, só preciso me sentar.

– Ah, meu Deus, milady, deve ter sido horrível.

– Imagine – disse Bundle. – Foi perfeito. Não vá entrar em pânico agora que tudo já passou. As coisas poderiam ter acabado mal, mas graças a Deus não aconteceu nada.

– Graças a Deus mesmo, milady. Passei a noite inteira muito nervoso. Esses sujeitos são estranhos, sabe?

– Muito estranhos mesmo – disse Bundle, massageando com força seus braços e pernas. – Aliás, esse é o tipo de gente que eu até hoje sempre achei que só existia nos livros. Mas, enfim, vivendo e aprendendo, Alfred.

CAPÍTULO 15
O inquérito

Bundle chegou em casa lá pelas seis da manhã. Às nove e meia, já acordada e vestida, ela ligou para Jimmy Thesiger.

A rapidez com que ele atendeu a deixou um tanto surpresa, até ele explicar que estava de saída para comparecer ao inquérito.

– Eu também estou indo – disse Bundle. – E tenho muitas coisas para lhe contar.

– Bem, posso lhe dar uma carona para conversarmos no caminho. Que tal?

– Tudo bem. Mas venha logo, porque você vai ter que me levar até Chimneys. O chefe de polícia ficou de me pegar lá.

– Por quê?

– Porque ele é gentil – disse Bundle.

– Eu também sou – disse Jimmy. – Muito gentil, aliás.

– Ah, você é um pateta, isso sim – disse Bundle. – Foi o que eu ouvi ontem à noite.

– De quem?

– Para ser bem exata... de um judeu russo. Não, digo, foi um...

No entanto, um protesto indignado afogou suas palavras.

– Olha, posso ser um pateta – reclamou Jimmy. – Talvez até seja mesmo, mas não vou deixar nenhum judeu russo ficar falando isso por aí. O que você fez ontem à noite, Bundle?

– Era disso que eu ia lhe falar – disse Bundle. – Mas, por enquanto, até mais.

Ela se despediu com um ar misterioso que deixou Jimmy agradavelmente intrigado. Ele tinha um grande respeito pelas habilidades de Bundle, por mais que não nutrisse qualquer tipo de interesse romântico por ela.

“Ela aprontou alguma coisa”, pensou ele, enquanto tomava às pressas um último gole de café. “Pode apostar, ela aprontou alguma coisa.”

Vinte minutos depois, seu pequeno carro de dois lugares parou em frente à casa na Brook Street, de onde Bundle, que estava à sua espera, desceu a escada correndo. Em geral, Jimmy não era sujeito muito observador, mas reparou que Bundle estava com olheiras e parecia não ter dormido muito bem na noite

anterior.

– Muito bem – disse ele, enquanto dirigia pelos subúrbios. – Que tipo de traquinagem você andou aprontando?

– Eu vou contar tudo – disse Bundle. – Mas não me interrompa até eu terminar.

A história era meio longa, e Jimmy precisou de muito esforço para continuar concentrado na estrada e não causar nenhum acidente. Quando Bundle terminou, ele soltou um suspiro – e então virou-se para ela, com um olhar penetrante.

– Bundle?

– Sim?

– Escute aqui, você está brincando comigo?

– Como assim?

– Sinto muito – desculpou-se Jimmy. – Mas essa história me parece muito estranha... É tudo meio irreal, sabe?

– Sim, eu sei – disse Bundle, compreensiva.

– Parece impossível demais – disse Jimmy, seguindo sua linha de raciocínio. – Uma bela estrangeira, uma sociedade secreta internacional, esse misterioso número sete, que ninguém sabe quem é... Já li esse tipo de coisa centenas de vezes nos livros.

– Claro. Eu também. Mas não é por isso que não pode ser verdade.

– Bem, sim, imagino que não.

– Afinal, a ficção se baseia na realidade. Digo, se essas coisas não acontecessem na vida real, ninguém pensaria nelas.

– Sim, faz sentido – concordou Jimmy. – Ainda assim, sinto que preciso me beliscar para ver se estou mesmo acordado.

– Eu também pensei a mesma coisa.

Jimmy soltou um profundo suspiro.

– Acho que estamos acordados. Vejamos, um russo, um americano, um inglês... um austríaco, ou talvez húngaro... e uma mulher que pode ser de qualquer nacionalidade... talvez russa, ou polonesa... É um grupo bastante diversificado.

– E um alemão – disse Bundle. – Você se esqueceu do alemão.

– Ah... – disse Jimmy, hesitante. – Você acha que...?

– O número dois, o que faltou à reunião, é Bauer... nosso empregado. Isso me pareceu bem claro pelo que eles disseram sobre um relatório que não foi entregue... Por mais que eu não consiga imaginar o que haja para ser relatado

sobre Chimneys.

– Deve ter algo a ver com a morte de Gerry Wade – disse Jimmy. – Há alguma coisa por trás disso que ainda não sabemos. Eles mencionaram Bauer pelo próprio nome, você disse?

Bundle acenou com a cabeça.

– Eles o culparam por não ter encontrado aquela carta antes de mim.

– Bem, acho que está bem claro mesmo, então. Não há como negar. Peço que me perdoe por ter duvidado um pouco a princípio, Bundle... É que, enfim, essa é uma história muito estranha. E pelo que você disse eles sabem que vou estar em Wyvern Abbey semana que vem, é isso?

– Sim, foi então que o americano... foi ele, não o russo... disse que eles não precisavam se preocupar com você... Porque você era só um pateta qualquer.

– Ah! – exclamou Jimmy. Ele cravou o pé no acelerador com força, e o carro disparou pelas ruas. – Ainda bem que você me contou. Isso me dá um interesse pessoal, por assim dizer, pelo caso.

Ele passou um ou dois minutos calados e então voltou a falar:

– Você disse que o inventor alemão se chamava Eberhard?

– Sim. Por quê?

– Espere um pouco. Estou me lembrando de uma coisa. Eberhard, Eberhard... Sim, tenho certeza de que era esse nome mesmo.

– O que foi?

– Eberhard era um sujeito que estava tentando patentear uma invenção para vender. Não sei dizer bem o que era porque não tenho o conhecimento específico para explicar... Mas era algo capaz de deixar um cabo comum tão resistente como uma barra de aço. Eberhard trabalhava com aviões, e essa sua invenção reduziria tanto o peso das peças que praticamente revolucionaria a indústria aeronáutica... Em termos de custo, eu digo. Pelo que sei, ele ofereceu a ideia ao governo alemão, mas eles não se interessaram, dizendo que o projeto tinha alguma falha óbvia... Mas parece que foram bem grosseiros. Ele voltou ao trabalho e resolveu esse problema, seja lá qual fosse, mas ficou ofendido com a postura dos alemães e se recusou a deixar que eles ficassem com sua invenção. Sempre achei que essa história toda devia ser só uma bobagem, mas agora... Parece que faz sentido.

– É isso! – disse Bundle, empolgada. – Acho que você tem razão, Jimmy. Eberhard deve ter oferecido sua invenção para o nosso governo. Eles pediram, ou querem pedir a opinião especializada de sir Oswald Coote, talvez em uma reunião extraoficial na festa em Wyvern Abbey, com sir Oswald, George, o

ministro da Aeronáutica e Eberhard. Acho que Eberhard irá mostrar a eles seus planos, documentos, ou seja lá como se chama isso...

– Fórmula – sugeriu Jimmy. – Acho que “fórmula” é uma boa palavra.

– Sim, ele estará com sua fórmula, que os Sete Relógios estão planejando roubar. Eu me lembro de ouvir o russo dizendo que ela valia milhões.

– Imagino que valha mesmo – disse Jimmy.

– Além de algumas vidas... Foi o que o outro homem disse.

– Bem, parece que já custou – disse Jimmy, com um ar sombrio. – Como prova esse maldito inquérito de hoje. Bundle, você tem certeza de que Ronny não disse mais nada?

– Não – respondeu Bundle. – Só aquilo mesmo. *Seven Dials. Avise... Jimmy Thesiger.* Isso foi tudo o que ele conseguiu dizer, pobre coitado.

– Do que será que ele sabia? – disse Jimmy. – Mas uma coisa é certa. Acho que o seu empregado, Bauer, com certeza foi o responsável pela morte de Gerry. Sabe, Bundle...

– Sim?

– Bom, só estou meio preocupado. Nunca se sabe quem pode ser a próxima vítima! Uma jovem como você não deveria se envolver nesse tipo de coisa.

Bundle não conseguiu conter um sorriso. Ela se deu conta do quanto Jimmy havia levado um bom tempo para passar a tratá-la da mesma forma que Loraine Wade.

– É bem mais provável que seja você do que eu – comentou ela, bem-humorada.

– Tomara – disse Jimmy. – Mas bem que esses canalhas podiam sofrer algumas baixas para variar, não acha? Acordei me sentindo um tanto sanguinário hoje. Diga-me, Bundle, você acha que conseguiria reconhecer alguma dessas pessoas se as visse?

Bundle hesitou.

– Acho que talvez o número cinco – disse ela por fim. – Ele tem um jeito estranho de falar... meio perverso e sibilante... Acho que o reconheceria, sim.

– E o inglês?

Bundle balançou a cabeça.

– Esse foi o que eu menos vi... só de relance... e ele tem uma voz muito comum. Sei que é um homem bem corpulento, mas só isso.

– Tem a mulher também, é claro – continuou Jimmy. – Talvez seja mais fácil com ela. Mas acho pouco provável que você a veja de novo. Imagino que faça trabalhos mais sujos, como sair com ministros do gabinete para arrancar

segredos de Estado depois de alguns drinques. Pelo menos é assim que acontece nos livros. Mas, enfim, não sei, o único sujeito assim que conheço só bebe água morna com umas gotinhas de limão.

– Claro, veja George Lomax, por exemplo. Você consegue imaginá-lo saindo com uma linda estrangeira para tomar uns drinques? – disse Bundle, dando risada.

Jimmy concordou com a crítica.

– E quanto ao camarada misterioso... o número sete? – continuou Jimmy. – Você não imagina quem ele poderia ser?

– Não faço ideia.

– Bem, pelo menos de acordo com os livros, deve ser alguém que todos nós conhecemos. E se fosse o próprio George Lomax?

Bundle balançou a cabeça, relutante.

– Em um livro, seria perfeito – concordou ela. – Mas conhecendo o Olhudo... – ela não resistiu e soltou uma gargalhada. – O Olhudo comandando uma organização criminosa! – exclamou ela. – Não seria incrível?

Jimmy concordou que seria mesmo. A conversa entre os dois levou um certo tempo, e ele acabou desacelerando sem querer uma ou duas vezes. Eles chegaram a Chimneys e encontraram o coronel Melrose já à espera. Jimmy foi apresentado a ele, e os três então foram juntos para o inquérito.

Como o coronel Melrose havia previsto, foi tudo muito simples. Bundle depôs. O médico também. Foram apresentados relatos de que jovens estavam treinando tiro na área naquele dia. E a investigação chegou então ao veredito de uma morte acidental.

Após o inquérito, o coronel Melrose ofereceu-se para levar Bundle de volta a Chimneys, e Jimmy Thesiger voltou para Londres.

Apesar de sua aparente postura descontraída, a história de Bundle o havia impressionado muito. Ele juntou os lábios, com um ar pensativo.

– Ronny, meu velho – murmurou ele. – Vou mostrar a eles do que sou capaz. É uma pena que você não esteja aqui para ver.

Em seguida, outro pensamento passou pela sua cabeça. Loraine! Estaria ela em perigo?

Após um ou dois minutos de hesitação, pegou o telefone e ligou para ela.

– Sou eu, Jimmy. Imaginei que você iria gostar de saber o resultado do inquérito. Morte acidental.

– Ah, mas...

– Pois é, mas acho que há algo a mais por trás disso. O legista foi

influenciado. Alguém está trabalhando para acobertar tudo. Escute, Loraine...

– Sim?

– Escute. Há... há algo estranho acontecendo. Tome muito cuidado, promete? Pelo meu próprio bem.

Ele pôde ouvir o aflito tom de espanto que irrompeu na voz da moça.

– Jimmy... Mas então quem deve estar correndo perigo... *é você*.

Ele deu risada.

– Ah, não tem problema. Sou como um gato, tenho minhas sete vidas. Até mais, minha jovem.

Após desligar, ele passou ainda mais um ou dois minutos perdido em seus pensamentos. Em seguida, chamou Stevens.

– Será que você poderia sair para me comprar um revólver, Stevens?

– Um revólver, senhor? – fazendo jus ao seu treinamento, Stevens não revelou nenhum sinal de surpresa. – De que tipo de revólver o senhor precisa?

– Do tipo que você mete o dedo no gatilho e ele continua disparando até você tirar.

– Um automático, então, senhor.

– Isso – disse Jimmy. – Um automático. De preferência um de cano azul... se você e o homem da loja souberem o que é isso. É que, nos livros americanos, o herói sempre anda com um revólver automático de cano azul no bolso de trás das calças.

Stevens permitiu-se abrir um pequeno sorriso discreto.

– A maioria dos americanos que conheço costuma andar com algo muito diferente no bolso de trás das calças, senhor – comentou ele.

Jimmy Thesiger deu risada.

Capítulo 16

Final de semana em Wyvern Abbey

Bundle chegou a Wyvern Abbey bem a tempo para o chá na tarde de sexta-feira. George Lomax recebeu-a com grande solicitude.

– Minha querida Eileen – disse ele. – Mas que prazer vê-la aqui. Peço que me perdoe por não tê-la convidado quando falei com seu pai, mas para dizer a verdade nunca nem imaginei que este tipo de evento poderia lhe interessar. Fiquei... hã... surpreso e... hã... encantado quando lady Caterham me falou sobre o seu... hã... interesse por... hã... política.

– Eu queria muito vir – disse Bundle com um ar modesto e inocente.

– A sra. Macatta só chegará com o último trem – explicou George. – Ela participou de uma reunião em Manchester ontem à noite. Você conhece Thesiger? Ele é muito jovem, mas tem um conhecimento invejável sobre política externa. Pela sua aparência, ninguém nem suspeitaria.

– Já conheço o sr. Thesiger, sim – disse Bundle, e então apertou com toda a solenidade a mão de Jimmy, que ela percebeu ter repartido seus cabelos ao meio em uma tentativa de parecer um pouco mais sério.

– Escute – disse Jimmy, com uma voz urgente e baixa, assim que George se retirou. – Não fique zangada, mas contei a Bill sobre nossa missão aqui.

– Bill? – indagou Bundle irritada.

– Enfim, é que Bill é um dos nossos, sabe? – disse Jimmy. – Ronny era amigo dele, e Gerry também.

– Ah, eu sei – disse Bundle.

– Mas você se incomodou? Peço desculpas.

– Bill é um bom sujeito, é claro. Não é por isso – disse Bundle. – Mas ele... Bem, Bill vive metendo os pés pelas mãos.

– Ele não tem uma mente lá muito ágil, não é? – comentou Jimmy. – Mas você está se esquecendo de uma coisa... Bill é um sujeito bem forte. E estou achando que ter alguém assim do nosso lado poderia vir muito a calhar aqui.

– Talvez você tenha razão. Como ele reagiu?

– Ele demorou um bocado para entender, mas... Digo, tive que explicar tudo várias vezes. Mas depois de repetir a história com muita paciência e palavras bem simples consegui enfiar os fatos naquela cabeça dura dele. E, claro, ele

agora está com a gente até a morte, por assim dizer.

George reapareceu de repente.

– Preciso apresentá-la a algumas pessoas, Eileen. Sir Stanley Digby... lady Eileen Brent. Sr. O'Rourke – o ministro da Aeronáutica era um homem baixinho, rechonchudo e sorridente, e o sr. O'Rourke, um jovem alto de belos olhos azuis e um típico rosto irlandês, cumprimentou Bundle com entusiasmo.

– E eu achando que esse seria apenas mais um evento político chato como sempre – murmurou ele com um ar galante.

– Ah, pare – disse Bundle. – Estou aqui pela política... Só pela política.

– Imagino que já conheça sir Oswald Coote e lady Coote – continuou George.

– Na verdade, nunca fomos apresentados – disse Bundle, sorrindo, enquanto aplaudia mentalmente as habilidades descritivas de seu pai.

Sir Oswald apertou sua mão com tanta força que ela até fez uma leve careta.

Lady Coote, após cumprimentá-la sem muito entusiasmo, virou-se para Jimmy Thesiger com uma expressão que poderia até ser descrita como alegre. Apesar do seu repreensível hábito de sempre se atrasar para o café, lady Coote nutria grande afeição por esse simpático jovem de rosto corado. Seu impecável ar de bom moço a fascinava. Ela acalentava um desejo maternal de curá-lo de seus maus hábitos e transformá-lo em um incansável trabalhador. Por outro lado, ela nunca havia parado para pensar se, depois disso, ele continuaria ou não tendo o mesmo charme. Ela começou então a contar a ele sobre um terrível acidente de carro que uma de suas amigas havia sofrido.

– Este é o sr. Bateman – disse George, prontamente, como se quisesse passar logo para assuntos mais importantes.

Um jovem sério de rosto pálido fez uma reverência.

– E agora – continuou George – quero apresentá-la à condessa Radzky.

A condessa Radzky estava conversando com o sr. Bateman. Reclinada bem para trás em um sofá, com as pernas cruzadas de uma forma um tanto ousada, fumava um cigarro com uma imensa piteira cravejada de turquesas.

Bundle achou que aquela era uma das mulheres mais lindas que já havia visto. Tinha enormes olhos azuis, cabelos negros como carvão, uma pele aveludada, o nariz meio achatado de uma eslava e um corpo esguio e curvilíneo. Seus lábios ostentavam um tom vermelho que jamais devia ter sido visto antes em Wyvern Abbey, Bundle tinha certeza.

– Essa é a sra. Macatta, não? – disse ela empolgada.

Assim que George respondeu negativamente e apresentou Bundle, a condessa cumprimentou-a com um distraído aceno de cabeça e logo retomou sua conversa com o sisudo sr. Bateman.

Bundle ouviu a voz de Jimmy em seu ouvido dizer:

– Pongo é fascinado por essa bela eslava – disse ele. – Patético, não é? Enfim, venha, vamos tomar um chá.

Eles então voltaram para perto de sir Oswald Coote.

– Aquela sua mansão, Chimneys, é fantástica – comentou o grande homem.

– Fico feliz que tenha gostado – respondeu Bundle, sem jeito.

– Só está precisando de um novo encanamento – disse sir Oswald. – Para modernizar, sabe?

Ele passou mais um ou dois minutos ruminando sobre o assunto.

– Vou alugar a mansão do duque de Alton agora. Por três anos. Só enquanto continuo procurando uma para comprar. Imagino que seu pai não venderia Chimneys mesmo se quisesse, não é?

Bundle quase perdeu o fôlego. Ela teve uma visão assustadora de uma Inglaterra povoada por inúmeros Coote, em inúmeras casas como Chimneys – todas adaptadas com um sistema de encanamento novinho em folha, é claro.

Ela sentiu um repentino e profundo rompante de indignação, que depois logo admitiu ser absurdo. Afinal, bastava uma breve comparação entre lorde Caterham e sir Oswald Coote para saber quem levaria a melhor. Sir Oswald tinha uma daquelas personalidades fortes que pareciam fazer com que todos à sua volta perdessem o brilho. Ele era, como lorde Caterham havia descrito, um rolo compressor humano. Ainda sim, em vários sentidos, sir Oswald era um sujeito simplório. A não ser pelo seu ramo específico de conhecimento e sua notável impetuosidade, ele parecia ser um homem deveras ignorante. Lorde Caterham tinha capacidade e gostava de apreciar uma centena de pequenas minúcias da vida que, para sir Oswald, não passavam de um livro fechado.

Enquanto se deixava levar por essas reflexões, Bundle continuou a conversar com grande empolgação. Ficou sabendo que Herr Eberhard havia chegado, mas estava repousando devido a uma forte dor de cabeça. Quem contou a ela foi o sr. O’Rourke, que por fim achou um espaço ao seu lado e de lá não saiu mais.

Depois de tudo, Bundle subiu para se trocar com uma agradável sensação de expectativa, temperada apenas por um quê de nervosismo sempre que ela pensava na iminente chegada da sra. Macatta. Bundle pressentia que a conversa com ela não seria nada muito agradável.

Seu primeiro choque veio quando desceu, trajando um discreto vestido preto de renda, e passou pelo saguão. Havia um empregado ali – ou ao menos um homem vestido como tal. No entanto, sua figura corpulenta não se adequava muito bem ao disfarce. Bundle parou e olhou para ele.

– Superintendente Battle? – indagou ela.

– Sou eu mesmo, lady Eileen.

– Ah! – exclamou Bundle, confusa. – O senhor está aqui para... para...?

– Para ficar de olho nas coisas.

– Entendi.

– Aquela carta de alerta, sabe... – disse o superintendente. – Ela deixou o sr. Lomax muito preocupado, e ele só se acalmou quando me comprometi a vigiar o evento pessoalmente.

– Mas o senhor não acha que...? – arriscou Bundle.

A última coisa que Bundle queria era sugerir ao superintendente que seu disfarce não era dos melhores. Era como se ele estivesse com uma placa dizendo "oficial de polícia" bem na testa e, para Bundle, nem o criminoso mais distraído do mundo não entraria em alerta logo ao vê-lo.

– Acha que alguém pode me *reconhecer*? – disse o superintendente, inabalado, dando uma distinta ênfase à última palavra.

– Não, é só que... Bem, sim – admitiu Bundle.

Algo que talvez pudesse ser compreendido como um sorriso se abriu no impassível rosto do superintendente Battle.

– Assim já ficam em alerta, não é? Bom, lady Eileen, por que não?

– De fato, por que não? – repetiu Bundle, sentindo-se meio boba.

O superintendente Battle acenou com a cabeça devagar.

– Não queremos que nada de desagradável aconteça, não é mesmo? – disse ele. – Não quero fazer nada engenhoso demais... Só deixar claro para qualquer figurão mal-intencionado que possa estar por aqui que... Bem, só deixar claro que há alguém de olho neles, por assim dizer.

Bundle olhou para ele, admirada. De fato, a repentina aparição de um personagem tão renomado como o superintendente Battle poderia causar um efeito inibidor em qualquer plano maligno e em seus mentores.

– Ser engenhoso demais é um grande erro – insistiu em repetir o superintendente Battle. – O importante é só que não aconteça nada de desagradável neste final de semana.

Bundle seguiu adiante, pensando em quantos outros convidados haviam reconhecido ou acabariam reconhecendo o famoso detetive da Scotland Yard ali.

Ela então encontrou George na sala de visitas, com uma sobrancelha erguida e um envelope na mão.

– É uma grande pena – disse ele. – Recebi um telegrama da sra. Macatta, dizendo que ela não poderá mais vir. Seus filhos estão com caxumba.

O coração de Bundle bateu aliviado.

– Sinto muito, ainda mais por sua causa, Eileen – disse George, gentilmente. – Sei o quanto estava ansiosa para conhecê-la. A condessa também ficará muito decepcionada.

– Ah, não tem problema – disse Bundle. – Seria péssimo se ela viesse e acabasse me passando caxumba.

– Seria terrível mesmo – concordou George. – Mas imagino que essa doença não seja transmitida assim. Na verdade, estou certo de que a sra. Macatta nunca correria esse tipo de risco. Ela é uma mulher corretíssima, muito dedicada às responsabilidades com a comunidade. Em tempos de crise nacional como os de hoje, precisamos todos levar em conta que... – sentindo-se à beira de embarcar em um discurso, George conteve-se. – Mas, enfim, podemos falar sobre isso outra hora – disse ele. – Por sorte, não há pressa no seu caso. Já a condessa, infelizmente, está em nossas terras apenas de passagem.

– Ela é húngara, não é? – perguntou Bundle, que estava curiosa em relação à condessa.

– Sim. Imagino que já tenha ouvido falar do partido da Juventude Húngara. A condessa é uma de suas líderes. É uma mulher muito rica, ficou viúva ainda moça, e vem usando sua fortuna e seus talentos a serviço da sociedade, dedicando-se com especial afinco à questão da mortalidade infantil... que é um grande problema na Hungria atualmente. Eu... ah! Aqui está Herr Eberhard.

O inventor alemão era mais jovem do que Bundle havia imaginado, e não devia ter mais do que 33 ou 34 anos. Ele tinha um jeito grosseiro e desajeitado. No entanto, como pessoa, não era desagradável. Seus olhos azuis eram mais tímidos do que dissimulados e, pelo menos para Bundle, seus trejeitos mais inconvenientes, como o hábito descrito por Bill de roer as unhas, pareciam advir mais de seu nervosismo do que de qualquer outra coisa. Era magro e fraco, com um ar anêmico e delicado.

Com palavras truncadas, ele conversou sem muito jeito com Bundle, e os dois receberam com alívio uma interrupção do descontraído sr. O’Rourke. Em seguida, Bill apareceu esbaforido – não haveria palavra melhor para descrevê-lo, que chegou estabanado como um cachorro – e logo parou ao lado de Bundle. Ele parecia perplexo e incomodado.

– Olá, Bundle. Só soube agora que você tinha chegado. Tive que passar a tarde inteira trabalhando sem parar, senão teria lhe cumprimentado antes.

– As questões de Estado estão complicadas hoje, então? – comentou O'Rourke, com um ar compreensivo.

Bill soltou um grunhido.

– Não sei como é seu chefe – disse ele, irritado. – Parece ser um gordinho camarada. Mas o Olhudo é impossível. Com ele, é só trabalho, trabalho e trabalho, de sol a sol. Tudo o que eu faço está errado, e tudo o que eu ainda não fiz, precisa ser feito.

– Mas que ladainha – comentou Jimmy, que tinha acabado de chegar.

Bill olhou para ele com um ar de reprovação.

– Ninguém sabe o tipo de coisa que eu tenho que aguentar – disse ele, frustrado.

– Andou fazendo sala para a condessa, então, é? – disse Jimmy. – Pobre Bill, isso deve ter sido horrível para um sujeito que odeia tanto as mulheres como você, não é mesmo?

– Como assim? – perguntou Bundle.

– Depois do chá, a condessa pediu a Bill para levá-la a conhecer o lugar – disse Jimmy, abrindo um sorriso malicioso.

– Bem, eu não tinha como recusar, tinha? – disse Bill, com o rosto corado.

Bundle ficou um pouco incomodada. Ela conhecia bem até demais as fraquezas do sr. William Eversleigh ao charme feminino. Nas mãos de uma mulher como a condessa, Bill teria se derretido todo. Ela se perguntou mais uma vez se Jimmy Thesiger deveria mesmo ter envolvido Bill nessa história.

– A condessa é uma mulher encantadora – disse Bill. – E muito inteligente. Vocês precisavam ter ouvido todas as perguntas que ela me fez enquanto eu mostrava o lugar a ela.

– Que tipo de pergunta? – questionou Bundle, de repente.

Bill foi vago em sua resposta.

– Ah, não me lembro bem... Sobre a história da mansão. Sobre os móveis antigos. E... ah, enfim, sobre todo tipo de coisa.

Naquele instante, a condessa entrou na sala. Ela parecia um tanto ofegante e estava linda, com um vestido justo e preto de veludo. Bundle percebeu como Bill correu na mesma hora para perto dela. O circunspecto jovem de óculos logo se juntou a ele.

– Bill e Pongo estão caidinhos por ela – comentou Jimmy Thesiger, dando risada.

Bundle, no entanto, não achou tanta graça assim nisso.

Capítulo 17

Após o jantar

George não era afeito a inovações. Wyvern Abbey não tinha sequer um sistema de aquecimento central. Em decorrência disso, quando as mulheres chegaram à sala de visitas após o jantar, a temperatura do local estava totalmente inadequada ao que seria necessário pelas roupas de gala modernas. O fogo que ardia atrás da grade de aço da bela lareira as atraiu como um ímã, e as três aninharam-se ali em volta.

– Brrrrrrrrrr! – soltou a condessa, com seu belo e exótico sotaque estrangeiro.

– O tempo anda esfriando – disse lady Coote, cobrindo melhor seus largos ombros com um medonho xale florido.

– Por que diabos George não aquece direito esta casa? – perguntou Bundle.

– Vocês, ingleses, nunca se preocupam com isso – disse a condessa.

Ela pegou sua longa piteira e começou a fumar.

– Essa lareira é antiquada – disse lady Coote. – O calor sobe pela chaminé em vez de aquecer a sala.

– Ah! – exclamou a condessa.

Houve uma pausa. A condessa estava tão entediada com sua companhia que a conversa se tornou truncada

– É engraçado pensar que justo os filhos da sra. Macatta acabaram pegando caxumba – disse lady Coote, quebrando o silêncio. – Enfim, não que isso seja engraçado, mas...

– O que é caxumba? – perguntou a condessa.

Bundle e lady Coote começaram a falar ao mesmo tempo, até que por fim, juntas, as duas conseguiram explicar.

– Imagino que as crianças húngaras também tenham isso, não? – perguntou lady Coote.

– Hã? – rebateu a condessa.

– As crianças na Hungria. Elas não têm caxumba?

– Não sei – disse a condessa. – Como eu iria saber?

Lady Coote olhou para ela, um tanto surpresa.

– Mas a senhora não trabalha com...?

– Ah, sim! – a condessa descruzou as pernas, tirou a piteira da boca e desatou a falar. – Tenho histórias terríveis para contar – disse ela. – Das coisas que já vi. É inacreditável. Vocês nem imaginam!

E ela não estava exagerando. A condessa narrou relatos com fluência e vívidos detalhes. Cenas incríveis de fome e miséria foram pintadas para sua plateia. Ela falou sobre a situação de Budapeste logo após a guerra e descreveu suas vicissitudes desde então até o presente. Ela falava com um ar dramático, mas também lembrava um pouco uma vitrola, pensou Bundle. Depois de ligada, ela só recitava o que sabia. Até de repente parar.

Lady Coote ficou muito impressionada – quanto a isso, não havia dúvida –, com a boca meio aberta e seus enormes olhos melancólicos e escuros fixos na condessa. De tempo em tempo, ela a interrompia com algum comentário.

– Uma prima minha perdeu três filhos num incêndio. Não é terrível?

A condessa não dava atenção a ela e só continuava suas histórias. Até que, por fim, parou de falar tão de repente como havia começado.

– Bom, então é isso! – disse ela. – Como eu disse, nós até temos dinheiro... mas nada de organização. O que nos falta é organização.

Lady Coote soltou um suspiro.

– Meu marido sempre diz que nada pode ser feito sem métodos rígidos. Ele atribui todo o seu próprio sucesso a isso. Ele diz que nunca teria conseguido nada na vida sem pensar assim.

Ela suspirou de novo. De repente, veio à sua cabeça a imagem fugidia de um sir Oswald que nunca conseguiu nada na vida. Um sir Oswald que não tivesse perdido, em sua essência, os atributos daquele alegre jovem que trabalhava na bicicletaria. Só por um instante, ela pensou no quanto sua vida poderia ter sido mais feliz caso sir Oswald *não* seguisse métodos rígidos.

Em seguida, por uma associação de ideias bem compreensível, ela virou-se para Bundle.

– Diga-me, lady Eileen, a senhorita gosta daquele seu jardineiro-chefe? – perguntou ela.

– MacDonald? Bem... – Bundle hesitou. – Não sei se alguém poderia dizer que *gosta* de MacDonald – explicou ela, meio sem jeito. – Mas ele é um jardineiro de primeira.

– Ah, eu sei que é! – disse lady Coote.

– Você só precisa colocá-lo em seu devido lugar – disse Bundle.

– Imagino que sim – disse lady Coote.

Ela olhou com inveja para Bundle, que parecia saber pôr MacDonald em

seu devido lugar com tanta facilidade.

– Eu adoraria ter um lindo jardim de luxo – disse a condessa, com um ar sonhador.

Bundle começou a responder, mas então foi interrompida. Jimmy Thesiger entrou na sala e dirigiu-se a ela, usando um estranho tom urgente de voz.

– Escute, você pode vir dar uma olhada naquelas gravuras agora? Estão lhe esperando.

Bundle deixou a sala às pressas, com Jimmy logo atrás.

– Que gravuras? – perguntou ela, enquanto a porta da sala se fechava atrás dos dois.

– Não tem gravura nenhuma – disse Jimmy. – Só precisei inventar alguma coisa para chamar você. Vamos, Bill está nos esperando na biblioteca. Não tem ninguém lá.

Bill estava andando de um lado para o outro pela biblioteca, claramente perturbado.

– Escutem aqui – soltou ele. – Não gostei nada disso.

– Disso o quê?

– De você ter se envolvido nessa história. Aposto que vai dar alguma confusão e aí...

Ele olhou para ela com um patético ar aflito que deu a Bundle uma calorosa sensação de carinho.

– É melhor ela ficar fora disso, não é, Jimmy? – disse ele, apelando ao amigo.

– Foi o que eu falei – rebateu Jimmy.

– Meu Deus, Bundle. Sabe como é... Alguém pode se machucar.

Bundle virou-se para Jimmy.

– O que você contou a ele?

– Ah, tudo.

– Ainda não consegui assimilar essa história direito – confessou Bill. – De você ter ido até aquele lugar em Seven Dials e tudo mais – ele olhou para ela com um ar descontente. – Sério, Bundle, é melhor não.

– É melhor não o quê?

– Você se meter nesse tipo de coisa.

– Por que não? – perguntou Bundle. – É empolgante.

– Ah, sim... É empolgante. Mas pode ser muito perigoso. Veja só o que aconteceu com o pobre Ronny.

– Eu sei – disse Bundle. – E se não fosse pelo seu amigo Ronny acho que

eu nunca teria “me metido”, como você disse, nesse tipo de coisa. Mas agora já estou aqui. E não adianta nada você ficar reclamando.

– Sei que você é de muita confiança, Bundle, mas...

– Dispense os elogios. Vamos logo aos planos.

Para seu alívio, Bill concordou com a sugestão.

– Você tinha razão – disse ele. – Eberhard trouxe algum tipo de fórmula com ele. Ou melhor, ela está com sir Oswald agora. Eles a testaram na fábrica dele... Em grande sigilo e tudo mais. Eberhard foi até lá com ele. Estão reunidos no escritório agora... cuidando dos detalhes práticos, por assim dizer.

– Quanto tempo sir Stanley Digby vai passar aqui? – perguntou Jimmy.

– Ele vai voltar para a cidade amanhã.

– Hm... – disse Jimmy. – Então uma coisa é certa. Se sir Stanley for levar a fórmula com ele, caso alguma coisa estranha vá mesmo acontecer por aqui, será hoje à noite.

– Imagino que sim.

– Só pode ser. O que é ótimo, porque reduz as possibilidades. Mas eles vão precisar ser muito cuidadosos. Temos que planejar tudo. Primeiro, onde estará essa tal fórmula hoje à noite? Com Eberhard ou com sir Oswald Coote?

– Com nenhum dos dois. Pelo que sei, ela será entregue ao ministro da Aeronáutica hoje, para que ele a leve à cidade amanhã. Nesse caso, ela estará com O’Rourke. Com certeza.

– Bom, então só nos resta uma saída. Se alguém for mesmo tentar surrupiar esses papéis, é melhor passarmos a noite inteira de vigia, meu amigo Bill.

Bundle abriu a boca para protestar, mas fechou-a sem dizer nada.

– Aliás – continuou Jimmy. – Aquele sujeito disfarçado de funcionário da Harrods no saguão por acaso é o nosso velho amigo metido a detetive Lestrade da Scotland Yard?

– Brilhante, meu caro Watson – disse Bill.

– Acho que estamos invadindo um pouco o território dele aqui – comentou Jimmy.

– Não temos outra escolha – disse Bill. – Não se quisermos levar isso até o fim.

– Então está combinado – disse Jimmy. – Vamos dividir a noite em dois turnos?

Bundle voltou a abrir a boca, e mais uma vez fechou-a sem dizer nada.

– Claro – concordou Bill. – Quem fica com o primeiro?

– Vamos tirar no cara ou coroa?

– Pode ser.

– Tudo bem. Vamos lá. Cara, você vai primeiro e eu depois. E coroa, vice-versa.

Bill acenou a cabeça. A moeda foi lançada. Jimmy curvou-se para ver o resultado.

– Coroa – disse ele.

– Droga – reclamou Bill. – Você fica com o primeiro turno então, que deve ser o mais divertido.

– Ah, nunca se sabe – disse Jimmy. – Criminosos são muito imprevisíveis. A que horas devo acordar você? Lá pelas três?

– Acho que está bom.

E então Bundle por fim se manifestou:

– E *eu* faço o quê? – perguntou ela.

– Nada. Só vá para a cama e durma.

– Ah! – exclamou Bundle. – Isso não é muito empolgante.

– Nunca se sabe – repetiu Jimmy, brincando. – Talvez você acabe sendo assassinada durante o sono enquanto Bill e eu escapamos ilesos.

– Bem, é sempre uma possibilidade. Sabe, Jimmy, eu não gostei nada daquela condessa. Ela me pareceu muito estranha.

– Que besteira! – rebateu Bill. – Aquela mulher está acima de qualquer suspeita.

– Como você sabe? – perguntou Bundle.

– Sabendo, ora. Um sujeito da embaixada húngara me garantiu que ela era de confiança.

– Ah! – exclamou Bundle, um tanto espantada pelo fervor na resposta de Bill.

– Vocês, mulheres, são todas iguais – resmungou Bill. – Só porque ela é bonita...

Bundle conhecia muito bem essa injusta linha de raciocínio masculina.

– Enfim, só não vá abrir seu coração na orelhinha rosada dela – disse Bundle. – Vou dormir. Eu já estava mais do que cheia daquela conversa na sala, e não vou voltar lá, não.

Ela se retirou. Bill olhou para Jimmy.

– Ah, a boa velha Bundle – disse ele. – Estava com medo de que ela pudesse nos dar problemas. Você sabe como ela adora se envolver em tudo. Mas acho que ela aceitou tudo muito bem.

– Eu também. – concordou Jimmy. – Fiquei surpreso.

– Ela tem bom senso. Sabe reconhecer os limites das coisas. Mas escute, será que nós não deveríamos estar armados? Quem se mete nesse tipo de coisa em geral tem alguma arma.

– Eu trouxe um revólver automático de cano azul – disse Jimmy, com certo orgulho. – É bem pesado e assusta bastante. Você pode pegá-lo emprestado quando precisar.

Bill olhou para ele com uma mistura de respeito e inveja.

– De onde você tirou a ideia de arrumar uma arma? – perguntou ele.

– Não sei – disse Jimmy, casualmente. – Só achei que seria bom.

– Espero só que a gente não acabe atirando na pessoa errada – disse Bill, parecendo um tanto apreensivo.

– Isso seria péssimo – disse o sr. Thesiger, com um ar sério.

Capítulo 18

As aventuras de Jimmy

A partir daqui, nossa narrativa precisa ser dividida em três porções separadas e distintas. A noite acabou sendo agitada, e cada um dos três envolvidos a assistiu do seu próprio ponto de vista.

Vamos começar pelo simpático e cativante jovem Jimmy Thesiger, no momento em que trocou suas últimas palavras de boa noite com seu companheiro de conspiração, Bill Eversleigh.

– Não se esqueça, três da manhã. Se você ainda estiver vivo, isso é – disse Bill, e então acenou com a cabeça gentilmente.

– Posso até ser um pateta – disse Jimmy, lembrando-se com rancor do comentário que Bundle disse ter ouvido –, mas nem de longe tanto quanto pareço.

– Foi isso o que você falou sobre Gerry Wade – disse Bill, devagar. – Está lembrado? E naquela mesma noite, ele...

– Cale a boca, seu idiota – disse ele. – Você não tem *nenhum* tato?

– É claro que tenho – disse Bill. – Sou um jovem diplomata. Todo diplomata tem tato.

– Ah! – rebateu Jimmy. – Então você ainda tem muito a aprender.

– Ainda estou incomodado com Bundle – disse Bill, voltando de repente ao assunto de antes. – Imaginei que lidar com ela seria... bem, difícil. Mas ela melhorou. Melhorou muito.

– Foi o que o seu chefe estava comentando – concordou Jimmy. – Ele disse que ficou muito surpreso com ela.

– Só acho que Bundle exagerou um pouco na encenação – disse Bill. – Mas o Olhudo é tão burro que engole qualquer coisa. Enfim, boa noite. Talvez seja meio difícil me acordar para o meu turno... Mas não desista.

– Difícil vai ser se você tiver o mesmo fim que Gerry Wade – brincou Jimmy.

Bill olhou para ele com um ar de reprovação.

– Por que diabos você está me dizendo uma coisa dessas? – esbravejou ele.

– Foi você quem começou – disse Jimmy. – Agora vá dormir, vá.

Mas Bill não saiu do lugar. Continuou parado, remexendo-se com um ar

inquieto.

– Escute – disse ele.

– Que foi?

– O que eu quis dizer é... bem, você vai ficar bem, não vai? A gente só estava brincando, mas quando penso no pobre Gerry... e no pobre Ronny...

Aflito, Jimmy olhou para ele. Bill era um daqueles tipos que sem dúvida alguma só tinha as melhores intenções, mas os resultados de seus esforços nunca eram muito animadores.

– Estou vendo que vou ter que lhe apresentar o Leopold – disse ele.

Ele enfiou a mão no bolso do terno azul-escuro que tinha acabado de vestir e pegou algo para mostrar a Bill.

– Um genuíno revólver automático de cano azul – disse ele, com certo orgulho.

– Não... – disse Bill. – É sério mesmo?

Ele ficou claramente impressionado.

– Foi meu mordomo Stevens quem o comprou para mim. Está bem lubrificado e com todos os mecanismos em ordem. Basta apertar o gatilho, e Leopold faz o resto.

– Ah! – exclamou Bill. – Escute, Jimmy...

– Diga.

– Tome cuidado. Digo, não me saia atirando com essa coisa por aí a torto e a direito. Vai que o velho Digby é sonâmbulo, e você acaba o acertando sem querer.

– Não se preocupe – disse Jimmy. – Agora que comprei o Leopold, quero fazer valer meu dinheiro, é claro, mas prometo conter meus instintos sanguinários.

– Enfim, boa noite – disse Bill pela décima quarta vez, e então por fim foi embora.

Jimmy ficou sozinho para fazer sua vigília.

Sir Stanley Digby estava ficando em um quarto na ponta da ala oeste. De um lado, havia um banheiro, e do outro, uma porta que se comunicava com outro quarto menor, esse ocupado pelo sr. Terence O’Rourke. As portas desses três cômodos davam para um pequeno corredor. A tarefa do vigilante de plantão era simples. Uma cadeira posicionada com toda discrição à sombra de um armário de carvalho, onde o corredor desembocava na galeria principal, oferecia um ponto de observação perfeito. Não havia nenhuma outra forma de acesso à ala oeste, e ninguém poderia entrar ou sair de lá sem ser visto. Uma lâmpada ainda

estava ligada.

Jimmy acomodou-se na cadeira, cruzou as pernas e ficou de vigília, com Leopold a postos sobre seu joelho.

Ele olhou para o relógio. Eram vinte para a uma – apenas uma hora após todos terem ido dormir. O silêncio era absoluto, a não ser pelo distante tique-taque de um relógio qualquer.

Por um ou outro motivo, Jimmy incomodou-se com esse barulho. Aquilo o lembrava de certas coisas. De Gerald Wade... E daqueles sete relógios tiquetaqueando sobre a lareira... Quem os teria colocado ali, e por quê? Ele estremeceu.

Era sinistro ficar de vigia assim. Não era à toa que as pessoas viam coisas nas sessões de espiritismo. O escuro deixa você fragilizado – pronto para pular ao ouvir o menor barulho. E pensamentos nada agradáveis começam a passar pela sua mente.

Ronny Devereux! Ronny Devereux e Gerry Wade! Ambos jovens, ambos cheios de vida e energia; rapazes comuns, alegres e saudáveis. E agora, onde eles estavam? Sob a terra úmida... sendo devorados por vermes... Urgh! Por que não conseguia tirar esses pensamentos horríveis da cabeça?

Olhou para o relógio de novo. Ainda era só uma e vinte. O tempo parecia se arrastar.

Bundle, mas que garota espetacular! Imagine só, ter a coragem e a ousadia de se meter no meio daquele lugar em Seven Dials. Por que ele mesmo não tivera a coragem e a iniciativa de pensar nisso antes? Talvez por ser uma ideia *fantástica* demais.

O número sete. Quem diabos seria o número sete? E se ele estivesse em Wyvern Abbey naquele exato instante? Talvez sob o disfarce de um empregado. Ele não poderia, é claro, ser um dos convidados. Não, isso seria impossível. Por outro lado, aquela história inteira era impossível. Se ele não confiasse tanto em Bundle – bem, ele só teria achado que ela havia inventado tudo.

Ele bocejou. Era estranho se sentir com sono, mas tão tenso ao mesmo tempo. Olhou de novo para o relógio. Dez para as duas. Pelo menos o tempo estava passando.

E então, de repente, ele prendeu a respiração e inclinou-se para frente em alerta. Ele tinha ouvido um barulho.

Minutos se passaram... e ele ouviu de novo. O rangido de uma tábua... mas aquilo viera de algum lugar lá embaixo. Mais uma vez! Um leve rangido sinistro. Alguém estava se esgueirando pela casa.

Jimmy levantou-se sem fazer barulho e então foi com todo cuidado até o topo da escada. Tudo parecia estar em silêncio. Ainda assim, ele tinha plena certeza de que havia ouvido aqueles passos furtivos. Não foi só sua imaginação.

Bem devagar e com muita cautela, ele desceu a escada, segurando Leopold firme em sua mão. Nenhum som rompia o silêncio no grande saguão. Se o que ele ouviu viera mesmo de algum lugar logo abaixo de onde estava, aquele rangido abafado devia ter vindo da biblioteca.

Jimmy foi até a porta da sala, atento a qualquer ruído, mas não ouviu nada. Em seguida, escancarou a porta de repente e acendeu as luzes.

Nada! A enorme sala foi invadida pela luz. Mas estava vazia.

Jimmy franziu a testa.

– Mas eu poderia jurar que... – murmurou ele para si mesmo.

A biblioteca era enorme e tinha três portas de vidro que davam acesso ao terraço. Jimmy cruzou a sala. A porta do meio estava sem o trinco.

Ele abriu-a e saiu para o terraço, olhando para os dois lados noite afora. Nada!

– Parece tudo normal – murmurou ele. – Mas ainda assim...

Passou mais um instante ali, perdido em seus pensamentos, depois voltou à biblioteca. Atravessou a sala, trancou a porta da entrada e guardou a chave no bolso. Em seguida, apagou a luz e esperou mais um minuto, com os ouvidos atentos, e então se esgueirou até a porta aberta e parou à sua frente, com Leopold a postos na mão.

Teria ele ouvido ou não um leve ruído de passos no terraço? Não... foi só sua imaginação. Ele apertou bem os dedos em volta de Leopold e continuou à escuta...

Ao longe, um carrilhão bateu duas horas da manhã.

Capítulo 19

As aventuras de Bundle

Bundle Brent era uma jovem inteligente – e também de imaginação fértil. Ela já havia previsto que Bill, se não Jimmy, seria contra seu envolvimento nos possíveis riscos daquela noite. Bundle não pretendia perder tempo discutindo. Ela havia arquitetado seus próprios planos e tomado suas próprias iniciativas. Uma breve olhada pela janela de seu quarto pouco antes do jantar a deixou mais do que contente. Ela sabia que as paredes cinzentas de Wyvern Abbey eram adornadas com uma farta camada de trepadeiras, mas a vegetação em volta da parte externa de sua janela parecia ser ainda mais resistente, e poderia ser escalada sem problema algum por alguém com seus dotes atléticos.

No fundo, ela não tinha nada contra os planos de Bill e Jimmy. Mas, em sua opinião, eles eram limitados demais. Ela não fez nenhuma crítica a eles, pois pretendia resolver isso sozinha. Em resumo, enquanto Jimmy e Bill estivessem de vigia dentro da casa, Bundle planejava dedicar sua atenção à área externa.

Bundle deleitou-se ao pensar em sua própria aparente submissão ao insignificante papel a ela atribuído, embora ainda se perguntasse com desprezo como poderia ter sido tão fácil enganar aqueles dois homens. Bill, é claro, nunca fora muito famoso pelo seu brilhantismo. Por outro lado, ele sabia, ou deveria saber como Bundle era. E ela achava que Jimmy Thesiger, mesmo a tendo conhecido há pouco tempo, a havia subestimado ao pensar que poderia descartá-la de forma tão simples e sumária.

Assim que chegou à privacidade de seu quarto, Bundle logo entrou em ação. Primeiro, tirou o vestido de noite e as outras poucas vestes que usava por baixo, e então começou tudo de novo a partir da estaca zero, por assim dizer. Bundle não havia trazido sua criada com ela, e fizera sua própria mala. Caso contrário, a francesa poderia ter ficado intrigada ao ver que a patroa estava levando um par de calças de montaria, mas nenhum outro equipamento de equitação.

Agora, já com as calças de montaria, sapatos com sola de borracha e um pulôver escuro, Bundle estava pronta para tudo. Checou as horas. Ainda era só meia-noite e meia. Cedo demais. Seja lá o que fosse acontecer, ainda iria demorar algum tempo. Seria preciso esperar até que todos os ocupantes da casa

fossem dormir. Uma e meia da manhã foi o horário determinado por Bundle para o início de suas operações.

Ela apagou a luz e sentou-se ao lado da janela para esperar. Na hora estipulada em ponto, levantou-se, abriu a janela e passou a perna para fora. A noite estava linda, fria e tranquila, e o céu estrelado, mas sem lua.

Bundle não teve problemas para descer. Ela e as duas irmãs viviam correndo pelos jardins de Chimneys quando crianças e conseguiam escalar qualquer parede como gatos. Bundle desceu até o canteiro de flores, um tanto ofegante, mas sem nenhum arranhão.

Fez uma pausa para organizar seus planos. Sabia que os quartos onde o ministro da Aeronáutica e seu secretário estavam hospedados ficavam na ala oeste; ou seja, na outra ponta da casa em relação a onde Bundle encontrava-se agora. Ao longo das fachadas sul e oeste, estendia-se um terraço que desembocava contra um pomar cercado.

Bundle saiu do canteiro de flores e dobrou uma esquina da casa, chegando ao começo do terraço na fachada sul, e então seguiu em frente, esgueirando-se em absoluto silêncio, sempre em meio às sombras. No entanto, ao chegar à segunda esquina, levou um susto, pois havia ali um homem, com a clara intenção de bloquear seu caminho.

Logo em seguida, ela o reconheceu.

– Superintendente Battle! Que susto o senhor me deu!

– É para isso mesmo que estou aqui – disse o superintendente, satisfeito.

Bundle olhou para ele. Como sempre, ela percebeu o quanto aquele homem não era nada discreto. Ele era imenso, corpulento e chamava muito a atenção, com sua inconfundível postura britânica. Mas de uma coisa Bundle tinha certeza. O superintendente Battle não era nada bobo.

– O que o senhor está fazendo aqui? – perguntou ela, ainda sussurrando.

– Só cuidando para que ninguém que não deveria apareça por aqui – disse Battle.

– Ah! – exclamou Bundle, um tanto surpresa.

– Como a senhorita, por exemplo, lady Eileen. Imagino que não seja do seu costume sair para caminhar a esta hora da noite assim.

– O senhor está me dizendo para voltar? – perguntou ela devagar.

O superintendente Battle acenou com a cabeça, concordando.

– A senhorita é muito inteligente, lady Eileen. É exatamente isso o que estou dizendo. A senhorita... hã... saiu por uma porta ou pela janela?

– Pela janela. Foi muito fácil descer pelas trepadeiras.

Pensativo, o superintendente olhou para a parede.

– Ah, sim – disse ele. – Imagino que sim.

– E o senhor quer que eu volte? – perguntou Bundle. – Desculpe. Eu só queria ir até o outro terraço.

– Talvez a senhorita não seja a única a querer isso – disse Battle.

– Seria impossível não ver o senhor aqui – retrucou Bundle, com certa maldade.

No entanto, o superintendente reagiu com um ar satisfeito.

– É o que espero – disse ele. – *Nada de confusão*. Esse é o meu lema. E se me permite um conselho, lady Eileen, acho que é hora de a senhorita voltar para a cama.

A firmeza no tom dele não permitiu qualquer protesto. Um tanto cabisbaixa, Bundle refez seus passos. Quando já estava subindo pelas trepadeiras, uma ideia de repente passou pela sua cabeça, e ela quase caiu ao se distrair.

Será que *ela* estaria entre os suspeitos para o superintendente Battle?

Ela havia percebido sinais... Sim, com certeza ela havia percebido sinais em sua postura que poderiam dar isso a entender. Ela não conseguiu conter o riso enquanto voltava ao quarto pela janela. Imagine só, o velho superintendente desconfiando justo *dela!*

Embora tivesse seguido até então as ordens de Battle de voltar ao seu quarto, Bundle não tinha a menor intenção de deitar-se para dormir. Tampouco achava que era isso o que Battle de fato esperava. Ele não era um homem conhecido por esperar pelo impossível. E ficar parada enquanto coisas perigosas e empolgantes poderiam estar acontecendo seria completamente impossível para Bundle.

Ela olhou para o relógio. Eram dez para as duas. Após um breve instante de hesitação, abriu a porta com todo o cuidado. Silêncio absoluto. Tudo parecia estar tranquilo. Ela então saiu para o corredor sem fazer nenhum barulho.

Em certo momento, ela parou, achando ter ouvido uma tábua ranger em algum lugar, mas depois convenceu-se de que não tinha sido nada e seguiu em frente. Ela agora estava no corredor principal, a caminho da ala oeste. Chegou a uma intersecção e espiou com cuidado pelo canto da parede – e então arregalou os olhos, surpresa.

O posto de vigia estava vazio. Jimmy Thesiger não estava lá.

Bundle ficou completamente espantada. O que teria acontecido? Por que Jimmy deixaria seu posto? O que aquilo significava?

Naquele instante, ela ouviu um relógio bater duas horas.

Ela ainda estava parada, tentando decidir o que fazer, quando seu coração de repente deu um pulo e depois pareceu congelar. *A maçaneta da porta no quarto de Terence O'Rourke estava girando lentamente.*

Bundle ficou observando, fascinada. Mas a porta não se abriu. Em vez disso, a maçaneta só voltou bem devagar à sua posição original. O que isso queria dizer?

De repente, Bundle tomou uma decisão. Por algum motivo desconhecido, Jimmy havia abandonado seu posto. Ela precisava falar com Bill.

Com todo cuidado, Bundle voltou às pressas pelo mesmo caminho que tinha feito e então invadiu sem nenhuma cerimônia o quarto de Bill.

– Bill, acorde! Vamos, acorde logo! – sussurrou ela com grande urgência, mas não teve resposta alguma. – Bill! – murmurou Bundle.

Já sem paciência, ela acendeu as luzes, e então ficou embasbacada.

O quarto estava vazio, e ninguém havia sequer deitado na cama.

Então onde estaria Bill?

De repente, ela percebeu uma coisa. *Aquele não era o quarto de Bill.* A delicada camisola jogada sobre a cadeira, as coisas de mulher espalhadas pela cômoda, um vestido de veludo preto esquecido em cima da poltrona – claro, na pressa, ela havia se confundido de porta. Aquele era o quarto da condessa Radzky.

Mas *onde* estaria a condessa, então?

Enquanto Bundle se fazia essa pergunta, o silêncio da noite foi rompido de repente por um barulho inconfundível.

O clamor viera do andar de baixo. Em um instante, Bundle saiu correndo do quarto da condessa e desceu a escada. Os sons vinham da biblioteca – um violento alarido de cadeiras sendo jogadas no chão.

Bundle tentou em vão abrir a porta da biblioteca, que estava trancada, mas pôde ouvir com clareza o estardalhaço do lado de dentro – vozes ofegantes e baques, impropérios nos mais diversos tons, e estrondos aqui e ali quando alguma peça mais leve de mobília era esmagada em meio à batalha.

E por fim, com estampidos sinistros e distintos, quebrando de uma vez por todas o resto da paz que ainda havia naquela noite, dois tiros foram disparados em rápida sucessão.

CAPÍTULO 20

As aventuras de Loraine

Loraine Wade sentou-se na cama e acendeu a luz. Eram exatamente dez para a uma. Ela tinha ido dormir cedo – às nove e meia. Como dominava a invejável arte de conseguir acordar sozinha no horário desejado, pôde aproveitar algumas boas horas de sono revigorante.

Havia dois cães dormindo em seu quarto, e um deles ergueu a cabeça e olhou para ela, com um ar intrigado.

– Quieto, Lurcher – disse Loraine, e o obediente animal então abaixou a cabeça e ficou observando-a entre suas pestanas felpudas.

É verdade que Bundle chegou a suspeitar da postura submissa de Loraine Wade, mas esse breve instante de desconfiança passou, e Loraine pareceu-lhe ser uma jovem muito sensata e estar disposta a não se envolver em toda aquela história.

Ainda assim, quem analisasse melhor seu rosto veria muita força em seus traços frágeis, mas determinados, e em seus lábios capazes de se fechar com grande firmeza.

Loraine levantou-se e vestiu um casaco e uma saia de lã. Em um dos bolsos da blusa, pôs uma lanterna. Em seguida, abriu a gaveta da cômoda e pegou uma pequena pistola com cabo de marfim – que quase parecia um brinquedo – comprada na Harrods, no dia anterior, e estava muito contente com a arma.

Deu uma última olhada pelo quarto para ver se havia se esquecido de alguma coisa, e então o cachorro maior levantou-se e veio até ela, fitando-a com olhos pidões e abanando o rabo.

– Não, Lurcher. Você não pode ir. A mamãe não pode levar você. Agora, fique aqui e se comporte.

Ela deu um beijo na cabeça do cachorro, fez com que ele se deitasse de novo no tapete e então saiu do quarto sem fazer barulho, fechando a porta logo em seguida.

Loraine deixou a casa por uma porta lateral e foi até a garagem, onde seu pequeno carro de dois lugares estava à espera. Desceu a leve rampa da entrada em silêncio, sem ligar o motor até já estar a certa distância da casa. Em seguida, olhou para o relógio de pulso e pisou fundo no acelerador.

Parou o carro em um lugar previamente marcado, junto a um buraco em uma cerca, pelo qual poderia passar sem problemas. Alguns minutos depois, apenas um pouco enlameada, Loraine já estava dentro do terreno de Wyvern Abbey.

Com todo o cuidado possível, dirigiu-se à imponente mansão coberta de trepadeiras. Ao longe, um carrilhão bateu duas horas da manhã.

O coração de Loraine acelerou conforme aproximava-se do terraço. Não havia mais ninguém à vista – nenhum sinal de vida em parte alguma. Tudo parecia tranquilo e silencioso. Ela chegou ao terraço e ficou parada, olhando para os lados.

De repente, sem o menor aviso, uma coisa caiu no chão com um baque, quase aos seus pés. Loraine abaixou-se para pegar. Era um pacote mal embrulhado em papel pardo. Loraine então olhou para cima.

Havia uma janela aberta bem sobre sua cabeça e, enquanto ela olhava, uma perna passou para fora e um homem começou a descer pelas trepadeiras.

Loraine não esperou mais nada e saiu correndo na mesma hora, ainda com o pacote nas mãos.

De repente, o estardalhaço de uma briga irrompeu atrás dela.

– Me largue! – gritou uma voz rouca.

– Ah, é isso o que você quer, é?

Loraine continuou correndo, sem ver para onde, em pânico, dobrou uma esquina da casa e chegou ao terraço... E deu de cara com os sólidos braços de um homem enorme.

– Pronto, pronto – disse o superintendente Battle, gentilmente.

Loraine ainda mal conseguia falar.

– Ah, rápido! Rápido! Eles estão se matando! Por favor, rápido!

O estampido seco de um tiro de revólver cortou a noite... seguido por outro.

O superintendente Battle saiu correndo, e Loraine o seguiu. Os dois contornaram a casa e então chegaram à porta da biblioteca no terraço, que estava aberta.

Battle inclinou-se e acendeu uma lanterna. Loraine estava logo atrás, espiando sobre seu ombro. Ela soltou um leve soluço aflito.

Bem na soleira da porta, estava caído Jimmy Thesiger, sobre o que parecia ser uma poça de sangue. Seu braço direito pendia em uma posição estranha.

Loraine soltou um grito agudo.

– Ele está morto – gritou ela. – Ah, Jimmy... Jimmy... ele está morto!

– Calma, calma – disse o superintendente Battle, para tranquilizá-la. – Não

fique assim. Ele não está morto, tenho certeza. Veja se você consegue encontrar o interruptor e acenda a luz.

Loraine o obedeceu. Ela cambaleou pela sala, encontrou o interruptor ao lado da porta e o acionou. A luz inundou a sala. O superintendente Battle suspirou aliviado.

– Está tudo bem... Ele só levou um tiro no braço direito e desmaiou pela perda de sangue. Venha aqui e me ajude com ele.

Alguém bateu à porta da biblioteca. Vozes irromperam, perguntando coisas, discutindo, exigindo explicações.

Confusa, Loraine olhou para a porta.

– Será que eu...?

– Não há pressa – disse Battle. – Já vamos deixá-los entrar. Agora, venha aqui e me dê uma ajuda.

Obediente, Loraine foi até ele. O superintendente havia pegado um grande lenço limpo e o estava usando para fazer um curativo no braço do homem. Loraine o ajudou.

– Ele vai ficar bem – disse o superintendente. – Não se preocupe. Esses sujeitos têm mais vidas do que um gato. Não foi nem a perda de sangue o que o apagou. Ele deve ter batido a cabeça no chão quando caiu.

Pelo lado de fora, as batidas na porta retumbavam cada vez mais alto. A enfurecida voz de George Lomax irrompeu alta e distinta:

– Quem está aí? Abra já essa porta!

O superintendente Battle suspirou.

– Acho que é melhor mesmo – disse ele. – É uma pena.

Seus olhos dardejaram pela sala, assimilando a cena. Havia um revólver automático caído ao lado de Jimmy. O superintendente pegou-o com delicadeza e o examinou. Soltou um grunhido e o deixou sobre uma mesa. Em seguida, atravessou a biblioteca e abriu a porta.

Várias pessoas invadiram a sala, quase todas falando ao mesmo tempo. George Lomax, gaguejando uma série de palavras inconformadas que se recusavam a sair com a devida fluência, exclamou:

– O... o... que é isso? Ah, é o senhor, superintendente! O que houve? Escute... o que foi... o que foi que houve?

– Meu Deus! Jimmy, meu velho! – disse Bill Eversleigh, vendo o amigo caído no chão.

– Pobre rapaz! – gritou lady Coote, envolta em uma resplandecente camisola púrpura, e então passou pelo superintendente Battle e prostrou-se sobre

Jimmy com um ar maternal.

– Loraine! – disse Bundle.

– *Gott im Himmel!* – exclamou Herr Eberhard, e outras palavras da mesma natureza.

– Meu Deus, o que foi isso? – indagou sir Stanley Digby

– Vejam só quanto sangue! – berrou uma criada, e então soltou um grito empolgado.

– Minha nossa! – exclamou um empregado.

– Parem, isso é inaceitável! – disse o mordomo, com muito mais firmeza em sua voz do que seria de se esperar, dispersando a criadagem.

– Não seria melhor pedir para que algumas dessas pessoas se retirem, senhor? – disse o prestativo sr. Rupert Bateman a George.

Só então todos respiraram fundo.

– É inacreditável! – exclamou George Lomax. – O que foi que *aconteceu*, Battle? – Battle olhou bem para ele, e então George recobrou sua postura contida de sempre. – Certo... – disse ele, indo até a porta. – Peço que todos voltem para a cama, por favor. Houve um... hã...

– Um pequeno incidente – disse o superintendente Battle, tranquilo.

– Um... hã... um incidente. Agradeceria muito se todos pudessem voltar para a cama.

No entanto, todos pareciam pouco dispostos a atender seu pedido.

– Lady Coote, por favor...

– O pobre rapaz... – disse lady Coote, com um tom maternal.

Ela levantou-se com grande relutância. Ao fazer isso, Jimmy acordou e sentou-se no chão.

– Oi! – disse ele, sem muito jeito. – O que está acontecendo?

Olhou à sua volta, meio perdido por um instante, e então compreendeu a situação.

– Vocês o pegaram? – perguntou ele, ansioso.

– Quem?

– O homem. O que desceu pelas trepadeiras. Eu estava perto da porta ali. Eu o agarrei, e depois não paramos mais até...

– Foi um daqueles malditos gatunos assassinos – disse lady Coote. – Pobre rapaz!

Jimmy estava olhando à sua volta.

– Bom... parece que nós... hã... fizemos uma bela bagunça aqui. O sujeito era forte feito um touro, e nós acabamos quebrando várias coisas.

As condições da sala serviam como uma prova incontestável disso. Tudo o que havia de frágil em um raio de quatro metros à sua volta que poderia ser quebrado havia sido destruído.

– E o que foi que aconteceu então?

Mas Jimmy continuava olhando para os lados, à procura de alguma coisa.

– Onde está Leopold? O belo automático de cano azul?

Battle apontou para o revólver sobre a mesa.

– Ele é seu, sr. Thesiger?

– Isso mesmo. Esse é o pequeno Leopold. Quantos tiros foram disparados?

– Apenas um.

Jimmy reagiu com um ar contrariado.

– Mas que decepção, Leopold – murmurou ele. – Acho que não puxei o gatilho direito, ou então teria disparado várias vezes.

– Quem atirou primeiro?

– Na verdade, fui eu – disse Jimmy. – O homem conseguiu se soltar de mim uma hora de repente. Eu o vi indo até a porta, e meti o dedo no Leopold para atirar. Ele se virou e disparou contra mim, e então... Bem, acho que foi depois disso que apaguei.

Ele coçou a cabeça, um tanto cabisbaixo.

Mas, de repente, sir Stanley Digby entrou em alerta.

– Você disse que ele desceu pelas trepadeiras? Meu Deus, Lomax, você acha que eles conseguiram levar o que queriam?

Ele saiu correndo da sala. Por algum estranho motivo, ninguém disse mais nada durante sua ausência. Após alguns minutos, sir Stanley voltou. Seu rosto gorducho e arredondado estava pálido feito um fantasma.

– Meu Deus, Battle – disse ele. – Eles levaram tudo. O’Rourke está dormindo feito uma pedra... Parece que foi dopado. Não consegui acordá-lo. E os papéis sumiram.

CAPÍTULO 21

A recuperação da fórmula

– *Der liebe Gott!* – sussurrou Herr Eberhard.

Seu rosto estava completamente pálido.

George disparou um olhar soberbo de reprovação para Battle.

– É verdade, Battle? Eu deixei tudo aos seus cuidados.

A fachada pétrea do superintendente continuou inabalável. Nenhum músculo sequer se mexeu em seu rosto.

– Até os melhores sofrem suas derrotas, senhor – disse ele, baixinho.

– Então quer dizer... que o documento foi roubado mesmo?

Mas para a surpresa de todos o superintendente balançou a cabeça.

– Não, não, sr. Lomax. A situação não é tão grave como o senhor pensa. Está tudo bem. Mas o crédito não é meu. Agradeça a esta jovem aqui.

Ele apontou para Loraine, que olhou para ele, surpresa.

Battle foi até ela e pegou com delicadeza o embrulho de papel pardo que ela ainda estava segurando sem nem se dar conta.

– Acho que o senhor encontrará o que procura nesse pacote – disse ele.

Sir Stanley Digby, sendo mais ágil do que George, tomou o pacote de suas mãos e o abriu, e então analisou seu conteúdo. Um suspiro de alívio escapou de seus lábios, e ele enxugou a testa. Herr Eberhard pegou o valioso fruto de seu cérebro e o abraçou junto ao peito, disparando uma torrente de palavras em alemão.

Sir Stanley virou-se para Loraine, apertando sua mão calorosamente.

– Minha cara, devemos eterna gratidão à senhorita – disse ele.

– Sim, de fato – disse George. – Mas eu... hã...

Ele hesitou, perplexo, olhando para aquela jovem que nunca havia visto antes. Loraine disparou um olhar aflito para Jimmy, que veio ao seu resgate.

– Hã... essa é a senhorita Wade – explicou Jimmy. – A irmã de Gerald Wade.

– Ah, sim – disse George, apertando calorosamente a mão da garota. – Minha querida srta. Wade, devo expressar minha profunda gratidão pela sua ajuda. Mas confesso que não...

Por delicadeza, ele fez uma pausa, e quatro dos presentes sentiram que

explicar a situação não seria nada muito simples. O superintendente Battle então entrou em cena.

– Talvez seja melhor deixar isso para depois, senhor – sugeriu ele, delicadamente.

O prestativo sr. Bateman desviou ainda mais o assunto.

– Não seria prudente que alguém fosse ver se O'Rourke está bem? Talvez até chamar um médico, senhor?

– Claro – disse George. – Claro. Que negligência de nossa parte não ter pensado nisso antes – ele olhou para Bill. – Ligue para o dr. Cartwright. Peça para que ele venha até aqui. Se possível, explique a ele que o caso exige... hã... máxima discrição.

Bill retirou-se para cumprir sua tarefa.

– Vou subir com você, Digby – disse George. – Talvez possamos fazer alguma coisa... tomar certas medidas, enfim... enquanto esperamos o médico chegar.

Virou-se com um ar aflito para Rupert Bateman. A eficiência sempre se faz notar. Era Pongo quem de fato estava no comando da situação.

– Quer que eu suba com o senhor?

George aceitou a oferta com alívio. Aquele sim, pensou ele, era um sujeito com quem se podia contar. Foi tomado pela profunda confiança na eficiência do sr. Bateman que todos os que conheciam aquele formidável jovem sentiam.

Os três se retiraram juntos da sala. Lady Coote murmurou baixinho, com pesar:

– Pobre rapaz. Talvez eu possa fazer alguma coisa... – e saiu às pressas atrás deles.

– Essa mulher tem um espírito muito maternal – observou o superintendente, pensativo. – Muito maternal mesmo. Onde será que...

Três pares de olhos intrigados viraram-se para ele.

– Onde será que está sir Oswald Coote? – disse o superintendente Battle, devagar.

– Ah! – exclamou Loraine. – O senhor acha que ele foi assassinado?

Battle balançou a cabeça para ela, com um ar reprovador.

– Não seja tão dramática assim – disse ele. – Não, acho apenas que...

Ele parou de repente, inclinando a cabeça de lado, à escuta – com uma de suas enormes mãos erguidas, pedindo silêncio.

Em seguida, todos ouviram o que os sentidos mais aguçados de Battle captaram primeiro. Passos que vinham do terraço lá fora, ecoando claramente,

sem nenhuma discrição. Pouco depois, surgiu na porta uma figura corpulenta que parou ali, encarando a todos e parecendo emanar um estranho quê de domínio sobre a situação.

Era sir Oswald, que então olhou lentamente de rosto em rosto, assimilando os detalhes da cena. Jimmy, com seu braço envolto em uma atadura improvisada; Bundle, em seu traje um tanto incomum; Loraine, que ele não conhecia. Seus olhos por fim pararam no superintendente Battle, e ele falou com uma voz alta e firme:

– O que está acontecendo aqui, inspetor?

– Houve uma tentativa de roubo, senhor.

– *Tentativa,* é?

– Graças a esta jovem aqui, a srta. Wade, os ladrões não conseguiram levar nada.

– Ah! – exclamou ele, encerrando sua observação. – Mas e quanto a *isto aqui,* o que o senhor me diz?

Ele mostrou então uma pequena pistola Mauser, segurando-a com cuidado pelo cabo.

– Onde o senhor encontrou isso, sir Oswald?

– No gramado lá fora. Imagino que algum dos ladrões deixou-a cair enquanto fugia. Eu a peguei com bastante cuidado, caso o senhor queira examiná-la à procura de digitais.

– O senhor pensa em tudo, sir Oswald – disse Battle.

Ele pegou a pistola, manuseando-a com o mesmo cuidado, e colocou-a sobre a mesa ao lado do revólver Colt de Jimmy.

– Mas agora tenha a gentileza de me explicar o que aconteceu – disse sir Oswald.

O superintendente Battle fez um breve resumo dos eventos da noite. Sir Oswald franziu a testa, pensativo.

– Certo – disse ele, firme. – Depois de ferir e nocautear o sr. Thesiger, o homem saiu correndo e fugiu, deixando sua pistola cair no meio do caminho. O que eu não entendo é por que ninguém o perseguiu.

– Porque foi só quando ouvimos a história do sr. Thesiger que soubemos o que houve – explicou o superintendente Battle, impassível.

– O senhor... hã... não o viu nem de relance fugindo quando chegou ao terraço?

– Não, acho que não o peguei por uma questão de segundos. A noite está escura sem lua e, depois de deixar o terraço, seria impossível vê-lo. Ele deve ter

saído correndo assim que atirou.

– Hm – disse sir Oswald. – Ainda acho que uma busca deveria ter sido feita. Alguém poderia ter sido destacado para...

– Tenho três homens de vigia lá fora – murmurou o superintendente.

– Ah! – exclamou sir Oswald, um tanto surpreso.

– Eles receberam ordens para deter qualquer um que tentasse deixar a área.

– E mesmo assim... não pegaram ninguém?

– E mesmo assim não pegaram ninguém – concordou Battle, com um ar sério.

Sir Oswald olhou-o como se algo em suas palavras tivesse o intrigado.

– O senhor está me dizendo tudo o que sabe, superintendente Battle? – perguntou ele, com firmeza.

– Sim, sir Oswald... Tudo o que *sei.* Já o que penso, é outra história. Porque posso estar pensando em coisas bem curiosas... Mas enquanto o pensamento não resulta em algo concreto é melhor não comentar nada.

– Ainda assim – disse sir Oswald, devagar –, eu gostaria de saber no que o senhor está pensando, superintendente Battle.

– Primeiro, senhor, penso que este lugar tem trepadeiras demais... Com licença, tem uma folhinha aqui no seu casaco... Sim, trepadeiras demais nas paredes. Isso complica as coisas.

Sir Oswald olhou bem para ele, mas qualquer resposta que poderia estar passando pela sua cabeça foi interrompida pela chegada de Rupert Bateman.

– Ah, aí está o senhor, Sir Oswald. Ainda bem. Lady Coote acabou de sentir sua falta... e já estava achando que o senhor havia sido morto pelos ladrões. Acho que é melhor o senhor ir falar com ela agora mesmo, sir Oswald. Ela está muito preocupada.

– Maria é uma mulher muito boba – disse sir Oswald. – Por que alguém me mataria? Vamos lá então, Bateman.

Ele deixou a sala com seu secretário.

– Esse jovem é muito eficiente – disse Battle, olhando para eles enquanto se retiravam. – Qual é o nome dele mesmo? Bateman?

Jimmy acenou a cabeça.

– Bateman... Rupert Bateman – disse ele. – Seu apelido é Pongo. Estudei com ele.

– É mesmo? Mas que interessante, sr. Thesiger. E o que o senhor achava dele na época?

– Ah, ele sempre foi esse mesmo tonto.

– Um tonto? Não é o que eu imaginaria – comentou Battle.

– Ah, o senhor sabe o que quero dizer. É claro que ele não era um tonto de verdade. Ele era muito inteligente e vivia estudando. Mas era muito sério. Sem nenhum senso de humor.

– Ah! – exclamou o superintendente Battle. – Que pena. Homens sem senso de humor costumam se levar a sério demais... e acabam arrumando confusão.

– Não consigo imaginar Pongo se metendo em confusão – disse Jimmy. – Ele vem se saindo muito bem... Ganhou a confiança do velho Coote e parece que não vai mais perder o cargo para ninguém.

– Superintendente Battle – interrompeu Bundle.

– Sim, lady Eileen?

– O senhor não achou muito estranho sir Oswald não ter explicado o que estava fazendo no jardim no meio da noite?

– Ah! – exclamou Battle. – Sir Oswald é um grande homem... e grandes homens não dão explicações a menos que alguém as exija. Apressar-se para oferecer explicações e desculpas é sempre um sinal de fraqueza. Sir Oswald sabe disso tão bem como eu. Ele nunca apareceria se justificando... não ele. Ele só entrou em cena e jogou a batata-quente para *mim*. Sir Oswald é um grande homem.

As palavras do superintendente revelaram tamanha admiração que Bundle nem disse mais nada.

– Mas enfim... – disse o superintendente Battle, olhando ao seu redor e dando uma leve piscadela. – Agora que estamos todos reunidos e mais calmos... *eu* gostaria de saber como a srta. Wade conseguiu chegar tão rápido aqui.

– Ela deveria é estar envergonhada – disse Jimmy. – Por ter nos enganado assim.

– Por que só eu iria ficar de fora disso tudo? – rebateu Loraine, com um ar dramático. – Essa nunca foi minha intenção... não, mesmo desde aquele primeiro dia na sua casa, quando vocês dois me explicaram que seria melhor para mim só ficar quieta em casa e longe do perigo. Eu não disse nada, mas decidi que não iria aceitar isso, não.

– Bem que desconfiei – disse Bundle. – Você se convenceu rápido demais. Imaginei mesmo que você deveria estar tramando alguma coisa.

– Achei que você tinha sido é muito sensata – disse Jimmy Thesiger.

– Mas é claro, meu querido Jimmy – disse Loraine. – Foi muito fácil enganar você.

– Obrigado pela gentileza – disse Jimmy. – Enfim, continue, não se importe

comigo.

– Quando você me ligou e disse que algo perigoso poderia acontecer, só fiquei ainda mais determinada – explicou Loraine. – Fui até a Harrods e comprei uma pistola. Esta aqui.

Ela sacou uma arma delicada, que o superintendente Battle pegou e examinou.

– É um brinquedinho letal, srta. Wade – disse ele. – A senhorita por acaso... hã... usou-a alguma vez?

– Nunca – disse Loraine. – Mas achei que se estivesse com ela... bem, pelo menos me sentiria mais segura.

– Entendo – disse Battle, sério.

– Eu só queria vir aqui para ver o que estava acontecendo. Deixei meu carro na estrada, pulei a cerca viva e vim andando até o terraço. Eu mal tinha parado no lugar, quando de repente... *pum*! Uma coisa caiu bem aos meus pés. Eu a peguei e então dei uma olhada para ver se entendia o que era aquilo. Foi então que vi um homem descendo pelas trepadeiras e saí correndo.

– Muito bem – disse Battle. – Agora, a senhorita poderia me descrever esse homem?

A jovem balançou a cabeça.

– Estava escuro demais. Acho que era um homem grande... mas só reparei nisso.

– E o senhor, Thesiger? – perguntou Battle, virando-se para ele. – O senhor chegou a lutar com o homem... pode me dizer algo sobre ele?

– Ele era um sujeito bastante truculento... mas é só o que tenho a dizer. Ele soltou alguns grunhidos roucos... quando o agarrei pela garganta. Ele disse, “Me largue, rapaz!”, ou algo assim.

– Então era um homem pouco instruído?

– Sim, imagino que sim. Ele falava como tal.

– Ainda não entendi direito a história do pacote – disse Loraine. – Por que ele o jogou lá do alto assim? Será que estava o atrapalhando na hora de descer?

– Não – disse Battle. – Tenho uma teoria bem diferente para isso. Acho que o pacote foi jogado deliberadamente para a senhorita... ou pelo menos é nisso que acredito.

– Para *mim*?

– Bom, digamos que... para a pessoa que o ladrão imaginava estar ali.

– Essa história está ficando muito complicada – disse Jimmy.

– Sr. Thesiger, assim que chegou aqui, o senhor acendeu as luzes?

– Sim.

– E não havia ninguém na sala?

– Ninguém.

– Mas antes o senhor achou ter ouvido alguém andando aqui dentro?

– Sim.

– E depois de ir até a porta do terraço, o senhor apagou a luz de novo e trancou a porta?

Jimmy acenou com a cabeça.

O superintendente Battle olhou atentamente ao seu redor, até parar em um grande biombo de couro espanhol ao lado de uma das estantes de livros.

Com um movimento brusco, ele atravessou a sala e olhou atrás da divisória.

Ele soltou um impropério, que logo trouxe os outros três presentes ao seu lado.

Encolhida ali estava a condessa Radzky, desmaiada no chão.

CAPÍTULO 22
A história da condessa Radzky

A condessa recobrou os sentidos de uma forma muito diferente da de Jimmy Thesiger. Foi uma cena mais demorada e infinitamente mais dramatizada.

"Dramatizada" foi a expressão usada por Bundle, que a socorreu com muito cuidado – resumindo-se em grande parte a jogar água fria sobre o rosto –, e a condessa reagiu de imediato, passando sua mão branca e espantada pela testa enquanto murmurava baixinho.

Foi então que Bill, depois de ter cumprido sua missão de ligar para o médico, entrou às pressas na sala e começou (na opinião de Bundle) a fazer um lamentável papel de idiota.

Debruçou-se sobre a condessa, preocupado e ansioso, e fez uma série de comentários imbecis para ela:

– Calma, condessa. Está tudo bem. Não se preocupe. Não tente falar. Pode lhe fazer mal. Só fique deitada. A senhorita já vai se sentir melhor. Vai passar. É melhor não dizer nada até melhorar. Não se apresse. Apenas fique deitada e feche os olhos. Suas memórias já vão voltar. Tome outro gole de água. Aqui, tome um conhaque. Isso ajuda. Não acha, Bundle, que uma dose de conhaque pode...?

– Pelo amor de Deus, Bill, deixe-a em paz – disse Bundle, seca. – Ela já vai melhorar.

Em seguida, com um hábil gesto, ela aspergiu mais um punhado de água gelada sobre a bela maquiagem no rosto da condessa.

A condessa tomou um susto e endireitou-se, parecendo agora bem mais desperta.

– Ah! – murmurou ela. – Acordei. Sim, já acordei.

– Calma – disse Bill. – Não tente falar até se sentir melhor.

A condessa ajeitou as dobras de sua camisola quase transparente para se cobrir.

– Já estou me lembrando – murmurou ela. – Sim, já estou me lembrando.

Ela olhou para a pequena plateia reunida à sua volta, percebendo talvez certa indiferença nos atentos rostos que a encaravam. Ainda assim, abriu um belo sorriso para o único ali que claramente exibia uma expressão bem diferente.

– Ah, meu bravo cavalheiro inglês – murmurou ela baixinho. – Não se preocupe. Está tudo bem comigo.

– Ah, que bom! Mas tem certeza? – perguntou Bill, ansioso.

– Claro – disse ela, sorrindo em resposta. – Nós, húngaras, temos nervos de aço.

Uma intensa expressão de alívio tomou o rosto de Bill, logo substituída por um ar satisfeito – que deixou Bundle com uma imensa vontade de lhe dar um pontapé.

– Tome um pouco de água – disse ela, seca.

A condessa recusou a água. Jimmy, mais sensível ao sofrimento da donzela, sugeriu um coquetel. A ideia foi bem recebida pela condessa. Depois de tomar a bebida, ela olhou de novo à sua volta, dessa vez com um ar mais atento.

– O que foi que aconteceu? – perguntou ela de repente.

– Era exatamente isso o que estávamos esperando que a senhorita pudesse nos contar – disse o superintendente Battle.

A condessa olhou bem para ele, como se só agora tivesse reparado na presença daquele enorme homem sisudo.

– Eu fui até o seu quarto – disse Bundle. – A cama estava arrumada, e a senhorita não estava lá.

Ela fez uma pausa, encarando com um ar acusatório a condessa, que fechou seus olhos e acenou lentamente com a cabeça.

– Sim, sim. Já me lembrei de tudo. Ah, foi terrível! – ela estremeceu. – Vocês querem que eu conte?

– Por gentileza – disse o superintendente Battle, enquanto Bill o atropelava, falando:

– Só se a senhorita quiser.

A condessa hesitou entre os dois, mas o olhar tranquilo e firme do superintendente Battle venceu a disputa.

– Eu não consegui dormir – começou a explicar a condessa. – Esta casa... ela tem um ar muito opressor. Isso me deixou com os nervos à flor da pele, como vocês dizem. Nesse estado, eu sabia que não adiantaria tentar dormir. Fiquei andando pelo meu quarto. Li um pouco. Mas os livros na minha estante não me interessaram muito. Então pensei em descer até a biblioteca para procurar algo mais do meu gosto.

– O que seria bem natural – disse Bill.

– Muitos fariam o mesmo, imagino – disse Battle.

– Assim que tive essa ideia, saí do meu quarto e desci. A casa estava muito

quieta...

– Com licença – interrompeu-a o superintendente. – Mas a senhorita saberia me dizer mais ou menos a que horas foi isso?

– Nunca dou atenção às horas – disse a condessa, com um ar soberbo, e então continuou contando sua história. – A casa estava muito quieta. Se tivesse algum ratinho por aqui, daria até para ouvir seus passos pelo chão. Eu desci a escada... sem fazer nenhum barulho...

– Por quê?

– Porque não queria atrapalhar os outros hóspedes, ora – rebateu a condessa em tom de censura. – Entrei aqui, vim até este canto e comecei a procurar algum livro bom nas estantes.

– Depois de ter acendido a luz, imagino?

– Não, eu não acendi a luz. Eu estava com uma lanterna, sabe? E usei-a para iluminar as prateleiras.

– Ah! – exclamou o superintendente.

– De repente, ouvi alguma coisa – continuou a condessa, dramática. – Um som muito leve. Um passo abafado. Apaguei a lanterna e fiquei escutando. Os passos foram chegando mais perto... Passos sorrateiros e assustadores. Escondi-me atrás do biombo. Pouco depois, a porta se abriu, e alguém acendeu a luz. E então o homem... o ladrão... entrou na biblioteca.

– Sim, mas e... – começou a dizer o sr. Thesiger.

Jimmy sentiu um pé enorme pisando no seu e, ao perceber que o superintendente Battle estava dando um alerta, calou-se.

– Quase morri de medo – continuou a condessa. – Até tentei prender a respiração. O homem esperou um instante, só à escuta. Depois, com aqueles passos sorrateiros e sinistros... – Jimmy abriu a boca mais uma vez para protestar, mas fechou-a de novo. – ...ele foi até a porta do terraço e olhou para fora. Ele passou um ou dois minutos ali, depois voltou, apagou as luzes e trancou a porta. Fiquei apavorada com ele aqui, esgueirando-se pelo escuro. Ah, foi terrível! E se ele tivesse trombado comigo sem me ver? Pouco depois, eu o ouvi indo até a porta do terraço de novo. E então não escutei mais nada. Imaginei que ele tinha saído. Conforme os minutos foram se passando, sem ouvir mais nada, tive ainda mais certeza disso. Tanto que quando eu já estava para acender minha lanterna e sair para investigar... *pum*! começou toda a confusão.

– Como foi?

– Ah, foi terrível! Nunca, nunca vou me esquecer! Dois homens tentando se matar. Ah, foi horrível! Eles rolaram pela sala inteira, empurrando os móveis

para todos os lados. Acho que ouvi o grito de uma mulher também... mas não aqui dentro. Em algum lugar lá fora. O criminoso tinha uma voz rouca. Mais grunhia do que falava. Ele ficou gritando “Me largue! Me largue!”. O outro homem era um cavalheiro. Tinha uma voz britânica, muito bem educada.

Jimmy pareceu ficar satisfeito.

– Mas ele quase só praguejava – continuou a condessa.

– Claramente um cavalheiro – disse o superintendente Battle.

– Depois, só vi um clarão e ouvi um tiro – prosseguiu a condessa. – A bala acertou a estante ao meu lado. A-acho que foi então que desmaiei.

Ela olhou para Bill, que pegou sua mão e a acariciou.

– Ah, pobrezinha – disse ele. – Que susto você deve ter levado.

“Que idiota”, pensou Bundle.

O superintendente Battle foi a passos rápidos e silenciosos até a estante de livros logo à direita do biombo para inspecionar o local. Em seguida, ele se curvou e pegou alguma coisa do chão.

– Não foi uma bala, condessa – disse ele. – Isto é uma cápsula de um projétil. Onde o senhor estava quando disparou, sr. Thesiger?

Jimmy foi até a porta do terraço.

– Pelo que me lembro, acho que foi mais ou menos aqui.

O superintendente Battle posicionou-se no mesmo lugar.

– Sim – concordou ele. – A cápsula vazia voaria para trás, à direita. Era uma bala de calibre .455. No escuro, não me admira que a condessa tenha achado que foi um tiro. A cápsula atingiu a estante a uns trinta centímetros de onde ela estava. Já a bala em si pegou de raspão no batente da porta, e acho que a encontraremos lá fora amanhã... a menos que ela tenha atingido o seu agressor.

Jimmy balançou a cabeça, pesaroso.

– Acho que o Leopold não se saiu tão bem assim – comentou ele, chateado.

A condessa se virou para ele, admirada.

– Seu braço! – exclamou ela. – Está todo enfaixado! Então foi você que...?

Jimmy fez uma reverência de brincadeira para ela.

– Ainda bem que tenho uma voz britânica muito bem educada – disse ele. – E posso lhe garantir que nunca nem sonharia em usar aquele tipo de linguagem se sequer desconfiasse de que havia uma dama na sala.

– Ah, mas eu não entendi quase nada – apressou-se a explicar a condessa. – Até tive uma governanta inglesa quando era mais nova, mas...

– Não é o tipo de coisa que ela a ensinaria – concordou Jimmy. – Imagino que tenham se atido a temas mais simples para aprender, o bê-á-bá de sempre.

Sei como é.

– Mas o que houve? – perguntou a condessa. – É isso o que quero saber. Exijo que me contem o que houve.

Seguiu-se um momento de silêncio enquanto todos olhavam para o superintendente Battle.

– É muito simples – disse Battle, tranquilo. – Houve uma tentativa de roubo. Alguns documentos políticos de sir Stanley Digby foram levados. Os ladrões quase conseguiram escapar com os papéis, mas esta jovem aqui – disse ele, apontando para Loraine – frustrou seus planos.

A condessa disparou um olhar para a garota – um olhar um tanto estranho.

– Não me diga – comentou ela, seca.

– Por uma coincidência muito feliz, ela estava lá fora – disse o superintendente Battle, sorrindo.

A condessa soltou um leve suspiro e semicerrou seus olhos de novo.

– É esquisito, mas ainda estou muito fraca – murmurou ela.

– Mas é claro que está – concordou Bill. – Deixe-me ajudá-la a subir até seu quarto. Bundle pode lhe fazer companhia.

– É muita gentileza sua, lady Eileen – disse a condessa. – Mas prefiro ficar sozinha. Já estou bem melhor. Talvez só precise de um pouco de ajuda para subir a escada.

Ela se levantou, aceitou o braço de Bill e, apoiando-se nele, deixou a sala. Bundle seguiu os dois até o saguão, mas a condessa reafirmou – com certa aspereza – que já estava melhor, e ela então não os acompanhou até o andar de cima.

Mas enquanto observava a delicada figura da condessa, apoiada em Bill, subir a escada degrau por degrau, algo de repente chamou sua atenção. A camisola da condessa, como já foi mencionado, era muito fina – um mero véu de *chiffon* laranja. Através do tecido, logo abaixo do seu ombro direito, Bundle pôde ver claramente uma *pequena pinta escura*.

Boquiaberta, Bundle virou-se em um movimento impetuoso para onde o superintendente Battle estava acabando de sair da biblioteca. Jimmy e Loraine já haviam deixado a sala.

– Pronto – disse Battle. – Já tranquei a porta do terraço e deixei um homem de guarda lá fora. E vou trancar esta porta aqui e levar a chave. Amanhã cedo, faremos o que os franceses chamam de “reconstituição do crime”. Sim, lady Eileen. O que foi?

– Superintendente Battle, preciso falar com o senhor... imediatamente.

– Bom, claro, eu...

George Lomax apareceu de repente, com o dr. Cartwright ao lado.

– Ah, aí está o senhor, Battle. Creio que ficará aliviado ao saber que não aconteceu nada de grave com O'Rourke.

– Nunca achei que O'Rourke tivesse sofrido algo grave – disse Battle.

– Apliquei uma bela injeção nele – disse o médico. – Ele vai acordar já em perfeito estado amanhã cedo, talvez só com um pouco de dor de cabeça, ou nem isso. Enfim, meu jovem, vamos examinar esse seu ferimento no braço.

– Vamos, enfermeira – disse Jimmy para Loraine. – Venha segurar uma bacia d'água ou a minha mão, testemunhar o sofrimento de um homem forte, sabe como é.

Jimmy, Loraine e o médico saíram juntos, mas Bundle continuou ali para disparar olhares angustiados na direção do superintendente Battle, que estava sendo monopolizado por George.

O superintendente esperou com toda paciência até George fazer uma pausa em meio à sua eloquência, e então aproveitou-se do momento com toda habilidade.

– Será que eu poderia trocar uma palavrinha com sir Stanley em particular? No gabinete no final do corredor.

– Certamente – disse George. – Certamente. Vou chamá-lo agora mesmo.

Ele subiu a escada às pressas de novo. Battle levou Bundle rapidamente até a sala de estar e fechou a porta.

– Pronto, lady Eileen, o que foi?

– Vou explicar o mais rápido que posso... Mas é uma história longa e complicada.

Da forma mais concisa possível, Bundle relatou sua apresentação ao Clube Seven Dials e suas subsequentes aventuras no local. Ao terminar, o superintendente Battle respirou fundo. Pela primeira vez, alguma emoção abalou sua fachada pétrea.

– Fantástico – disse ele. – Fantástico mesmo. Nunca imaginei que isso seria possível... nem mesmo para a senhorita, lady Eileen. Eu não deveria subestimá-la.

– Mas o senhor me deu uma dica, superintendente Battle. O senhor me disse para falar com Bill Eversleigh.

– É perigoso dar dicas a pessoas como a senhorita, lady Eileen. Nunca sequer sonhei que a senhorita pudesse chegar tão longe.

– Bom, não se preocupe, superintendente Battle. Minha vida não está em

perigo.

– Ainda não – disse Battle, circunspecto.

Ele parou, com um ar pensativo, revirando as coisas em sua mente.

– Não sei onde o sr. Thesiger estava com a cabeça quando deixou a senhorita correr um risco desses – disse ele.

– Ele só ficou sabendo de tudo depois – explicou Bundle. – Não sou tão boba assim, superintendente Battle. E, enfim, ele estava ocupado cuidando da srta. Wade.

– É mesmo? – disse o superintendente. – Ah! – exclamou ele, dando uma piscadela. – Bom, terei que pedir para o sr. Eversleigh cuidar da senhorita então, lady Eileen.

– Bill? – retrucou Bundle, com desprezo. – Mas, superintendente Battle, o senhor nem ouviu o final da minha história. A mulher que eu vi no clube... Anna, a número um. Pois então, a número um é a condessa Radzky.

Em seguida, ela explicou como reconheceu a pinta da mulher.

Para sua surpresa, o superintendente pareceu hesitar.

– Uma pinta não serve como base para muita coisa, lady Eileen. Duas mulheres podem ter pintas idênticas, não é difícil. A senhorita precisa lembrar que a condessa Radzky é uma figura muito conhecida na Hungria.

– Então essa não é a verdadeira condessa Radzky. Estou lhe dizendo que essa é a mesma mulher que vi lá no clube. E veja só o que aconteceu com ela hoje... como nós a achamos. Não acredito que ela tenha desmaiado de verdade.

– Ah, eu não diria isso, lady Eileen. Ver uma cápsula vazia como aquelas acertando uma estante bem ao seu lado poderia deixar qualquer mulher em pânico.

– Mas o que ela estava fazendo lá na biblioteca? Ninguém desce para procurar um livro com uma lanterna na mão.

Battle coçou a bochecha, parecendo relutante em responder. Ele começou a andar de um lado para o outro pela sala, como se estivesse se decidindo. Por fim, virou-se para Bundle.

– Escute aqui, lady Eileen, eu vou confiar na senhorita. A conduta da condessa *é* de fato suspeita. Sei disso tão bem como a senhorita. É tudo muito suspeito... Mas temos que investigar com cuidado. Não quero nenhuma confusão com as embaixadas. É preciso ter *certeza*.

– Eu entendo. Se o senhor tivesse *certeza*...

– Tem mais uma coisa. Durante a guerra, lady Eileen, houve uma grande comoção sobre a presença de espiões alemães à solta por aqui. Vários

espertinhos viviam escrevendo cartas para os jornais a respeito disso. Mas nós ignoramos tudo. Críticas não poderiam nos derrubar. Sempre deixamos os peixes pequenos em paz. Por quê? Porque eram eles quem cedo ou tarde acabavam nos levando *ao figurão... ao homem por trás de tudo.*

– O que o senhor quer dizer?

– Não se preocupe com o que eu quero dizer, lady Eileen. Só tenha uma coisa em mente. *Eu sei de tudo sobre a condessa.* E não quero que mexam com ela. E agora – acrescentou Battle, pesaroso –, tenho que pensar em algo para dizer a sir Stanley Digby.

CAPÍTULO 23

O superintendente Battle assume o comando

Eram dez horas da manhã do dia seguinte. O sol entrava pelas janelas da biblioteca, onde o superintendente Battle vinha trabalhando desde as seis. Atendendo a seu chamado, George Lomax, sir Oswald Coote e Jimmy Thesiger haviam acabado de chegar, depois de recuperarem as energias gastas na véspera com um farto café da manhã. Jimmy estava com uma tipoia no braço, mas não aparentava muitos outros vestígios da luta na noite anterior.

O superintendente olhou para os três com um ar benevolente, como um simpático curador recebendo um grupo de crianças para visitar um museu. Na mesa ao lado estavam dispostos vários objetos, todos etiquetados. Entre eles, Jimmy reconheceu Leopold.

– Ah, superintendente – disse George. – Estava ansioso para saber sobre seus avanços. O senhor já prendeu o ladrão?

– Isso não será tão fácil, receio eu – disse o superintendente, que não parecia estar nada abalado com seu insucesso nesse sentido.

George Lomax não ficou muito contente. Ele detestava qualquer tipo de perda de tempo.

– Acho que já tenho uma boa ideia de toda a situação – explicou o detetive, e então pegou dois objetos da mesa. – Temos duas balas aqui. A maior é uma de calibre .455, que foi disparada pelo Colt automático do sr. Thesiger. Ela pegou de raspão no batente da porta que dá para o terraço, e eu a achei alojada no tronco daquela árvore lá fora. Já esta menor foi disparada por uma Mauser .25. Depois de atravessar o braço do sr. Thesiger, ela parou nesta poltrona aqui. E quanto à pistola em si...

– Sim? – disse sir Oswald, ansioso. – O senhor achou alguma impressão digital?

Battle balançou a cabeça.

– O homem que a usou estava de luvas – disse ele, devagar.

– Que lástima – disse sir Oswald.

– Um criminoso profissional usaria luvas. Sir Oswald, o senhor por acaso encontrou esta pistola a cerca de vinte metros da escada que sobe ao terraço?

Sir Oswald foi até a porta de vidro.

– Sim, por volta disso mesmo, eu diria.

– Não quero criticá-lo, mas teria sido mais sensato da sua parte tê-la deixada exatamente onde o senhor a encontrou.

– Sinto muito – disse sir Oswald seco.

– Ah, não se preocupe. Consegui reconstituir tudo. Encontrei suas pegadas ali, saindo do jardim lá embaixo, e em um ponto onde o senhor claramente parou e se abaixou, além de uma marca na grama, que é muito intrigante. Aliás, por que o senhor acha que a pistola estava lá?

– Imagino que o ladrão a deixou cair quando fugiu.

Battle balançou a cabeça.

– Creio que não, sir Oswald. Duas evidências apontam contra isso. Primeiro, há apenas uma série de pegadas no gramado ali... as suas próprias.

– Entendi – disse sir Oswald, pensativo.

– O senhor tem certeza disso, Battle? – perguntou George.

– Absoluta, senhor. Há outra série de pegadas no gramado, da srta. Wade, mas elas estão bem mais adiante, à esquerda – ele fez uma pausa, e então continuou. – E tem a marca no chão. A pistola deve ter caído na grama com bastante força. Tudo indica que ela foi arremessada.

– Bom, por que não? – disse sir Oswald. – O homem pode ter fugido pelo caminho de cascalho à esquerda. Ele não deixaria nenhuma pegada nas pedras, e poderia ter jogado a pistola para longe no meio do gramado. Não acha, Lomax?

George concordou, acenando a cabeça.

– É verdade que ele não teria deixado pegadas no cascalho – disse Battle. – Mas pelo formato da marca e pelo jeito como a grama ficou revirada, não acredito que a pistola tenha sido jogada daquela direção. Acho que ela foi arremessada deste terraço aqui.

– Pode ser – disse sir Oswald. – Isso faz alguma diferença, superintendente?

– De fato, Battle – interveio George. – Isso é... hã... relevante mesmo?

– Talvez não, sr. Lomax. Mas é bom apurar todos os detalhes. Agora, gostaria que um dos senhores pegasse esta pistola aqui e a arremessasse. Pode ser o senhor, sir Oswald? Muito obrigado. Vá até a porta do terraço ali. Agora a jogue no meio do gramado.

Sir Oswald o atendeu, jogando a pistola pelo ar com um forte arremesso. Jimmy Thesiger chegou mais perto, muito interessado. O superintendente foi até onde a arma caiu, feito um cão de caça bem treinado.

– Muito bem, senhor. A marca ficou exatamente igual à outra. A não ser

pelo fato, aliás, de que o senhor a jogou uns bons dez metros mais longe. Mas é que o senhor é um homem muito forte, não é mesmo, sir Oswald? Com licença, acho que ouvi alguém batendo na porta.

A audição do superintendente devia ser muito mais aguçada do que a dos outros presentes. Ninguém mais havia ouvido nada, mas Battle de fato tinha razão, pois lady Coote estava do lado de fora, com um copo na mão.

– O seu remédio, Oswald – disse ela, entrando na sala. – Você se esqueceu de tomá-lo depois do café.

– Estou muito ocupado, Maria – disse sir Oswald. – Não vou tomar o remédio agora.

– Você nunca tomaria esse remédio se não fosse por mim – disse sua esposa, com uma voz serena, indo até ele. – Você parece até um garotinho malcriado. Agora vamos, tome tudo.

E então, tímido e obediente, o magnata do aço tomou tudo!

Lady Coote abriu um sorriso melancólico e gentil para todos.

– Estou atrapalhando? Os senhores estão muito ocupados? Ah, mas veja só essas armas. São coisas terríveis, barulhentas e assassinas. Ah, Oswald, e pensar que você poderia ter levado um tiro daquele ladrão ontem à noite!

– A senhora deve ter ficado muito preocupada quando deu pela falta dele, lady Coote – disse Battle.

– Na hora, nem pensei nisso – confessou lady Coote. – Com este pobre rapaz aqui – disse ela, apontando para Jimmy – ferido... tudo me pareceu tão terrível, mas tão emocionante também. Foi só quando o sr. Bateman me perguntou onde estava sir Oswald que me lembrei de que ele tinha saído para fazer uma caminhada meia hora antes.

– Estava sem sono, sir Oswald? – perguntou Battle.

– Em geral, durmo muito bem – disse sir Oswald. – Mas devo confessar que eu estava bastante inquieto ontem à noite. Achei que um pouco de ar fresco poderia me fazer bem.

– E o senhor saiu para o terraço por esta porta?

Teria sido só sua imaginação ou sir Oswald hesitara por um instante antes de responder?

– Sim.

– E só de chinelo, ainda – disse lady Coote – Em vez de pôr um sapato de sola grossa. Não sei o que seria da sua saúde sem mim para cuidar de você!

Ela balançou a cabeça, melancólica.

– Maria, se não se importa, poderia nos dar licença? Ainda temos muito a

discutir.

– Eu sei, querido, já estou indo.

Lady Coote retirou-se, levando consigo o copo vazio como se fosse um cálice com o qual havia acabado de administrar uma poção letal.

– Enfim, Battle – disse George Lomax. – Parece que está tudo claro. Sim, bem claro. O homem atirou, derrubando o sr. Thesiger, e em seguida arremessou sua arma e fugiu correndo pelo terraço e depois pelo caminho de cascalho.

– Onde ele teria sido pego por um dos meus homens – rebateu Battle.

– Se me permite dizer, Battle, seus homens me parecem ter sido muito negligentes. Eles não viram a srta. Wade chegar. Se eles não a pegaram na entrada, podem muito bem não ter visto o ladrão durante sua fuga.

O superintendente Battle abriu a boca para falar, mas depois pareceu mudar de ideia. Jimmy Thesiger olhou para ele, curioso. Ele teria dado tudo para saber o que estava se passando pela cabeça do superintendente.

– Então deve ter sido um velocista campeão – foi tudo o que o agente da Scotland Yard contentou-se em falar.

– O que o senhor quer dizer, Battle?

– Exatamente isso, sr. Lomax. Eu mesmo cheguei a este terraço nem um minuto depois de ouvir o tiro. E para um homem percorrer toda essa distância vindo na minha direção e depois desviar para o caminho de cascalho antes de eu contornar a casa... Bem, como eu disse, ele devia ser um velocista campeão.

– Acho que estou perdido, Battle. Parece que o senhor tem alguma hipótese própria que eu ainda não consegui... hã... entender. O senhor disse que esse homem não cruzou o gramado, e agora está sugerindo que... bom, o que exatamente o senhor está sugerindo? Que ele também não fugiu pelo caminho de cascalho? Então, em sua opinião... hã... para *onde* ele foi?

Em resposta, o superintendente apontou com o dedão em um eloquente gesto para o alto.

– Hã? – indagou George.

O superintendente deu ainda mais ênfase ao gesto. George ergueu a cabeça e olhou para o teto.

– Lá para cima – disse Battle. – Ele subiu de volta pelas trepadeiras.

– Que besteira, superintendente. O que o senhor está sugerindo é impossível.

– Nem um pouco, senhor. Ele já tinha subido uma vez. Poderia muito bem subir de novo.

– Não digo impossível nesse sentido. Mas se o homem quisesse escapar,

nunca voltaria para dentro da casa.

– Seria o lugar mais seguro para ele, sr. Lomax.

– Mas a porta do sr. O'Rourke ainda estava trancada por dentro quando nós chegamos.

– E como vocês entraram lá? Pelo quarto de sir Stanley. Foi o caminho que nosso ladrão fez. Lady Eileen me disse que viu a maçaneta na porta do sr. O'Rourke se mexer. Isso foi quando nosso amigo esteve lá pela primeira vez. Desconfio de que a chave estava sob o travesseiro do sr. O'Rourke. Mas está claro como ele saiu de lá em seguida... foi pela porta entre os dois cômodos, e depois pelo quarto de sir Stanley, que estava vazio, claro. Como todo mundo, sir Stanley estava descendo às pressas até a biblioteca, deixando o caminho livre para o nosso homem.

– E para onde ele foi depois?

O superintendente Battle encolheu seus largos ombros, agora evasivo.

– Há várias opções. Ele poderia entrar num quarto vazio do outro lado da casa e descer pelas trepadeiras de novo... ou sair por uma porta lateral... ou talvez, caso tenha sido um trabalho interno, ele... bem, simplesmente continuou aqui dentro mesmo.

Chocado, George olhou para ele.

– Sinceramente, Battle, eu ficaria... eu ficaria muito chateado se um dos meus próprios empregados... hã... enfim, tenho total confiança neles... eu ficaria muito incomodado em ter que suspeitar de...

– Ninguém está pedindo ao senhor para suspeitar de ninguém, sr. Lomax. Estou apenas apresentando-lhes todas as hipóteses. Talvez não tenha sido um empregado... é bem provável que não.

– Bem, o senhor me deixou incomodado – disse George. – Muito incomodado.

Seus olhos pareceram ficar mais saltados do que nunca.

Para distraí-lo, Jimmy cutucou em um curioso objeto enegrecido sobre a mesa.

– O que é isto? – perguntou ele.

– Essa é a evidência Z – disse Battle. – A última do nosso pequeno lote aqui. Ela é, ou melhor, era uma luva.

Ele a pegou, como uma relíquia calcinada, e a manipulou, cheio de orgulho.

– Onde o senhor a encontrou? – perguntou sir Oswald.

Battle apontou com a cabeça sobre seu ombro.

– Na lareira... quase carbonizada, mas não totalmente. É estranho. Parece

que ela foi mastigada por um cachorro.

– Talvez ela seja da srta. Wade – sugeriu Jimmy. – Ela tem vários cães.

O superintendente balançou a cabeça.

– Esta não é uma luva de mulher... não, nem daquelas enormes e folgadas que as moças andam usando hoje em dia. Tente vesti-la, senhor – ele então pôs a peça enegrecida sobre a mão de Jimmy. – Está vendo? Ela é grande demais até para o senhor.

– Essa sua descoberta tem alguma importância? – perguntou sir Oswald seco.

– Nunca se sabe, sir Oswald, o que pode ou não ser importante em casos assim.

Uma batida forte irrompeu na porta, e Bundle entrou na sala.

– Sinto interromper – desculpou-se ela. – Mas meu pai acabou de me telefonar. Ele me pediu para ir embora. Todos estão muito preocupados.

Ela fez uma pausa.

– Prossiga, minha querida Eileen – disse George, incentivando-a ao perceber que ela tinha mais alguma coisa a dizer.

– Eu não queria atrapalhar os senhores... Mas acho que talvez isso tenha algo a ver com toda essa história. Enfim, o que preocupou mais meu pai foi que um dos nossos empregados está desaparecido. Ele saiu ontem à noite e não voltou mais.

– Qual é o nome desse homem? – perguntou sir Oswald, assumindo o interrogatório.

– John Bauer.

– Ele é inglês?

– Parece que ele se apresenta como suíço... Acho que ele é alemão. Mas fala a nossa língua com toda a fluência.

– Ah! – exclamou sir Oswald, puxando o ar, com um longo chiado satisfeito. – E ele está trabalhando em Chimneys há quanto tempo?

– Menos de um mês, só.

Sir Oswald virou-se para os outros dois homens.

– Aí está o nosso homem. Lomax, o senhor sabe tão bem quanto eu que várias potências estrangeiras estão atrás daqueles documentos. Agora lembro bem desse homem... um sujeito alto, forte. Ele chegou umas duas semanas antes de devolvermos a casa. Foi bem inteligente. Por aqui, qualquer empregado novo passaria por uma severa análise, mas em Chimneys, tão longe daqui... – ele não terminou sua frase.

– O senhor acha que esse plano foi preparado com tanta antecedência?

– Por que não? Aquela fórmula vale milhões, Lomax. Bauer com certeza pretendia ter acesso aos meus documentos particulares em Chimneys e descobrir alguma coisa sobre nossos planos. É bem provável que ele tenha algum cúmplice aqui... Alguém que explicou a ele a disposição dos cômodos da casa e tratou de dopar O'Rourke. Mas foi Bauer o homem que a srta. Wade viu descendo pelas trepadeiras... o homem grande e forte.

Ele virou-se para o superintendente Battle.

– Bauer é o homem que o senhor procura, superintendente. E, de um jeito ou de outro, o senhor o deixou escapar por entre os seus dedos.

CAPÍTULO 24

As reflexões de Bundle

Aquilo sem dúvida alguma deixou o superintendente Battle surpreso. Ele ficou coçando o queixo, pensativo.

– Sir Oswald tem razão, Battle – disse George. – Foi ele mesmo. Acha que ainda seria possível capturá-lo?

– Talvez, senhor. O caso de fato me parece... enfim, suspeito. Esse homem pode voltar a aparecer, é claro... em Chimneys, digo.

– Acha mesmo provável?

– Na verdade, não – confessou Battle. – Mas, sim, parece que Bauer é o nosso homem. No entanto, ainda não consigo entender como ele entrou e saiu daqui sem ser visto.

– Eu já expressei minha opinião sobre os seus agentes – disse George. – Acho que são uns incapazes... Não digo isso para culpá-lo, superintendente, mas... – sua pausa foi eloquente.

– Ah, enfim – disse Battle, tranquilo. – Sei das minhas responsabilidades.

Ele balançou a cabeça e suspirou.

– Preciso fazer uma ligação agora. Com licença, senhores. Peço desculpas, sr. Lomax... Sinto que falhei aqui. Mas é um caso intrigante, muito mais do que o senhor imagina.

Em seguida, ele deixou a sala às pressas.

– Vamos para o jardim – disse Bundle a Jimmy. – Quero conversar com você.

Eles saíram juntos pela porta do terraço. Jimmy olhou para o gramado, franzindo a testa.

– O que foi? – perguntou Bundle.

Jimmy explicou a ela como a pistola havia sido jogada ali, e então disse:

– Só queria saber no que Battle estava pensando quando fez o velho Coote arremessar a pistola. Aposto que ele teve alguma ideia. Enfim, a arma caiu uns dez metros mais adiante dessa vez. Sabe, Bundle, Battle é um sujeito muito inteligente.

– Ele é um homem extraordinário – disse Bundle. – Quero lhe contar o que aconteceu ontem à noite.

Ela relatou sua conversa com o superintendente, e Jimmy ouviu-a com toda a atenção.

– Então a condessa é a número um – disse ele, pensativo. – Tudo se encaixa muito bem. O número dois é Bauer... que veio de Chimneys e subiu até o quarto de O'Rourke, sabendo que ele havia sido dopado... pela condessa, de um jeito ou de outro. Pelo combinado, ele jogaria os documentos para a condessa, que estaria à espera lá embaixo, para depois entrar de volta pela biblioteca e subir ao seu quarto. Se Bauer fosse pego tentando escapar, ninguém encontraria nada com ele. Sim, era um belo plano... mas falhou. Logo depois de ter chegado à biblioteca, a condessa me ouviu entrando e se enfiou atrás do biombo. Ela ficou em uma situação bem difícil, porque não tinha como alertar seu cúmplice. O número dois afanou os papéis, olhou pela janela e viu quem ele imaginava ser a condessa, e então jogou o pacote para ela e começou a descer pelas trepadeiras, quando então se deparou com uma desagradável surpresa à sua espera, no caso eu. A condessa deve ter precisado de muita coragem para ficar escondida atrás do biombo. No final das contas, ela até que inventou uma história boa. Pois é, tudo se encaixa muito bem.

– Bem até demais – disse Bundle, com firmeza.

– Hã? – rebateu Jimmy, surpreso.

– E quanto ao número sete? O número sete, que nunca aparece, mas opera tudo entre as sombras. Será que só a condessa e Bauer estavam metidos nisso? Não, não pode ser tão simples. Bauer esteve aqui ontem à noite, sim. Mas só para o caso de algo dar errado... como de fato deu. Ele foi um bode expiatório... Para desviar toda a atenção do número sete... do chefão.

– Não sei, Bundle – disse Jimmy, ansioso. – Será que você não andou lendo histórias de detetives demais? – Bundle disparou um olhar imponente de reprovação a ele. – Bem – disse Jimmy. – Eu não sou como a Alice, do país das maravilhas. Não consigo pensar em seis coisas impossíveis antes do café da manhã assim.

– Você já tomou café – disse Bundle.

– Ou mesmo depois. Nós temos uma bela hipótese que se encaixa muito bem nos fatos... mas que você se recusa a aceitar, simplesmente porque, como sempre, quer complicar as coisas!

– Sinto muito – disse Bundle –, mas eu ainda tenho quase certeza de que o misterioso número sete deve ser um dos hóspedes da casa.

– O que Bill acha?

– Bill? – rebateu Bundle, seca. – Não adianta falar com ele.

– Ah! – exclamou Jimmy. – Você já falou com ele sobre a condessa? Ele precisa ser avisado. Senão, sabe-se lá Deus o que ele pode sair tagarelando por aí.

– Ele nunca aceitaria ouvir nada contra ela – disse Bundle. – Ele é... ah, um completo idiota. Queria que você desse um jeito de explicar a ele a história da pinta.

– Você está se esquecendo de que não fui eu que fiquei naquele armário – disse Jimmy. – E enfim, prefiro não discutir com Bill a pinta de sua amiguinha. Mas não é possível que ele seja tão tapado a ponto de não entender que tudo se encaixa.

– Não duvido nada – retrucou Bundle, amarga. – Foi um grande erro seu ter contado tudo para ele, Jimmy.

– Sinto muito – disse Jimmy. – Não percebi na hora... Mas, agora, sei que errei. Fui muito bobo, mas enfim, o velho Bill...

– Você sabe como são essas aventureiras – disse Bundle. – Como seduzem os homens.

– Na verdade, não sei, não. Nenhuma nunca tentou me seduzir – disse Jimmy, e então soltou um suspiro.

Seguiu-se um instante de silêncio, enquanto Jimmy analisava a situação. Quanto mais ele pensava naquelas hipóteses, mais elas lhe pareciam absurdas.

– Você falou que Battle pediu para você não mexer com a condessa – por fim disse ele.

– Sim.

– Por achar que pode chegar a outra pessoa por meio dela?

Bundle acenou com a cabeça.

Jimmy franziu a testa enquanto tentava entender as implicações disso. Battle com certeza devia ter alguma ideia muito clara em sua mente.

– Sir Stanley Digby foi até a cidade hoje logo cedo, não foi? – perguntou ele.

– Sim.

– O’Rourke foi com ele?

– Acredito que sim.

– Será que... não, não é possível.

– O quê?

– Será que O’Rourke está envolvido nisso de alguma forma?

– Pode ser – disse Bundle, pensativa. – Ele tem uma personalidade muito forte, como dizem. Não, não me surpreenderia se... ah, para falar a verdade, nada

me surpreenderia! Aliás, só há uma pessoa que para mim com certeza não é o número sete.

– Quem?

– O superintendente Battle.

– Ah! Achei que você fosse dizer George Lomax.

– *Psiu*... lá vem ele.

De fato, George estava vindo até eles com sua passada característica. Jimmy inventou uma desculpa e se retirou. George sentou-se ao lado de Bundle.

– Minha querida Eileen, a senhorita precisa mesmo ir embora?

– Bem, parece que meu pai ficou muito preocupado. Acho que é melhor eu voltar para casa e segurar a mão dele.

– Esta mãozinha com certeza irá confortá-lo – disse George, pegando a mão de Bundle e apertando de brincadeira. – Entendo seus motivos, querida Eileen, e a respeito muito por isso. Em tempos de tantas mudanças e crises como estes...

"Lá vai ele", pensou Bundle, desesperada.

– ...em que a vivência em família se tornou algo raro, e todos os velhos valores parecem estar ruindo, nossa classe tem o dever de dar um exemplo e mostrar que ao menos nós não fomos afetados pela vida moderna. Eles nos chamam de conservadores... eu tenho orgulho desse termo... e o uso o tempo todo! Certas coisas *deveriam* ser conservadas... a dignidade, a beleza, a modéstia, a santidade da família, o respeito pelos pais... A quem isso poderia fazer algum mal? Mas, enfim, como eu dizia, minha querida Eileen, eu invejo os privilégios da sua juventude. Ah, a juventude! Que coisa maravilhosa! Que palavra encantadora! E não damos a ela o devido valor até chegarmos a... hã... uma idade mais madura. Devo confessar, minha cara jovem, que até pouco tempo sua leviandade me decepcionava. Mas vejo agora que era tudo apenas a encantadora leveza de uma criança. Hoje, compreendo a beleza séria e profunda de sua inteligência. Caso me permita, adoraria ajudá-la com suas leituras.

– Ah, sim, obrigada – disse Bundle, aflita.

– E nunca mais tenha medo de mim. Fiquei chocado quando lady Caterham me contou que eu a intimidava. Posso lhe garantir que sou uma pessoa muito tranquila.

Ver George sendo modesto deixou Bundle fascinada. George continuou:

– Nunca tenha receio de mim, minha jovem. E não tenha medo de me incomodar. Para mim, será um grande prazer moldar, por assim dizer, sua mente em florescência. Posso ser seu mentor político. Mais do que nunca, nosso partido hoje precisa de jovens com muito talento e charme. Talvez seja seu destino

seguir os passos de sua tia, lady Caterham.

Esse terrível prospecto desarmou Bundle. Ela ficou atônita, apenas olhando para George, indefesa. Isso não o abalou... Muito pelo contrário. Sua principal crítica às mulheres era que elas falavam demais. Era raro que ele encontrasse o que George classificaria como uma boa ouvinte. Com um sorriso simpático, ele continuou falando.

– Como uma borboleta, emergindo do casulo. Que bela imagem. Tenho um livro muito interessante sobre economia política aqui. Vou buscá-lo agora para que possa lê-lo em Chimneys. Quando terminar, quero discuti-lo com a senhorita. E não hesite em me escrever se tiver alguma dúvida. Tenho várias obrigações públicas, mas como trabalho muito duro, sempre consigo tempo para atender meus amigos. Enfim, vou procurar o livro.

Ele se retirou. Bundle ficou só observando-o, embasbacada. A aparição inesperada de Bill despertou-a de seu torpor.

– Ei! – disse Bill. – Por que diabos o Olhudo estava segurando sua mão?

– Não era minha mão – disse Bundle, irritada. – Era minha mente em florescência.

– Não seja tonta, Bundle.

– Desculpe, Bill, só fiquei meio preocupada. Você se lembra de dizer que Jimmy estaria correndo um grave perigo aqui?

– E está mesmo – disse Bill. – É muito difícil escapar do Olhudo depois que ele se interessa por você. Jimmy vai acabar sendo engolido antes de sequer perceber onde está.

– Não é Jimmy quem vai ser engolido... sou eu – disse Bundle, nervosa. – Vou ter que conhecer inúmeras sras. Macattas, ler livros de economia política e discutir com George. Sabe-se lá Deus onde isso vai parar!

Bill soltou um assovio.

– Pobre Bundle. Andou exagerando pelo visto, não é?

– Acho que sim. Estou me sentindo tão presa nisso, Bill. É horrível.

– Não se preocupe – consolou-a Bill. – George na verdade não apoia essa ideia de ter mulheres no parlamento, então você não vai precisar subir em nenhum palanque para falar um monte de besteira, nem beijar bebês imundos em Bermondsey. Venha, vamos tomar uma bebida. Já está quase na hora do almoço.

Obediente, Bundle levantou-se e andou a seu lado.

– E eu odeio tanto política – murmurou ela, cabisbaixa.

– É claro que odeia. Como qualquer pessoa sensata. Só gente como o Olhudo e Pongo, que se leva a sério demais, interessa-se por essas coisas. Mas

tanto faz – disse Bill, voltando de repente ao assunto de antes. – Enfim, você não deveria deixar o Olhudo pegar na sua mão.

– Por que não? – perguntou Bundle. – Ele me conhece desde pequena.

– Bom, porque eu não gosto.

– Como você é puritano, William... ah, veja só, é o superintendente Battle.

Eles estavam passando por uma porta lateral no corredor, que dava para um depósito. Ali dentro eram guardados tacos de golfe, raquetes de tênis, bolas de boliche e outros artigos usados na vida no campo. O superintendente Battle estava examinando minuciosamente uma coleção de tacos de golfe. Meio tímido, virou-se ao ouvir as palavras de Bundle.

– Está pensando em jogar golfe agora, superintendente Battle?

– Não seria má ideia, lady Eileen. Dizem que nunca é tarde para começar. E tenho uma ótima qualidade que sempre me ajudará em qualquer tipo de jogo.

– Qual? – perguntou Bill.

– Eu não me dou por vencido. Mesmo quando tudo dá errado, levanto e começo de novo!

E então, com um ar determinado, o superintendente Battle saiu do depósito e juntou-se a eles, fechando a porta logo em seguida.

Capítulo 25

Jimmy explica seus planos

Jimmy Thesiger estava deprimido. Evitando George, de quem suspeitava estar querendo pegá-lo para discutir assuntos sérios, ele escapou discretamente logo após o almoço. Devido ao seu agora vasto conhecimento sobre os detalhes da disputa de fronteiras em Santa Fé, ele não tinha a menor intenção de debater o tema no momento.

Pouco depois, justo o que queria aconteceu. Loraine Wade, também sozinha, apareceu andando à sombra em uma das trilhas do jardim. Jimmy logo se aproximou. Os dois caminharam juntos em silêncio por alguns minutos até que Jimmy arriscou-se a falar:

– Loraine?

– Sim?

– Escute, não sou muito bom com esse tipo de coisa... Mas o que você me diz? Por que a gente não se casa logo para podermos viver juntos e felizes para sempre?

Loraine não mostrou qualquer embaraço perante a inesperada proposta. Em vez disso, apenas caiu na gargalhada, jogando a cabeça para trás.

– Não ria de mim assim – disse Jimmy, repreendendo-a.

– Não consegui evitar. Você é tão engraçado.

– Loraine... Você é muito cruel.

– Não sou, não. Sou um amor de menina, como dizem por aí.

– Só se para quem não a conhece... e se deixa enganar por essa sua falsa aparência de fragilidade e decoro.

– Eu gosto dessas palavras complicadas.

– Aprendi tudo nas palavras cruzadas.

– Quanta cultura.

– Loraine, querida, não desvie o assunto. Você aceita ou não?

Loraine ficou séria, assumindo sua característica postura determinada. Sua pequena boca se repuxou, e seu queixinho despontou adiante com um ar agressivo.

– Não, Jimmy. Não enquanto as coisas estiverem assim... Todas ainda sem solução.

– Sei que ainda não conseguimos fazer o que queríamos – concordou Jimmy. – Mas ainda assim... Bem, um capítulo já se encerrou. Os papéis estão em segurança com o ministro da Aeronáutica. O bem triunfou. E, pelo menos por enquanto, nada mais pode ser feito.

– Então... vamos nos casar? – disse Loraine, abrindo um leve sorriso.

– Exato! Essa é a ideia.

Mas Loraine balançou a cabeça de novo.

– Não, Jimmy. Não até essa situação se resolver... Não até eu me sentir segura.

– Você acha que estamos correndo algum perigo?

– E você não?

O angelical rosto corado de Jimmy fechou-se.

– Você tem razão – por fim disse. – Se aquela tal teoria absurda de Bundle estiver certa... e, por mais incrível que pareça, acho mesmo que está... nós só estaremos a salvo depois de acertar as contas com o número sete!

– E os outros?

– Não... os outros não importam. É só o misterioso número sete que me assusta. Porque não sei quem ele é, ou onde posso encontrá-lo.

Loraine estremeceu.

– Ando com medo – disse ela, baixinho. – Desde a morte de Gerry...

– Não precisa ter medo. Você não tem nada a temer. Deixe tudo comigo. Estou falando, Loraine... *Ainda vou pegar o número sete.* Assim que o acharmos... Bem, acho que não vamos ter muitos problemas com os outros membros da gangue, seja lá quem forem eles.

– Isso *se* você o pegar... Mas e se ele pegar você antes?

– Impossível – disse Jimmy, alegre. – Sou esperto demais. Sempre confie em si mesmo... esse é o meu lema.

– Só de pensar no que poderia ter acontecido ontem à noite... – Loraine estremeceu.

– Tudo bem, mas não aconteceu nada – disse Jimmy. – Nós dois estamos aqui, sãos e salvos... Por mais que meu braço na verdade esteja bem dolorido, tenho que admitir.

– Pobrezinho.

– Ah, não há nada de errado em sofrer por uma boa causa. E com os meus ferimentos e meu jeito simpático acabei conquistando de vez lady Coote.

– E você acha isso importante?

– Tenho uma ideia que pode ser útil.

– Você está com algum plano na cabeça, Jimmy. O que é?

– Um herói nunca revela seus planos – disse Jimmy, firme. – Preciso maturá-los em silêncio.

– Você é um idiota, Jimmy.

– Eu sei, eu sei. É o que todo mundo diz. Mas eu lhe garanto, Loraine, meu cérebro não para de trabalhar aqui dentro. E quanto a você? Tem algum plano?

– Bundle sugeriu que eu voltasse com ela para passar um tempo em Chimneys.

– Excelente – disse Jimmy, aprovando a ideia. – Não poderia ser melhor. Eu queria mesmo que alguém ficasse de olho em Bundle. Nunca se sabe que maluquice ela pode inventar de fazer. Ela é tão imprevisível. E o pior é que sempre se sai bem. Vou lhe falar, não é nada fácil impedir que ela se meta em confusão.

– Bill poderia cuidar dela – sugeriu Loraine.

– Bill já está ocupado com outras coisas.

– Não me venha com essa – disse Loraine.

– Como assim? E a condessa? Ele está maluco por ela.

Loraine continuou a balançar a cabeça.

– Ainda não entendi direito essa história. Mas Bill não está interessado na condessa... E sim em Bundle. Hoje cedo, Bill estava conversando comigo quando o sr. Lomax apareceu e sentou-se com Bundle. Ele pegou na mão dela, ou alguma coisa assim, e Bill saiu correndo... feito um foguete.

– Que gosto estranho certas pessoas têm – comentou o sr. Thesiger. – Não sei como alguém poderia estar conversando com você e se interessar por alguma outra coisa. Mas você me pegou de surpresa agora, Loraine. Eu poderia apostar que o paspalho do Bill estava caidinho pela bela estrangeira. É o que Bundle acha, pelo menos.

– Bundle pode até achar – disse Loraine. – Mas acredite em mim, Jimmy, a coisa não é bem assim.

– Então qual é o seu grande plano?

– Não acha que Bill pode estar bancando o detetive por conta própria também?

– Bill? Ele é tapado demais para isso.

– Não sei, não. Quando um sujeito simples e bruto feito Bill decide agir por baixo dos panos, ninguém desconfia.

– O que o deixaria livre para fazer o que quisesse. Sim, faz sentido. Mas, por outro lado, eu nunca esperaria isso de Bill. Ele parece estar totalmente

dominado pelos encantos da condessa. Sabe, acho que você está errada, Loraine. A condessa é uma mulher linda... Mas não faz meu tipo, é claro – apressou-se em explicar o sr. Thesiger. – E o velho Bill sempre teve um coração muito volúvel.

Loraine balançou a cabeça, ainda cética.

– Bom – disse Jimmy. – Tanto faz, também. Parece que chegamos a um certo acordo. Volte com Bundle para Chimneys e, pelo amor de Deus, não deixe que ela vá bisbilhotar naquele clube em Seven Dials de novo. Senão, sabe-se lá o que pode acontecer.

Loraine acenou com a cabeça.

– E agora – disse Jimmy – acho melhor eu ir trocar uma palavrinha com lady Coote.

Lady Coote estava sentada em um banco no jardim, fazendo bordado. A imagem era a de uma jovem desconsolada e meio disforme, chorando sobre uma urna.

Ela abriu espaço para Jimmy sentar-se ao seu lado, e ele, como o jovem educado que era, prontamente elogiou o trabalho.

– Você gostou? – disse lady Coote, contente. – Foi minha tia Selina quem começou, uma semana antes de morrer. Câncer no fígado, pobrezinha.

– Que terrível – disse Jimmy.

– E como está seu braço?

– Ah, já está bem melhor. Só incomoda um pouco, sabe como é.

– Você precisa tomar cuidado – disse lady Coote, em tom de alerta. – Sua ferida pode inflamar... E, se isso acontecer, você pode até perder o braço inteiro.

– Ah, nossa! Espero que não.

– Só estou avisando – disse lady Coote.

– Onde a senhora está morando agora? – perguntou o sr. Thesiger. – Na cidade... ou em algum outro lugar?

Como já sabia muito bem a resposta, ele fez essa pergunta com um notável ar inocente.

Lady Coote soltou um suspiro profundo.

– Sir Oswald alugou a casa do duque de Alton. Letherbury. Sabe onde fica?

– Sim, sim. É um lugar de primeira, não é?

– Ah, não sei – disse lady Coote. – A casa é imensa e sinistra, sabe? Cheia de retratos de pessoas sisudas. Acho as obras desses tais velhos mestres da pintura muito deprimentes. Você precisava ver a casinha onde nós morávamos em Yorkshire, sr. Thesiger. Quando sir Oswald era só o sr. Coote ainda. Ela tinha

uma entrada simpática e uma sala de estar aconchegante, com uma lareira... E um papel de parede branco listrado, com frisos de glicínias que eu mesma escolhi, sim, eu me lembro. Listras de cetim, sabe? Não de tafetá. Sempre achei muito mais bonito. Não batia muito sol na sala de jantar, mas com um belo papel de parede vermelho e uma porção daqueles quadros engraçados com cenas de caça... Ah, o lugar ficava alegre feito uma festa de natal.

Em meio à empolgação com as reminiscências, lady Coote acabou deixando cair vários dos seus pequenos novelos de lã, que Jimmy pegou prontamente do chão.

– Obrigada, meu querido – disse lady Coote. – Agora, do que eu estava falando? Ah... sobre casas... Sim, eu adoro uma casa bem alegre. E preparar a decoração é um belo passatempo.

– Imagino que sir Oswald um dia ainda irá comprar a própria casa – disse Jimmy. – E então a senhora poderá deixá-la como gosta.

Lady Coote balançou a cabeça, melancólica.

– Sir Oswald quer contratar uma decoradora... E você sabe o que isso quer dizer.

– Ah, mas eles com certeza iriam consultá-la!

– Com certeza será uma dessas mansões grandiosas... cheias de antiguidades. Aposto que iriam desprezar tudo o que acho agradável e aconchegante. Não que sir Oswald não tenha se sentido confortável e satisfeito em todas as suas casas, e ouso dizer que seus gostos continuam os mesmos por baixo daquela fachada. Mas, agora, ele só quer saber do melhor do melhor! Ele se deu muito bem na vida, e é natural que queira ter uma casa para mostrar isso, mas às vezes fico me perguntando onde isso vai acabar.

Jimmy olhou-a com um ar compreensivo.

– É como um cavalo desembestado – disse lady Coote. – Mete o freio entre os dentes e sai correndo. Com sir Oswald, é a mesma coisa. Segue sempre em frente, em frente, até não poder mais. É um dos homens mais ricos da Inglaterra... Mas isso o deixa satisfeito? Não, ele ainda quer mais. Ele quer ser... Bem, nem sei mais o que ele quer ser! Vou lhe falar, às vezes isso até me assusta!

– Como aquele explorador persa – disse Jimmy. – Que vivia pelos mares em busca de novos mundos para conquistar.

Lady Coote acenou com a cabeça para concordar, mesmo sem saber muito bem do que Jimmy estava falando.

– Eu às vezes só me pergunto... será que a saúde dele vai aguentar? – disse

ela, chorosa. – Se ele ficar inválido... com todas as ideias que tem... Ah, não gosto nem de pensar.

– Ele me parece ter uma saúde de ferro – disse Jimmy, para consolá-la.

– Ele está com alguma coisa na cabeça – disse lady Coote. – Está preocupado. Eu *sei* que está.

– Preocupado com o quê?

– Não sei. Talvez seja algum problema na fábrica. É um grande conforto para ele poder contar com o sr. Bateman. Mas que jovem dedicado... e tão correto.

– Sim, muito correto – concordou Jimmy.

– Oswald confia muito no sr. Bateman. Ele diz que o sr. Bateman sempre tem razão.

– Esse era um dos piores defeitos dele anos atrás – disse Jimmy, nostálgico.

Lady Coote pareceu ficar um pouco intrigada.

– Aquele final de semana que passei com vocês foi muito bom – disse Jimmy. – Digo, teria sido muito bom, não fosse pela infelicidade do pobre Gerry ter batido as botas. As meninas eram muito simpáticas.

– Acho essas jovens muito estranhas – disse lady Coote. – Não são nada românticas. Ora, no meu tempo de noivado eu bordava lenços com meus próprios cabelos para sir Oswald.

– É mesmo? – perguntou Jimmy. – Que incrível. Mas acho que as garotas não têm os cabelos compridos o bastante para fazer isso hoje em dia.

– Isso é verdade – admitiu lady Coote. – Mas, ah, não é só isso. Certa vez, quando eu era garota, um dos meus... bem, dos meus namorados... pegou um punhado de cascalho do chão, e uma menina que estava comigo me disse na mesma hora que aquilo era como um tesouro para ele, só porque eu tinha pisado ali. Achei isso tão bonito. Mas, depois, acabei descobrindo que ele estava fazendo um curso de mineralogia... ou seria geologia?... em uma escola técnica. Mas achei a ideia bonita... Como roubar o lenço de uma menina para guardar com carinho... Todo esse tipo de coisa, sabe?

– Mas e se a menina quisesse assoar o nariz depois? – comentou o prático sr. Thesiger.

Lady Coote deixou seu bordado no colo e olhou-o com um ar penetrante, mas gentil.

– Ora, vamos... – disse ela. – Seu coração não bate mais forte por nenhuma moça? Por nenhuma jovem para quem você gostaria de trabalhar e dar uma bela casa?

Jimmy ficou vermelho, sem saber o que dizer.

– Achei que você tinha se dado tão bem com uma daquelas jovens em Chimneys... Vera Daventry.

– Soquete?

– Sim, é o apelido dela – admitiu lady Coote. – Não entendo por quê. Não é bonito.

– Ah, ela é ótima – disse Jimmy. – Adoraria reencontrá-la.

– Ela vai passar o próximo final de semana conosco novamente.

– É mesmo? – disse Jimmy, tentando injetar o máximo possível de empolgação nessas duas palavras.

– Sim. Você... você gostaria de ir também?

– *Adoraria* – disse Jimmy, animado. – Muito obrigado, lady Coote.

Reiterando seus calorosos agradecimentos, ele se retirou.

Em seguida, sir Oswald aproximou-se da esposa.

– Com o que aquele jovem insolente estava importunando-a? – resmungou ele. – Não suporto aquele sujeito.

– Ele é um bom rapaz – disse lady Coote. – E tão valente. Veja só como ele foi ferido ontem à noite.

– Sim, metendo-se onde não devia.

– Acho que você está sendo muito injusto, Oswald.

– Ele nunca trabalhou de verdade na vida. É um autêntico vagabundo, isso sim. Nunca seria ninguém na vida se tivesse que se virar por conta própria.

– Você deve ter molhado os pés na grama ontem à noite – disse lady Coote. – Espero que não pegue uma pneumonia. Freddie Richards morreu disso esses dias. Minha nossa, Oswald, fico toda arrepiada só de pensar em você andando por aí com um criminoso à solta pela casa. Ele poderia ter atirado em você. Aliás, convidei o sr. Thesiger para passar o próximo final de semana com a gente.

– Nem pensar – disse sir Oswald. – Não vou receber aquele moleque na minha casa. Entendeu bem, Maria?

– Por que não?

– Isso é assunto meu.

– Sinto muito, querido – disse lady Coote, tranquila. – Mas agora já o convidei, então não posso fazer nada. Oswald, você pode pegar aquele novelo de lã ali no chão para mim?

Sir Oswald a atendeu, com um ar emburrado. Ele olhou para a esposa, mas então hesitou. Lady Coote estava trabalhando com toda calma em seu bordado.

– Faço questão de não receber Thesiger na minha casa – por fim disse ele. – Bateman me contou muitas coisas sobre ele. Os dois estudaram juntos.

– O que o sr. Bateman disse?

– Nada de bom. Na verdade, até me disse para ter muito cuidado com ele.

– Ah, é mesmo? – disse lady Coote, pensativa.

– E eu respeito muito a opinião de Bateman. Nunca o vi se enganar.

– Minha nossa – disse lady Coote. – Mas que confusão acabei fazendo. É claro que eu nunca o teria convidado se soubesse disso. Você deveria ter me contado antes, Oswald. Agora já é tarde demais.

Ela começou a recolher suas coisas com todo o cuidado. Sir Oswald olhou para ela, abriu a boca como se fosse falar, mas então apenas encolheu os ombros. Em seguida, acompanhou-a de volta até a casa. Lady Coote, andando na frente, estava com um levíssimo sorriso no rosto. Ela adorava seu marido, mas também adorava – de uma maneira velada, discreta e muito feminina – impor sua própria vontade.

CAPÍTULO 26
Em grande parte sobre golfe

– Aquela sua amiga é muito simpática, Bundle – disse lorde Caterham.

Loraine já estava em Chimneys há quase uma semana e havia conquistado a estima de seu anfitrião – em grande parte pela sua encantadora facilidade em aprender a manejar um taco de golfe.

Entediado pelo inverno em terras estrangeiras, lorde Caterham decidira dedicar-se ao golfe. Ele era um péssimo jogador e, por isso mesmo, desenvolveu uma profunda paixão pelo esporte, e agora passava a maioria de suas manhãs praticando tacadas contra diversos arbustos e moitas – ou, melhor dizendo, tentando acertar a bola enquanto arrancava enormes tufos do belo gramado, para o desespero de MacDonald.

– Temos que preparar um campo – disse lorde Caterham, dirigindo-se a uma margarida. – Um belo campinho para podermos jogar. Mas, enfim, dê só uma olhada, Bundle. Basta curvar o joelho direito, puxar o taco para trás, mantendo a cabeça sempre firme, e usar os quadris.

Com a forte tacada, a bola rolou pelo gramado até desaparecer em meio às profundezas insondáveis de um imenso canteiro de azaleia.

– Estranho... – disse lorde Caterham. – O que será que fiz de errado? Como eu dizia, Bundle, aquela sua amiga é muito simpática. Acho que estou despertando um belo interesse nela pelo esporte. Ela deu umas tacadas ótimas hoje cedo... Quase tão boas como as minhas, aliás.

Lorde Caterham deu outra tacada torta e arrancou um imenso tufo da grama. MacDonald, que passava por ali, pegou-o e colocou-o de volta no lugar com uma pisada firme. O olhar que dirigiu a lorde Caterham teria feito qualquer pessoa a não ser um golfista inveterado querer enfiar-se no chão e sumir.

– Se MacDonald destratou os Coote, como muito desconfio – disse Bundle –, ele está recebendo o que bem merece agora.

– Por que eu não faria o que bem quero com meu próprio jardim? – redarguiu seu pai. – MacDonald deveria estar é empolgado com meus avanços no jogo... Os escoceses são grandes fãs do golfe.

– Pobre papai – disse Bundle. – O senhor nunca vai ser um golfista... Mas enfim, pelo menos isso o impede de se meter em confusão.

– Como não? – rebateu lorde Caterham. – Esses dias mesmo fiz o sexto buraco em cinco tacadas. Meu instrutor ficou muito surpreso quando contei.

– Não me diga – comentou Bundle.

– Aliás, falando nos Coote, sir Oswald joga muito bem... Muito bem mesmo. Seu estilo não é dos mais bonitos... meio rígido demais. Mas não perde uma tacada. Agora, é incrível como é teimoso... Não se dá por vencido nem quando a bola para a quinze centímetros do buraco! Faz você ir até o fim toda vez. Desse tipo de coisa eu não gosto.

– Ele me parece o tipo de homem que gosta de ter certeza das coisas – disse Bundle.

– Vai contra o espírito do jogo – disse seu pai. – E ele não se interessa nem um pouco pela teoria da coisa. Agora, aquele jovem secretário dele, Bateman, é bem diferente. É da parte teórica que ele gosta. Eu estava tendo dificuldades com meu taco de madeira e ele me explicou que era só por eu estar exagerando na força do braço direito, e até desenvolveu uma teoria muito interessante. No golfe, o braço esquerdo é crucial... é o que de fato conta. Ele disse que é canhoto quando joga tênis, mas prefere tacos comuns no golfe, porque é aí que seu braço esquerdo faz a diferença.

– Então ele joga muito bem? – perguntou Bundle.

– Na verdade, não – confessou lorde Caterham. – Mas ele podia estar só tendo um dia ruim. Entendo muito da teoria e acho que isso ajuda muito. Ah! Viu essa, Bundle? A bola passou bem por cima das azáleas. Uma tacada perfeita! Ah, se eu conseguisse bater assim toda vez... Sim, Tredwell, o que houve?

Tredwell havia chegado ali e dirigiu-se a Bundle.

– O sr. Thesiger deseja falar-lhe ao telefone, milady.

Bundle disparou a toda velocidade até a casa, gritando pelo nome de Loraine no caminho. Loraine chegou ao seu lado bem quando ela estava pegando o telefone.

– Alô, é você, Jimmy?

– Oi. Como vai?

– Muito bem, mas meio entediada.

– Como está Loraine?

– Ela está bem. Está aqui do meu lado. Quer falar com ela?

– Daqui a pouco. Tenho muitas novidades. Primeiro, vou passar o final de semana com os Coote – disse ele, satisfeito. – Agora, escute aqui, Bundle, você por acaso sabe como posso arranjar uma chave mestra?

– Não tenho a menor ideia. Por que você precisaria de uma chave mestra

para visitar os Coote?

– Bem, só achei que poderia ser útil. Você não sabe onde se compra esse tipo de coisa?

– Acho melhor perguntar isso para algum arrombador amigo seu.

– Eu sei, Bundle, eu sei. Infelizmente, não tenho nenhum. Só imaginei que talvez seu engenhoso cérebro pudesse encontrar uma solução para o problema. Mas acho que vou precisar recorrer ao velho Stevens, como sempre. Ele logo vai começar a ter umas ideias estranhas sobre mim... Primeiro, um revólver automático de cano azul... Agora, uma chave mestra. Ele vai acabar achando que entrei para o mundo do crime.

– Jimmy? – disse Bundle.

– Diga.

– Escute aqui... Tome cuidado. Digo, se sir Oswald descobrir que você está bisbilhotando pela casa com uma chave mestra... Enfim, acho que ele pode ser bem desagradável quando quer.

– Já vejo até as manchetes, “Jovem bem apessoado no banco dos réus”! Tudo bem, vou tomar cuidado. Na verdade, é de Pongo que tenho medo. Vive se esgueirando sem fazer barulho com aqueles pés chatos. Nunca se sabe quando ele está por perto. E sempre gostou de se meter onde não é chamado. Mas confie no jovem herói aqui.

– Bem, eu só queria poder estar lá com Loraine para cuidar de você.

– Obrigado, enfermeira. Mas, na verdade, eu tenho um plano.

– Qual?

– Será que você e Loraine não poderiam dar um jeito de enguiçar seu carro por perto de Letherbury amanhã cedo? Não é muito longe daí, é?

– Uns sessenta quilômetros. Não é nada.

– Imaginei que não seria mesmo... para você! Mas tome cuidado com Loraine. Gosto muito dela. Então... apareçam lá pelo meio-dia e meia.

– Para eles nos convidarem para o almoço?

– Essa é a ideia. Fora isso, Bundle, encontrei aquela garota ontem, Soquete, e sabe o que descobri? Que Terence O’Rourke vai passar o final de semana lá também!

– Jimmy, você acha que ele...?

– Bem... Sabe como é, suspeite de todos. É o que dizem. Aquele sujeito é um maluco, e muito ousado. Não me surpreenderia se ele fosse o líder de uma sociedade secreta. Ele e a condessa podem estar metidos nisso juntos. Ele esteve na Hungria ano passado.

– Mas ele poderia roubar a fórmula quando bem quisesse.

– Muito pelo contrário. Ele precisaria agir no momento certo para não levantar suspeitas. A ideia de que talvez ele tenha subido pelas trepadeiras para se esconder na própria cama... bem, é genial. Agora, escute bem. Depois de conversar um pouco com lady Coote, você e Loraine vão ter que dar um jeito de pegar O'Rourke e Pongo e mantê-los ocupados até a hora do almoço. Entendeu? Não deve ser difícil para duas garotas tão bonitas como vocês.

– Quantos elogios, Jimmy.

– É só a mais pura verdade.

– Enfim, acho que já entendi tudo. Quer falar com Loraine agora?

Bundle passou o telefone para ela e então retirou-se educadamente da sala.

CAPÍTULO 27

Aventura noturna

Jimmy Thesiger chegou em uma ensolarada tarde de outono a Letherbury, onde foi recebido pela simpatia de lady Coote e pelo desprezo de sir Oswald. Sabendo que o olhar casamenteiro de lady Coote o acompanhava, Jimmy se esforçou para ser o mais gentil possível com Soquete Daventry.

O'Rourke já estava lá, e de excelente humor, mas disposto a ser discreto e evasivo quanto aos misteriosos eventos ocorridos em Wyvern Abbey, sobre os quais Soquete o questionava sem parar. No entanto, sua reticência ganhou um novo tom... Ele passou a exagerar a história de uma forma tão estapafúrdia que ninguém jamais conseguiria entender o que de fato aconteceu.

– Quatro homens de máscara armados? É mesmo? – perguntou Soquete, toda séria.

– Ah, agora me lembrei! Havia uma meia dúzia deles tentando me segurar e me forçar a engolir aquele remédio. Na hora, imaginei que fosse veneno, é claro, e que seria o meu fim.

– E o que foi roubado, ou o que tentaram roubar?

– Nada menos do que as joias da coroa russa, que foram trazidas pelo sr. Lomax em segredo para serem guardadas no Banco da Inglaterra.

– Mas que mentiroso você é – retrucou Soquete, com frieza.

– Mentiroso, eu? Pois saiba que as joias foram trazidas em um avião pilotado pelo meu melhor amigo. Essa história que estou lhe contando é secreta. Pergunte a Jimmy Thesiger se não acredita em mim. Não que eu confie em qualquer coisa que ele diga, é claro...

– É verdade que George Lomax desceu do quarto sem dentadura? – perguntou Soquete. – É isso o que eu quero saber.

– Foram encontrados dois revólveres – disse lady Coote. – Essas coisas são horríveis. Eu mesma vi. Foi um milagre esse rapaz não ter sido morto.

– Ah, vaso ruim não quebra – disse Jimmy.

– Ouvi dizer que havia uma condessa russa de beleza muito sutil por lá – disse Soquete. – E que ela conquistou o coração de Bill.

– Ela nos contou histórias terríveis de Budapeste – disse lady Coote. – Nunca vou me esquecer. Oswald, nós deveríamos fazer uma doação para aquela

gente.

Sir Oswald soltou um grunhido.

– Vou tomar nota disso, lady Coote – disse Rupert Bateman.

– Obrigada, sr. Bateman. Sinto que deveríamos fazer algo em agradecimento. Não sei como sir Oswald não morreu baleado... ou mesmo de pneumonia.

– Não seja boba, Maria – retrucou sir Oswald.

– Sempre tive pavor desses gatunos – disse lady Coote.

– Mas que sorte ficar cara a cara com um! Deve ter sido tão empolgante! – murmurou Soquete.

– Não mesmo. Foi é dolorido – disse Jimmy, dando um tapinha no braço direito.

– Como está seu braço, meu pobre rapaz? – perguntou lady Coote.

– Ah, já estou bem melhor. Só tem sido um estorvo ter que fazer tudo com a outra mão. Não consigo fazer nada com a esquerda.

– Todas as crianças deveriam ser criadas como ambidestras – disse sir Oswald.

– Ah! – exclamou Soquete, um tanto surpresa. – Como os sapos?

– Não, esses são anfíbios – disse o sr. Bateman. – Ambidestro é quem consegue usar bem as duas mãos.

– Ah! – disse Soquete, olhando admirada para sir Oswald. – O senhor consegue?

– É claro. Sei escrever com as duas mãos.

– Mas não com as duas ao mesmo tempo?

– Isso não seria nada prático – rebateu sir Oswald, seco.

– Não mesmo – disse Soquete, pensativa. – Acho que seria meio sutil demais.

– Agora, nos órgãos do governo, bem que seria ótimo se sua mão direita não soubesse o que a esquerda faz – comentou o sr. O’Rourke.

– O senhor sabe usar as duas mãos?

– Nem um pouco. Sou a pessoa mais destra que conheço.

– Mas o senhor dá as cartas com a esquerda – disse o observador Bateman. – Percebi isso outra noite.

– Ah, mas isso é muito diferente – rebateu o sr. O’Rourke com naturalidade.

Uma batida lúgubre de um gongo irrompeu, e todos subiram para trocar de roupa antes do jantar.

Após a refeição, sir Oswald e lady Coote ficaram jogando bridge contra o sr. Bateman e o sr. O’Rourke, enquanto Jimmy passava a noite flertando com Soquete. Enquanto retirava-se para dormir, as últimas palavras que Jimmy ouviu foram de sir Oswald, falando para a esposa:

– Você nunca vai aprender a jogar direito, Maria.

Ao que ela respondeu:

– Eu sei, querido. É o que você sempre diz. E você deve mais uma libra ao sr. O’Rourke, Oswald. Não se esqueça.

Cerca de duas horas depois, Jimmy esgueirou-se sem fazer barulho (ou assim ele esperava, pelo menos) escada abaixo. Passou rapidamente pela sala de jantar e então foi até o escritório de sir Oswald. Chegando lá, após um ou dois minutos à escuta em alerta, entrou em ação. A maioria das gavetas da escrivaninha estava trancada, mas Jimmy logo resolveu isso com um aramezinho dobrado em um formato estranho. Uma a uma, todas as gavetas acabaram sendo abertas por ele.

Ele averiguou metodicamente gaveta por gaveta, tomando cuidado para pôr tudo de volta no lugar como havia encontrado. De tempos em tempos, ele parava, pensando ter escutado algum som ao longe, mas depois continuava, sem se abalar.

Concluído o exame da última gaveta, Jimmy agora sabia – ou deveria saber, caso tivesse prestado atenção – de vários detalhes interessantes sobre a produção de aço; mas não encontrou o que procurava – uma referência ao invento de Herr Eberhard ou qualquer coisa que pudesse dar alguma pista sobre a identidade do misterioso número sete. Mas talvez ele nem contasse com isso mesmo. Era apenas uma chance remota, que ele decidiu tentar, mas sem grandes esperanças, a não ser por um possível golpe de sorte.

Puxou as gavetas para certificar-se de que todas estavam trancadas. Conhecia bem o imenso detalhismo de Rupert Bateman e deu uma olhada pela sala à sua volta para ter certeza de que não havia deixado nenhum sinal incriminador de sua presença.

– Bem, é isso – murmurou para si mesmo. – Não há nada aqui. Talvez eu dê mais sorte amanhã cedo... Se as meninas seguirem o combinado.

Ele saiu do escritório, fechou a porta e então a trancou. Por um instante, imaginou ter ouvido um ruído próximo, mas concluiu que havia se enganado. Voltou tateando em silêncio as paredes até o saguão principal. A luz que entrava pelas altas janelas abauladas era tênue, mas o suficiente para que pudesse subir as escadas sem tropeçar em nada.

Ouviu um ruído abafado de novo – dessa vez, teve absoluta certeza, sem sombra de dúvida. Não estava sozinho no saguão. Havia mais alguém ali, esgueirando-se como ele. Seu coração disparou de repente.

Com um movimento brusco, ele saltou até o interruptor mais próximo e acendeu as luzes. O clarão repentino deixou-o piscando, mas ele conseguiu enxergar tudo à sua volta. A menos de quatro passos dele, estava Rupert Bateman.

– Meu Deus, Pongo – esbravejou Jimmy. – Que susto você me deu! Por que estava se esgueirando assim pelo escuro?

– Eu ouvi um barulho – explicou o sr. Bateman, sério. – Pensei que fosse um ladrão e então desci para averiguar.

Pensativo, Jimmy olhou para os sapatos de sola de borracha do sr. Bateman.

– Você pensa em tudo mesmo, Pongo – disse ele, brincando. – Veio até armado.

Seus olhos pararam no volume que despontava no bolso do amigo.

– É melhor assim. Nunca se sabe o que pode acontecer.

– Ainda bem que você não atirou – disse Jimmy. – Estou meio cansado de levar tiros.

– Eu bem que poderia – disse o sr. Bateman.

– Mas teria sido contra a lei – argumentou Jimmy. – Você precisa ter certeza de que o sujeito invadiu mesmo a casa, sabe, antes de apontar sua arma para alguém. Nunca tire conclusões precipitadas. Senão, ainda teria que explicar por que atirou num hóspede inocente como eu.

– Aliás, por que você desceu aqui?

– Eu estava com fome – disse Jimmy. – Queria comer um biscoito.

– Tem uma lata de biscoitos ao lado da sua cama – disse Rupert Bateman, olhando para Jimmy atentamente através de seus óculos com aro de chifre.

– Ah, mas foi aí que a criadagem falhou, meu amigo. Eu encontrei mesmo uma lata com uma etiqueta dizendo: “Biscoitos para Hóspedes Famintos”. Mas quando o hóspede faminto aqui a abriu... não achou nada! Então resolvi descer até a sala de jantar.

Em seguida, com um sorriso gentil e inocente, Jimmy sacou um punhado de biscoitos do bolso do roupão.

Seguiu-se uma pausa entre os dois.

– E agora acho que vou voltar para a cama – disse Jimmy. – Boa noite, Pongo.

Fingindo total naturalidade, ele subiu a escada. Rupert Bateman o seguiu.

Na porta de seu quarto, Jimmy parou, como se fosse se despedir mais uma vez.

– Muito estranha essa história dos biscoitos – disse o sr. Bateman. – Será que eu...

– É claro, amigo, veja você mesmo.

O sr. Bateman atravessou o quarto, abriu a lata de biscoitos e viu que estava vazia.

– Que descuido – murmurou ele. – Bem, boa noite.

Ele se retirou. Jimmy sentou-se na borda da cama e passou um instante em alerta, à escuta.

– Essa foi por pouco – murmurou para si mesmo. – Como Pongo é desconfiado. Parece que nunca dorme. E que hábito desagradável esse de andar armado por aí.

Levantou-se e abriu uma gaveta da cômoda. Sob um emaranhado de gravatas, havia ali uma pilha de biscoitos.

– Bem, não tem outro jeito – disse Jimmy. – Agora vou ter que comer essas porcarias. Aposto que Pongo vai querer bisbilhotar tudo aqui amanhã de novo.

Soltando um suspiro, ele então sentou-se para comer os biscoitos, mesmo sem estar com a menor fome.

CAPÍTULO 28

Suspeitas

Ao meio-dia, conforme o combinado, Bundle e Loraine entraram pelos portões da casa, tendo deixado o Hispano em uma oficina adjacente.

Lady Coote recebeu as duas jovens com surpresa, mas também grande prazer, e logo convidou-as para almoçar.

O'Rourke, que estava acomodado em uma imensa poltrona, logo se pôs a conversar todo animado com Loraine, que ao mesmo tempo tentava acompanhar a complexa explicação técnica de Bundle sobre os problemas mecânicos que haviam acometido seu carro.

– Mas aí nós pensamos: ainda bem que essa lata velha resolveu enguiçar justo aqui! – concluiu Bundle. – Da última vez que isso aconteceu, foi num domingo e num lugar chamado Cantãozinho da Colina. E, vou lhe falar, o cafundó fazia jus ao próprio nome.

– Seria um ótimo nome para um filme – comentou O'Rourke.

– Berço de uma simples donzela do campo – sugeriu Soquete.

– Mas, escutem, onde está o sr. Thesiger? – perguntou lady Coote.

– Acho que na sala de bilhar – disse Soquete. – Vou chamá-lo.

Ela se retirou e, logo depois, Rupert Bateman apareceu, com seu ar preocupado e sério de sempre.

– Pois não, lady Coote? Thesiger disse que a senhora estava me procurando. Como está, lady Eileen...?

Ele desviou para cumprimentar as duas jovens, e Loraine logo entrou em ação.

– Ah, sr. Bateman! Que bom vê-lo aqui. Não era o senhor que estava me falando uma vez sobre o que fazer quando um cachorro machuca as patas?

O secretário balançou a cabeça.

– Deve ter sido outra pessoa, srta. Wade. Mas, na verdade, eu por acaso sei que...

– Mas que incrível – interrompeu Loraine. – O senhor entende de tudo!

– É preciso dominar bem os conhecimentos modernos – disse o sr. Bateman, todo sério. – Agora, quanto às patas do seu cachorro...

Terence O'Rourke murmurou baixinho para Bundle:

– É esse o tipo de gente que escreve aquelas colunas de curiosidades nos jornais. “Nem todos sabem, mas para manter o brilho da grade da lareira é preciso...”, “O besouro-ovelha é um dos insetos mais interessantes do mundo animal”, “As tradições matrimoniais das tribos nativas irlandesas”. Essas coisas assim, sabe?

– Sim, é o que chamam de cultura geral.

– E quer coisa pior do que isso? – disse o sr. O’Rourke, e então completou, com um ar resoluto. – Graças a Deus, tive uma boa educação e hoje não entendo absolutamente nada sobre qualquer assunto que seja.

– Vejo que a senhora tem um campinho de golfe ali – disse Bundle a lady Coote.

– Quer ir lá ver melhor, lady Eileen? – sugeriu O’Rourke.

– Vamos desafiar esses dois – disse Bundle. – Loraine, o sr. O’Rourke e eu queremos disputar uma partida de golfe contra você e o sr. Bateman.

– Pode ir jogar, sr. Bateman – disse lady Coote, percebendo a hesitação do secretário. – Estou certa de que sir Oswald não vai precisar do senhor.

Os quatro então retiraram-se em direção ao gramado.

– Viu como fui esperta? – sussurrou Bundle para Loraine. – Ponto para a delicadeza feminina.

A partida acabou pouco antes da uma da tarde, sendo vencida por Bateman e Loraine.

– Bem, parceira, acho que irá concordar comigo que nós jogamos com mais classe – comentou o sr. O’Rourke, que ficara um pouco mais para trás com Bundle. – O velho Pongo é cuidadoso demais... Nunca corre risco algum. Mas comigo é tudo ou nada. É um belo lema para se levar a vida, não acha, lady Eileen?

– Isso nunca o colocou em confusão? – perguntou Bundle, rindo.

– Claro que sim. Milhões de vezes. Mas continuo firme. Acabar com Terence O’Rourke não é tão fácil assim.

Logo em seguida, Jimmy Thesiger apareceu, contornando a casa.

– Bundle, mas que bela surpresa! – exclamou ele.

– Você perdeu a chance de competir no nosso Torneio de Outono – disse O’Rourke.

– Saí para dar uma volta – disse Jimmy. – Como essas duas apareceram aqui?

– Viemos andando – disse Bundle. – O Hispano enguiçou no meio da estrada.

Ela então explicou as circunstâncias do problema, e Jimmy ouviu-a com toda a atenção.

– Que azar – comentou ele. – Se o conserto for demorado, posso levar vocês de volta no meu carro depois do almoço.

Um gongo soou pouco depois, e todos entraram na casa. Bundle ficou observando Jimmy de longe, pensando ter percebido um estranho tom triunfante em sua voz, e teve a sensação de que tudo havia dado certo.

Após o almoço, despediram-se cordialmente de lady Coote, e Jimmy ofereceu-se para levá-las até a oficina em seu carro. Assim que se afastaram da casa, as duas moças perguntaram ao mesmo tempo:

– E então?

Jimmy decidiu se fazer de desentendido.

– E então? – insistiram elas.

– Ah, estou muito bem, obrigado. Só com uma leve indigestão por ter comido biscoitos demais.

– Como assim? O que aconteceu?

– Vou explicar. Minha dedicação à nossa causa me fez comer mais biscoitos do que eu deveria. Mas seu herói titubeou? Não, é claro que não.

– Por favor, Jimmy – resmungou Loraine, e ele mudou de tom.

– O que vocês querem saber?

– Ah, tudo! Nós nos saímos bem? Conseguimos entreter Pongo e Terence O’Rourke com a partida de golfe tempo o bastante?

– Bem, parabéns por terem conseguido cuidar de Pongo. O’Rourke não deve ter criado problema...Mas com Pongo é diferente. Só há uma palavra para descrever aquele sujeito... uma que aprendi nas palavras cruzadas do *Sunday Newsbag* de semana passada. Uma palavra de onze letras para algo que está em todos os lugares ao mesmo tempo. Onipresente. Isso descreve bem o velho Pongo. Não importa para onde você vá, acaba dando de cara com ele... E o pior é que você nunca consegue ouvi-lo se aproximando.

– Acha que ele é perigoso?

– Perigoso? É claro que não. Imagine só, Pongo sendo perigoso. Ele é um tapado. Mas, como acabei de dizer, é um tapado onipresente. Parece até que ele nem precisa dormir como nós, reles mortais. Na verdade, para ser bem sincero, aquele sujeito é um grande estorvo.

Em seguida, com um ar um tanto aflito, Jimmy relatou os eventos da noite anterior.

Bundle não se mostrou muito compreensiva.

– Bem, não sei o que você queria encontrar lá também, bisbilhotando as coisas.

– O número sete – disse Jimmy, seco. – É o que eu quero. Encontrar o número sete.

– E você achou que iria encontrá-lo na casa dos Coote?

– Achei que talvez pudesse encontrar alguma pista.

– E não achou?

– Ontem à noite, não...

– Mas e hoje cedo? – perguntou Loraine, interrompendo-os de repente. – Jimmy, você descobriu alguma coisa hoje cedo. Estou vendo isso no seu rosto.

– Bom, talvez não seja nada. Mas durante meu passeio...

– Que não o levou para muito longe, imagino.

– Por incrível que pareça, não. Na verdade, acabei nem saindo da casa. Bem, como eu dizia, não sei se é algo que possa nos ajudar. Mas encontrei isto aqui.

Com a agilidade de um ilusionista, pegou um pequeno frasco e jogou-o para as garotas. O recipiente estava cheio de um pó branco.

– O que você acha que é isto? – perguntou Bundle.

– Um pó branco cristalino – disse Jimmy. – E para qualquer bom leitor de histórias de detetives essas palavras devem sugerir algo muito familiar. Mas, claro, se isso for só algum novo tipo de dentifrício, vou ficar muito decepcionado.

– Onde você encontrou isso? – perguntou Bundle.

– Ah, esse é um segredinho meu! – disse Jimmy.

Depois disso, ele não revelou mais nada, apesar de todos os pedidos e insultos.

– Bem, a oficina fica aqui – disse ele. – Só nos resta torcer para que não tenham feito nenhum absurdo com seu belo Hispano.

O mecânico apresentou uma conta no valor de cinco xelins e fez comentários vagos sobre alguns parafusos soltos. Bundle pagou-o com um sorriso gentil no rosto.

– Como deve ser bom ganhar dinheiro para não fazer nada – murmurou ela para Jimmy.

Os três pararam na estrada por um instante, em silêncio, avaliando a situação.

– Ah! – disse Bundle, de repente.

– O que foi?

– Tinha uma coisa que eu queria lhe perguntar... e quase me esqueci. Você se lembra da luva que o superintendente Battle encontrou... aquela que estava meio queimada?

– Sim.

– Você não disse que ele a pôs na sua mão?

– Sim... ela ficou larga em mim. O que prova que quem a estava usando era um homem grande e corpulento.

– Não é disso que estou falando. Pouco importa o tamanho da luva. George e sir Oswald estavam lá também, não estavam?

– Sim.

– E ele poderia ter pedido para qualquer um deles experimentar a luva, não?

– Sim, é claro...

– Mas não pediu. Ele escolheu você. Não entende o que isso quer dizer, Jimmy?

O sr. Thesiger olhou bem para ela.

– Sinto muito, Bundle. Talvez meu cérebro não esteja funcionando lá tão bem como deveria, mas não tenho a menor ideia do que você está falando.

– Você não entendeu também, Loraine?

Loraine olhou para ela com um ar intrigado, mas balançou a cabeça.

– Isso quer dizer alguma coisa?

– É claro que sim. Não é óbvio? Jimmy estava com uma tipoia no braço direito.

– Minha nossa, Bundle – disse Jimmy, devagar. – Pensando bem... foi meio estranho mesmo. Porque era uma luva da mão esquerda, sabe? Mas Battle não comentou nada.

– Ele não iria querer dar atenção a esse detalhe. Pedindo para você experimentá-la, tudo passaria despercebido, e ele falou sobre o tamanho só para despistar ainda mais. Mas sem dúvida alguma, isso significa que o homem que baleou você estava com a pistola na mão *esquerda.*

– Então temos que procurar um canhoto – disse Loraine, pensativa.

– Sim, e digo mais. Era isso o que Battle estava fazendo com aqueles tacos de golfe. Ele estava procurando um canhoto.

– Nossa! – exclamou Jimmy, de repente.

– O que foi?

– Bom, talvez não seja nada importante, mas é curioso.

Ele recontou a conversa do dia anterior.

– Então sir Oswald é ambidestro? – perguntou Bundle.

– Sim. E agora lembrei que naquela noite em Chimneys... sabe, na noite em que Gerry Wade morreu... eu estava vendo o jogo de bridge e reparei sem dar muita atenção que era estranho o jeito como uma pessoa estava dando as cartas... E então entendi que era porque ela usava a mão esquerda. E, claro, deve ter sido sir Oswald.

Os três se entreolharam. Loraine balançou a cabeça.

– Um homem como sir Oswald Coote? Impossível. O que ele teria a ganhar com isso?

– Parece absurdo – disse Jimmy. – Mas ainda assim...

– O número sete tem seus próprios métodos de trabalho – citou Bundle, baixinho. – E se na verdade foi assim que sir Oswald fez sua fortuna?

– Mas por que encenar toda aquela farsa em Wyvern Abbey se ele estava com a fórmula em sua própria fábrica o tempo todo?

– Talvez haja alguma explicação – disse Loraine. – Como o que você falou sobre o sr. O'Rourke. As suspeitas precisariam ser desviadas para recair sobre outra pessoa.

Bundle acenou com a cabeça, empolgada.

– Tudo se encaixa. As suspeitas recaíram sobre Bauer e a condessa. E quem sonharia em desconfiar de sir Oswald Coote?

– Talvez Battle – sugeriu Jimmy.

Uma memória foi reavivada no cérebro de Bundle. *O superintendente Battle tirando uma folhinha de trepadeira do paletó do milionário.*

Estaria Battle suspeitando dele desde o começo?

CAPÍTULO 29

O intrigante comportamento de George Lomax

– O sr. Lomax está aqui, milord.

Lorde Caterham levou um grande susto, pois, absorto que estava nas minúcias do que não fazer com seu pulso esquerdo, acabou não ouvindo os passos do mordomo sobre a grama macia. Ele olhou para Tredwell com um ar mais aflito do que irritado.

– Tredwell, eu não lhe avisei durante o café que estaria muito ocupado esta manhã?

– Sim, milord, mas...

– Volte e diga ao sr. Lomax que você se enganou, que eu saí para o vilarejo, que estou de cama com gota ou então, se nada disso adiantar, diga logo que morri.

– Milord, o sr. Lomax já o viu aqui enquanto subia de carro pela entrada.

Lorde Caterham soltou um profundo suspiro.

– Está certo. Tudo bem, Tredwell, já estou indo.

Como lhe era bem característico, lorde Caterham sempre era mais simpático quanto pior estava seu humor. Ele recebeu George com uma impressionante cordialidade.

– Meu caro amigo, meu caro amigo. É um prazer vê-lo aqui. Um grande prazer. Sente-se. Aceita uma bebida? Ora, ora, mas que esplêndido!

Depois de fazer George se acomodar em uma enorme poltrona, lorde Caterham sentou-se de frente para ele, piscando os olhos, com um ar ansioso.

– Eu precisava muito falar com você – disse George.

– Ah! – exclamou lorde Caterham, aflito, e seu coração disparou enquanto sua mente listava às pressas todas as temíveis implicações que poderiam estar por trás daquela simples frase.

– *Muito* mesmo – insistiu George, com grande ênfase.

O coração de lorde Caterham acelerou um pouco mais. Pelo visto, o que estava por vir seria muito pior do que qualquer coisa que ele havia imaginado.

– Pode falar – disse ele, em uma brava tentativa de parecer tranquilo.

– Eileen está em casa?

Lorde Caterham ficou aliviado, mas também um tanto surpreso.

– Sim, sim – disse ele. – Bundle está aqui. Com aquela amiga dela... a jovem Wade. É uma garota simpática... *muito* simpática. Um dia, ainda vai ser uma grande golfista. Ela tem uma bela tacada...

Ele havia desatado a falar quando George o interrompeu bruscamente:

– Que bom que Eileen está em casa. Será que posso conversar com ela?

– Mas é claro, meu amigo, claro – lorde Caterham ainda estava deveras surpreso, mas também muito aliviado. – Se não for lhe entediar.

– De maneira alguma – disse George. – Aliás, Caterham, se me permite dizer, acho que você ainda não percebeu o quanto Eileen cresceu. Ela não é mais uma criança. Já é uma mulher e, com todo o respeito, uma mulher muito encantadora e talentosa. O homem que conseguir conquistar seu coração será um sujeito de muita sorte. De muita sorte mesmo.

– Ah, creio que sim – disse lorde Caterham. – Mas ela é muito agitada, sabe? Nunca consegue parar quieta no lugar por muito tempo. No entanto, imagino que talvez os rapazes não se incomodem com esse tipo de coisa hoje em dia.

– Isso só mostra que ela não se deixa estagnar. Eileen é muito inteligente, Caterham. É ambiciosa. Interessa-se pelos temas cotidianos e analisa-os com seu ágil e sagaz intelecto.

Lorde Caterham olhou para o amigo e pensou que George estava começando a manifestar os sintomas daquilo que muitos chamavam de “o estresse da vida moderna”, pois a descrição que fazia de Bundle lhe parecia absurdamente inverossímil.

– Você está se sentindo bem? – perguntou ele, preocupado.

George desdenhou da pergunta com um gesto impaciente.

– Talvez, Caterham, você já tenha alguma vaga ideia do meu propósito com esta minha visita aqui hoje. Não sou do tipo de homem que assume novas responsabilidades sem ponderação. Tenho uma boa noção, imagino eu, da importância do meu cargo. Venho pensando nesse assunto com grande afinco e seriedade. O casamento, ainda mais na minha idade, não é algo que possa ser feito sem antes atentar a todos os devidos... hã... detalhes. Igualdade de berço, gostos parecidos, boa compatibilidade em geral, as mesmas crenças religiosas... Tudo isso é necessário, e os prós e contras precisam ser avaliados e levados em conta. Tenho condições de oferecer à minha esposa uma posição considerável na sociedade. Eileen saberá muito bem fazer jus a essa posição. Ela é preparada para isso por berço e por criação, e seu invejável intelecto e aguçado senso político só poderão ajudar na minha carreira, para nosso benefício mútuo. Sei

muito bem, Caterham, que há uma certa... hã... diferença de idade entre nós dois. Mas posso garantir-lhe que me sinto cheio de vida... em plena saúde. É até bom que o marido seja mais velho. E Eileen é muito madura... Um homem de mais idade será mais adequado para ela do que algum rapagão qualquer sem a devida experiência ou cultura. Asseguro-lhe, meu caro Caterham, que vou cuidar bem da... hã... delicada juventude de sua filha. Saberei como cuidar dela e... hã... apreciá-la. Afinal, ver o desabrochar de uma flor tão linda assim... é um imenso privilégio! E pensar que nunca nem percebi...

Ele balançou a cabeça, arrependido, e então lorde Caterham, ainda bastante confuso, mas percebendo a dificuldade em sua voz, disse:

– Entendi... Mas, ah, meu caro amigo, que ideia é essa de se casar com Bundle?

– Vejo que ficou surpreso. Imagino que possa lhe parecer um tanto repentino. Mas tenho então sua permissão para falar com ela?

– Ah, sim – disse lorde Caterham. – Se é o que você quer... É claro que lhe dou minha permissão. Mas escute, Lomax, eu não faria isso se fosse você. Acharia melhor voltar para casa e repensar o assunto direito. Contar até dez. Esse tipo de coisa. Porque é sempre uma pena pedir a mão de alguém e depois se arrepender.

– Sei que está me dizendo isso com as melhores intenções, Caterham, ainda que de uma forma um tanto estranha, devo confessar. Mas estou decidido a ir até o fim. Será que posso falar com Eileen?

– Bem, não é da minha conta – logo disse lorde Caterham. – Eileen sabe o que faz. Se ela aparecesse amanhã dizendo que iria se casar com nosso chofer, eu não faria qualquer objeção. É assim que as coisas são hoje em dia. Seus filhos podem transformar sua vida em um inferno se você não baixar a cabeça para tudo o que eles querem. Sempre digo a Bundle, “Faça o que você bem quiser, mas não me amole”, e no fundo ela em geral até que se comporta muito bem.

George levantou-se, determinado a seguir seu objetivo.

– Onde posso encontrá-la?

– Bem, na verdade, não sei – disse lorde Caterham, distraído. – Deve estar por aí. Como acabei de dizer, ela nunca para quieta no lugar por muito tempo. Ela não descansa.

– E imagino que a srta. Wade esteja com ela, não? Na verdade, Caterham, acho que seria melhor se você pudesse chamar seu mordomo e pedir para que ele a encontre e diga que quero conversar um pouco com ela.

Lorde Caterham então apertou sua campainha.

– Olá, Tredwell – disse ele, quando o mordomo apareceu. – Você poderia me fazer o favor de encontrar milady? E diga a ela que o sr. Lomax está aqui esperando para falar com ela na sala de visitas.

– Sim, milord.

Tredwell retirou-se. George pegou a mão de Caterham e apertou-a com entusiasmo, para grande desconforto do lorde.

– Muito obrigado – disse ele. – Espero trazer- lhe boas novas em breve.

Em seguida, retirou-se às pressas.

– Ora, ora – disse lorde Caterham. – Ora, ora! – e após uma longa pausa, por fim disse: – O *que* será que Bundle andou aprontando?

A porta voltou a se abrir.

– O sr. Eversleigh está aqui, milord.

Assim que Bill entrou correndo, lorde Caterham pegou-lhe a mão e disse, com ar sério:

– Olá, Bill. Imagino que esteja aqui à procura de Lomax. Escute, se você quer fazer uma boa ação, corra até a sala de visitas e diga a ele que o gabinete ligou, convocando uma reunião de última hora, ou enfim, só tire-o de lá de algum jeito. Não seria justo deixar o pobre infeliz fazer papel de idiota só por causa das brincadeiras de uma garota boba.

– Não vim atrás do Olhudo, não – disse Bill. – Nem sabia que ele estava aqui. É com Bundle que quero falar. Ela está por aqui?

– Você não vai poder falar com ela – disse lorde Caterham. – Não agora, pelo menos. George está com ela.

– Tudo bem... Mas isso importa?

– Acho que sim – disse lorde Caterham. – Ele deve estar gaguejando sem parar neste exato momento, e é melhor não fazermos nada para piorar a situação.

– Mas o que ele está dizendo?

– Só Deus sabe – disse lorde Caterham. – Muita besteira, imagino. Nunca fale demais, esse sempre foi meu lema. Só pegue a mão da garota e deixe tudo acontecer naturalmente.

Bill olhou bem para ele.

– Mas escute, senhor, estou com pressa. Preciso falar com Bundle...

– Bem, acho que você não precisará esperar muito. Confesso que estou até contente por você estar aqui comigo... Imagino que Lomax irá insistir em voltar para conversar comigo depois.

– Depois do quê? O que Lomax está fazendo?

– Fale baixo – disse lorde Caterham. – Ele está fazendo um pedido.

– Um pedido? Um pedido de quê?

– De casamento. Para Bundle. Não me pergunte por quê. Acho que ele está chegando ao que chamam por aí de idade perigosa. Não consigo pensar em outra explicação.

– Ele está pedindo a mão de Bundle? Mas que sacana. E com a idade que tem!

O rosto de Bill ficou corado.

– Ele disse que está em plena saúde – disse lorde Caterham, cauteloso.

– Ele? Ora, ele está é decrépito... senil! Eu... – Bill acabou engasgando.

– Nem um pouco – rebateu lorde Caterham, tranquilo. – Ele é cinco anos mais jovem do que eu.

– Mas que cara de pau! O Olhudo atrás de Bundle! De uma moça como Bundle! O senhor não deveria ter permitido uma coisa dessas.

– Nunca interfiro nesses assuntos – disse lorde Caterham.

– O senhor deveria ter dito o que pensa sobre ele.

– Infelizmente, a civilização moderna não permite isso – queixou-se lorde Caterham. – Agora, na idade da pedra seria diferente... Mas, enfim, acho que de qualquer forma eu não teria como fazer nada... Sendo tão baixinho assim.

– Bundle! Bundle! Ora, eu nunca ousei pedir Bundle em casamento só por saber que ela riria da minha cara. E George... Aquele pilantra nojento, velho tratante hipócrita sem nenhum escrúpulo... Um arrogante peçonhento da pior espécie...

– Prossiga – disse lorde Caterham. – Estou adorando.

– Meu Deus! – exclamou Bill, com um ar sincero e emocionado. – Escute, preciso ir.

– Não, não vá. Prefiro que fique. Além do mais, você quer falar com Bundle.

– Agora não. Depois dessa história, até já me esqueci do que ia falar. O senhor por acaso sabe onde Jimmy Thesiger está? Soube que ele estava na casa dos Coote. Será que ainda está lá?

– Acho que ele voltou para a cidade ontem. Bundle e Loraine estiveram por lá no sábado. Agora, se você puder esperar...

Mas Bill balançou a cabeça com veemência e saiu correndo. Lorde Caterham foi na ponta dos pés até o saguão, pegou um chapéu e saiu às pressas pela porta lateral. Ao longe, avistou Bill indo embora a toda velocidade em seu carro.

– Esse jovem ainda vai sofrer um acidente – pensou ele.

No entanto, Bill chegou a Londres sem qualquer contratempo e então parou seu carro na Praça St. James. Em seguida, foi até onde Jimmy Thesiger morava, e encontrou-o em casa.

– Oi, Bill. Nossa, o que foi? Você não está com uma cara muito boa.

– Estou preocupado – disse Bill. – Eu já estava, aliás, mas aí outra coisa aconteceu e me deixou ainda pior.

– Ah! – exclamou Jimmy. – Mas que coisa! Mas o que houve? Posso ajudar?

Bill não respondeu, apenas ficou olhando para o tapete com um ar tão confuso e perturbado que despertou a curiosidade de Jimmy.

– O que aconteceu de tão grave assim, William? – perguntou ele, com cuidado.

– Uma coisa muito estranha. Não consigo entender.

– Tem a ver com o assunto de Seven Dials?

– Sim... Tem a ver com Seven Dials. Recebi uma carta hoje cedo.

– Uma carta? Que tipo de carta?

– Uma carta dos testamenteiros de Ronny Devereux.

– Minha nossa! Depois de todo esse tempo!

– Ao que parece, ele deixou algumas instruções. Se ele morresse de forma repentina, um envelope lacrado deveria ser entregue a mim exatamente duas semanas após sua morte.

– E foi isso o que você recebeu?

– Sim.

– E você o abriu?

– Sim.

– Bem... E o que havia dentro?

Bill olhou para ele com um ar tão estranho e confuso que Jimmy ficou espantado.

– Escute aqui – disse ele. – Recomponha-se, meu caro. Parece que seja lá o que houve deixou-o mesmo abalado. Venha, tome uma bebida.

Ele preparou uma dose de uísque com soda e entregou-a para Bill, que bebeu sem discutir. No entanto, seu rosto não perdeu a expressão aturdida de antes.

– É o que a carta dizia – explicou ele. – Eu simplesmente não consigo acreditar.

– Ah, que bobagem – disse Jimmy. – Você precisa aprender a acreditar em seis coisas impossíveis antes do café. Eu sempre faço isso. Enfim, quero ouvir

tudo. Espere só um minuto.

Ele saiu da sala.

– Stevens!

– Pois não, senhor?

– Você poderia ir me comprar uns cigarros? Os meus acabaram.

– É claro, senhor.

Jimmy esperou até ouvir a porta da frente se fechar, e então voltou para a sala. Bill estava acabando de deixar seu copo vazio sobre a mesa. Ele parecia melhor, mais calmo e recomposto.

– Muito bem – disse Jimmy. – Pedi que Stevens saísse para termos mais privacidade. Agora, vai me contar tudo ou não?

– É inacreditável demais.

– Então só pode ser verdade. Vamos, fale logo.

Bill respirou fundo.

– Eu vou falar. Vou lhe contar tudo.

Capítulo 30

Um chamado urgente

Loraine, que estava brincando com um lindo cachorrinho, ficou deveras surpresa quando Bundle reapareceu após vinte minutos, toda esbaforida e com uma expressão perplexa no rosto.

– Nossa – disse Bundle, afundando em uma espreguiçadeira do jardim. – Nossa!

– Qual é o problema? – perguntou Loraine, olhando com um ar intrigado para ela.

– O problema é George... George Lomax.

– O que ele fez?

– Pediu-me em casamento. Foi terrível. Ele não parava de tremer e gaguejar, mas foi até o fim... Acho que tirou tudo de algum livro. Não pude fazer nada. Ah, e como odeio homens que gaguejam! E, infelizmente, não soube o que dizer.

– Bom, mas imagino que você já saiba se quer ou não.

– É claro que não vou me casar com um aparvalhado feito George. O que estou dizendo é que não soube qual seria a resposta educada correta para a situação. Só consegui dizer, "Não, obrigada". Eu deveria ter inventado alguma coisa sobre o quanto me sentia lisonjeada por aquela honra e tal e tal. Mas fiquei tão abalada que acabei saindo correndo da sala no final.

– Francamente, Bundle, isso não é a sua cara.

– Bem, nunca imaginei que isso fosse me acontecer. George... sempre achei que ele me odiasse... e acho que odiava mesmo. E tudo porque resolvi fingir interesse pelo assunto favorito desse homem. Você precisava ouvir as asneiras que George falou sobre minha jovem mente e o prazer que seria ajudar a moldá-la. Minha mente! Se George soubesse de um quarto de tudo que estava se passando pela minha cabeça, desmaiaria de horror!

Loraine deu risada. Ela não conseguiu evitar.

– Ah, eu sei que a culpa é minha. Eu me expus a isso. Veja só, lá está meu pai, tentando se esconder entre as azáleas. Oi, papai!

Lorde Caterham veio até a filha, com uma expressão envergonhada.

– Lomax já foi embora, é? – perguntou ele, forçando um ar simpático.

– Mas que bela encrenca o senhor me arrumou – disse Bundle. – George me disse que o senhor deu a ele todo o seu consentimento e aprovação.

– Bem – disse lorde Caterham. – O que você esperava que eu dissesse? Aliás, eu não falei isso, nem nada parecido.

– Bem que desconfiei – disse Bundle. – Imaginei que George tivesse acuado o senhor em algum canto até deixá-lo tão desconcertado que só conseguiu acenar com a cabeça para ir embora.

– Foi exatamente isso o que aconteceu. Como ele reagiu? Muito mal?

– Não esperei para ver – disse Bundle. – Acho que fui um tanto abrupta ao me retirar.

– Ah, bom – disse lorde Caterham. – Talvez seja melhor assim. Graças a Deus, acho que, depois dessa, ele não vai mais me aparecer de repente assim como vem fazendo para me dar dor de cabeça. Como dizem, há males que vêm para bem. Você viu meus tacos por aí?

– Acho que umas tacadas me acalmariam os nervos mesmo – disse Bundle. – Desafio você para uma partida valendo seis pence, Loraine.

Os três passaram uma hora muito agradável e então voltaram para casa de ótimo humor. Ao entrarem, encontraram um bilhete sobre a mesa do saguão.

– O sr. Lomax lhe deixou esse recado, milord – explicou Tredwell. – Ele ficou muito chateado quando soube que o senhor havia saído.

Lorde Caterham abriu o papel. Em seguida, soltou um impropério aflito e virou-se para a filha. Tredwell retirou-se.

– Francamente, Bundle, acho que você deveria ter sido mais clara.

– Como assim?

– Bem, leia isto aqui.

Bundle pegou o bilhete e o leu.

“Meu querido Caterham – senti muito por não ter lhe encontrado em casa. Achei que havia deixado claro que gostaria de revê-lo depois de minha conversa com Eileen. Ela, como a inocente jovem que é, nem desconfiava dos meus sentimentos por ela. Receio eu que tenha ficado um tanto espantada demais. Mas não tenho motivos para apressá-la de forma alguma. Foi encantador ver seu rostinho jovial confuso, e agora nutro um apreço ainda maior por ela, pois apreciei muito seu delicado recato. Devo dar tempo a ela para acostumar-se à ideia. O próprio fato de ter ficado confusa já mostra que ela não me vê com indiferença, e não tenho dúvidas de que por fim conquistarei seu coração.

Acredite em mim, caro Caterham.
Do seu sincero amigo,

George Lomax.”

– Ora – disse Bundle. – Mas onde já se viu?

Ela estava sem palavras.

– Esse homem deve estar louco – disse lorde Caterham. – Ninguém poderia escrever essas coisas sobre você sem estar com algum problema na cabeça, Bundle. Pobre homem, pobre homem. Mas que persistência! Não me admira ter chegado ao gabinete. Seria bem feito para ele se de fato se casasse com você, Bundle.

O telefone tocou, e Bundle correu para atender. Pouco depois, George e seu pedido de casamento já haviam ficado para trás, e Bundle chamou Loraine, com um ar empolgado. Lorde Caterham retirou-se para o seu escritório.

– É Jimmy – disse Bundle. – E ele está muito animado com alguma coisa.

– Ainda bem que consegui falar com você – disse a voz de Jimmy. – Não há tempo a perder. Loraine está aí também?

– Sim, ela está aqui.

– Escute então, não tenho tempo para explicar tudo... na verdade, não posso falar pelo telefone. Mas Bill veio aqui e me contou a história mais incrível do mundo. Se for verdade... Bem, se for verdade será o maior furo jornalístico do século. Agora, ouça bem, preciso que você me faça o seguinte. Venham para Londres agora mesmo, vocês duas. Parem seu carro em algum lugar e sigam direto para o Clube Seven Dials. Chegando lá, acha que consegue se livrar daquele tal empregado?

– De Alfred? Claro. Deixe comigo.

– Ótimo. Livrem-se dele e fiquem esperando até eu e Bill chegarmos. Não apareçam nas janelas, mas, assim que aparecermos, abram logo a porta. Entendido?

– Sim.

– Então é isso. E ah, Bundle, não diga a ninguém que você está vindo para cá. Invente alguma desculpa. Só diga que vai levar Loraine para casa. Que tal?

– Perfeito. Nossa, Jimmy, estou até arrepiada!

– E talvez seja bom preparar seu testamento antes de sair.

– Parece cada vez melhor! Só queria saber do que tudo isso se trata.

– Você já vai descobrir assim que nos encontrarmos. Mas já lhe adianto uma coisa, nós vamos preparar uma bela de uma surpresa para o número sete!

Bundle desligou o telefone, virou-se para Loraine e fez um breve resumo da conversa. Loraine subiu correndo as escadas e guardou suas coisas às pressas, enquanto Bundle enfiava a cabeça dentro do escritório de seu pai.

– Vou levar Loraine para casa, papai.

– Por quê? Nem sabia que ela iria embora hoje.

– Pediram para ela voltar – disse Bundle, sendo vaga. – Acabaram de ligar. Até mais.

– Escute, Bundle, espere um instante. Quando você volta?

– Não sei. Não precisa me esperar.

Com essa despedida nada cerimoniosa, Bundle subiu correndo as escadas, pôs um chapéu, vestiu seu casaco de pele e ficou pronta para sair. Ela já havia pedido para trazerem seu Hispano.

A viagem até Londres transcorreu sem incidentes, a não ser pelos solavancos provocados pela direção ousada de Bundle. Elas deixaram o carro em um estacionamento e foram direto até o Clube Seven Dials.

Alfred abriu a porta para elas. Bundle passou por ele sem cerimônia alguma, e Loraine a seguiu.

– Feche a porta, Alfred – disse Bundle. – Escute, eu vim aqui para lhe fazer um favor. A polícia está atrás de você.

– Ah, milady!

Alfred ficou branco feito giz.

– Vim avisá-lo porque você me fez um favor aquela outra noite – continuou Bundle, às pressas. – Foi decretada uma ordem de prisão contra o sr. Mosgorovsky, e é melhor você dar o fora daqui o quanto antes. Se não encontrarem você, não terão como incriminá-lo. Pegue aqui dez libras e fuja logo para algum lugar.

Três minutos depois, o confuso e apavorado Alfred deixou o clube no número 14 da Hunstanton Street com uma única coisa em mente – nunca mais voltar.

– Acho que isso já está resolvido – disse Bundle, satisfeita.

– Mas você precisava mesmo ter sido tão... drástica? – murmurou Loraine.

– É mais seguro assim – disse Bundle. – Não sei qual é o plano de Jimmy e Bill, mas é melhor que Alfred não volte de repente para estragar tudo. Olhe só, lá estão eles. Bem, até que vieram rápido. Aposto que estavam na esquina, só esperando Alfred ir embora. Desça lá e abra a porta para eles, Loraine.

Loraine fez o que Bundle pediu. Jimmy Thesiger desceu do banco do motorista.

– Fique esperando aqui, Bill – disse ele. – Toque a buzina se achar que alguém está de olho no clube.

Corado e eufórico, ele subiu os degraus da entrada às pressas e bateu a porta ao passar.

– Olá, Bundle, aí está você. Bem, vamos entrar em ação. Onde está a chave da sala onde você ficou da última vez?

– Era uma das chaves que ficam lá embaixo. É melhor pegarmos o molho todo.

– Muito bem então, mas seja rápida. O tempo é curto.

Encontrar a chave foi fácil, e os três então abriram a porta acolchoada e entraram. A sala continuava exatamente como Bundle havia visto antes, com suas sete cadeiras dispostas em volta da mesa. Jimmy analisou a sala em silêncio durante alguns instantes. Em seguida, seus olhos focaram-se nos armários.

– Em qual armário você se escondeu, Bundle?

– Naquele ali.

Jimmy foi até o armário indicado e abriu a porta. Suas prateleiras continuavam cobertas pela mesma coleção de copos e potes.

– Vamos ter que tirar todas essas coisas daqui – murmurou ele. – Desça e chame Bill, Loraine. Ele não precisa mais ficar de vigia lá fora.

Loraine retirou-se às pressas.

– O que você vai fazer? – perguntou Bundle, impaciente.

Jimmy estava de joelhos, tentando espiar pela fresta na porta do outro armário.

– Assim que Bill chegar, eu explico tudo. Isto foi trabalho do pessoal dele... E um ótimo trabalho, por sinal. Nossa... por que Loraine está subindo as escadas assim? Parece até que está fugindo de um touro desembestado.

Loraine de fato estava correndo escada acima. Ela chegou de repente à sala, com o rosto pálido e os olhos cheios de horror.

– Bill... Bill... Ah, Bundle... Bill!

– O que tem Bill?

Jimmy pegou-a pelo ombro.

– Pelo amor de Deus, Loraine, o que aconteceu?

Loraine ainda estava atônita.

– Bill... Acho que ele está morto... Ele ainda está no carro... mas sem conseguir se mexer, nem falar. Ele está morto, tenho certeza.

Jimmy praguejou baixinho e disparou rumo à escada, seguido de perto por Bundle, com seu coração acelerado e tomada por uma terrível e crescente

sensação de angústia.

– Bill... Morto? Ah, não! Não, não! Isso, não. Por favor, meu Deus... Isso, não!

Ela e Jimmy chegaram juntos ao carro, com Loraine logo atrás.

Jimmy espiou pela janela. Bill continuava sentado como antes, reclinado para trás. Mas seus olhos estavam fechados, e ele não se mexeu, mesmo quando Jimmy puxou seu braço.

– Eu não entendo – murmurou Jimmy. – Mas ele não está morto. Anime-se, Bundle. Escute aqui, nós temos que levá-lo lá para o clube. E rezar para que nenhum policial apareça. Se alguém perguntar, ele é só um amigo nosso que passou mal e estamos levando lá para dentro.

Juntos, os três carregaram Bill sem grande dificuldade e sem atrair muita atenção, a não ser por um senhor de barba, que com um ar compadecido disse:

– Parece que esse aí exagerou um pouco, hein? – e então acenou com a cabeça, como quem sabe do que fala.

– Vamos levá-lo até a saleta lá embaixo – disse Jimmy. – Lá tem um sofá.

Eles o levaram em segurança até o sofá, e então Bundle ajoelhou-se ao seu lado, pegando seu pulso inerte na mão.

– Ele ainda está vivo – disse ela. – O que *houve* com ele?

– Ele estava ótimo quando eu saí do carro – disse Jimmy. – Será que o apagaram com uma injeção? Seria muito fácil... bastaria uma picadinha, enquanto alguém perguntava as horas, por exemplo. Só resta uma coisa a fazer. Preciso chamar um médico. Fiquem aqui e cuidem dele.

Ele disparou até a porta, mas então parou.

– Escutem... Não há por que ter medo. Mas é melhor deixar meu revólver com vocês. Enfim... só para garantir. Volto assim que puder.

Ele deixou a arma em cima de uma mesinha ao lado do sofá e então retirou-se às pressas. Elas ouviram a porta da frente ser fechada depois que ele saiu.

Não parecia haver mais ninguém no clube agora. As duas ficaram paradas ao lado de Bill. Bundle ainda estava medindo seu pulso, que estava disparado e irregular.

– Eu só queria poder fazer alguma coisa – murmurou ela para Loraine. – Que situação horrível.

Loraine acenou com a cabeça.

– Pois é. Parece que Jimmy saiu há uma eternidade, mas não faz nem dois minutos.

– Não paro de ouvir barulhos – disse Bundle. – Passos e tábuas rangendo lá

em cima... Mas sei que é só minha imaginação.

– Por que será que Jimmy nos deixou o revólver? – indagou Loraine. – Não devemos estar correndo nenhum perigo.

– Se eles pegaram Bill... – disse Bundle, mas não terminou a frase.

Loraine estremeceu.

– Eu sei... Mas nós estamos aqui dentro do clube. Ninguém teria como entrar sem que a gente percebesse. E, enfim, nós temos um revólver.

Bundle voltou a se concentrar em Bill.

– Queria saber como ajudar. Café quente, talvez? Às vezes, é bom para acordar.

– Eu trouxe sais de cheiro na minha bolsa – disse Loraine. – E um pouco de conhaque. Onde ela foi parar? Ah, devo tê-la deixado na saleta lá de cima.

– Eu vou lá pegar – disse Bundle. – Talvez isso ajude.

Ela subiu correndo as escadas, cruzou o salão de jogos e entrou pela porta aberta na sala de reuniões. A bolsa de Loraine estava em cima da mesa.

Enquanto erguia a mão para pega-lá, Bundle ouviu um barulho. Escondido atrás da porta, um homem estava a postos com um saco cheio de areia em punho. Antes que Bundle pudesse se virar, ele a acertou.

Com um leve gemido, Bundle tombou inconsciente no chão.

Capítulo 31

Os sete relógios

Pouco a pouco, Bundle recobrou os sentidos. A princípio, tudo o que ela pôde perceber foi uma densa escuridão que não parava de girar e uma violenta dor latejante. Esse breu era cortado por alguns sons. Uma voz que ela conhecia muito bem repetindo as mesmas palavras várias e várias vezes.

A escuridão desacelerou, e Bundle então percebeu que aquela dor claramente emanava de sua própria cabeça. Agora mais consciente, ela conseguiu entender o que a voz dizia.

– Minha querida Bundle. Ah, minha querida Bundle. Você morreu. Sei que morreu. Ah, minha querida. Bundle, minha querida Bundle. Como amo você. Bundle... querida... querida...

Bundle continuou imóvel, de olhos fechados, mas agora já totalmente desperta, sentiu os braços de Bill firmes à sua volta.

– Bundle, querida... Ah, minha querida Bundle. Ah, meu amor. Ah, Bundle... Bundle! O que vou fazer? Ah, minha querida... Minha Bundle... Minha doce e amada Bundle. Ah, meu Deus, o que vou fazer? Eu matei você! Eu matei você!

Com relutância, muita relutância, Bundle abriu a boca:

– Não me matou, não, seu idiota – disse ela.

Bill ficou boquiaberto, completamente embasbacado.

– Bundle... você está viva!

– É claro que estou viva.

– Há quanto tempo você está... Digo, quando você acordou?

– Uns cinco minutos atrás.

– Por que você não abriu os olhos... ou disse alguma coisa?

– Porque não quis. Eu estava gostando.

– Gostando?

– Sim. De ouvir todas as coisas que você estava falando. Duvido que consiga dizê-las tão bem de novo. Você ficaria tímido demais.

Bill ficou vermelho feito um pimentão.

– Bundle... então você gostou mesmo? Porque é verdade, sou apaixonado por você. E há anos. Só nunca tive a coragem de me declarar.

– Seu bobo – disse Bundle. – Por quê?

– Achei que você iria rir de mim. Digo... você é muito inteligente e tudo mais... Aposto que ainda vai se casar com algum figurão.

– Como George Lomax? – sugeriu Bundle.

– Não digo um idiota pedante feito o Olhudo. Mas um sujeito de primeira mesmo, que seja digno de você... Por mais que eu ache isso muito difícil de encontrar – disse Bill.

– Você é um amor, Bill.

– Mas é sério, Bundle? Você acha que aceitaria? Digo, acha mesmo que iria querer?

– Querer o quê?

– Casar-se comigo. Sei que sou um pateta... Mas eu amo você, Bundle. Posso ser como um cachorro, um escravo, ou seja lá o que você quiser.

– Você parece um cachorro mesmo – disse Bundle. – Adoro cachorros. Eles são tão amigos, fiéis e carinhosos. Acho que talvez eu aceite, sim, me casar com você, Bill... Fazendo um belo esforço, sabe?

A reação de Bill a isso foi soltar Bundle e afastar-se de repente. Ele olhou para ela com um ar maravilhado no rosto.

– Bundle... Você está brincando?

– Não adianta – disse Bundle. – Pelo visto, vou ter que desmaiar de novo.

– Bundle... minha querida – Bill abraçou-a de novo, tremendo sem parar. – Bundle... Você está falando sério... mesmo? Você não imagina o quanto eu te amo.

– Ah, Bill – disse Bundle.

Seria desnecessário descrever em detalhes a conversa que houve em seguida, já que tudo se resumiu em grande parte a repetições.

– Então você me ama mesmo? – perguntou Bill, incrédulo, pela vigésima vez enquanto por fim a soltava.

– Sim... sim... sim. Mas agora vamos com calma. Minha cabeça ainda está doendo, e você quase me matou esmagada. Preciso me recuperar. Onde estamos e o que aconteceu?

Pela primeira vez, Bundle começou a assimilar o ambiente à sua volta. Ela percebeu que eles estavam na sala secreta, e que a porta à prova de som estava fechada, talvez trancada. Então, eles estavam presos!

Bundle voltou a se concentrar em Bill. Totalmente alheio à sua pergunta, ele ainda estava olhando para ela, com um ar apaixonado.

– Bill, querido, acorde – disse Bundle. – Temos que sair daqui.

– Hã? – disse Bill. – O quê? Ah, sim. Sem problemas. Não vai ser difícil.

– Você só diz isso porque está apaixonado – disse Bundle. – Eu mesma também estou me sentindo assim. Como se tudo fosse fácil e possível.

– Mas é claro que é – disse Bill. – Agora que sei que você gosta de mim...

– Pare – pediu Bundle. – Se entrarmos de novo nesse assunto, nunca vamos sair daqui. Agora, controle-se e comece a pensar direito, ou posso muito bem mudar de ideia.

– Não vou deixar – disse Bill. – Acha mesmo que depois de tudo o que você me disse eu seria bobo o bastante para permitir que você me escape?

– Bem, você não me coagiria a nada contra minha vontade, espero – disse Bundle, com toda a pompa.

– Acha que não? – rebateu Bill. – Experimente só e você vai ver.

– Você é mesmo um amor, Bill. Meu medo era só que você fosse submisso demais, mas estou vendo que isso não será um problema. Daqui a pouco, já vai estar até me dando ordens. Ah, nossa, estamos entrando nessa história de novo! Agora, escute, Bill. Temos que sair daqui.

– Já disse, vai ser fácil. Eu vou...

Obediente, ele se calou ao sentir Bundle apertar sua mão. Ela estava inclinada para frente, à escuta. Sim, ela não havia se enganado. Um som de passos vinha da sala ao lado. Alguém pôs a chave na fechadura e a girou. Bundle prendeu a respiração. Seria Jimmy, tentando salvá-los... ou alguma outra pessoa?

A porta se abriu e então o sr. Mosgorovsky apareceu, com sua barba escura.

Na mesma hora, Bill deu um passo adiante, entrando na frente de Bundle.

– Escute aqui – disse ele. – Quero conversar com você a sós.

O russo não respondeu de imediato. Ele só ficou parado, sorrindo em silêncio enquanto passava os dedos pela sua longa barba escura e sedosa.

– Então é assim – por fim disse ele. – Muito bem. Por gentileza, peço que a senhorita me acompanhe.

– Está tudo bem, Bundle – disse Bill. – Deixe comigo. Pode ir com ele. Ninguém vai lhe fazer nada de mal. Eu sei o que estou fazendo.

Obediente, Bundle levantou-se. Aquele tom firme na voz de Bill era uma novidade para ela. Ele parecia estar totalmente seguro de si mesmo e confiante em sua capacidade de enfrentar a situação. Bundle perguntou-se vagamente que trunfo Bill teria – ou pensava ter – na manga.

Ela saiu da sala, passando pelo russo. Ele fechou e trancou a porta, e então a seguiu.

– Por aqui, sim? – disse.

Ele apontou para a escada, e ela então subiu até o outro andar. Em seguida, Bundle foi levada até um pequeno quarto bagunçado, que imaginou ser o de Alfred.

– Espere aqui em silêncio, por favor. Não faça nenhum barulho – disse Mosgorovsky.

Ele então se retirou, fechando e trancando a porta ao sair.

Bundle sentou-se em uma cadeira. Sua cabeça estava doendo muito, e ela mal conseguia raciocinar direito. Bill parecia estar no controle da situação. Cedo ou tarde, concluiu ela, alguém viria tirá-la dali.

Os minutos se passaram. O relógio de Bundle havia parado, mas, pelo que ela imaginava, já devia fazer mais de uma hora desde que o russo a deixara ali. O que estava acontecendo? Aliás, o que *havia* acontecido?

Por fim, ela ouviu passos na escada. Era Mosgorovsky de novo. Ele então dirigiu-se a ela com um tom muito formal.

– Lady Eileen Brent, peço que desça para uma reunião de emergência com a Sociedade dos Sete Relógios. Por favor, venha comigo.

Ele desceu a escada, e Bundle o seguiu. Ele abriu a porta da sala secreta, Bundle entrou e então ficou boquiaberta de surpresa.

Ela estava presenciando pela segunda vez o que havia visto apenas de relance antes pelo buraco na porta do armário. As figuras mascaradas em suas cadeiras ao redor da mesa. Enquanto ela continuava ali, espantada, Mosgorovsky tomou seu lugar, ajeitando sua máscara de relógio.

No entanto, desta vez, a cadeira na ponta da mesa estava ocupada, com o número sete em seu lugar.

O coração de Bundle disparou. Ela estava ao pé da mesa, de frente para ele, com os olhos fixos naquela máscara que imitava um relógio cobrindo seu rosto.

Ele nem se mexeu, e Bundle pôde sentir que emanava uma estranha imponência. Sua imobilidade não era nenhum sinal de fraqueza, e Bundle desejou com todas as suas forças, e quase histeria, que ele se manifestasse, fizesse algum sinal, algum gesto, em vez de apenas ficar sentado ali, como uma imensa aranha no meio de sua teia, esperando implacável por sua presa.

Ela estremeceu, e então Mosgorovsky levantou-se. Sua voz suave, aveludada e firme, por algum estranho motivo, pareceu-lhe distante.

– Lady Eileen, a senhorita presenciou uma reunião desta sociedade sem ser convidada. Assim sendo, será preciso que se identifique e esclareça seus objetivos e ambições. O lugar do duas horas, como pode perceber, está vazio. É esse o lugar que lhe oferecemos.

Bundle ficou boquiaberta. Aquilo parecia um pesadelo fantástico. Seria mesmo possível que ela, Bundle Brent, estivesse sendo convidada para ingressar em uma sociedade secreta? Se a mesma proposta tivesse sido feita a Bill, teria ele recusado com indignação?

– Não posso fazer isso – disse ela, seca.

– Não responda sem pensar.

Ela imaginou que Mosgorovsky, por baixo de sua máscara de relógio, devia estar com um largo sorriso entre sua barba.

– A senhorita ainda não sabe o que está recusando, Lady Eileen.

– Acho que posso imaginar, sim – disse Bundle.

– Pode mesmo?

Era a voz do sete horas, que despertou uma vaga lembrança no cérebro de Bundle. Ela já não conhecia aquela voz?

Bem devagar, o número sete levou a mão até seu rosto e começou a soltar sua máscara.

Bundle prendeu a respiração. Finalmente... Ela iria descobrir *quem* ele era.

A máscara caiu.

E então, Bundle deparou com o rosto estoico e pétreo do superintendente Battle.

CAPÍTULO 32
Bundle fica perplexa

– Isso mesmo – disse Battle, enquanto Mosgorovsky levantava-se e vinha até Bundle. – Pegue uma cadeira para ela. Percebo que ficou um pouco chocada.

Bundle afundou na cadeira, sentindo seu corpo mole e fragilizado pela surpresa. Battle continuou falando com um tom baixo e tranquilo, que lhe era bem característico.

– A senhorita não esperava me ver aqui, lady Eileen. Assim como alguns dos outros em volta desta mesa também não. O sr. Mosgorovsky tem sido meu assistente, por assim dizer. Ele sempre esteve a par de tudo. Mas a maior parte dos outros vinha recebendo ordens dele sem saber de nada.

Bundle continuou calada. Ela estava, de forma nada característica, totalmente atônita.

Compreensivo, Battle acenou a cabeça para ela, como se entendesse sua perplexidade.

– Antes de tudo, lady Eileen, receio que será preciso deixar alguns dos seus preconceitos de lado. Sobre esta sociedade, por exemplo. Sei que é algo bastante comum de se ver nos livros... Uma organização secreta de criminosos, liderada por um misterioso malfeitor que ninguém nunca viu. Grupos assim podem até existir na vida real, mas só posso dizer que nunca vi nada parecido, apesar de toda a minha experiência. Ainda assim, há muito romantismo neste mundo, lady Eileen. As pessoas, em especial os jovens, gostam de ler sobre essas coisas, e gostam mais ainda de *fazê-las.* Agora, vou lhe apresentar um respeitável grupo de amadores que fez um trabalho impecável para o meu departamento, um trabalho que ninguém mais poderia ter feito. Se alguns recorreram a estratégias um tanto melodramáticas... Bem, afinal, por que não o fariam? Eles se dispuseram a enfrentar perigos reais... dos piores imagináveis... e só fizeram isso pelos seguintes motivos: pelo amor ao risco... o que, para mim, é uma coisa muito saudável nos tempos de hoje, em que todos são tão cautelosos... e também por um desejo sincero de servir seu país. E agora vou apresentá-los à senhorita, lady Eileen. Primeiro, temos o sr. Mosgorovsky, que a senhorita já deve ter conhecido, por assim dizer. Como sabe, ele administra este clube e várias outras coisas também. Ele é nosso agente secreto anticomunista mais valioso aqui na

Inglaterra. O número cinco é o conde Andras, da embaixada húngara, um amigo muito próximo e querido do finado Gerald Wade. O número quatro é o sr. Hayward Phelps, um jornalista norte-americano, que nutre grande simpatia pelos ingleses e tem um faro extraordinário para “grandes furos”. Já o número três...

Ele parou, sorrindo, e Bundle então se deparou, embasbacada, com o tímido e sorridente rosto de Bill Eversleigh.

– Quanto ao número dois – continuou Battle, com uma voz mais séria –, só tenho uma cadeira vazia para mostrar. Esse era o lugar do sr. Ronald Devereux, um jovem cavalheiro muito corajoso que morreu pelo seu país com grande honra. Já o número um... Bem, o número um era o sr. Gerald Wade, outro cavalheiro de grande bravura que morreu da mesma forma. Seu lugar foi ocupado, não sem certas preocupações da minha parte, por uma jovem... uma jovem que provou estar à altura de seu posto e vem sendo de grande ajuda para nós.

Por fim, a número um tirou sua máscara, e Bundle viu, sem grande surpresa, o lindo rosto moreno da condessa Radzky.

– Eu bem que deveria ter percebido que esse seu ar de linda aventureira não era mesmo o de uma condessa – lastimou-se Bundle.

– Mas você ainda nem sabe da melhor parte – disse Bill. – *Bundle, esta aqui é Babe St. Maur...* Você se lembra do que falei sobre ela? Que era uma atriz de primeira? E agora isso está comprovado.

– De fato – disse a srta. Maur, com seu forte sotaque estrangeiro nasalado. – Mas não mereço tanto crédito assim, já que meus pais vieram mesmo daquela parte da Europa... Então não foi nada muito difícil para mim. Mas, nossa, eu quase me entreguei uma hora em Wyvern Abbey, tentando falar sobre jardins – ela fez uma pausa, e então disse de repente: – Mas... mas não foi só pela diversão. Eu estava noiva de Rony, e quando ele morreu... Bem, eu só senti que precisava fazer alguma coisa para encontrar o canalha que o matou. Foi só isso.

– Nossa, estou tão surpresa – disse Bundle. – As aparências enganam mesmo.

– É muito simples, lady Eileen – disse o superintendente Battle. – Tudo começou com alguns jovens em busca de fortes emoções. O sr. Wade foi o primeiro a me procurar. Ele sugeriu a criação de um grupo de agentes amadores, por assim dizer, para trabalhar em pequenas missões secretas. Eu o alertei que poderia ser perigoso... Mas ele não pareceu se incomodar. Deixei bem claro a ele que todos os envolvidos deveriam ter plena consciência disso. Mas, como seria de se esperar, isso não inibiu nenhum dos amigos do sr. Wade. E então a história

começou.

– Mas qual era o objetivo disso tudo? – perguntou Bundle.

– Nós queríamos pegar um certo homem... E muito. Não era um bandido qualquer. Ele trabalhava no ramo do sr. Wade, um sujeito como o famoso personagem Raffles, mas muito mais perigoso do que Raffles foi ou poderia ser. Ele só se interessava por coisas importantes, coisas de nível internacional. Duas invenções secretas de grande valor já haviam sido roubadas antes, e por alguém que claramente dispunha de informações internas. Nossos agentes profissionais tentaram capturá-lo... e falharam. Então, os amadores entraram em cena... e conseguiram.

– Conseguiram?

– Sim... Mas não foi tão simples. O homem era perigoso. Fez duas vítimas e fugiu. Mas os Sete Relógios não se abalaram. E como eu disse, eles conseguiram. Graças ao sr. Eversleigh, o homem por fim foi pego em flagrante.

– Quem era? – perguntou Bundle. – Alguém que eu conheço?

– Você o conhece muito bem, lady Eileen. Seu nome é Jimmy Thesiger, e ele foi preso hoje à tarde.

CAPÍTULO 33
Battle explica

O superintendente Battle então começou a explicar, falando com uma voz suave e tranquila.

– Eu mesmo levei muito tempo para desconfiar dele. O primeiro indício que percebi foi quando soube das últimas palavras do sr. Devereux. Naturalmente, a senhorita entendeu que o sr. Devereux estava tentando avisar o sr. Thesiger sobre algo em Seven Dials, a base do nosso grupo, os Sete Relógios. É o que poderia parecer a princípio. Mas eu sabia que não devia ser isso, claro. O que o sr. Devereux queria era avisar os Sete Relógios... sobre alguma coisa a respeito do sr. Jimmy Thesiger. O que parecia impossível, já que o sr. Devereux e o sr. Thesiger eram amigos. Mas então me lembrei de outra coisa... Que esses roubos deviam ter sido praticados por alguém com acesso a informações privilegiadas. Alguém que, se não trabalhasse no próprio Ministério das Relações Exteriores, ao menos estaria a par de todas as conversas internas. Em seguida, tive grande dificuldade para entender de onde o sr. Thesiger tirava seu dinheiro. Apesar da modesta herança deixada pelo pai, ele levava um estilo de vida muito opulento. De onde vinha todo esse dinheiro, então? Eu sabia que o sr. Wade andava muito empolgado com alguma coisa que havia descoberto, e confiante de estar na pista certa. Ele não chegou a confidenciar a ninguém qual pista era essa, mas comentou com o sr. Devereux que estava prestes a chegar a uma conclusão final. Isso foi pouco antes dos dois terem ido passar aquele final de semana em Chimneys. Como já sabe, o sr. Wade morreu lá... Aparentemente, por uma overdose de sonífero. Parecia ser um caso muito simples, mas o sr. Devereux nunca aceitou essa explicação. Ele estava convencido de que alguém muito sagaz naquela casa havia se livrado do sr. Wade por algum motivo, e que essa pessoa na verdade deveria ser o criminoso que todos procuravam. Ele chegou inclusive, acho eu, a quase dizer isso ao sr. Thesiger, pois com certeza não desconfiava do amigo àquela altura. Mas algo o impediu. E foi então que ele fez uma coisa muito curiosa. Ele arrumou os sete relógios em cima da lareira e jogou o oitavo pela janela. Isso foi um jeito de dizer que os Sete Relógios iriam vingar a morte daquele seu membro... E ele então ficou de olho, só esperando para ver se alguém reagiria de forma estranha ou mostraria algum sinal de

perturbação.

– Então foi Jimmy Thesiger quem envenenou Gerry Wade?

– Sim, ele pôs o veneno em um copo de uísque com soda que o sr. Wade tomou antes de subir para o quarto. Foi por isso que ele já estava sonolento quando escreveu a carta para a srta. Wade.

– Então Bauer, o empregado, não teve nada a ver com o caso? – perguntou Bundle.

– Bauer era um dos nossos agentes, lady Eileen. Como já esperávamos que nosso gatuno estivesse atrás da invenção de Herr Eberhard, Bauer infiltrou-se na casa para vigiar tudo por nós. Mas ele não pôde fazer muita coisa. Como eu disse, o sr. Thesiger não teve nenhuma dificuldade para administrar a dose letal de veneno no copo. Mais à noite, quando todos estavam dormindo, uma garrafa, um copo e um frasco vazio de cloral foram deixados ao lado da cama do sr. Wade pelo sr. Thesiger. Àquela altura, o sr. Wade estava inconsciente, e seus dedos devem ter sido usados para deixar digitais no copo e na garrafa, caso alguém desconfiasse de algo depois. Não sei bem que tipo de efeito os sete relógios dispostos sobre a lareira causaram no sr. Thesiger. Ele claramente não comentou nada com o sr. Devereux. Ainda assim, acho que essa cena lhe rendeu algumas noites maldormidas. E imagino que ele tenha ficado muito atento aos movimentos do sr. Devereux a partir de então. Nós não sabemos exatamente o que aconteceu depois. Ninguém teve muitas notícias do sr. Devereux após a morte do sr. Wade. Mas está bem claro que ele continuou seguindo a mesma pista encontrada pelo sr. Wade, e chegou à mesma conclusão... Ou seja, que o sr. Thesiger era o criminoso. E imagino que ele tenha sido traído da mesma forma, aliás.

– Como assim?

– Pela srta. Loraine Wade. O sr. Wade a adorava, creio até que pretendia casar-se com ela, e sem dúvida contou a ela mais do que deveria. No entanto, a srta. Loraine Wade era apaixonada de corpo e alma pelo sr. Thesiger. Ela faria qualquer coisa que ele pedisse. E repassou tudo o que ouviu para ele. Tempos depois, da mesma forma, o sr. Devereux afeiçoou-se por ela, e deve tê-la alertado sobre o sr. Thesiger. Então foi a vez do sr. Devereux ser silenciado... E ele morreu tentando avisar os Sete Relógios que seu assassino foi o sr. Thesiger.

– Que terrível! – exclamou Bundle. – Se eu soubesse...

– Bem, era algo muito improvável. Aliás, eu mesmo mal consegui acreditar. Mas, depois, houve o caso em Wyvern Abbey. A senhorita deve se lembrar do quanto foi uma situação tensa... Em especial para o sr. Eversleigh aqui. Você e o

sr. Thesiger não desgrudavam um do outro. O sr. Eversleigh já havia se constrangido com sua insistência para conhecer este lugar e, quando soube que a senhorita havia presenciado uma de nossas reuniões, ficou atônito.

O superintendente fez uma pausa e um brilho reluziu em seus olhos.

– Eu também fiquei, lady Eileen – continuou Battle. – Nunca imaginei que algo assim seria possível. Foi uma grande surpresa, admito. Mas, enfim, isso deixou o sr. Eversleigh com um dilema. Ele não teria como revelar o segredo dos Sete Relógios à senhorita sem ao mesmo tempo alertar o sr. Thesiger... O que seria inadmissível. Mas a história convinha muito ao sr. Thesiger, é claro, pois dava a ele um motivo legítimo para ser convidado a Wyvern Abbey, o que facilitaria tudo para ele. Devo dizer que os Sete Relógios já haviam enviado uma carta de alerta ao sr. Lomax, só para garantir que ele procurasse minha ajuda, o que também me daria uma justificativa perfeita para estar presente. Como deve se lembrar, não disfarcei minha presença de forma alguma.

Os olhos do superintendente voltaram a reluzir.

– Enfim, ao que parecia, o sr. Eversleigh e o sr. Thesiger iriam dividir a noite em dois turnos de vigia. Mas, na verdade, o sr. Eversleigh e a srta. St. Maur cuidaram disso. Ela estava de guarda junto à porta da biblioteca para o terraço quando ouviu o sr. Thesiger vindo, e teve que se esconder atrás daquele biombo. E aqui a sagacidade do sr. Thesiger ficou clara. Até certo ponto, a história que ele me contou era de fato verdadeira, e devo admitir que, depois de ouvir sobre a luta e tudo mais, cheguei a ficar balançado... E comecei a me perguntar se ele estaria mesmo por trás dos roubos, ou se estávamos no caminho errado. Havia uma ou duas evidências que apontavam para uma direção totalmente contrária, e confesso que fiquei bastante confuso, até que uma coisa de repente fez tudo se encaixar. Eu encontrei aquela luva queimada na lareira, com as marcas de dentes... e então... Bem, tive certeza de que estava certo o tempo todo. Mas, admito, ele foi muito esperto.

– O que aconteceu então? – disse Bundle. – Quem era o outro homem na biblioteca?

– Não havia nenhum outro homem. Escute, e vou explicar como acabei reconstituindo a história toda no final. Primeiro, o sr. Thesiger e a srta. Wade eram cúmplices. E haviam marcado um encontro para uma determinada hora. A srta. Wade chegou com seu carro, pulou a cerca e foi até a casa. Ela tinha uma desculpa perfeita caso alguém a parasse... E que ela depois de fato usou. Mas ela chegou sem problemas ao terraço logo depois das duas da manhã. Agora, é preciso dizer que ela foi vista, sim. Meus agentes a avistaram, mas tinham

ordens para não deter ninguém que tentasse entrar... apenas quem tentasse sair. Eu queria descobrir o máximo possível. A srta. Wade chegou ao terraço, então um pacote caiu aos seus pés e ela o pegou. Ela viu um homem descendo pelas trepadeiras e saiu correndo. E o que houve depois? A luta... seguida pelos tiros, o que faria todos virem correndo até a biblioteca, para que a srta. Loraine Wade pudesse fugir a salvo com a fórmula em suas mãos. Mas as coisas não foram bem assim. A srta. Wade deu de cara comigo. E então, o jogo virou. Ela não estava mais no ataque, mas sim na defesa, e contou sua história, que parecia verdadeira e plausível. Então chegamos ao sr. Thesiger. Uma coisa me chamou a atenção de imediato. Um tiro no braço não conseguiria deixá-lo inconsciente. Ou ele havia caído e batido a cabeça... ou, na verdade, nunca desmaiara. Depois, ouvimos a história da srta. St. Maur, que batia perfeitamente com a do sr. Thesiger... Mas um detalhe ainda me intrigou. A srta. St. Maur disse que, depois que as luzes foram apagadas e o sr. Thesiger foi até a porta do terraço, ele ficou tão em silêncio que ela chegou a achar que ele havia saído de lá. Agora, se houvesse mais alguém ali dentro, seria impossível não ouvir pelo menos sua respiração. O que sustentava a ideia de que o sr. Thesiger de fato *havia* saído. E o que ele fez então? Subiu pelas trepadeiras até o quarto do sr. O'Rourke... que teve seu uísque com soda envenenado antes de dormir. Ele então pegou os papéis, jogou-os para a moça no jardim, desceu pelas trepadeiras de volta e... começou a encenar uma luta. O que não é muito difícil, na verdade. Basta apenas derrubar algumas mesas, tropeçar pelos cantos, falar usando a própria voz e depois um grunhido forçado. E então, para o toque final, os dois tiros. Primeiro, seu próprio Colt automático, comprado sem nenhum segredo um dia antes, dispara contra um ladrão imaginário. Em seguida, com sua mão esquerda enluvada, ele saca de seu bolso uma pequena pistola Mauser e atira contra seu próprio braço. Ele arremessa a arma pela janela, tira a luva com os dentes e a joga na lareira. Quando cheguei, ele estava caído no chão, desmaiado.

Bundle respirou fundo.

– Mas o senhor não percebeu tudo isso na hora, percebeu?

– Não, não percebi. Fiquei tão surpreso quanto todos. Foi só muito depois que consegui encaixar todas as peças. Encontrar a luva foi o primeiro passo. Depois, fiz sir Oswald arremessar a pistola pela janela. Ela caiu bem mais longe de onde a Mauser foi encontrada. Mas é claro que um homem destro não conseguiria arremessar com a mesma força usando sua mão esquerda. No entanto, tudo ainda era só uma suspeita... uma tênue suspeita, aliás. Mas uma coisa chamou minha atenção. Os papéis haviam sido claramente jogados para

que alguém os pegasse. Se a srta. Wade estava lá por mero acaso, quem seria esse alguém? E, é claro, para quem não sabia de nada, essa pergunta poderia ser facilmente respondida... a condessa. Mas nisso eu tinha uma vantagem. *Eu sabia que a condessa era inocente.* O que podemos deduzir então? Bem, que os papéis foram pegos pela pessoa para a qual foram jogados. E quanto mais eu pensava sobre o assunto, mais me parecia uma coincidência extraordinária demais o fato de a srta. Wade ter aparecido por ali justo naquele exato instante.

– Deve ser sido muito difícil para o senhor quando eu o procurei dizendo que suspeitava da condessa.

– Foi mesmo, lady Eileen. Precisei dizer algo para despistá-la. E foi muito difícil para o sr. Eversleigh aqui, ao ver a srta. St. Maur recobrar os sentidos, sem saber o que ela poderia falar.

– Agora entendo o nervosismo de Bill – disse Bundle. – E por que ele insistiu tanto para que ela não falasse nada até se sentir melhor.

– Ah, pobre Bill – disse a srta. St. Maur. – O coitadinho teve que improvisar... e foi ficando cada vez mais perdido.

– Bem, então estávamos assim – disse o superintendente Battle. – Eu suspeitava do sr. Thesiger... mas não tinha nenhuma prova concreta. Por outro lado, ele estava em alerta, porque já sabia mais ou menos que estava enfrentando os Sete Relógios... Mas ele queria muito saber quem era o número sete. Ele conseguiu ser convidado para passar aquele final de semana na casa dos Coote, imaginando que sir Oswald Coote era o número sete.

– Eu também desconfiei de sir Oswald – disse Bundle. – Ainda mais depois que ele voltou do jardim aquela noite.

– Nunca suspeitei dele – disse Battle. – Mas não me incomodo em dizer que cheguei, *sim,* a desconfiar daquele jovem, o secretário dele.

– De Pongo? – perguntou Bill. – Do velho Pongo, sério?

– Sim, sr. Eversleigh, do velho Pongo, como diz. Ele é um sujeito muito competente e que poderia fazer qualquer coisa se assim quisesse. Até certo ponto, só cheguei a pensar nisso porque foi ele quem deixou os relógios no quarto do sr. Wade aquela noite. Teria sido muito fácil para ele colocar a garrafa e o copo ao lado da cama. Além disso, ele é canhoto, e aquela luva poderia tê-lo incriminado... se não fosse por um detalhe...

– Qual?

– As marcas de dentes... Só um homem com a mão direita incapacitada precisaria usar os dentes para arrancar uma luva da esquerda.

– Então Pongo foi descartado.

– Então Pongo foi descartado, exato. Imagino que o sr. Bateman ficaria muito surpreso se soubesse que chegou a estar entre os suspeitos.

– Com certeza – concordou Bill. – Um sujeito tão sério... e tapado feito Pongo. Como o senhor pôde achar que...

– Bem, se formos pensar assim, o sr. Thesiger poderia muito bem ser descrito como um jovem pateta desmiolado sem a menor capacidade mental. Um dos dois estava fingindo. Quando concluí que era o sr. Thesiger, pedi a opinião do sr. Bateman sobre ele. E então descobri que o sr. Bateman sempre teve muitas ressalvas em relação o sr. Thesiger e muitas vezes comentava sobre isso com sir Oswald.

– É estranho, mas Pongo sempre tem razão – disse Bill. – É de dar nos nervos.

– Bem, como eu dizia – continuou o superintendente Battle –, o sr. Thesiger já estava em alerta, assustado com a história dos Sete Relógios e sem saber de onde poderia vir o perigo. E se o pegamos no final de tudo, foi só graças ao sr. Eversleigh. Ele sabia o que estava enfrentando e arriscou sua vida sem medo. Mas nunca imaginou que a senhorita acabaria se envolvendo na história, lady Eileen.

– Meu Deus, não mesmo – disse Bill, emocionado.

– Ele foi até a casa do sr. Thesiger com uma história na manga – continuou Battle. – A ideia era dar a entender que certos papéis do sr. Devereux haviam chegado às suas mãos e que eles de alguma forma incriminavam o sr. Thesiger. Naturalmente, como um amigo sincero, o sr. Eversleigh foi correndo até lá, certo de que o sr. Thesiger teria alguma explicação. Se tivéssemos razão, nossa aposta era que o sr. Thesiger tentaria eliminar o sr. Eversleigh, e até já sabíamos como ele faria isso. Com toda a certeza, o sr. Thesiger lhe ofereceria um uísque com soda. E quando o sr. Thesiger deixou a sala por alguns instantes, o sr. Eversleigh esvaziou seu copo em um vaso sobre a lareira, mas depois precisou fingir, é claro, que o veneno estava fazendo efeito. Ele sabia que seu efeito seria lento, não repentino. Ele então começou a contar sua história, e o sr. Thesiger a princípio negou, indignado, mas assim que percebeu, ou imaginou perceber, os efeitos da droga, admitiu tudo e disse ao sr. Eversleigh que ele era sua terceira vítima. Quando o sr. Eversleigh já estava quase inconsciente, o sr. Thesiger levou-o até o carro e o ajudou a entrar. A capota estava erguida. Ele já devia ter ligado para a senhorita, sem que o sr. Eversleigh notasse. Ele lhe deu uma sugestão muito inteligente para sair. Bastaria a senhorita dizer que estava indo levar a srta. Wade para casa. E a senhorita não comentou com ninguém o que

havia falado com ele. Depois, quando seu corpo fosse encontrado aqui, a srta. Wade juraria que a senhorita a havia deixado em casa e então viera para cá com a intenção de entrar sozinha neste clube. O sr. Eversleigh continuou com seu papel, fingindo estar inconsciente. E assim que os dois rapazes saíram de Jermyn Street, um dos meus agentes entrou naquela casa e encontrou o uísque envenenado, contendo hidrocloreto de morfina bastante para matar dois homens. Enquanto isso, o carro onde eles estavam foi seguido. O sr. Thesiger deixou a cidade e foi até um conhecido campo de golfe, onde se exibiu durante alguns minutos, comentando que queria jogar. Isso, é claro, foi só para criar um álibi, caso ele viesse a precisar. Ele deixou seu carro com o sr. Eversleigh um pouco mais adiante, na estrada. E depois, voltou para a cidade, até o Clube Seven Dials. Assim que viu Alfred saindo, veio até a porta, conversando com o sr. Eversleigh, caso a senhorita estivesse ouvindo, e então entrou e fez toda aquela encenação. Quando fingiu sair para chamar um médico, ele na verdade só bateu a porta, esgueirou-se escada acima de volta e escondeu- se atrás da porta desta sala, para onde a srta. Wade depois a mandaria, usando alguma desculpa. O sr. Eversleigh, é claro, ficou horrorizado ao vê-la, mas achou melhor continuar interpretando seu papel. Ele sabia que nosso pessoal estava de olho em tudo e concluiu que a senhorita não estava correndo nenhum perigo imediato. Afinal, ele sempre poderia "acordar" a qualquer instante. Quando o sr. Thesiger deixou seu revólver sobre a mesa e fingiu deixar o clube, tudo pareceu ficar mais tranquilo do que nunca. Já quanto ao que aconteceu em seguida... – ele fez uma pausa, olhando para Bill. – Bem, talvez seja melhor que o senhor explique isso.

– Eu ainda estava naquele maldito sofá – disse Bill. – Só tentando fazer cara de morto, mas cada vez mais e mais ansioso. Então escutei alguém descer correndo pela escada, e Loraine levantou- se e foi até a porta. Ouvi a voz de Thesiger, mas não entendi o que ele falou. Só Loraine dizendo, "Fique tranquilo... deu tudo certo". Depois, ele disse, "Ajude-me a levá-lo lá para cima. Vai ser meio difícil, mas quero deixar os dois lá... como uma bela surpresinha para o tal número sete". Não entendi direito essa conversa, mas eles conseguiram me levar para cima de um jeito ou de outro. E foi difícil *mesmo.* Fiz de tudo para ser um belo peso morto. Eles me deixaram aqui, e depois ouvi Loraine dizer, "Tem certeza de que está tudo certo? Ela não vai acordar mesmo?", e Jimmy, aquele maldito canalha, disse, "Relaxe. Eu a acertei com toda a minha força". Eles saíram e trancaram a porta, e então abri os olhos e vi você. Meu Deus, Bundle, acho nunca fiquei tão desesperado na vida. Achei que você estava morta.

– Acho que meu chapéu me salvou – disse Bundle.

– Em parte – disse o superintendente Battle. – Mas agradeça também ao ferimento no braço do sr. Thesiger. Ele mesmo não se deu conta... mas acertou-a apenas com metade de sua força habitual. Ainda assim, a falha foi nossa. Nós não a protegemos como bem deveríamos, lady Eileen... o que é a grande mácula no histórico desta operação.

– Sou muito forte – disse Bundle. – E muito sortuda também. Só não me conformo ao pensar que Loraine estava envolvida nisso. Ela era uma jovem tão simpática.

– Ah! – exclamou o superintendente. – A tal assassina de Pentonville também era, e matou cinco crianças. Não podemos julgar ninguém pelas aparências. Ela tem sangue ruim... seu pai já foi preso várias vezes.

– Vocês a prenderam também?

O superintendente Battle acenou com a cabeça.

– Acredito que ela não será condenada à forca... Os jurados sempre têm o coração mole. Mas acho que o jovem Thesiger não terá a mesma sorte, o que é muito bem feito. Nunca conheci um criminoso tão vil e depravado como ele. Mas agora – acrescentou ele –, se sua cabeça não estiver doendo demais, lady Eileen, que tal celebrarmos um pouco? Há um ótimo restaurante logo aqui na esquina.

Bundle aceitou o convite de bom grado.

– Estou faminta, superintendente Battle – disse ela e então olhou à sua volta. – Além disso, preciso conhecer melhor meus colegas.

– Os Sete Relógios! – exclamou Bill. – Viva! Nós precisamos é tomar um champanhe. Servem champanhe nesse restaurante, Battle?

– Creio que o senhor não terá do que se queixar, Bill. Deixe comigo.

– Superintendente Battle, o senhor é um homem fantástico – disse Bundle. – Pena que já é casado. Sendo assim, acho que vou ter que me consolar com Bill mesmo.

CAPÍTULO 34

Lorde Caterham aprova a decisão

– Papai – disse Bundle. – Tenho uma ótima notícia. O senhor vai me perder.

– Que bobagem – disse lorde Caterham. – Não venha me dizer que você pegou aquela tal tuberculose galopante, está com o coração fraco, ou algo assim, porque não vou acreditar.

– Não vou morrer – explicou Bundle. – Vou me casar.

– Dá quase na mesma – disse lorde Caterham. – Imagino que agora vou precisar ir ao seu casamento, todo vestido com roupas apertadas e desconfortáveis, para entregar você ao noivo. E Lomax é capaz até de querer me beijar na sacristia.

– Deus me livre! Acha mesmo que vou me casar com George? – esbravejou Bundle.

– Bem, foi o que me pareceu da última vez que eu a vi – disse seu pai. – Ontem pela manhã, sabe?

– Vou me casar com um homem cem vezes melhor do que George – disse Bundle.

– Claro, espero que sim – disse lorde Caterham. – Mas nunca se sabe. Acho que você não sabe julgar muito bem o caráter das pessoas, Bundle. Você me disse que aquele jovem Thesiger era um pateta qualquer, mas, pelo que soube, parece que ele era um dos maiores criminosos da história. Só é uma pena que não o conheci. Estava pensando em escrever minhas memórias em breve... com um capítulo especial sobre os assassinos que já encontrei... e, por um mero descuido, nem cheguei a conhecer esse rapaz.

– Não seja bobo – disse Bundle. – O senhor sabe que nunca se daria ao trabalho de escrever suas memórias, nem qualquer outra coisa, aliás.

– Não seria eu o autor, na verdade – disse lorde Caterham. – Acho que nunca ninguém fez isso. Mas conheci uma jovem incrível outro dia que trabalha com isso. Ela reúne o material e depois cuida de tudo sozinha.

– E o que o senhor vai fazer?

– Ah, só passar uma meia hora por dia contando a ela algumas histórias. Nada mais do que isso – após uma breve pausa, lorde Caterham disse: – Era uma jovem muito bonita... tranquila e compreensiva.

– Papai – disse Bundle. – Estou percebendo que o senhor vai arrumar muita

confusão sem mim por aqui.

– Cada um arruma as confusões que melhor lhe convêm – disse lorde Caterham. Ele já estava saindo, quando se virou para trás e disse por cima do ombro: – Aliás, Bundle, com *quem* você vai se casar?

– Estava só esperando mesmo para ver quando o senhor me perguntaria – disse Bundle. – Vou me casar com Bill Eversleigh.

O velho egocêntrico pensou na resposta por um instante e então acenou com a cabeça, com um ar satisfeito.

– Ótimo – disse ele. – Ele joga golfe, não joga? Eu e ele podemos formar uma dupla para o Torneio de Outono.

SOBRE A AUTORA

Agatha Christie (1890-1976) é a autora mais publicada de todos os tempos, superada apenas por Shakespeare e pela Bíblia. Em uma carreira que durou mais de cinquenta anos, escreveu 66 romances de mistério, 163 contos, dezenove peças, uma série de poemas, dois livros autobiográficos, além de seis romances sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Dois dos personagens que criou, o engenhoso detetive belga Hercule Poirot e a irrepreensível e implacável Miss Jane Marple, tornaram-se mundialmente famosos. Os livros da autora venderam mais de dois bilhões de exemplares em inglês, e sua obra foi traduzida para mais de cinquenta línguas. Grande parte da sua produção literária foi adaptada com sucesso para o teatro, o cinema e a tevê. *A ratoeira*, de sua autoria, é a peça que mais tempo ficou em cartaz, desde sua estreia, em Londres, em 1952. A autora colecionou diversos prêmios ainda em vida, e sua obra conquistou uma imensa legião de fãs. Ela é a única escritora de mistério a alcançar também fama internacional como dramaturga e foi a primeira pessoa a ser homenageada com o Grandmaster Award, em 1954, concedido pela prestigiosa associação Mystery Writers of America. Em 1971, recebeu o título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra. Seu pai, Frederick, era um americano extrovertido que trabalhava como corretor da Bolsa, e sua mãe, Clara, era uma inglesa tímida. Agatha, a caçula de três irmãos, estudou basicamente em casa, com tutores. Também teve aulas de canto e piano, mas devido ao temperamento introvertido não seguiu carreira artística. O pai de Agatha morreu quando ela tinha onze anos, o que a aproximou da mãe, com quem fez várias viagens. A paixão por conhecer o mundo acompanharia a escritora até o final da vida.

Em 1912, Agatha conheceu Archibald Christie, seu primeiro esposo, um aviador. Eles se casaram na véspera do Natal de 1914 e tiveram uma única filha, Rosalind, em 1919. A carreira literária de Agatha – uma fã dos livros de suspense do escritor inglês Graham Greene – começou depois que sua irmã a desafiou a escrever um romance. Passaram-se alguns anos até que o primeiro livro da escritora fosse publicado. *O misterioso caso de Styles* (1920), escrito próximo ao fim da Primeira Guerra Mundial, teve uma boa acolhida da crítica. Nesse romance aconteceu a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive que estava destinado a se tornar o personagem mais popular da ficção policial desde

Sherlock Holmes. Protagonista de 33 romances e mais de cinquenta contos da autora, o detetive belga foi o único personagem a ter o obituário publicado pelo *The New York Times*.

Em 1926, dois acontecimentos marcaram a vida de Agatha Christie: a sua mãe morreu, e Archie a deixou por outra mulher. É dessa época também um dos fatos mais nebulosos da biografia da autora: logo depois da separação, ela ficou desaparecida durante onze dias. Entre as hipóteses figuram um surto de amnésia, um choque nervoso e até uma grande jogada publicitária. Também em 1926, a autora escreveu sua obra-prima, *O assassinato de Roger Ackroyd*. Este foi seu primeiro livro a ser adaptado para o teatro – sob o nome *Álibi* – e a fazer um estrondoso sucesso nos teatros ingleses. Em 1927, Miss Marple estreou como personagem no conto “The Tuesday Night Club”.

Em uma de suas viagens ao Oriente Médio, Agatha conheceu o arqueólogo Max Mallowan, com quem se casou em 1930. A escritora passou a acompanhar o marido em expedições arqueológicas e nessas viagens colheu material para seus livros, muitas vezes ambientados em cenários exóticos. Após uma carreira de sucesso, Agatha Christie morreu em 12 de janeiro de 1976.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *The Seven Dials Mystery*

Tradução: Otávio Albuquerque
Capa: designedbydavid.co.uk © HarperCollins/Agatha Christie Ltd. 2008
Preparação: Marianne Scholze
Revisão: Bianca Pasqualini

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479m

Christie, Agatha, 1890-1976
O mistério dos sete relógios / Agatha Christie; tradução de Otávio Albuquerque. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
(Coleção L&PM POCKET; v. 1109)

Tradução de: *The Seven Dials Mystery*
ISBN 978.85.254.2929-2

1. Romance inglês. I. Albuquerque, Otávio. II. Título. III. Série.

13-1180. CDD: 823
CDU: 821.111-3

The Seven Dials Mystery Copyright © 1929 Agatha Christie Limited. All rights reserved.
Agatha Christie is a registered trademark of Agatha Christie Limited in the UK and/or elsewhere. All rights reserved.
www.agathachristie.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Table of Contents

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Sobre a autora


Agatha Christie
ASSASSINATO
NO
EXPRESSO
ORIENTE
L&PM
AGORA UMA SUPERPRODUÇÃO
DA TWENTIETH CENTURY FOX

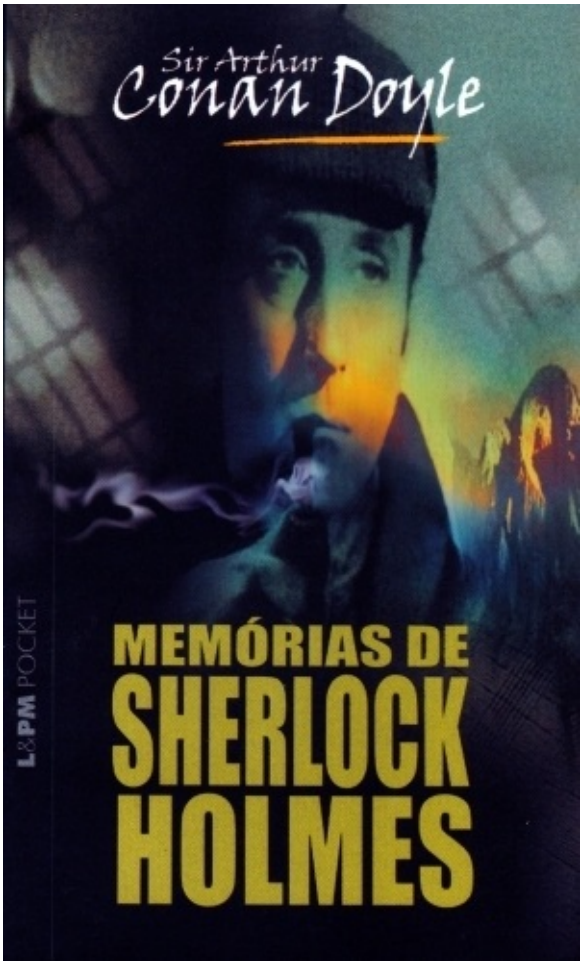
Assassinato no Expresso Oriente

Christie, Agatha
9788525431349
272 páginas

Compre agora e leia

É perto da meia-noite quando a neve acumulada sobre os trilhos interrompe a jornada do Expresso Oriente, o mais famoso e luxuoso trem de passageiros do mundo, que liga a Ásia à Europa.A bordo, milionários, aristocratas, empregados – e um assassino. Porém, no mesmo vagão encontra-se ninguém menos que Hercule Poirot. Caberá ao meticuloso detetive investigar todos os passageiros e descobrir a identidade do ousado criminoso. Christie propõe um fascinante enredo nos moldes do clássico subgênero do "locked room" ("mistério do quarto fechado"), em que o crime ocorre num local isolado, e a suspeita recai sobre todos os presentes. Publicado em 1934, o romance foi levado com estrondoso sucesso ao cinema pelo diretor Sidney Lumet em 1974, com Albert Finney, Lauren Bacall, Sean Connery, Jacqueline Bisset e Ingrid Bergman no elenco – até hoje uma das mais aclamadas adaptações jamais feitas de um clássico da literatura de mistério.Nada menos que soberbo.New York Herald Tribune

Compre agora e leia


Sir Arthur
Conan Doyle
MEMÓRIAS DE
SHERLOCK
HOLMES
L&PM POCKET

Memórias de Sherlock Holmes

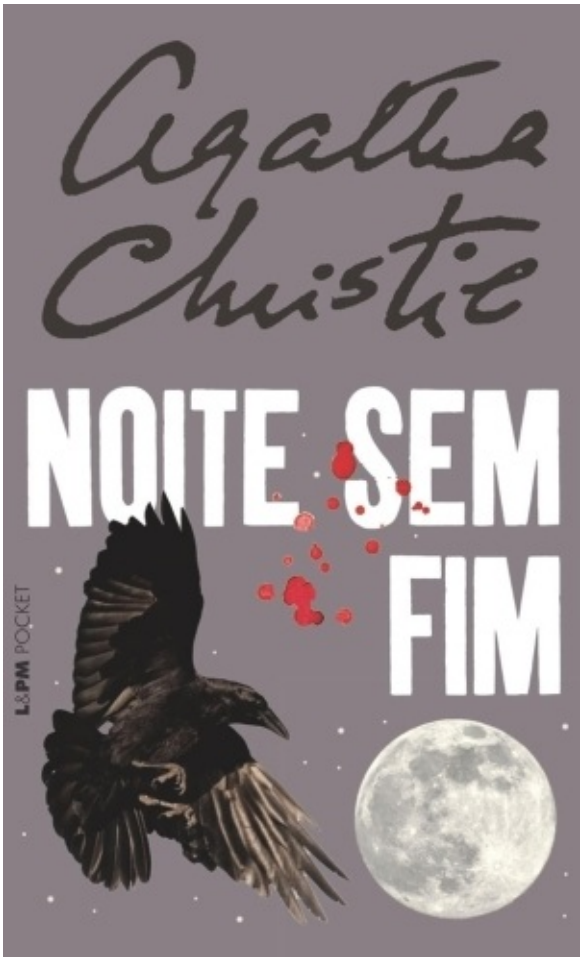
Conan Doyle, Arthur
9788525429193
304 páginas

Compre agora e leia

Memórias de Sherlock Holmes reúne onze histórias do mais famoso detetive da literatura, publicadas originalmente na revista Strand, entre dezembro de 1892 e dezembro de 1893. Entre estes contos, narrados pelo Dr. Watson – velho amigo e o mias fiel observador do gênio dedutivo de Holmes –, estão algumas daquelas que são consideradas por fãs e especialistas as melhores histórias do detetive. É o caso de "Silver Blaze", em que Holmes e Watson investigam, às vésperas de um grande torneio do turfe inglês, o sumiço do cavalo favorito da prova, e "O ritual Musgrave", em que os dois são chamados para desvendar o paradeiro e o estranho comportamento do mordomo e da governanta de uma tradicional família. Este livro oferece, igualmente, um panorama da carreira do detetive. É apresentado ao leitor um de seus primeiros casos, "O Gloria Scott", desvendado quando Sherlock era ainda um estudante, antes de se decidir a seguir a profissão de investigador; em "O intérprete grego" ficamos conhecendo Mycroft, o irmão de Sherlock, dono de uma mente dedutiva privilegiadíssima, à altura do irmão mais novo, e em "O problema final" temos Holmes no ápice da sua carreira, arriscando tudo e lutando ferozmente contra um inimigo à sua altura: o professor Moriarty, o Napoleão do crime organizado, que se empenha em pôr fim à carreira do mais famoso detetive

de todos os tempos. Contos:"Silver Blaze""A face amarela""O escriturário da corretagem""O Gloria Scott""O ritual Musgrave""O enigma de Reigate""O corcunda""O paciente residente""O intérprete grego""O tratado naval""O problema final"

Compre agora e leia


Agatha Christie
NOITE SEM FIM
L&PM POCKET

Noite sem fim

Christie, Agatha
9788525426055
224 páginas

Compre agora e leia

"Alguns nascem para o doce prazer, sim. Alguns nascem para uma noite sem fim." O destino de Michael Rogers parecia haver mudado ao conhecer Ellie, uma rica herdeira norte-americana. Todos os seus sonhos estavam se tornando realidade de uma só vez, e o Campo do Cigano parecia ser o lugar perfeito para começar uma vida a dois. Mas quando o jovem casal decide ignorar os avisos de uma cigana sobre uma antiga maldição nem imagina que está desafiando a própria sorte. Noite sem fim é um dos livros preferidos de Agatha Christie, e Michael Rogers, um dos seus mais ambíguos – e misteriosos – personagens.

Compre agora e leia

FERNANDO PESSOA

Obra poética II



Poemas de Alberto Caeiro

L&PM POCKET

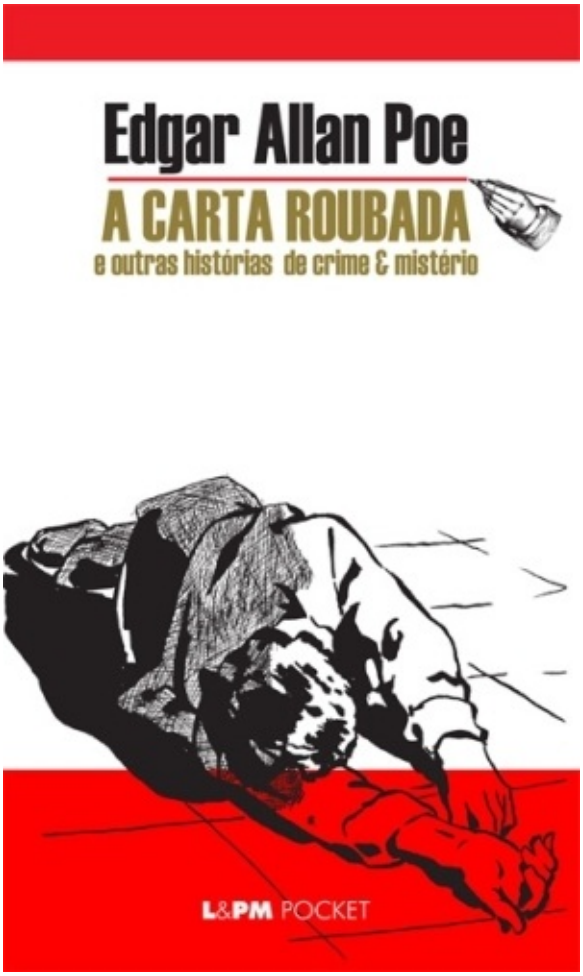
Poemas de Alberto Caeiro

Pessoa, Fernando
9788525427823
144 páginas

Compre agora e leia

Na vida de Fernando Pessoa, nenhum dia foi como o 8 de março de 1914, que ele mesmo batizou de "O dia triunfal": nesse dia, o maior poeta da língua portuguesa e um dos maiores do século XX criou Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos – seus três heterônimos – deu-lhes biografia, biótipo, estilo literário, crenças etc. Deles, o mestre é Alberto Caeiro – mestre do próprio Pessoa –, poeta-pastor da região do Ribatejo que despreza a metafísica, a filosofia, para quem a divindade é a própria natureza, para quem "pensar é estar doente dos olhos" e inventor do "neopaganismo". Quando da morte de Fernando Pessoa, em 1935, encontrou-se uma arca contendo a totalidade de sua obra (só o que havia sido publicado em vida foi Mensagem e um livro de poemas em inglês), quase toda inédita naquela época. Dos heterônimos, apenas no caso de Caeiro havia uma organização de poemas atribuídos a ele pelo próprio poeta, que continha as séries de poemas "O guardador de rebanhos", "O pastor amoroso" e "Poemas inconjuntos" (no caso dos outros heterônimos, especialistas tiveram de ir agrupando e selecionando as poesias). Esta edição de Poemas de Alberto Caeiro que a L apresenta ao leitor foi organizada pela professora Jane Tutikian, com base nessa seleção do próprio autor.

Compre agora e leia


Edgar Allan Poe
A CARTA ROUBADA
e outras histórias de crime & mistério
L&PM POCKET

A Carta Roubada

Allan Poe, Edgar
9788525424693
228 páginas

Compre agora e leia

A queda da casa de Usher, a história de um estranho casal de irmãos cuja corrupção moral e psíquica é refletida na falência física da mansão gótica onde moram. Um homem que esquizofrenicamente sente-se perseguido por um sujeito de mesmo nome que tenta usurpar-lhe a vida e a identidade, em William Wilson. Um ressentido que traiçoeiramente atrai o seu inimigo para o mais horripilante local a fim de perpetrar uma vingança maturada há anos, na narrativa O barril de amontillado. Um indivíduo que, em O poço e o pêndulo, se vê aprisionado por forças da Inquisição e, sozinho, é submetido à mais horripilante tortura psicológica. A carta roubada, a última das histórias protagonizadas por Auguste Dupin, na qual o pai e modelo de todos os detetives da literatura demostra como utilizar a força do intelecto, ao desvendar um caso de roubo e extorsão. Essas e outras assustadoras e penetrantes preciosidades compõem esta antologia de contos do grande Edgar Allan Poe (1809-1849), mestre da narrativa curta, sensibilidade privilegiada e perturbada, precursor do romance policial, exímio explorador das profundezas psicológicas do homem e um dos maiores escritores da literatura mundial.

Compre agora e leia